

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**PEDRO PIO AZEVEDO DE OLIVEIRA FILHO**

**RINGUES DE GENERO:**  
**REPRESENTAÇÕES SOBRE A FEMINILIDADE ENTRE PRATICANTES DE BOXE**

**NITERÓI 2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**PEDRO PIO AZEVEDO DE OLIVEIRA FILHO**

**RINGUES DE GÊNERO:  
REPRESENTAÇÕES SOBRE A FEMINILIDADE ENTRE PRATICANTES DE BOXE.**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre.

**Orientadora: Simoni Lahud Guedes**

**NITERÓI 2011**

Banca Examinadora:

---

Prof. Dra. Simoni Lahud Guedes.  
PPGA, UFF

---

Profa. Dra. Ana Paula Silva.  
FFLCH, USP

---

Prof. Dra. Fátima Regina Cecchetto  
IOC/ENSP, FIOCRUZ

---

Prof. Dr. Edilson Márcio Almeida da Silva  
PPGA, UFF

---

Prof. Dr. (Nome)  
Suplente

## RESUMO

O principal tema sobre o qual esta dissertação se debruça diz respeito às formas de construção de feminilidade no interior de uma prática esportiva individual considerada como hegemonicamente masculina: o Boxe. Tal prática, por exigir uma força física superior em relação a outras modalidades esportivas, poderia, em princípio, excluir praticantes do sexo feminino. Todavia, ao pesquisar *sites* relacionados a mulheres pugilistas, pude identificar ali não só uma fonte relevante de pesquisa, mas também vislumbrar o quanto a questão do feminino era essencial na apresentação dessas atletas, como se a questão relativa a construção de suas identidades estivesse simultaneamente relacionada ao esporte e ao gênero. Diante da quase inexistência de trabalhos em antropologia sobre esta temática e o crescente número de academias com adeptas ao boxe, seja para fins de saúde e/ou estéticos, o objetivo deste estudo etnográfico – realizado em duas academias cariocas – é compreender como, na prática do pugilismo, são construídas formas específicas de feminilidade e, ainda, o que leva algumas mulheres a optar pela prática deste esporte. Como a questão do masculino e feminino se coloca para elas? Quais signos são detentores de uma feminilidade específica? Em suma, a questão relativa a que corpos femininos ou corporalidades estão sendo elaborados neste contexto específico.

**Palavras chave:** *gênero; corpo; feminilidade; boxe feminino.*

## ABSTRACT

The main subject of this thesis is how femininity is constructed within an individual sport that is considered as masculine hegemony: Boxing. Since boxing requires greater physical force than other sports, this might initially exclude female boxers. However, when I looked up webpages on female boxing, I not only found a strong research subject, but I also realized how important femininity is to these athletes presentation of themselves, as if constructing their identities was simultaneously part of sports and gender. Since anthropological studies on this subject are practically inexistent, despite a growing number of gyms that offer female boxing, whether this be for health/an aesthetics, this ethnography – held in two carioca gyms – aims at better understanding how specific kinds of femininity are constructed in boxing and also what leads women to practice this sport. How do these women see masculine and feminine? What are the specific signs of femininity for them? In sum, feminine bodies and embodiment will be dealt with in this specific context.

**Key words:** *gender; body; femininity; women's boxing.*

*Às porradas da vida.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Pedro Pio Azevedo de Oliveira e Vania Pinto de Oliveira, por todo empenho, carinho e cobrança por uma boa educação para os seus filhos. Mais um fruto é colhido após muitas noites em claro, de profundo trabalho e dedicação para dar um *bom futuro* e também um bom “presente” aos seus descendentes.

Agradeço, também, por toda dedicação e paciência que minhas irmãs, Viviane Pinto de Oliveira e Verônica Pinto de Oliveira Pedrosa, tiveram comigo. Sem suas transcrições não teria como avaliar tantas entrevistas que realizei durante esses longos meses de campo.

Não poderia de deixar de falar dos meus queridíssimos avós José Teixeira de Oliveira e Odaléa Tavares Pinto. A atenção, o carinho e diálogo foram fundamentais para o meu aconchego. Agradeço, também, à minha não menos queridíssima vizinha Gleuza Azevedo de Oliveira. A torcida em sã consciência e as lembranças do seu sorriso, do bom humor e de toda força que desempenhou até os seus últimos dias de vida foram inspiradores nos momentos em que me deparei por barreiras, obstáculos, pré-julgamentos e vaidades aparecidos nesta trajetória.

Ao abraço, às brincadeiras e o amor incondicional pelo meu sobrinho Guilherme de Oliveira Pedrosa. Uma verdadeira usina de energia.

Às conversas, ainda que à distância, com a minha prima Joana Monnerat de Oliveira, que mesmo com os imponderáveis da vida, de ambas as partes, não impediu o esquecimento de nosso afeto.

À grande amiga e antropóloga Lucieni Simão, pelo aprendizado da disciplina e enorme motivação pelo meu retorno à vida acadêmica.

Imprescindível também o agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por me disponibilizar uma bolsa de estudos, inteiramente aproveitada para o meu sustento e dedicação ao mestrado. À instituição UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, que me acolhe desde os 19 anos e me formou enquanto adulto, consciente e sábio de todos os meus deveres enquanto cidadão, e ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA da também

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, instituição da qual sou inteiramente agradecido e que representa minha segunda família.

Desta segunda família, meu inteiro agradecimento e carinho pela minha orientadora Simoni Lahud Guedes. Ao aprendizado e toda paciência desempenhada desde 2003, quando, deveras jovem e cru, ingressei no projeto *A Transmissão de Saberes e Experiências sobre o Futebol entre Trabalhadores Urbanos: Socialização e Profissionalização através dos Esportes em Projetos Sociais* durante os anos de graduação. Agradeço a confiança e liberdade enquanto aluno de pós-graduação. A esta querida professora, devo toda a minha formação.

Ao professor Julio Cesar Tavares, responsável pelo meu engrandecimento acadêmico durante a disciplina Antropologia do Corpo e à também querida professora Tania Stolze, pelo excelentíssimo curso de Antropologia Clássica.

Aos conselhos e incentivos das jovens professoras e, hoje, amigas, Marcela Beraldo (UFJF) e Glaucia Maria Pontes Mouzinho (UFF).

À professora Clarisse Fukelman, pela sugestão do tema da dissertação e pela leitura cuidadosa dos originais. Aos professores Edilson Márcio Almeida da Silva (PPGA-UFF) e Ana Paula Silva (FFLCH-USP) pela excelente arguição e análise durante a qualificação de meu projeto de pesquisa: grande norteador de todo este trabalho. Também à Ana, pelas conversas, sugestões e acompanhamento que se estendeu a este ritual.

Aos meus fiéis escudeiros Leif, Pedro Guilherme, Camila Fernandes, Gleice Coelho, Marta Patallo, Carolina Llanes, Izabella, Sabrina, Shirley, Lidia, Hilaine, e Aluana (que se agregou ao nosso grupo); companheiros de pós e que me deram mais uma identidade. O Pio, que teve o imenso prazer de dividir não só o saber como também o sabor da grande amizade. Agradeço por todos os momentos em que pudemos compartilhar alegrias, frustrações, gostos, música, afetos, danças, festas, viagens e muitos outros sentimentos que não caberiam escrever neste momento, visto que competiria em número de páginas com a presente dissertação.

Aos amigos também de instituição Bruno, Mauro, Paola, Pedro Porto, Carla, Nestor, Palmira, Priscila Tavares e Pricila Loreti, Luciana, Daniel, Flavinha, Zé Colaço, Alessandra, Patrícia, Monique, Juliano e Sandro.



Aos *simonetes* Martin, Michele Markovitz, Izabella, André Gil, Mary Lilia e Michele Lima. Colegas de orientação e de grande estima.

Ao NEPESS – Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Esporte e Sociedade, pela abertura do espaço para discussões que engrandeceram a pesquisa.

À Hilma e à Vanessa por todos os auxílios na secretaria do PPGA.

Aos meus companheiros que passaram pela nossa aconchegante casa, espaço de construção de planos e sonhos: Camila Mascarenhas, Leandro, Luiza Pegado e Cassia Miranda. Obrigado pelos momentos agradáveis e de divisão de metas e ambições. Para Cassia, também colega de profissão, agradeço pelas contribuições e reflexões no tocante ao meu objeto.

E aos amigos de longa data, com os quais *furei* vários eventos, casamentos e encontros nestes últimos dois anos. Beth Smatther, Julia Leite, César Pietsch, Mariana Campos, Muriqui, Moniquinha, Berê, Beleza, Flavio, Gabi, Carmen Luz, Gaby de Saboya, Fellipe Barbosa, Filé, Jefferson, Monica Lima, Larissa Duarte, Leonardo Gouvêa, Bianca Vivacqua, Serginho, Salete, Priscila Riscado, Julia, Zezé, entre tantos outros com os quais guardo profunda admiração e encanto.

À atual e sempre presente Irene Contreiras. Pelo ombro amigo e galhos quebrados.

Às conversas e cafés compartilhados com Jimmy Medeiros, Fátima Portela e Bernardo Buarque nos intervalos de escrita da dissertação. As subidas da biblioteca ao CPDOC (no prédio da FGV) foram fundamentais para o ânimo e energia para o curto período que o mestrado nos proporciona para esta difícil, contudo prazerosa, tarefa.

Aos amores. Breves, curtos, porém muito intensos.

Por último, àqueles sem os quais não teria como escrever a etnografia: Kátia Marcos, Joel, Claudio Coelho, Maurício e todas as praticantes de boxe com as quais pude conviver. Espero cruzar mais vezes, em um futuro bem próximo, para outros questionamentos e desmembramentos deste estudo.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Da observação de Wacquant aos questionamentos de um leitor.....	15
Revisão bibliográfica.....	21
A apresentação das pugilistas.....	24
Os estudos de gênero nas Ciências Sociais.....	28
Apresentação dos capítulos.....	39
PRIMEIRO <i>ROUND</i> . Da descrição densa à definição pelo campo.....	42
1.1 - A chegada na academia “cinematográfica”.....	44
1.2 - A sinfonia do campo.....	46
1.3 - O marco histórico.....	49
1.4 - Academia <i>Raff Giglio</i> .....	51
1.5 - <i>Academia Delfim. Academia pra quem tem atitude</i> .....	52
1.6 - <i>Academia Physical</i> .....	60
1.7 - <i>Academia Nobre Arte. Seja bem vindo ao templo do boxe</i> .....	64
1.8 - <i>Academia Nobre Arte e Meninos do Boxe: ou vice e versa</i> .....	68
1.9 - O encontro com o campo.....	72
1.9.1 - Kátia: a protagonista.....	73
1.10 - As primeiras impressões.....	75
1.11 - A definição do campo.....	83
SEGUNDO <i>ROUND</i> . A Precariedade do Boxe Amador e Profissional Feminino: Uma Questão de Gênero?.....	86
2.1 – <i>Lidar com soco é foda!</i> .....	87
2.2 – Apesar de menor, a profissionalização é um obstáculo também para o homem.....	87
2.2.1 – relato do professor Maurício.....	92
2.2.2 – relato do professor Claudio Coelho.....	93
2.3 – <i>Mixed Martial Art (MMA) ou Vale-Tudo</i> .....	94
2.3.1 – a trajetória de um renomado treinador.....	95
2.3.1.2 – a consagração.....	97
2.3.2 – a trajetória profissional de Maurício.....	98
2.3.3 – a trajetória profissional de Joel.....	105
2.4 – <i>Boxe: a arte de golpear sem ser golpeado</i> . Fundamentos e técnicas corporais.....	105
2.5 – A influência cubana.....	107
2.6 – Do boxe amador ao boxe profissional.....	108
2.7 – As regras e classificações do boxe amador e profissional.....	110
2.8 - Divisão em categorias.....	111
2.9 – Principais movimentos de ataque.....	114
2.10 – Principais movimentos de defesa.....	115
2.11 – Equipamentos usados no boxe.....	116
2.12 – O boxe feminino.....	117
2.13 – Número de academias existentes no Brasil e no Estado do Rio de Janeiro.....	120
2.14 – Os campeonatos de boxe feminino.....	120

2.15 - Incentivos .....	121
2.16 – O rumo etnográfico.....	122
TERCEIRO <i>ROUND</i> . Sem Abrir Mão Jamais da Feminilidade: Etnografando	
Representações e Auto-representações .....	123
3.1 - As alunas de Augusto Vasconcelos.....	124
3.2 - As alunas da <i>Nobre Arte</i> .....	127
3.3 - Família: Uma Dominação Negociada .....	134
3.4 - O olhar dos alunos perante as colegas do boxe.....	137
3.4.1 - a censura familiar também ocorre entre os rapazes.....	141
3.5 - <i>Mas boxe? Eu que não quero levar um murro na cara!!!</i> .....	142
3.6 – As alunas: pelo pesquisador e por elas mesmas .....	144
3.6.1 - as semelhanças .....	145
3.6.2 - as diferenças .....	148
3.6.2.1 - a trajetória das alunas de Vasconcelos .....	149
3.6.2.2 - a trajetória das alunas do Cantagalo .....	150
3.6.2.3 - a trajetória dos alunos e atletas .....	152
3.7 - Luz, Câmera, Ação! .....	156
3.8 - Técnicas corporais: uma diferença marcante de gênero .....	160
3.9 - A dor e suas representações .....	163
3.10 - Hematomas e cicatrizes.....	165
3.11 - Comprometimento.....	166
3.12 - O medo e suas representações .....	167
3.13 - Combate com homens: uma igualdade de gênero?.....	168
3.14 - Violência: o grande vilão do boxe .....	171
3.14.1 - briga entre boxeadores não existe fora do ringue .....	172
3.14.2 - a relação do boxe com a violência .....	173
3.15 - Violência e agressividade.....	181
3.15.1 - violência e agressividade dentro do boxe .....	181
3.15.2 - violência e agressividade fora do boxe .....	182
3.16 - A relação do boxe com outros esportes .....	183
3.17 - Boxe e outro Esporte. Onde o preconceito aparece? .....	184
CONSIDERAÇÕES FINAIS – Que Feminino é Este?.....	186
Que estilo é esse? .....	188
Padrão de beleza .....	190
Afinal, o que é masculino? E o que é feminino?.....	191
Kátia: o ícone de uma feminilidade.....	193
A descrição deste signo icônico.....	194
A aprovação familiar .....	197
O boxe estético .....	198
As representações do medo .....	199
A dor e suas representações.....	200
A imagem da lutadora de boxe.....	201

Inserção em outras esferas do esporte e administração do preconceito .....	204
<i>Balé nasceu pra flutuar, como uma borboleta</i> .....	206
Feminilidade x masculino.....	206
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	213
<b>ANEXOS</b> .....	220
Anexo I – Registro Fotográfico e Mapas do Campo .....	221
Anexo II – A Origem do Boxe .....	239
Anexo III – Regulamento Técnico de Boxe Profissional .....	250

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa inicia-se a partir de inquietações advindas da releitura de *Corpo e Alma. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe* (2002), do sociólogo francês Loïc Wacquant. Mesmo familiarizado com o autor desde o início de minhas atividades acadêmicas, quando me inseri na antropologia do esporte através da Professora Simoni Lahud Guedes, em 2003, na atividade de bolsista de Iniciação Científica promovida pelo programa CNPq/PIBIC com a Universidade Federal Fluminense, instituição que me acompanha desde a graduação iniciada em 2001, os questionamentos que resultaram no desenvolvimento da presente dissertação despertaram somente no ano de 2010, quando concluí as disciplinas do Programa. Na qualificação de projeto, revi minha trajetória acadêmica até então e confirmei meu interesse em investir no campo de pesquisa esporte e gênero.

No subprojeto que realizei dentro do projeto mais amplo denominado *A Transmissão de Saberes e Experiências sobre o Futebol entre Trabalhadores Urbanos: Socialização e Profissionalização através dos Esportes em Projetos Sociais*, financiado pelo programa CNPq/PIBIC entre os anos 2003 a 2005, a grande motivação no trabalho de campo era entender a maneira peculiar de como a transmissão da masculinidade era realizada entre professores e alunos em projetos sociais esportivos no município de Niterói.

No *Projeto Nomes*, iniciativa desenvolvida no ano de 1998 pelo então prefeito Jorge Roberto Silveira em Niterói, reuniam-se várias frentes esportivas, como o *Projeto Gerson*, dedicado ao futebol; o *Projeto Grael*, que ensina iatismo; o *Projeto Keller*, voltado para o triatlão; o *Projeto Tatuí*, que ensina surf e bodyboarding; e o *Projeto Gugu*, dedicado ao público idoso. Como cada um destes projetos era representado por personalidades de destaque no esporte, nascidas ou moradoras do município, pude realizar um estudo comparativo sobre como a variância no tocante à transmissão de valores, sobretudo os ligados à masculinidade, assumem aspectos peculiares de um esporte para outro<sup>1</sup>. O estudo resultou também na monografia de conclusão do curso de

---

<sup>1</sup> Apesar da variabilidade de projetos, as frentes escolhidas para o estudo comparativo foram os projetos *Gerson* e *Grael*.

bacharelado em Ciências Sociais, defendida no último ano de vigência de bolsa, em 2005<sup>2</sup>.

O interesse pelos estudos sobre masculinidade e esporte permaneceria. Um permanente questionamento me importunava desde o momento em que procurava um novo objeto, em que pudesse utilizar conhecimentos adquiridos durante a graduação e as consultorias que prestei para organizações do terceiro setor, especialmente a que prestei em 2008, quando tive a oportunidade de fazer um levantamento social das comunidades<sup>3</sup> atendidas por um instituto localizado na zona oeste do município do Rio de Janeiro, cuja finalidade é atender jovens de 6 a 17 anos identificados como *em situação de vulnerabilidade social* a partir da pedagogização pelo esporte, mais necessariamente através do aprendizado de regras por meio dos fundamentos do futebol.

Com os dados obtidos a partir do trabalho de campo e de entrevistas com moradores e representantes locais, pude escrever dois artigos em que analisava dois ícones de masculinidade distintos e de grande prestígio social: um traficante e um treinador cujo único elo era a paixão pelo futebol. Esses trabalhos foram apresentados na VIII Reunião de Antropólogos do Mercosul (RAM)<sup>4</sup>, e na V Jornada dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA-UFF)<sup>5</sup>, no ano de 2009.

A releitura do livro *Corpo e Alma* (2002) foi decisiva para a construção do novo objeto de pesquisa, dentro da temática que eu já vinha perseguindo há alguns anos, tendo em vista ser uma obra de referência nos estudos antropológicos sobre masculinidade e esporte na antropologia. Há no livro uma peculiar maneira de etnografar, que resultou em uma nova forma do fazer antropológico graças à minuciosa

---

<sup>2</sup> OLIVEIRA FILHO, Pedro Pio. *É de menino que se torce o pepino. Concepções de masculinidade em projetos sociais esportivos*. Monografia de Conclusão, Ciências Sociais, UFF, 2005.

<sup>3</sup> Neste contexto, entende-se por comunidade o mesmo que favela.

<sup>4</sup> VIII Reunião de Antropólogos do Mercosul (RAM), nos dias 29 de setembro a 02 de outubro de 2009. Apresentação do artigo “Berreco e Catanha. Vilão e Mocinho. Um estudo de caso” no GT 7: “Antropologia do Esporte: Abordagens Teórico-Metodológicas do Estudo das Práticas”.

<sup>5</sup> V Jornada dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA-UFF), realizada nos dias 30 de novembro a 3 de dezembro de 2009. Apresentação do artigo “Representações sobre Masculinidade: um estudo de caso”, no GT7 – Antropologia do Esporte no País da Copa 2014.

descrição espacial, conhecimento e incorporação das técnicas corporais oriundas do boxe responsáveis pela construção do *habitus* pugilístico (Bourdieu, 1998).

Contudo, embora inspirado na etnografia de Wacquant, produzi uma inversão analítica, visto que a atenção aos estudos referentes à masculinidade daria espaço às representações da feminilidade das pugilistas sobre as quais tanto imaginara no trabalho deste pesquisador, na academia em Woodlawn, na cidade de Chicago. Desse modo, investigo, nesta dissertação, as representações da feminilidade entre praticantes de boxe inglês.

### **Da Observação de Wacquant aos Questionamentos de um Leitor.**

A imprevisibilidade do trabalho de campo estimulou Wacquant a novas incursões em seus estudos e também o levou a inverter paradigmas. Leituras sobre a marginalidade urbana, as relações raciais e o entendimento sobre as instituições penitenciárias<sup>6</sup> influíram em suas percepções sobre aquela academia de boxe do subúrbio de Woodlawn<sup>7</sup>, exercendo um papel fundamental para que pudesse estender as fronteiras de seu estudo para horizontes peculiares, como a construção do *habitus* lutador de boxe, exercido pelos praticantes e por ele mesmo. A recorrência ao trocadilho *observação participante* para *participação observante*, utilizada na antropologia, principalmente para a etnografia<sup>8</sup> urbana (Cecchetto, 2003), garantiu a Wacquant o

---

<sup>6</sup> Segundo Cecchetto (2003), incluem-se na produção bibliográfica de Loïc Wacquant *Prisões da Miséria* (Jorge Zahar, 2001), *Punir os Pobres* (Freitas Bastos, 2001), *Os Condenados da Cidade* (Revan, 2001), como trabalhos publicados no Brasil, além dos trabalhos incluídos em *A Miséria do Mundo* (Vozes, 1997), sob a direção de Pierre Bourdieu, com o artigo “A Zona”.

<sup>7</sup> Apesar de esta comunidade afro-americana não estar entre a mais carente do gueto sul de Chicago (durante os anos de trabalho de campo a localidade ocupava o décimo terceiro lugar na escala de pobreza dentre as 77 zonas que cortam a cidade), o bairro não deixava de oferecer, segundo as palavras do sociólogo “o espetáculo surpreendente de um tecido urbano e social agonizante de degradação contínua e de profunda segregação racial e econômica”. (Wacquant, 2002 :35)

<sup>8</sup> “É uma etnografia de feição clássica pelos seus parâmetros, uma espécie de estudo de uma colectividade local tal como era feito pela antropologia britânica nos anos 1940, com a diferença que a minha aldeia é a sala de boxe e as suas extensões, e a minha tribo os *boxeurs* e o seu círculo. Retive esta unidade estrutural e funcional porque ela abarca os *boxeurs* e delimita um horizonte temporal, relacional, mental, emocional e estético específico, que separa o pugilista e o faz elevar-se acima do seu meio habitual. Quis, antes de mais, dissecar a relação bífida de ‘oposição simbiótica’ entre o gueto e o ginásio, a rua e o ringue; em seguida, mostrar como a estrutura social e simbólica da sala governa a transmissão da técnica da ‘nobre arte’ e a produção da crença colectiva na *illusio* pugilística; finalmente, penetrar a lógica prática de uma prática corporal no limite da prática através de uma aprendizagem de longa duração na primeira pessoa. Durante três anos fundi-me na paisagem local e entrei no jogo. Aprendi a jogar boxe e participei em todas as fases da preparação do *boxeur*, até combates por altura do grande torneio dos Golden Gloves. Segui os meus companheiros de sala nas suas peregrinações pessoais e profissionais. E lidei no dia-a-dia com treinadores, agentes, promotores, etc..., que fazem girar o planeta do soco (*cogne*). Actuando assim, fui aspirado pela espiral sensual e moral do pugilismo, ao ponto de encarar a hipótese de interromper a minha

reconhecimento de diversos campos de estudo. Essa complexa inversão conceitual implicava em um claro envolvimento pessoal no plano da experiência, isto é, de se “indigenizar”, acrescido da concessão do corpo como instrumento de pesquisa junto com o não-descolamento da função sociólogo<sup>9</sup>.

Este método, entretanto, não significa que ele tenha se transformado no objeto que pesquisava, no “outro”; afinal, parafraseando Roy Wagner (2010), jamais deixamos de abdicar de nossa cultura para entender a cultura do outro. Inevitável a criação da cultura através das nossas próprias concepções.

“Eu, pelo contrário, digo ‘*go native*’, mas “*go native armed*”, ou seja, equipado com todos os instrumentos teóricos e metodológicos, com todas as problemáticas herdadas da vossa disciplina, com a vossa capacidade de reflexão e de análise, e guiado por um esforço constante para, depois de ter passado pela prova iniciática, *objectivar essa experiência e construir o objecto* de preferência a deixar-se ingenuamente envolver e construir por ele. Vá, torne-se um indígena, mas volte como sociólogo”. (Entrevista com Loïc Wacquant, por Susana Durão. “O corpo, o gueto, e o Estado penal”. *Etnográfica*. Lisboa, Nov. 2008:22)

“Para evitar, portanto, o excesso da sociologia espontânea, que a evocação das lutas não deixa de suscitar, é preciso não subir ao ringue pensando na figura extraordinária do campeão, mas socar os aparelhos, ao lado de boxistas anônimos, no contexto habitual do *gym*.” (Wacquant, 2002:22)

Apesar da grande admiração no tocante à entrega ao campo<sup>10</sup>, os dados relatados em “Corpo e Alma” não foram suficientes para dar conta das questões que me inquietavam quanto à representação feminina neste espaço. O recorte empírico (Weber, 1999) desta etnografia não teria como responder a tais questionamentos.

---

trajetória universitária para me tornar profissional”. Entrevista com Loïc Wacquant, por Susana Durão. “O corpo, o gueto, e o Estado penal”. *Etnográfica*, n. 12(2): 455-486. Lisboa, Nov. 2008.

<sup>9</sup> Entrevista com Loïc Wacquant, por Susana Durão. “O corpo, o gueto, e o Estado penal”. *Etnográfica*, n. 12(2): 455-486. Lisboa, Nov. 2008.

<sup>10</sup> “*Corps et Âme* traz a demonstração em actos das possibilidades e das virtudes distintivas de uma *sociologia carnal*, que tem plenamente em conta o facto de o agente social ser um animal que sofre, um ser de carne e sangue, de nervos e vísceras, habitado por paixões e dotado de saberes e de habilidades incorporadas – por oposição ao animal *symbolicum* da tradição neo-kantiana, retomada por Clifford Geertz e pelos defensores da antropologia interpretativa, por um lado, e por Herbert Blumes e o interaccionismo simbólico, por outro – e que **isso também é verdade para o sociólogo**. Isso implica pôr o corpo do sociólogo em jogo e tratar o seu organismo inteligente não como um obstáculo ao saber, como queria o intelectualismo enfeudado à concepção indígena da prática intelectual, mas como vector de conhecimento do mundo social. (Entrevista com Loïc Wacquant, por Susana Durão. “O corpo, o gueto, e o Estado penal”. *Etnográfica*. 2008:23; grifos da autora)



Na resenha do livro *Estar lá, Escrever lá*, feita por Fátima Cecchetto e publicada pela Revista Saúde Coletiva, em 2003, a autora afirma que o gênero não é o foco das discussões em *Corpo e Alma* (2002), ainda que possa “elucidar um sistema classificatório da masculinidade no local” (:8). Mas a antropóloga reconhece a possibilidade de um modelo único de masculinidade, calcado na heterossexualidade, no caso, “do boxeador negro e pobre do gueto” (:8).

“esse modelo, ancorado em normas masculinas essenciais da força física, da responsabilidade e da coragem, pelo que sugerem as reflexões de Wacquant, excluiria outras dimensões da subjetividade e da sexualidade masculina, dadas as pressões sociais a que estão expostos, contribuindo para levá-los a uma forma rígida de masculinidade”. (Cecchetto, 2003:8).

Wacquant (2002) reconhece a construção do *habitus* (Mauss, 1974) para o *ethos* pugilístico. O *habitus* do boxeador é construído por um conjunto de práticas individuais e coletivas. Este aprendizado (Mauss, 1974) é resultado de “um saber prático, composto de esquemas corporais, emocionais, visuais e mentais, relacionado essencialmente a um processo rigoroso de educação do corpo, constantemente remodelado segundo exigências próprias do campo” (Cecchetto, 2005:2).

O tempo do *gym*, que constrói o corpo, que se entrega e se acostuma com a dor, com a rotina de exercícios, com a série de proibições e, principalmente, com o lócus do processo, isto é, o ringue como rito de passagem (Turner, 1974;2005; Peirano, 2001) - de transformação de um homem comum para o boxeador - ou ritual de agregação de masculinidade são fatores para a construção de uma identidade social. O exercício coletivo “habitua progressivamente o organismo a alternar esforço intenso e recuperação rápida segundo o andamento específico do jogo, até habituá-lo a essa necessidade” (Wacquant, 2002:135) marcada também pelas relações agitadas entre a rua e o ringue, descritas “como trabalho de conversão ginástica, perceptiva, emocional, mental, que se efetua de um modo prático e coletivo, com base em uma pedagogia implícita e mimética que, pacientemente, redefine, um a um, todos os parâmetros da existência do boxeador”. (Wacquant, 2002:23)

“O boxe revela-se uma espécie de ‘ciência selvagem’, uma prática eminentemente social e quase culta, exatamente porque ele parece pôr em jogo somente os indivíduos que arriscam seus corpos no ringue, em um confronto singular de aparência rudimentar e desenfreado. E o pugilista emerge como o produto de uma organização coletiva que, embora não seja pensada ou desejada enquanto tal por alguém, nem por isso deixa de ser objetivamente coordenada pelo ajustamento recíproco das expectativas e das

demandas daqueles que ocupam diferentes posições no espaço do *gym*. Esses elementos de uma antropologia do boxe como ‘fenômeno biossociológico’ põem em evidência o lugar central da razão prática, e convidam-nos a superar as distinções tradicionais entre o corpo e o espírito, entre o instinto e a idéia, o indivíduo e a instituição, mostrando como os dois termos dessas antinomias perenes constituem-se em conjunto e servem-se como suporte mútuo, especificam-se e reforçam-se, mas também enfraquecem-se, em um mesmo movimento”. (Wacquant, 2002:170)

Este processo de construção, com especial atenção às proibições (a principal delas seria o contato sexual em períodos de treinamento para as competições) introduziu mais um elemento para a construção do presente objeto. O *Boys and Girls Club of Chicago* é um ambiente extremamente masculino e a representação da mulher é filtrada pelo olhar cartesiano e positivista, tal como Mary Douglas descreve em *Pureza e Perigo* (1982); portanto, a circulação das figuras femininas pelo campo, mais necessariamente pela academia, as regras de conduta para ambos os sexos e a delimitação do espaço específico para o grupo de mulheres não se mostraram suficientes para explicar a concepção do sexo feminino neste esporte. Um esporte praticado como meio de proteção da violência, em um local onde quase totalidade da população fora vítima de agressão, concreta ou simbólica, teria vítimas somente do sexo masculino? A mulher estaria isenta desta ameaça, deixando de ser vítima ou agressora, e seu arquétipo ameaçador estaria envolvido unicamente na vulnerabilidade sexual? A *regulação da violência* (Wacquant, 2002) seria inerente ao universo masculino? A mulher representaria somente perigo e desvirtuamento, assim como as descrições da antropóloga<sup>11</sup> anteriormente mencionada?

“Desse modo, a construção da masculinidade também é objeto de inquietação quando Wacquant sublinhar o boxe como um terreno para pôr em ação os valores centrais da masculinidade: ‘ele é para os homens, sobre os homens, ele é os homens.’” (Cecchetto, 1998:69)

Mesmo não sendo o foco de análise, ainda sim *Corpo e Alma* (2002) revela uma bipartição no tocante às posturas de gênero por descrever uma mulher arquetipicamente relacionada ao perigo e ao risco de insucesso para os pugilistas, sobretudo em períodos de campeonato. O comportamento e as regras de etiqueta dos homens perante o sexo feminino (é proibido andar com o dorso nu quando uma mulher está na academia) e o

---

<sup>11</sup> Mary Douglas (1982) reflete muito bem como as formas de poluição e contágio, através de seus elementos simbólicos, produzem processos cognitivos no campo das distinções sociais. Como os processos de pensamento são construídos e como a idéia de contágio é a emergência de novas cognições que atravessam grupos sociais e sistemas classificatórios. Todo grupo social é constituído por uma grade de indivíduos, como uma relação muito mais processual e complexa.

espaço que esta poderia percorrer apresentam-se estrategicamente delimitados em sua etnografia.

“Onde a pureza sexual é envolvida, é óbvio que, se implica nenhum contato entre os sexos, não é somente uma negação do sexo, mas deve ser, literalmente, estéril. Também leva à contradição. Desejar que todas as mulheres sejam castas em todos os tempos é contrário a outros desejos e, se for seguido coerentemente, conduzirá a inconveniências do mesmo tipo daquelas a que se submetem os homens *mae engas*”. (Douglas, 1982:197)

Assim como em diversas modalidades esportivas, o contato sexual representa uma ameaça ao bom rendimento físico de atletas. Inclusive, fontes históricas confirmam que para muitos treinadores o sexo é uma espécie de tabu. Na etnografia de Loïc Wacquant ganham destaque as proibições e, principalmente, o pânico que a figura feminina simboliza para os pugilistas nos períodos de treino. Inclusive há relatos de carreiras que se arruinaram em virtude do comportamento desregrado de pugilistas no tocante ao sexo. Apoiado em exemplos<sup>12</sup>, ele diz que a “mulher é o objeto de todos os desejos e de todos os terrores. Afirma-se e acredita-se piamente que é preciso ficar sem sexo durante as longas semanas que precedem o combate, porque transar amolece, fragiliza, enfraquece.” (:278).

“Disse pra minha namorada: nem pensar! Espera até depois do torneio. Deixei de pegar esse serviço de 300 dólares por semana pra treinar pra valer e ganhar o título, então, não vou agora botar tudo a perder pra ficar com uma gata, né?” Deplora-se a falta de continência de Fred, um feixe de nervos e de ódio que se esfalfa irremediavelmente no segundo *round*. ‘É uma puta pena. O Fred, ele daria um bom boxeador. É espadaúdo, bate bem e sabe encaixar. Mas gosta demais de mulher...’ (...) Esse é, de longe, o sacrifício mais penoso. (...) Resumindo: ‘Nem me fale dessas mulheres. Eu poderia te dar uma lista de boxeadores que foram enterrados pra sempre pelas mulheres, uma lista tão longa que ia cortar o teu coração’. (Declaração de Paddy Flood, treinador de Sugar Ray Leonard entre os amadores) (Wacquant, 2002:278)

Embora de posse destas descrições permanecia para mim a dúvida sobre a transgressão da mulher neste ambiente. Não seria capaz de buscar no boxe uma forma também de se defender dos perigos da rua, uma vez que a condição sexual não estaria isenta das vulneráveis condições de segurança em Woodlawn? Não haveria uma mulher

---

<sup>12</sup> ‘Quando você goza, você perde o sangue que vem da coluna vertebral’. Ashante chama-me à ordem: ‘Agora você deixa a tua mulher em paz, Louie, só faltam três semanas para a luta’. O pequeno Reese não é menos categórico: ‘Esse sexo é um monstro, *man*. Isso te mata, eu digo porque já experimentei’. Fat Joe, que, no ano passado, gabava-se de transar todas as noites e, como consequência prevista por todos, deixou-se esmurrar belíssimamente por ocasião de sua primeira luta, agora prepara-se com a seriedade de um papa. (Wacquant, 2002:278)

que desafiasse *Dee Dee*<sup>13</sup> e procurasse no pugilismo uma maneira de se defender e/ou buscar os benefícios promovidos por esta prática esportiva? De acordo com Wacquant, há uma série de regras concernentes à divisão de gênero no dia-a-dia da academia, como o momento em que o boxeador homem pode tirar a camisa; a postura que a mulher deve assumir durante o treino “sentadas, quietas, imóveis, caladas, nas cadeiras que ficam alinhadas atrás do ringue”; (:70) sem interferir “no treinamento, a não ser para ajudar a prolongar os efeitos dos treinos em casa, assumindo para si as tarefas cotidianas domésticas”, como cuidar de filhos, cozinhar etc “fornecendo apoio emocional, e até mesmo financeiro” (: 70)

“...Embora não exista barreira formal para sua participação – alguns treinadores chegam mesmo a negar verbalmente qualquer restrição com relação ao boxe feminino -, as mulheres não são bem-vindas à academia, porque sua presença atrapalha, senão o bom funcionamento material, pelo menos a ordenação simbólica do universo pugilístico. Apenas circunstâncias excepcionais, como a aproximação de uma luta importante ou o dia seguinte ao de uma vitória decisiva, fazem com que as namoradas ou esposas tenham licença para assistir ao treinamento de seus namorados ou maridos.

(...)

Em uma outra sala profissional situada perto de Little Italy, o treinador chefe recorre ao seguinte método truculento para manter as mulheres à distância: adverte, com firmeza, os pugilistas para não levarem as suas ‘gatas’ ao *gym*; se eles desobedecerem, ele os faz subir ao ringue para uma sessão com um parceiro *sparring* claramente mais forte, de modo que se deixam esmagar no ringue diante da namorada e ficam de cara no chão. No Windy City Gym, no limite do gueto do West Side, uma área especial delimitada por uma mureta que chega na altura dos quadris está oficialmente reservada para os “visitantes”: na prática, ela só serve para abrigar os amigos dos boxeadores. A famosa sala de Top Rank, em Las Vegas, proíbe oficialmente a entrada de mulheres. (:70)

Com o foco agora no gênero feminino, outro tópico da investigação foi buscar entender a motivação das mulheres praticantes de boxe, mais especificamente no Brasil. Por desconhecer este universo, o primeiro passo tomado foi a busca de informações pela internet, o que me causou um verdadeiro impacto.

---

<sup>13</sup> Técnico do *Boys and Girls Club* de Woodlawn, academia de boxe onde Loic Wacquant fez sua etnografia. Nas palavras do próprio autor, Dee Dee era considerado um segundo pai para o sociólogo.

## Revisão Bibliográfica.

A tarefa seguinte foi iniciada com a busca pelo Portal de Periódicos da CAPES<sup>14</sup> e pelos *sites* Scielo<sup>15</sup> e Google<sup>16</sup>. Essa atividade mostrou uma grande escassez de dados quando relacionamos gênero, feminilidade e boxe. Dos resultados encontrados, aquele que mais se aproximou ao objeto proposto foi um artigo publicado pela edição 179 de setembro de 2009 da Revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, intitulado por “Boxer comme un homme être une femme”, de Christine Mennesson e Jean-Paul Clément, que aborda esse esporte na França, dividindo-o em boxe *soft* e *hard*. A leitura desse material foi deveras importante para refletir como é classificado o boxe no Brasil e principalmente no Rio de Janeiro, já que não há uma divisão do esporte nestas duas categorias, e sim entre um boxe tradicional, cujas técnicas principais de ataques se limitam aos braços (como no boxe *hard*) e outras variantes, sendo a mais conhecida o *Muay Thai* (Boxe Tailandês), cujos movimentos corporais de ataque são compostos por chutes e socos, assim como no boxe *soft*. A busca por academias para a realização do trabalho de campo também comprovou uma discrepância numérica em relação a estas duas modalidades. As opções para quem quer praticar o *Muay Thai* são muito maiores do que para quem queira praticar o boxe tradicional<sup>17</sup>. Várias academias espalhadas pela zona sul, norte e oeste do município do Rio de Janeiro oferecem esta variante do boxe, sem contudo nomearem esta prática como a *soft*. No entanto, as técnicas corporais são muito parecidas, assim como o perfil das praticantes. A maioria vem de um público de classe média, com grau de instrução e poder aquisitivo superior àquelas que buscam o boxe como profissão, e voltado mais para a estética.

Apesar de haver o espaço para mulheres no campo estudado por Mennesson e Clément (2009), estas estão em permanente vigília. A rotina de exercícios e lutas é similar à dos homens, mas a condição de gênero é sempre considerada o condicionante

---

<sup>14</sup> Acervo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior que oferece acesso a textos acadêmicos completos e artigos de revistas nacionais e internacionais.

<http://www.periodicos.capes.gov.br/>

<sup>15</sup> Scientific Eletronic Library On Line. Site que reúne uma coleção de revistas e artigos científicos disponíveis para download.

<http://www.scielo.org/php/index.php>

<sup>16</sup> Google Corporate Information. Multinacional pública estadunidense de serviços online. Sua missão é “organizar a informação mundial e torná-la universalmente acessível e útil”. Fonte: Enciclopédia Virtual Wikipedia. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Google#cite\\_note-corporate-9](http://pt.wikipedia.org/wiki/Google#cite_note-corporate-9)

<sup>17</sup> Defino como boxe tradicional o boxe inglês e o cubano. Classificações essas encontradas nas academias onde foi desempenhado o trabalho de campo.

do comportamento desviante. Quando pegas conversando, são repreendidas pelos treinadores, que as alertam não estarem em um salão de beleza e sim em um *gym*.

Christine Mennesson e Jean-Paul Clément (2009) dão muito mais atenção no estudo das pugilistas *hard*, apresentando poucos dados sobre as praticantes *soft*. Entretanto, a construção de um corpo forte e próximo ao masculino, por parte das pugilistas *hard*, não garante uma posição de autonomia ou superioridade em relação ao sexo masculino. Estas são confrontadas por uma postura de submissão perante os homens. Muitas revelam a dominação masculina, demonstrando sentimento de culpa (Bourdieu, 1999) e compensando a “falha” com o comprometimento de jamais largar a segunda jornada, de donas de casa. Aliás, muitas dessas esportistas são objetos de desejo de seus treinadores e colegas, ainda que estes revelem apreciar mais o corpo “tradicionalmente feminino”. Várias das entrevistadas por Christine Mennesson e Jean-Paul Clément (2009) são casadas com seus treinadores e muitas abrem mão de seu desempenho esportivo em detrimento do sucesso profissional de seus maridos e filhos.

No Brasil, vale a pena mencionar o artigo “Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias”, escrito por Marco Antônio Ferreti, bacharel em Esportes, e Jorge Dorfman Knijnik, doutor em Psicologia e docente em Educação Física pela USP, para a *Revista Movimento*, de Porto Alegre – RS, relacionando as representações sociais de lutadoras universitárias, e o artigo “Se for lutar vai apanhar!: um estudo quantitativo sobre hábitos e modos de lutadoras universitárias de boxe, caratê e capoeira” dos mesmos autores. Embora a metodologia empregada seja completamente diferente do presente trabalho, uma vez que a intenção desta dissertação não é utilizar a análise quantitativa como instrumento analítico, dados como preconceito e pressão familiar para largar o esporte ajudam a refletir sobre o modo como as pugilistas universitárias se apresentam, e em que nível a exigência de feminilidade é cobrada nas lutas marciais investigadas.

Na dissertação de mestrado *Corpos de ringue: encontros de discursos e práticas, representações e imagens na experiência de participação em um projeto social, entre jovens moradores da Maré (RJ)*, defendida por Cristina Pedroza de Faria (2005) para o Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/PPGSA), há somente a citação das mulheres no ringue, sem estudo de gênero ou de representação enquanto praticantes do pugilismo. Apesar da presença feminina na etnografia, exercida na academia Luta Pela

Paz<sup>18</sup>, não há um recorte de gênero com descrição minuciosa no tocante à apresentação de uma boxeadora. Inexistem relatos de como esse feminino é visto perante o masculino ou entre elas mesmas. São objeto de atenção apenas as transformações do corpo e como este pode se projetar a partir da prática contínua deste esporte, como, por exemplo, o comportamento mais centrado, exemplificado por uma de suas entrevistadas.

Outra publicação encontrada foi o artigo “Controle de Si, Dor e Representação Feminina entre Lutadores(as) de Mixed Martial Arts” - de autoria de Samuel Oliveira Thomazini<sup>19</sup>, Cláudia Emília Aguiar Moraes<sup>20</sup> e Felipe Quintão de Almeida<sup>21</sup> para a revista “Pensar a Prática” (2008)<sup>22</sup> - que discute a identidade destes praticantes, incluindo neste universo as mulheres.

Apesar de a luta analisada ser o *Mixed Martial Arts (MMA)*, modalidade popularmente conhecida por Vale Tudo e que envolve o *jiu-jitsu*, boxe, *kickboxer*, *muhay thai*, luta greco romana e *kung fu*, o artigo se assemelha ao de Christine Mennesson e Jean-Paul Clément (2009). Trabalha sobre os indícios de dominação masculina, acrescido de um dado importante para uma reflexão sobre o boxe feminino: a presença da mulher “embaralha” a representação masculina acoplada a noções de agressividade ou virilidade, como exclusivamente associadas a estereótipos da masculinidade. (Thomazini, Moraes e Almeida, 2008)

“A presença feminina parece embaralhar essa representação. Soma-se a essa representação o fato de que, no mercado de bens simbólicos dominado pela visão masculina (Bourdieu, 2007), como é o caso dos esportes de combate, a mulher é sempre vista pelo olhar dominante, o lutador, que a avalia pelas características que ele tem e ela não. Na medida em que a mulher conquista tais características, e os valores a elas associados, o fundamento do discurso masculino torna-se (ainda mais) insustentável”. (Thomazini, 2008: 6)

---

<sup>18</sup> Projeto social esportivo localizado na comunidade Nova Holanda que faz parte do complexo de favelas da Maré, situada na zona norte do Rio de Janeiro.

<sup>19</sup> Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES).

<sup>20</sup> Mestre em Educação (CED/UFSC) e membro do Laboratório de Estudos em Educação Física (LESEF).

<sup>21</sup> Mestre em Educação (CED/UFSC), doutorando em Educação (CED/UFSC) e membro do Laboratório de Estudos em Educação Física (LESEF) e do Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea (CED/UFSC).

<sup>22</sup> Periódico Científico da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás. <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/viewArticle/4992>

Embora no artigo francês não haja dados sobre a aceitação da mulher quanto à discriminação - visto que em nenhum momento os autores citaram o que os homens pensam a respeito dessa feminilidade - esta vem à tona, de maneira inconsciente ou com uma certa tolerância, a partir do momento em que o texto revela que algumas pugilistas são casadas com colegas ou treinadores, não ficando claro se elas se sentem ou agredidas ou incomodadas com uma visível dominação masculina no trabalho e/ou em casa: quando abrem mão de seu sucesso profissional em nome do melhor rendimento esportivo de seus maridos e filhos ou quando toleram a jocosidade em relação aos comentários no tocante ao desempenho esportivo.

Já no artigo de Thomazini (2008), a aceitação é explicitada por meio de elogios. Inclusive, não há uma distinção de sexo no tocante ao *ethos*. A agressividade é institucionalizada como positiva dentro do *ringue* e encarada de maneira marginal quando exercida fora deste espaço. Logo, “desmistifica a idéia de que elas têm uma ‘essência’ ou identidade que é incompatível com a prática dos esportes que envolvem um contato corporal mais acentuado, como é o caso dos esportes de combate”. (Thomazini, 2008:7)

### **A Apresentação das Pugilistas.**

A partir da quase inexistência de fontes acadêmicas sobre o boxe feminino, restava saber como as pugilistas (brasileiras, por uma questão de recorte empírico) se apresentavam neste esporte. Por desconhecer este universo, a primeira etapa foi a investigação via internet. Na tentativa de encontrar academias ou espaços propícios ao encontro dessas profissionais o *site* de busca revelou vários *blogs* e páginas oficiais destas atletas com o dado mais substantivo para o presente objeto: em vez de encontrar mulheres fortes, com músculos hipertrofiados e com uma apresentação masculinizada, as fontes revelaram atletas magras, maquiadas, vestidas em trajes justos que valorizam a silhueta e com um discurso que ressalta até excessivamente a feminilidade.

“Duda pega pesado: treina de segunda a sexta, três vezes na semana faz uma série especial de musculação e corre duas vezes na semana. Toda essa **disciplina** e **determinação** se reflete em cada **curva de sua silhueta**. Sempre vaidosa, **sabe valorizar o cabelo e tirar proveito da moda**. Participou de vários ensaios fotográficos mostrando que uma atleta de um esporte tão masculino pode ser feminina também com todas as suas curvas e **muita sensualidade**”. (Fragmento retirado do site oficial de Duda Yancovich, grifo meu.)



Com base nesse levantamento prévio e nas leituras de trabalhos que de algum modo versam sobre este campo, estabeleci a questão orientadora do meu objeto: como essas mulheres lidam com o feminino em uma prática a princípio - sob os olhos de um inconsciente nacional coletivo - masculina?

Outro dado bastante motivador foi o crescimento do número de academias com adeptas ao esporte, seja em busca da profissionalização, seja como uma modalidade esportiva que garanta mais rigidez muscular e condicionamento físico; estes últimos, atributos associados à idéia de feminilidade.

A mídia tem mostrado atletas com grande destaque profissional, como é o caso da paulista Letícia Rojo e da sérvia, radicada no Brasil e atual campeã nacional, Duda Yankovich, além de divulgar ícones da beleza feminina, como a dançarina Dani Bananinha<sup>23</sup>, a modelo internacional Naomi Campbell, que aderiu ao pugilismo no intuito de manter a forma física (divulgado no programa Fuzarka, da TV *web* Newton Paiva<sup>24</sup> e disponibilizado no *site* de vídeos *Youtube*.<sup>25</sup>) e até mesmo a cantora Sandy<sup>26</sup>, identificada pela mídia brasileira como símbolo de delicadeza e ingenuidade. Segundo o mesmo programa, o filme *Million Dollar Baby* (2004), traduzido no Brasil para “Menina de Ouro”, do diretor e ator Clint Eastwood, também contribuiu para o aumento da procura do boxe por mulheres.

Ao pesquisar *sites* relacionados a esta prática esportiva, pude identificar não só uma fonte relevante de pesquisa, mas também vislumbrar o quanto a questão do feminino era essencial na apresentação dessas atletas, como se a construção de suas identidades estivesse simultaneamente relacionada ao esporte e ao gênero. Há uma riqueza de imagens e signos que remetem ao feminino, de acordo com determinados padrões nacionais. Além da riqueza dos detalhes gráficos, nas páginas em cor rosa e com flores enfeitando o *site*, percebe-se também o culto ao belo feminino. Todas as praticantes de boxe apresentam-se maquiadas, muitas com os cabelos longos, lisos e loiros (índices de beleza para a moda contemporânea e de desejo para muitos homens brasileiros), com apetrechos também róseos, como as luvas. Em resumo, em grande parte das fotos, em posições que ressaltam a feminilidade e a boa forma física.

---

<sup>23</sup> Assistente de palco do programa Caldeirão do Huck, apresentado por Luciano Huck aos sábados na Rede Globo de Televisão. Fonte: Coluna do D-D-David para o Jornal Meia Hora em 5/1/2011.

<sup>24</sup> <http://www.tvnewtonpaiva.com.br/Videos.aspx?c=21> Acessado em 21/03/2010

<sup>25</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=ILoSBdSvCkM&feature=email> Acessado em 21/03/2010

<sup>26</sup> Matéria publicada no caderno Bem Vive do Jornal Extra em 12/09/2010.

<p>Neste Sábado, dia 19/04/2008 às 17 horas AÇAI CLUBE - Av. Padre Antonio José dos Santos, 859 - fone 5044 4213</p>	<p>16/06 21:30 no Maksoud Plaza Alameda Campinas, 150 Infoline: (11) 3188 4151</p> <p>Simone Duarte Tatiana Giordano Leticia Rojo</p>
<p>Foto retirada do site oficial da atleta.</p>	<p>Foto retirada do site oficial da atleta.</p>

Signos semelhantes a estes também foram observados nos trabalhos de Claudio Ricardo Freitas Nunes (2006) no artigo *Entre as Cordas do Ringue: construções de masculinidades na prática das artes marciais combinadas* e de Fátima Cecchetto (2004) em *Violência e Estilos de Masculinidade*. Ambos constataram que lutadores de *Jiu-Jitsu* apresentam indicações marcantes de uma masculinidade específica, como “depilação, tatuagem, marcas corporais como as orelhas deformadas, cicatrizes resultantes do empenho corporal na rotina prática esportiva” (Nunes, 2006: 3)<sup>27</sup> e da “blindagem” conquistada: “músculos hipertrofiados, cabeça raspada, orelhas deformadas” (Cecchetto, 2004:1), constituindo um “uniforme” para este grupo social, entre lutadores do Rio de Janeiro.

Já numa primeira leitura dos textos dos *sites*, na parte em que se apresentam, as praticantes de boxe reforçam a elegância, o charme, sem abrir mão da *agilidade e força*, típicos desta prática esportiva no sexo masculino. Do mesmo modo, percebe-se uma

<sup>27</sup> Para estas conclusões, Nunes observou três academias da cidade de Porto Alegre.

estética corporal peculiar – mulheres magras, com um volume muscular não muito acentuado, se comparadas com demais esportes que usam os braços, como o halterofilismo e a natação. Esse conjunto de elementos confirmou que havia um campo de investigação bastante rico, no cruzamento de questões relacionadas à identidade, gênero e esporte, considerando uma modalidade individual e de extremo contato corporal.

Segundo Jorge Mattar Villela (2002), o corpo, na perspectiva de Wacquant, “não é exatamente o alvo de uma progressiva culturalização, mas de uma ‘remodelação’, através das práticas disciplinares do *gym* (:31). (...) De todo modo, o *gym*, espaço liminar, ‘antídoto da rua’ (:275), é essa ‘usina’, esse local onde se fabricam estas mecânicas de alta precisão que são os boxeadores. (:273)” (p. 2). Seria o *gym* o palco para a execução dos rituais ou eventos<sup>28</sup> (cf. Peirano, 2001) que elevam um homem comum à categoria de pugilista, e, conseqüentemente, contemplado com uma masculinidade específica?

Retomando o boxe feminino como esporte relacionado à última fronteira diferenciadora dos gêneros (uma vez que valores como *força*, *valentia*, *agressividade* e *explosão*, citadas pelas pugilistas, são pertinentes ao universo masculino), busca-se a compreensão do porquê da prática assumir tantos caracteres femininos para o padrão brasileiro.

Como seria o ideal imaginário de uma pugilista mulher? Que ameaças poderiam provocar em um cenário aparentemente ou predominantemente masculino? O *gym* seria necessariamente um rito exclusivo de masculinidade? Acabara de construir os primeiros questionamentos em relação ao objeto.

Contudo, percebe-se que, ao analisar a estética corporal destas praticantes, a construção de suas identidades está além do simples fato de buscar uma forma física específica. Há uma construção de valores que perpassam a noção de beleza, detentores de uma identidade de gênero que as tornam distintas. Investigar quais valores compõem esta feminilidade e como é construída essa identidade representam os guias norteadores desta pesquisa.

---

<sup>28</sup> Para Mariza Peirano (2001), “‘rituais’, ‘eventos especiais’, ‘eventos comunicativos’ ou ‘eventos críticos’ são demarcados em termos etnográficos e sua definição só pode ser relativa – nunca absoluta ou *a priori*; ao pesquisador cabe apenas a sensibilidade de detectar o que são, e quais são, os eventos especiais para os nativos (sejam ‘nativos’ políticos, o cidadão comum, até cientistas sociais)”. (: 5)

## Os Estudos de Gênero nas Ciências Sociais.

Como estrutura teórica para a discussão do presente objeto e tendo em vista a complexidade de elementos que estão em jogo, utilizo uma perspectiva multidisciplinar - filosofia, história e antropologia – a partir das visões de três autoras que contribuíram para o aprimoramento dos estudos de gênero: a filósofa pós-estruturalista norte-americana Judith Butler (2003), a antropóloga britânica Marilyn Strathern (2006) e a historiadora Joan Scott (2005). Em contraponto, a abordagem sociológica de Pierre Bourdieu em seu *A Dominação Masculina*.

O universo de estudo de gêneros é bastante amplo e controverso. Vai desde a visão cartesiana identificada por Mary Douglas (1982), em “Pureza e Perigo”, que relacionando sociedade e religião, identifica historicamente a mulher como símbolo do impuro e profano, à visão fenomenológica e feminista de Emily Martin (2003), que estuda a forma como a literatura médica retrata o corpo feminino, associado à degradação, em oposição ao masculino, relacionado ao vigor e à potência.

Escolho, como ponto de partida, o princípio estipulado por Judith Butler (2003) de que tanto sexo quanto gênero são categorias não naturais e socialmente construídas, e a perspectiva de Simone de Beauvoir (2001), pela qual o sexo feminino é transmitido de geração a geração, convertendo-se, assim, em uma escolha compulsória. Apesar de alguns pontos de divergência entre ambas, destacamos o que há em comum: a preponderância do dado sócio-cultural sobre o biológico.

Seguindo Butler (2003), apesar de Simone de Beauvoir (2001), em *O Segundo Sexo*, considerar o sexo feminino como uma escolha artificial (Beauvoir diz claramente que a pessoa “se torna” mulher, mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo), a filósofa existencialista não consegue se desvencilhar do pensamento cartesiano. Para a norte-americana, há um nítido dualismo entre mente/corpo “mesmo quando propõe uma síntese desses termos”. E segue: “A preservação dessa distinção pode ser lida como sintomática do próprio falocentrismo que Beauvoir subestima”. (Butler, 2003: 32)

Butler (2003) esclarece que a ausência de uma crítica sobre a distinção entre corpo/mente remete ao dualismo e à relação de subordinação e hierarquia de uma parte em relação à outra, como argumenta em “Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade” (:32). Esta visão está em toda a tradição filosófica, de Platão a Descartes,

de Husserl a Sartre, levando a associações culturais entre *mente* e *masculinidade*, de um lado, e de *corpo* e *feminilidade*, de outro, “documentadas nos campos da filosofia e do feminismo” também.

Em razão disso, o próprio discurso sobre a mulher é diagnosticado segundo uma perspectiva positivista, remetendo à visão invertida, ou mais necessariamente, “negativa”. “As mulheres são o negativo dos homens, a falta em confronto com a qual a identidade masculina se diferencia.” (Butler, 2003: 29)

Para Butler, Sartre também reconhece a imposição do heterossexismo, e o caracteriza como problema, mais necessariamente quando trabalha com o conceito de desejo na cultura ocidental, que continua se apresentando heterossexual e masculino. A partir do momento em que a mulher reverte a ordem, contestando o lugar e a autoridade da posição masculina, o desejo feminino torna-se um escândalo. Quanto a essa mudança, a autora mais uma vez argumenta uma não transcendência do gênero, visto que a dialética permanece, havendo apenas uma ameaça de permuta entre sujeitos. O poder, para ela, estaria sendo simplesmente trocado, permanecendo a relação dicotômica e de hierarquia de gêneros.

Se o heterossexismo é o determinante para a relação binária nas concepções de gênero, o que aconteceria com a estabilidade dessas categorias quando “o regime epistemológico da presunção da heterossexualidade é desmascarado, explicitando-se como produtor e reificador dessas categorias ostensivamente ontológicas?” (Butler, 2003: 8)

A identidade binária de sexo, gênero e corpo continuaria sendo categorias naturais, originais e inevitáveis? Essas são questões que Judith Butler (2003) levanta, na tentativa de mostrar não uma unicidade, mas uma multiplicidade de categorias que permeiam o sexo, o gênero e o desejo.

Ainda no tocante ao corpo, e convergindo para uma perspectiva cultural, vale ressaltar a perspectiva de Pierre Bourdieu (1999). Para o autor francês a delimitação dos sexos é socialmente dada e, no caso da mulher, esta sofreu uma violência simbólica, tendo lhe sido imposta uma moral distinta da do homem, obrigando-a a se submeter a gestuais tidos por característicos de seu sexo, como o modo de se levantar ou as formas

de olhar, estabelecendo-se uma relação hierárquica entre dominado (mulher) e dominante (homem).

“A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, é, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho”. (Bourdieu, 1999: 20)

Este “aprendizado” teria garantido as posições compulsórias de gênero, e, segundo o autor, enraizadas e difíceis de serem rompidas. Os espaços institucionalizados, descritos por autores brasileiros como Gilberto Freyre (1998) em “Casa Grande e Senzala” e Roberto Da Matta em *A Casa e a Rua* (1991), determinaram o espaço externo como sendo o do homem e o interno, das mulheres, mesmo com as conquistas no mercado de trabalho e com a mudança de diversos aspectos da divisão social de tarefas. Daí vem uma relação de “culpabilização”, por parte das mulheres, vítimas do enraizamento cultural que estabelece que seu espaço é o doméstico. Esse ponto de vista tira proveito de sua condição biológica, que a faria responsável pelo zelo dos filhos e pela organização da casa, trazendo para a mulher “contemporânea” um sentimento de culpa.

Já a perspectiva de Joan Scott (2005) é de acentuar as diferenças entre os gêneros. Justifica a permanência de uma polarização cartesiana porque permite uma tensão necessária para que as identidades se mantenham ou se transformem.

Para um entendimento melhor do que é o gênero e de quais as implicações quando este objeto é utilizado nas ciências sociais, Joan Scott (2005), no artigo *Enigma da Igualdade*, trabalha com o conceito de paradoxo. Não só no gênero, mas em vários tipos de relações, a igualdade é relacional.

“Há várias definições do que seja um paradoxo. Na lógica, um paradoxo é uma proposição que não pode ser resolvida e que é falsa e verdadeira ao mesmo tempo. O exemplo clássico é a afirmação do mentiroso: ‘Eu estou mentindo’. Na Retórica e na Estética, o paradoxo é um signo da capacidade de equilibrar, de forma complexa, pensamentos e sentimentos contrários, e, assim, a criatividade poética. O uso comum emprega ‘paradoxo’ para designar uma opinião que desafia a ortodoxia prevalente, que é contrária a opiniões preconcebidas. De certa forma, meus paradoxos compartilham de todos esses significados, porque desafiam o que, para mim, parece ser uma tendência generalizada de polarizar o debate pela insistência de optar por isso ou aquilo. Argumentarei, ao contrário, que indivíduos e grupos, que igualdade e diferença não são opostos, mas conceitos

interdependentes que estão necessariamente em tensão. As tensões se resolvem de formas historicamente específicas e necessitam ser analisadas nas suas incorporações políticas particulares e não como escolhas morais e éticas intemporais”. (Scott, 2005: 4)

A autora defende que não existem soluções simples “para as questões, debatidas calorosamente, da igualdade e da diferença, dos direitos individuais e das identidades de grupo.”(: 2) Em estudo histórico (2005), ela aponta que a igualdade não garante por si mesma as mesmas condições para todos. Depende de uma série de variáveis. Ela somente é reconhecida internamente a grupos de identidades privilegiados pelos espaços econômico e político que ocupam. Assim, as diferenças simplesmente são ignoradas ou levadas em consideração.

Inicialmente, ela situa o choque de uma das idéias genéricas (liberdade, igualdade e fraternidade) que pautou a Revolução Francesa e considera em particular o conceito de igualdade. Confrontado com a realidade social da época, fica clara a oposição entre igualdade e cidadania.

“Na época da Revolução Francesa, a igualdade foi anunciada como um princípio geral, uma promessa de que todos os indivíduos seriam considerados os mesmos para os propósitos de participação política e representação legal. Mas a cidadania foi conferida inicialmente somente para aqueles que possuíam uma certa quantia de propriedade; foi negada para aqueles muito pobres ou muito dependentes para exercerem o pensamento autônomo que era requerido por cidadãos. A cidadania também foi negada (até 1794) aos escravos, porque eles eram propriedade de outros, e para as mulheres, porque seus deveres domésticos e de cuidados com as crianças eram vistos como impedimento à participação política” (:5)

A seguir ela faz a comparação usando o critério biológico, adotado por profissionais de diferentes áreas do conhecimento.

“No final do século XVIII havia psicólogos, médicos e filósofos que defendiam que as diferenças físicas de pele ou de órgãos corporais qualificavam alguns indivíduos e outros não. O anatomista Jacques Louis Moreau ofereceu como seu comentário de Rousseau de que a localização dos órgãos genitais, ‘para dentro’ nas mulheres e ‘para fora’ nos homens determinava o alcance de sua influência: ‘a influência interna continuamente reposiciona as mulheres no seu sexo (...) o macho é macho somente em certos momentos, mas a ‘fêmea’ é fêmea por toda sua vida’. Os homens eram indivíduos porque eram capazes de transcender o sexo; as mulheres não poderiam deixar de ser mulheres e, assim, nunca poderiam alcançar o status de indivíduo. Não tendo semelhança com os homens, elas não poderiam ser consideradas iguais a eles e assim não poderiam ser cidadãs”. (Scott, 2005:6)

Direcionando a discussão de Scott (2005) para o objeto investigado, a fronteira entre as categorias de gênero/sexo é importante para entender as identidades coletivas das praticantes de boxe que investigo e o modo como fazem para serem reconhecidas em um esporte ainda marginal para as mulheres. A autora, no artigo *o Enigma da Igualdade*, cita as políticas de ação afirmativa como um dos processos importantes de reconhecimento e respeito, fazendo com que as identidades de grupo sejam relacionais e seguidas por critérios acionados por conjunções políticas e econômicas.

A questão da multiplicidade e da crítica ao dualismo, pertinente às discussões sobre gênero, é também discutida por Michel Foucault (1993). Ele destaca que são relações de poder, comandadas e supervisionadas por instituições definidoras, como o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória, sem contar com os sistemas jurídicos.

Percebe-se, portanto, que, ao discutirmos sexo e gênero, também estamos lidando com outro conceito, de grande valia e polêmico na antropologia: a questão da identidade, construção também artificial e sujeita a bastante controvérsia mesmo quando autores feministas a utilizaram, dando muitas vezes uma idéia de totalidade à identidade, ainda que essa estratégia seja, em muitos casos, política.

“Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. Isso parecia obviamente importante, considerando a condição cultural difusa na qual a vida das mulheres era mal representada ou simplesmente não representada”. (Butler, 2003: 18)

Carla Rodrigues, na resenha sobre o livro “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” para a *Revista de Estudos Feministas* (2005) afirma que, segundo a concepção de Butler (2003), o gênero não possui uma identidade que venha por trás de suas expressões. Para a filósofa, a identidade é performaticamente construída.

“O que Derrida diz sobre signo é que não há significado por trás do significante, e que o sentido é efeito construído por uma cadeia de significados”. (Rodrigues, 2005)



As categorias que compõem esta identidade - sexo, gênero e desejo - são efeitos de uma formação específica de poder. (Butler, 2003)<sup>29</sup>

“A crítica genealógica recusa-se a buscar as origens do desejo, a verdade íntima do desejo feminino, uma identidade sexual genuína ou autêntica que a repressão impede de ver; em vez disso, ela investiga as apostas políticas, designando como origem e causa categorias de identidade que, na verdade, são efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos. A tarefa dessa investigação é centrar-se – e descentrar-se – nessas instituições definidoras: o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória”. (Butler, 2003: 9)

No tocante ao feminismo, enquanto movimento social, deve-se desconstruir a noção implícita de totalidade artificial e politicamente criada pelo movimento. A concepção de um “patriarcado universal”, é muito criticada por Butler (2003), valendo “formular, no interior dessa estrutura constituída, uma crítica às categorias de identidade que as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam”. (Butler, 2003:22)

A antropóloga britânica Marilyn Strathern (2006) também identifica o feminismo como um movimento de múltiplas vozes, que agrega vários discursos, exigindo uma abordagem que inclua diferentes disciplinas. Estes discursos são incorporados por diferentes experiências da vida social e, de acordo com a autora em seu *O Gênero da Dádiva*, não há como aplicar o conceito de feminismo ao de “sociedade” e suas reificações. Ela cita como exemplo dado as variações com que o feminismo se apresenta e o modo como algumas feministas se intitulam por marxistas e radicais, para se distinguirem das demais.

Quanto ao conceito de identidade, Butler (2003) parte de um discurso diferente do filósofo francês Michel Serres (1997), crítico da filosofia cartesiana e para quem identidade é um conceito flutuante e, portanto, não operativo. Butler reconhece a viabilidade do critério *identidade* quando não há uma estrutura regulatória coercitiva, através do direito e da política. Neste caso, “as identidades podem ganhar vida e se dissolver dependendo das práticas concretas que as constituem”. (:37)

Identidade, para Butler (2003), poderia se relacionar com o conceito de pessoa, abordado também pela autora, que legitima seu argumento afirmando que a identidade,

---

<sup>29</sup> De acordo com Butler, Foucault trabalha com uma investigação crítica, no qual reformula as idéias de Nietzsche e o denomina por “genealogia”.

ou o conceito de pessoa, estaria relacionado com o “contexto social” e, logo, com a “consciência, capacidade de linguagem ou a deliberação moral”. (Butler, 2003:38)

“Em sendo a ‘identidade’ assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de ‘pessoa’ se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é ‘incoerente’ ou ‘descontínuo’, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural apenas pelas quais as pessoas são definidas.” (Butler, 2003: 38)

Quando se considera um grupo de pessoas com interesses comuns ou a diversidade de posições de uma mesma pessoa de acordo com o lugar em que está, o conceito de identidade passa a ser considerado na sua relação com a noção de pertencimento.

Neste sentido, há uma convergência com Serres, também favorável a uma ausência de uma estrutura regulatória. Em entrevista a Ricardo Teixeira, para a revista *Novas Tecnologias e Sociedade Pedagógica*, quando esteve no Brasil em 1999, o filósofo francês declarou que “os espaços de não-direito são espaços onde muitas transformações têm lugar. É o lugar onde, ao menos em imagem, metaforicamente, as transformações sociais se fazem”.

Michel Serres (1999) defende que a identidade é algo em constante mutação, por isso é difícil de classificá-la, como também é impossível ordená-las em grupos, uma vez que ela é singular. Por isso muitos autores se equivocariam profundamente quando utilizam este conceito. Na verdade, estão falando sobre pertencimentos vividos por grupos sociais e que, de fato, não determinam uma identidade.

“(…) fazemos sempre graves confusões sobre a noção de identidade. Não me agrada que as pessoas falem em ‘identidade sexual’, ‘identidade nacional’, ‘identidade cultural’, etc... Por quê? Porque elas confundem identidade com pertencimento. Assim, quando falam, por exemplo, em identidade brasileira, identidade francesa, confundem o que seja identidade – identidade é ‘A’ idêntico a ‘A’, isto é, ‘Michel Serres’ é idêntico a ‘Michel Serres’. ‘A’, isto é, ‘Michel Serres’ é idêntico a ‘Michel Serres’: isto é a identidade. O fato que ele seja francês.... Isso não é minha identidade, isso é meu pertencimento. O fato que eu seja judeu, católico, protestante....Pertencimento. O fato que eu me chame Serres é, aliás, um pertencimento a uma família. O fato que eu me chame Michel é pertencimento ao conjunto de pessoas que se chamam Michel. Tudo isso são pertencimentos. E, por consequência, confundir pertencimento com identidade é a própria definição de racismo. Porque se diz: ele é negro, ele é judeu, ele é católico, ele é... Não! Ele

é Michel Serres. A identidade não deve ser confundida com pertencimento. Uma coisa é:  $A=A$  (“A” idêntico a “A”); outra coisa é:  $A \in \{A\}$  (“A” pertence ao conjunto “A”). (Entrevista acima citada)

Entretanto, não é princípio da antropologia conceber uma identidade única, “atomizada”. Assim, o que Serres define por pertencimento, integra o conceito de identidade. O conjunto de pertencimentos e juízos de valor compartilhados por um determinado grupo social, em determinado momento e lugar, aos olhos do pesquisador delimita uma identidade social. Se uma praticante de boxe dispõe de mais caracteres masculinos do que uma bailarina clássica, tais signos não necessariamente delimitariam uma prática homossexual - tampouco um padrão que pudesse definir apenas um indivíduo - mas um estilo de feminilidade sobre o qual é detentor da *agressividade*, da *coragem*, da *agilidade*, que se preocupa com a saúde e que também busca a beleza e o cuidado com a imagem, neste caso, semelhante com quem pratica atividades femininas de acordo com os padrões nacionais.

No entanto, entendemos que o problema se altera conforme a conceituação dada a identidade. Joan Scott (2005) trabalha com uma concepção completamente diferente da de Michel Serres (1997). A historiadora defende que “as identidades de grupo são um aspecto inevitável da vida social e da vida política, e as duas são interconectadas porque as diferenças de grupo se tornam visíveis, salientes e problemáticas em contextos políticos específicos”. (:6)

Scott (2005) defende que as identidades coletivas “são formas inescapáveis de organização social, que elas são inevitavelmente politicizadas como um meio tanto de discriminação como de protesto contra a discriminação, e que elas são um meio através do qual e contra o qual as identidades são articuladas”. (: 7) Ela ressalta a existência das identidades individuais. Entretanto, afirma que o conflito entre os dois padrões de identidade é inevitável.

“Se identidades de grupo são um fato da existência social e se as possibilidades de identidades individuais repousam sobre elas tanto em sentido positivo quanto negativo, então não faz sentido tentar acabar com os grupos ou proposadamente ignorar sua existência em nome dos direitos dos indivíduos. Faz mais sentido perguntar como os processos de diferenciação social operam e desenvolver análises de igualdade e discriminação que tratem as identidades não como entidades eternas, mas como efeitos de processos políticos e sociais. Em quais circunstâncias a diferença entre os sexos importa para o tratamento das mulheres na política? Como é que a raça veio a justificar o trabalho forçado? Em quais contextos a etnicidade se torna

uma forma primária de identidade? Como leis e outras estruturas institucionais produziram ou transformaram as fronteiras entre os grupos sociais? Quais têm sido as formas coletivas e individuais de resistência a identidades de grupo?” (Scott, 2005: 13)

Tanto Scott quanto Serres compartilham da idéia de impacto de suscetíveis transformações sobre o indivíduo tomado isoladamente ou coletivamente. A diferença entre os dois concerne em que, para a historiadora, as mudanças são condicionadas por processos políticos, diferentemente do filósofo francês, que acredita que a constante mutabilidade é incapaz de nomear este processo como identidade, e sim como pertencimento.

Outro ângulo a ser explorado na discussão entre gênero e identidade é o heterossexismo, que parte da premissa de que a heterossexualidade é constitutiva de todos os seres humanos e de sua superioridade face aos homossexuais, transexuais ou bissexuais. Este ponto de vista influi na regulação das instituições e, conseqüentemente, no desejo (condicionado pela relação dicotômica imposta pelas regras jurídicas), no falocentrismo (legitimando a dominação masculina) e afeta até mesmo a adequação do conceito de gênero, conforme Marilyn Strathern (2006) em seu livro *O Gênero da Dádiva*. Seu trabalho etnográfico na Melanésia, sobre os ritos nas Terras Altas, problematiza como a “superioridade masculina” ou a “superioridade feminina” são campos dualísticos e não aplicáveis de forma hegemônica e totalizante, como se observa no pensamento ocidental. As etnografias feitas até então sobre a Melanésia, que afirmavam a superioridade feminina (uma vez que os homens estariam subordinados às mulheres, já que estes precisariam dos rituais para se sobressaírem, diferentemente do sexo oposto, cujos poderes esotéricos são inatos.) exposta no parágrafo anterior, são, segundo ela, resultado de análises mal trabalhadas. Os pesquisadores não se abstiveram das categorias dualistas. A crítica de Strathern é que as relações de gênero não são dadas através de um par de oposição binário, mas através da interação de diferentes relações sociais, diferentemente do cartesianismo, em que análise do sexo é limitada por um determinante biológico: pênis versus vagina.

Na resenha publicada em *Cadernos de Pagu*, de 1994, Adriana Piscitelli, na época doutoranda em Ciências Sociais pela UNICAMP, esclarece este posicionamento de Strathern (2006):

“Strathern nos convoca a um exercício de imaginação para observar como a cultura da ciência social ocidental endossa certos interesses na vida social. Sua estratégia narrativa é utilizar um tipo de atividade produtiva – as análises antropológicas ocidentais – para evocar um outro tipo de atividade produtiva – como os melanésios conceitualizam as causas e resultados de suas ações. Uma vez compreendidos os tipos de interesses presentes em nossa cultura científica será possível, de maneira análoga, imaginar os tipos de interesses presentes em outras culturas. Isto é relevante quando se trata do gênero. A autora considera que a atividade simbólica da metafísica ocidental trabalha intensamente com um imaginário no qual o gênero é fundamental. Portanto, quando os antropólogos se enfrentam com outras culturas nas quais acontece o mesmo, como as da Melanésia, correm o risco de realizar equívocos culturais na interpretação das relações homem/mulher. Porém, não se trata só disso. O perigo maior não reside apenas nos valores particulares que o imaginário ocidental de gênero aloca às diferentes atividades. Ele está sobretudo nos pressupostos subjacentes sobre a natureza da sociedade e em como a natureza torna-se um objeto de conhecimento”. (: 4)

Assim, se Serres trabalha com o conceito de pertencimento, Strathern parte do princípio de que as identidades são múltiplas, assim como as concepções de gênero, caso comparássemos com as teorias de gênero estudadas por Judith Butler . Pode-se dizer que, para ambas as autoras, a interseção entre sexo e gênero não existe, já que representam a mesma coisa.

Strathern admite uma concepção relativista de sexo conforme as interações. As identidades de gênero podem ser duplas ou compostas, e/ou unitárias, de acordo com as circunstâncias.

“No estado composto, cada pessoa é uma espécie de andrógino, que não opera nem como ‘homem’ nem como ‘mulher’, trata-se de uma relação de gênero composto (*cross-sex*). No estado unitário, como nos encontros que podemos imaginar como de “homem-mulher”, a identidade de gênero das pessoas se homogeneiza de tal maneira que suas partes internas se mantêm numa relação de sexo único (*all male, all female*). Assim, as relações de gênero que deveriam ser o foco de análise, na Melanésia, não são aquelas entre ‘homens’ e ‘mulheres’ mas as relações entre *same sex* e *cross sex*: as formas – transformáveis – de pessoas que podem aparecer como singulares ou múltiplas. Deste modo, o mundo não pode ser cindido nas dicotomias clássicas”. (Piscitelli, 1994: 7)

Sobre a noção de poder, comparando com o padrão ocidental, estabelece uma distinção entre a imagem do controle da posse e o conceito de propriedade privada ocidental; este último, ela considera derivado do positivismo, estando em jogo as relações de pertencimento de uma propriedade ou coisa, garantidas por um indivíduo ou uma corporação legítima. Todavia, o que prevalece para a autora são os direitos

coletivos, isto é, aqueles que são compartilhados e que não são pertencentes a um único indivíduo. A antropóloga alega que esses direitos coletivos é que estabelecem a construção de identidades e que este modelo de poder continua fora da relação masculina/feminina, visto que tanto um quanto o outro pode assumi-lo. Este “dom” estaria muito mais relacionado com a capacidade de fazer do que com o controle sobre o outro. (Strathern, 2006)

“Cada Melanésio possui capacidades que podem ser acionadas, na interação com outro, convertendo cada um que é múltiplo e plural, enquanto capacidade, em um singular. Esta fluidez e mutabilidade que os conforma resulta de um pensamento que justapõe em lugar de classificar. E precisamente essas capacidades fluidas das mentes e dos corpos das pessoas – e seus efeitos sobre outras pessoas, são evidenciadas através do gênero. Essa fluidez e mutabilidade orientam as possibilidades das identidades de gênero que se conformam, temporariamente, delimitando o tipo de ação. As pessoas contêm dentro de si múltiplas identidades. É como se tudo e todas as coisas possuíssem capacidades imanescentes que em qualquer momento pudessem ser ativadas?” (Piscitelli, 1994: 6)

No tocante ao corpo, Marilyn Strathern, no Capítulo 5 – *Poder: Afirmações e Contra-Afirmações* – do livro “O Gênero da Dádiva”, identificamos uma passagem que pode ser analisada e levada como hipótese para o estudo das praticantes do pugilismo. A antropóloga admite que as partes corporais de uma pessoa podem corporificar outro sexo, de modo que o todo, ou a parte pelo todo, pode representar a masculinidade ou feminilidade. Aliás, no mesmo capítulo, percebe-se que a masculinidade melanésia não é construída a partir de propriedades masculinas, mas é reforçada através do contraste com caracteres que remetem ao feminino. O material melanésio indica que o conhecimento sobre “o que é tornado aparente como masculino ou feminino não pode derivar apenas da observação. A identidade é consequência da integração”. (Strathern, 2006:199) Partindo deste ponto, considero - a partir dos dados etnográficos - que as técnicas e o discurso utilizados pelas praticantes do pugilismo, como a *valentia*, *força* e *agressividade* são meios de se afirmar um lócus de feminilidade, uma vez que a maioria das adeptas conserva atributos físicos legitimamente femininos, se comparados com os signos de feminilidade do padrão estético brasileiro. Além da identificação e busca por tais objetivos, tais signos também são refinados e metodologicamente transmitidos por meio do aprendizado e pela admiração de um símbolo, personificado pela professora de boxe da academia *Nobre Arte*, Kátia Marcos, ícone desta feminilidade.

## **Apresentação dos Capítulos.**

Após descrever as motivações teóricas entrelaçadas à minha trajetória acadêmica, no capítulo seguinte (*Primeiro Round*) situo o leitor quanto aos primeiros passos no tocante à etnografia aqui praticada. Inspirado em Clifford Geertz (1978), Malinowski (1978) e Foote-Whyte (2001), descrevo minuciosamente cada experiência até a escolha por duas academias de boxe, como também a decisão pelo método comparativo como recurso metodológico. Neste mesmo capítulo relato a reconfiguração do recorte empírico. Diante da extrema dificuldade de encontrar lutadoras profissionais ou em fase de profissionalização (mais necessariamente definidas após a experiência em campo por *amadoras*) e do próprio desinteresse dos alunos, tanto mulheres quanto homens, em seguirem este caminho, a análise desta pesquisa restringiu-se apenas a praticantes do chamado boxe inglês, cujas características são descritas no capítulo: seja como uma atividade que garanta recursos estéticos, seja uma maneira de aliviar o *stress*, a ansiedade e os aborrecimentos do dia-a-dia.

A seguir, faço um relato do primeiro dia em que chego a uma academia de boxe na região centro do Rio de Janeiro, a partir de uma trivial conversa com um amigo, e através do contato com o primeiro nativo dou início a uma rede de relações que me levam a conhecer diversos espaços até chegar à decisão das duas academias sobre as quais analiso. A peculiaridade de cada uma e as razões da escolha também são descritas nesta parte.

No Segundo *Round* apresento o mundo do boxe ao leitor. Defino brevemente o surgimento desta modalidade esportiva, como chegou ao Brasil e a partir de quando a mulher se insere neste esporte. Principais técnicas corporais, a maneira como os atletas são classificados, número de academias no Estado do Rio de Janeiro e Brasil, a região onde o boxe feminino é mais forte, a partir de quando ele cresceu, os equipamentos e as principais nomenclaturas são descritas com base em observação e em entrevistas com profissionais com os quais convivi nestes oito meses de etnografia.

No Terceiro *Round* retomo as vantagens da mudança de foco, o que transformou-o num dos capítulos principais da dissertação. O acompanhamento desde abril de 2010, iniciado pelas principais academias do município do Rio de Janeiro e posteriormente concentrado em dois campos - *Academia Physical* (na localidade de Augusto Vasconcelos, em Campo Grande) e *Academia Nobre Arte* (na comunidade do

Cantagalo) - mostrou que a procura pelo boxe, geralmente, se dá a partir de duas grandes motivações.

Na *Academia Physical* a grande procura está no tocante à boa forma física. As alunas, na faixa-etária dos trinta anos, procuram em um primeiro momento este esporte para emagrecer e, principalmente, para afinar a cintura. Todas, sem exceção, utilizaram este argumento para justificarem a entrada no pugilismo.

Já na academia *Nobre Arte* a boa forma é, a princípio, um motivo secundário. A saúde, o bem estar, e principalmente o controle do *stress* foram os argumentos que imperaram nestes oito meses de trabalho de campo.

Além do acompanhamento nas duas academias, foram realizadas em torno de trinta entrevistas em profundidade, acrescidas de depoimentos do Presidente da Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro. Estética e prevenção do *stress* podem ser supridos por atividades que aparentemente não “ferem” a feminilidade. O público, majoritariamente de classe trabalhadora, poderia conseguir seus objetivos com outras modalidades esportivas, como o *fitness* e a dança, tão acessíveis quanto o boxe. Logo, percebe-se que há outras nuances por trás destas metas explícitas.

Que mulher é essa que se predispõe a enfrentar preconceitos, a estimular a agressividade, a predispor do seu corpo a lesões e hematomas sem abrir mão da feminilidade? Que importância tem o boxe em suas vidas (não só para as alunas, mas também para professores que praticam outros esportes)? O que as pugilistas de Augusto Vasconcelos têm em comum com as do Cantagalo? Como é passada a dominação masculina entre estes dois campos? Como elas lidam com o preconceito e os desafios? Como elas lidam com o medo? Como elas se sentem com a exposição, visto que todas as aulas da academia de Augusto Vasconcelos são filmadas e publicadas no *site* de vídeos *youtube* e da academia do Cantagalo estar em evidência recorrentemente nas mídias especializadas em luta? Onde está a distinção de gênero neste esporte (abordagem das técnicas corporais e os desafios que elas são submetidas)?

Em anexo, o Regulamento Técnico de Boxe Profissional retirado da página eletrônica do Conselho Nacional de Boxe, a história do pugilismo nacional e internacional, retirado da página eletrônica da Federação de Boxe Rio Grandense, além de fotos e mapas que situam as academias percorridas. Apesar de o objeto de estudo ser



bastante recente, creio, humildemente, poder promover o enriquecimento das discussões de gênero e, sobretudo, na Antropologia do Esporte, sub-área na qual atuo há exatos oito anos.

## PRIMEIRO ROUND

### Da Descrição Densa à Definição pelo Campo

Iniciei o trabalho com a preocupação de encontrar em tempo hábil duas academias situadas na região metropolitana do Rio de Janeiro e onde houvesse a prática de mulheres no boxe inglês. O estudo de mais de uma instituição, que em um primeiro momento poderia ser excessivamente abrangente, revelou-se de profunda importância, visto que a comparação destaca dados que não poderiam ser percebidos de outro modo, reduzindo, assim, os riscos de naturalização.

Por desconhecer adeptos desta modalidade esportiva, o primeiro caminho percorrido, conforme relato na introdução, foi a busca via internet. Em virtude do curto tempo que o mestrado disponibiliza para a consecução da pesquisa, adicionado ao estágio inicial do objeto escolhido e das poucas referências bibliográficas pertinentes ao assunto, a análise restringiu-se inicialmente às representações das praticantes de boxe inglês, tanto profissionais quanto amadoras e ainda as que o usam como método de se manter em forma. A facilidade não foi determinante da escolha. Embora haja um número consideravelmente maior de academias que oferecem variantes do boxe, muitas delas bastante difundidas no Grande Rio, como o *kick boxing* e o *Muay Thai* (ou boxe tailandês) – o critério adotado foi a tradicionalidade e, quanto ao boxe, amparado no trabalho de Wacquant, foi o fato de ser um esporte riquíssimo em signos masculinos. Outro fator de escolha foi a possibilidade de criar uma interlocução com trabalhos anteriores, pois já havia um estudo comparativo entre duas variantes deste segmento esportivo, classificadas também na introdução como *soft*, a meu ver semelhante ao *muay thai*, e *hard* (cf. Menesson e Clément, 2009), escolhida como objeto empírico de observação. As características do boxe *hard* também reforçaram a escolha desta modalidade, visto que nela a submissão à dominação masculina é muito mais explícita, ainda que a apresentação das atletas não seja tão feminina quanto no boxe *soft*, apesar de boa parte das praticantes serem esposas de seus treinadores ou colegas de academia.

No tocante à etnografia, a primeira grande dificuldade foi encontrar um espaço onde a prática do boxe inglês fosse tão difundida ou mais enfocada do que qualquer

outra variante deste esporte. Portanto, o objetivo era descobrir um local voltado exclusivamente para a luta.

Visitei algumas comunidades do *site* de relacionamento *Orkut*, onde pude registrar as observações de muitas praticantes, como também me comunicar com alguns professores. Um dado que, a princípio, me chamou atenção era que, em 100% dos contatos, os professores ou treinadores eram homens. Escrevi algumas mensagens para um professor que dava aulas no bairro de Santa Teresa<sup>30</sup> e no Rio Comprido<sup>31</sup>. Contudo, não obtive retorno. Outras academias também foram encontradas por meio do *site* de vídeos *youtube*<sup>32</sup>. Entretanto, também não obtive resposta nesta tentativa virtual.

O primeiro passo concreto foi realizado graças a um professor de um curso de cinema que eu havia feito e que se tornou amigo. Ele sugeriu que visitasse uma academia na Praça Mauá<sup>33</sup>, na Rua Sacadura Cabral. Sua namorada já havia lhe falado que o espaço era interessantíssimo para um filme de boxe. Fiquei excitadíssimo com o que ouvira. Abria-se a possibilidade de fazer o trabalho de campo em uma academia estilo *gym*, sob os mesmos moldes de Woodlawn (Wacquant, 2002), em um bairro de classe trabalhadora e com a peculiaridade de estar situada em uma região boêmia do Centro do Rio de Janeiro, espaço frequentado por mim, grande apreciador das rodas de samba e, principalmente do bloco carnavalesco Escravos da Mauá, cujos ensaios acompanho há aproximadamente dez anos. Era tão tentadora tal hipótese que fora levada inclusive em meu projeto de qualificação, sem ao menos ter visitado o espaço e conhecido sequer um nativo.

Seria muito vantajosa a escolha deste local, visto que trata-se de uma região<sup>34</sup> onde se misturam diferentes atores sociais: trabalhadores, moradores de origem

---

<sup>30</sup> Bairro tradicional e de classe média da região centro do município do Rio de Janeiro. Lembrado pela riqueza histórica e por dispor de várias manifestações artísticas.

<sup>31</sup> Bairro da zona norte do município do Rio de Janeiro.

<sup>32</sup> Tive acesso, por meio deste *site*, a uma academia situada no bairro da Ilha do Governador, zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=R9JIVHFYwRI>. Acessado em 31/03/2010.

<sup>33</sup> Região do Centro do Rio de Janeiro.

<sup>34</sup> De acordo com o trabalho de Pedro Guilherme Freire, colega do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, apenas com a ascensão do Prefeito Eduardo Paes à prefeitura do Rio, em 2008, e com as escolhas do Brasil para sediar a Copa do Mundo de 2014 e a cidade do Rio de Janeiro como a cidade olímpica de 2016, esta proposta ganhou maior força. No dia 23 de junho de 2009 o Prefeito, ao lado do Governador Sergio Cabral e do Presidente Lula, apresentou o projeto Porto Maravilha, considerado a maior intervenção urbanística na cidade nos últimos tempos. A previsão de investimentos neste projeto, apenas numa primeira etapa, “é de R\$ 392 milhões em recursos da União, prefeitura e iniciativa privada”. Nesta primeira fase, que deverá ter o prazo de três anos, estão previstas a

nordestina e portuguesa, boêmios, marinheiros (pela proximidade do cais do porto), frequentadores de boates voltadas ao baixo meretrício. A outra vantagem seria que Rio Comprido, Santa Teresa e Praça Mauá são regiões de fácil acesso para mim, já que são próximos ao Bairro de Fátima, onde residia.

### **1.1 - A chegada na academia “cinematográfica.”**

Impulsionado por uma forte curiosidade, realizo a primeira visita à academia de boxe da Praça Mauá no dia seguinte da qualificação de meu projeto de pesquisa. Chego ao local em uma chuvosa tarde do dia 28 de abril de 2010.

A academia é um sobrado rosa antiquíssimo, de esquina, bem no início do Largo São Francisco da Prainha, região onde são realizados os ensaios do bloco de carnaval Escravos da Mauá, acima referidos. As portas estavam fechadas e não havia sequer uma placa informando o nome e os dias e horários de funcionamento. Estranho o fato de ela estar fechada, pois chegara às 15 horas de uma quarta-feira, horário que, a princípio, todo estabelecimento comercial funciona.

Decido percorrer as ruas da localidade. Assim que chego me recordo de um amigo de longa data que tem uma franquía do restaurante Angu do Gomes bem na pracinha. Entro no restaurante à procura de Marcelo. Eu o conheci e a sua irmã gêmea Renata no período de vestibular, em 2000, quando estudávamos no tradicional curso

---

construção da “Pinacoteca do Rio”, que se localizará no edifício Dom João VI, na Praça Mauá; o “Museu do Amanhã”, nos armazéns 5 e 6 do Porto e no prédio da Polinter; uma “garagem subterrânea”, na Praça Mauá, com espaço para mil carros; a “reurbanização do Pier Mauá, do Morro da Conceição e do bairro da Saúde” e a criação de 499 novas residências em imóveis antigos “subutilizados” através do programa “Novas Alternativas”. Esse número, todavia, como disse o secretário de Habitação do Rio Jorge Bittar, “é para início imediato. Nós vamos construir na Zona Portuária outras sete mil unidades a partir da restauração”.

Para concretizar seus objetivos, o projeto planeja ainda outras duas fases. A segunda é a mais ambiciosa. Prevê o lançamento de títulos no mercado (Cepacs) que garantirão aos compradores o direito de construir na área “espigões de até 50 andares”. Com os R\$ 3 bilhões que pretende arrecadar com a operação, a prefeitura pretende realizar “obras de reurbanização completa em quatro bairros e derrubar a perimetral”. Em todos os discursos presentes no plano de “revitalização”, a renovação urbana realizada na área portuária da capital argentina – Puerto Madero -, que tornou uma área considerada “erma” e “degradada” em uma das regiões mais valorizadas de Buenos Aires, é a grande referência para o projeto de “Revitalização do Porto” carioca. Rubens Vasconcelos, vice-presidente da Associação dos Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário, ansioso, diz que “se tudo der certo os preços dos imóveis na área podem chegar a valores de Leblon e Ipanema”[1]. Quer dizer, os bairros considerados “degradados”, “perigosos”, “sujos”, fariam a “cidade renascer”. Brotar do cais do porto. Uma mudança radical alcançaria a região, alterando a paisagem, o perfil dos moradores e certos “modos de habitar” a cidade tão característicos dessa parte da urbis. [1] Fontes: Jornal O Globo (21/06/09, 24/06/09, 12/07/09, 04/08/09).

preparatório Miguel Couto, na Rua Sete de Setembro, no Centro do Rio. Apesar da entrada para cursos tão distintos e em universidades diferentes (eu para o curso de Ciências Sociais e Jornalismo, Marcelo para o curso de Engenharia e Renata para o curso de Odontologia), a amizade perdurou. Marcelo havia comprado a franquia e decidira enveredar para o comércio junto com Igor, que deve ter aproximadamente a nossa idade: vinte e oito anos.

Aproveito a oportunidade para matar a saudade e também pedir algumas informações sobre a academia. Com enorme aperto em meu peito, pergunto se ainda funcionava.

Ele diz que sim, mas não sabia o horário. Imaginava ser pela tarde. Igor declara que o espaço era um dos mais tradicionais do Rio de Janeiro. Talvez a mais antiga e, inclusive, já visitada pelo ator italiano Sylvester Stallone<sup>35</sup>, conhecido por inúmeros filmes holywoodianos em que ação envolve a prática do boxe. *Estilo Rocky Balboa. Todos ficam lá com olhos de tigre!*, comenta Igor.

Animado com o que ouvira busco um local apropriado para fazer as primeiras anotações e escrevo *olhos de tigre* como suposta primeira categoria nativa. Contudo, Igor não é praticante de boxe e, por razões que descreverei adiante, a academia não foi a escolhida. Não posso afirmar que esta definição de fato seja uma categoria nativa, visto que os contatos com alguns praticantes neste espaço não foram suficientes para comprovar ou não tal constatação.

Após formular esta possível categoria, sou defrontado com o primeiro desafio, ou mais precisamente, com a primeira decisão metodológica. Ficar ou não com *olhos de tigre*? Considero que a minha prioridade é estudar as mulheres inseridas no esporte do boxe, mas se necessariamente devem praticar ou não esta luta ainda estava a ser definido.

Pergunto a Igor se por acaso ele já viu alguma mulher praticando boxe nesta academia e ele diz ter quase certeza de que há praticantes do sexo feminino. Em função do baixo movimento no bar e também por se tratar de uma quarta-feira, Marcelo tenta me ajudar me apresentando aos comerciantes vizinhos na tentativa de saber mais informações. No depósito de bebidas, bem ao lado do Angu do Gomes, um funcionário

---

<sup>35</sup> Em abril de 2009 o ator visitou a cidade do Rio de Janeiro para gravar o filme “Os Mercenários.”

afirma que “Lá é tudo irregular. Uma hora funciona, outra hora não! Tem épocas que fica um mês sem funcionar”.

Não esmoreço, certo de que encontrarei algum responsável ou aluno desta academia. Despeço-me de Marcelo e percorro as ruas do bairro em busca de mais informações. Subo algumas ruas que levam para o Morro da Conceição<sup>36</sup> e chego a um estabelecimento onde funciona uma locadora e *lan house*<sup>37</sup>. Pergunto ao funcionário sobre a academia. Ele garante que funciona, mas não sabe sobre os dias e horários. Sugere que eu vá até a loja de água ao lado da academia. Ao chegar, converso com um funcionário que me diz que o dono tem um *Voyage*<sup>38</sup> branco e que não há um horário certo para abrir.

A academia continua fechada e decido esperar até as 16:00 e começo a escrever na praça: inicio a escrita do meu primeiro dia de campo. A chuva começa e retorno ao Angu do Gomes. Saio do bar contornando a calçada que leva à academia. Ouço barulho de luvas no estabelecimento. O problema era que as portas estavam fechadas e a apresentação do imóvel mais parecia um sobrado abandonado do que uma academia de boxe.

Tomado por zelo e principalmente com receio de que não houvesse nada de errado na entrada deste campo, decido não importunar o treino de quem estava do outro lado daquela enorme porta de madeira, abraçada a uma grande corrente e fechada por um cadeado. O ritmo daqueles sons produzidos por movimentos interrompidos por mínimos intervalos já me enchia de esperanças de que era somente uma questão de tempo para encontrar alguém e iniciar minhas atividades de campo.

## **1.2 - A sinfonia do campo.**

O registro daquela batida quase musical me deu ânimo para voltar no dia seguinte, também pela tarde, mas algumas horas mais cedo. Chego ao Largo na

---

<sup>36</sup> Localidade história do Centro do Rio de Janeiro. Situado à zona portuária, no bairro da Saúde. Fonte: Enciclopédia virtual Wikipedia. Acessado em 03/03/2011.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Morro\\_da\\_Concei%C3%A7%C3%A3o\\_\(Rio\\_de\\_Janeiro\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Morro_da_Concei%C3%A7%C3%A3o_(Rio_de_Janeiro))

<sup>37</sup> Estabelecimento comercial onde, à semelhança de um cyber café, as pessoas podem pagar para utilizar um computador com acesso à internet e a uma rede local, com o principal fim de acesso à informação rápida pela rede e entretenimento através dos jogos em rede ou on line. Fonte: Enciclopédia Virtual Wikipedia. [http://pt.wikipedia.org/wiki/LAN\\_house](http://pt.wikipedia.org/wiki/LAN_house). Acessado em 03/03/2011.

<sup>38</sup> Automóvel fabricado pela Volkswagen que foi lançado em 1981 e saiu de linha em 1995. Fonte: Enciclopédia virtual Wikipedia. Acessado em 03/03/2011. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Volkswagen\\_Voyage](http://pt.wikipedia.org/wiki/Volkswagen_Voyage)

expectativa de encontrar a academia aberta. Deparo-me mais uma vez com ela fechada. Mas por ter feito um prévio reconhecimento do local, ter me apresentado aos comerciantes e, principalmente, por ser amigo de um dono de bar local, sinto-me com coragem para dedicar um número de horas indeterminada no intuito de encontrar algum nativo. Almoço no Marcelo e em seguida corro para o banco da praça que fica em frente ao sobrado. O almoço foi uma estratégia para que os moradores e trabalhadores locais se acostumassem com a minha presença.

Dessa vez tive mais sorte e no primeiro quarto de hora vejo um rapaz saindo do estabelecimento, prestes a trancar as portas com imenso cadeado que dava idéia de um imóvel desativado. Apresento-me como estudante de mestrado da UFF do curso de Antropologia e informo que minha pesquisa era sobre mulheres que praticavam boxe.

O rapaz se identifica como Beto<sup>39</sup>. Ele é bem jovem, não mais do que vinte e cinco anos e, segundo o próprio, tem nível superior. Reside em uma área extremamente nobre da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Ele é da academia e reabre o espaço para que eu possa ver as instalações.

Imaginava algo maior. Assim como na fachada, a parte interna do sobrado encontra-se muito deteriorada. A construção que, do lado externo parece de dois andares, só tem um pavimento e três ambientes: um destinado à prática de luvas, com um ringue improvisado; outro onde ficam os sacos e onde se guardam luvas e peras<sup>40</sup>; e outro com uma pequena e precária sala de musculação. Em uma das paredes há um relógio, que, segundo ele, é um instrumento específico para praticantes e serve para marcar um minuto para descanso e três para os exercícios. Tudo muito modesto e, mesmo com os janelões que caracterizam a arquitetura de época do imóvel, se encontravam fechadas, o que gerava uma ausência de luminosidade e um aspecto ainda mais sombrio no local.

Beto relata que são poucos os que conseguem permanecer por muito tempo. A mensalidade custa sessenta reais e só há duas mulheres treinando, sendo que uma está afastada por problemas de coluna.

---

<sup>39</sup> Nome fictício.

<sup>40</sup> Equipamento não tão pesado quanto o saco e que desenvolve a agilidade dos socos no boxe.

Fico receoso de fazer minha etnografia em um local em que há somente uma praticante de boxe e pergunto se conhece outros lugares na cidade. Sugere a academia *Nobre Arte* (na comunidade do Cantagalo, em Ipanema, zona sul do Rio de Janeiro) e *Delfim* (no bairro da Tijuca, área nobre da zona norte do Rio de Janeiro).

Decido continuar a conversa com Beto em seu trajeto pelo Centro. Ao passarmos pelo corredor que dá acesso à Rua Acre encontramos mais dois alunos, de origem popular, e que não pagam mensalidade. De acordo com o praticante da zona sul (que devolve a chave para um deles), o objetivo desta gratuidade é que o usufruto do espaço promova nos alunos o afastamento da violência.

Beto tem liberdade de ficar sozinho na academia, assim como outros praticantes. Apesar de não ser profissional, ele compõe uma categoria amante do boxe e não faz parte de um grupo daqueles que apenas utilizam o esporte para manter uma boa forma física. Ele inclusive já participou de algumas competições.

Pergunto a ele o que o fez procurar por uma academia que a princípio aparenta ser tão carente de recursos, uma vez que poderia praticar boxe em locais muito mais confortáveis e sofisticados. Responde que este foi o primeiro lugar procurado, porque queria lutar em um ambiente tradicional. A proximidade também foi um fator estimulante, já que ele trabalha no Centro.

Os praticantes que encontramos no caminho devem ter por volta de uns vinte e cinco a vinte oito anos. Beto comenta sobre minha pesquisa e eles recomendam que eu vá à Maré, no Luta pela Paz (o espaço, referido na introdução, em que Cristina Pedroza de Faria fez sua etnografia para o Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ). Apesar de os objetos serem muito distintos, preferia escolher um espaço tradicional a um projeto social.

Os três insistem para que eu volte à academia e procure por mestre Cachorrão que me dará mais informações. Descubro pelos próprios que a academia se chama *Santa Rosa*.

Vou à procura por Cachorrão. Dessa vez chego em horário mais tardio: às dezessete horas e sou recebido por Adauto, o atual diretor. Ele diz que Cachorrão raramente aparece, pois não mora mais na cidade. No entanto, este mestre iniciou suas atividades na *Santa Rosa* - sendo identificado como *cria nossa* - e também participou



de campeonatos internacionais, mas em função da idade (vinte e oito anos) o ex-lutador só tem cumprido a tarefa de professor.

Neste dia vejo a academia muito mais movimentada. Percebo que a maioria dos alunos é de origem popular. Adauto confirma que vários são motoristas de ônibus e geralmente trabalham pelo Centro, e muitos são moradores da Praça Mauá. O diretor administra a academia desde 2001, quando um episódio marcante impossibilitou o dono (que inclusive dá nome ao espaço) de liderar a academia.

Observo outros detalhes, como as várias citações espalhadas nas paredes que depois verifico que também aparecem nas demais academias.

FBERJ - FEDERAÇÃO DE BOXE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

BOXE – HIGIENE DO CORPO E DA MENTE

O HOMEM COMEÇA A MORRER NA IDADE EM QUE PERDE O ENTUSIASMO PELA VIDA.

### **1.3 - O Marco Histórico.**

Conforme depoimentos de quase todas as pessoas com as quais convivi nestes meses de trabalho de campo, *Santa Rosa* é uma das academias de boxe mais antigas e que ainda está em atividade no município. Sua fundação é de 1960, na Rua Riachuelo, no bairro da Lapa (também zona centro do Rio), mas no ano de 1995 é que ela transfere sua sede para Rua Sacadura Cabral, na então Praça Mauá.

José Santa Rosa Lopes, militar reformado pela marinha e professor da Universidade Gama Filho, foi assassinado aos oitenta e quatro anos, em 2001, por um aluno; Desde então o espaço começou a ser administrado por Adauto, com as mesmas condições e comprometimento que o fundador da escola<sup>41</sup>. A academia recebe mensalidades de poucos alunos e o sustento do professor é proveniente de sua aposentadoria como comerciante.

Adauto explica o motivo do crime. Santa Rosa conhecia um lutador fora do estado do Rio de Janeiro que queria se promover no esporte. Para isso precisava ganhar

---

<sup>41</sup> Segundo Adauto, a missão da Academia Santa Rosa é que por meio do boxe os jovens se afastem da violência.

de um competidor que tivesse um porte parecido com o dele. Assim, a intenção era pagar alguém que se rendesse no segundo ou terceiro assalto, oferecendo três mil reais para quem se habilitasse. Santa Rosa tem a idéia de chamar este aluno, uma vez que era de confiança e de origem muito humilde. Santa Rosa mesmo o ajudou financeiramente várias vezes.

O rapaz topa a proposta e o combinado era que, receberia o dinheiro no dia da luta, já que cabia a Santa Rosa pagar somente o valor da passagem. O rapaz cumpre o combinado, se rendendo no terceiro assalto. Contudo, ele nunca mais retorna à Praça Mauá. Por estranhar a ausência, o professor decide telefonar para o adversário, que responde que o pagamento fora feito. Então, duas semanas após o contato, decide ligar para seu aluno que responde que o valor não havia sido depositado até aquela data.

Dias depois Santa Rosa o recebe em casa, acompanhado de outro homem. O professor, ao ver que um deles estava armado, reage e é morto. Uma vizinha ouve barulhos e encontra seu corpo na área externa da casa. Ao ver os dois rapazes fugindo ela aciona a polícia, que os alcança e só não os mata por ter sido impedido pela mulher.

Santa Rosa, muito querido pela vizinhança, era viúvo e deixou dois filhos que nunca se interessaram pelo boxe e, devido a essa falta de afinidade, fechariam o estabelecimento caso Aduato não assumisse as responsabilidades. Com o novo diretor, tudo permanece nos mesmos moldes do fundador: os mais humildes ficam isentos de pagamento e os mais favorecidos economicamente pagam uma pequena mensalidade, destinada à manutenção da academia. O mesmo modelo é adotado por muitos estabelecimentos cujas atividades são limitadas ao boxe, salvo a *Academia Delfim* que, apesar de privilegiar esta modalidade esportiva, dispõe de outras lutas e musculação.

Indago se há meninas praticando boxe na *Santa Rosa*. Havia quatro, mas hoje não mais. Muitas abandonam pelas adversidades da vida, mas grande parte deixa o esporte quando sabem que terão que enfrentar oponentes de fora. “Elas ficam com medo e dão logo no pé”, diz ele.

O responsável pelo estabelecimento confirma que a academia *Santa Rosa* só não funciona às quartas-feiras, dia em que tentei realizar o primeiro contato. O horário é das 17 às 20 horas, de segunda a sexta-feira.

#### **1.4 - Academia Raff Giglio**

Adauto me indica Raff Giglio, ex-aluno de Santa Rosa que atualmente administra sua própria academia na comunidade do Vidigal<sup>42</sup>, entre os bairros do Leblon e São Conrado, zona sul do município do Rio de Janeiro. Raff Giglio foi boxeador profissional e, além de tocar a academia por meio de um projeto social, é comentarista esportivo da emissora de TV BandSports.

Chego à academia em uma quarta-feira do dia dezesseis de junho de 2010. Antes, tentei fazer um contato telefônico, pois desconhecia o ambiente da favela do Vidigal, isto é, não tinha informações sobre o quanto de perigo poderia correr. Mas a ligação só dava ocupada. Embebido da enorme vontade de conhecer o espaço, decido ir sem avisar.

O ônibus me deixa na porta da comunidade, na Avenida Niemeyer. Um condutor de mototaxi<sup>43</sup> me indica a localização da academia. Era tão próximo que nem precisava de transporte. O caminhar ao local foi uma mistura de tensão com encantamento, pois no trajeto fui contemplado pela vista que a comunidade oferece para o oceano e para a praia do Leblon. Também me chamou a atenção o contraste entre a favela e os casarões e prédios de luxo ao redor, situados na mesma calçada.

Subo a ladeira e entro, por engano, na escola Stela Maris<sup>44</sup>. Peço informação ao dono de uma birosca em frente à escola que recomenda que eu caminhe pela mesma calçada, pois logo acima encontraria o local.

Ao chegar sou surpreendido com a instalação. A academia, que é um projeto social, fica em um prédio de classe média alta. Não sei se em virtude da desvalorização imobiliária, o condomínio acabou cedendo ou alugando o espaço para a realização do projeto.

Entro e me deparo com um atendente. Apresento-me e falo sobre minha pesquisa. Ele demonstra interesse, mas logo responde que não há mais meninas

---

<sup>42</sup> Segundo as informações do *site* de Raff Giglio, a comunidade do Vidigal tem em torno de 50 mil moradores.

<sup>43</sup> Transporte com a mesma finalidade que o taxi, mas realizado por meio de motocicletas.

<sup>44</sup> Centro Popular de Educação e Assistência Social Stella Maris.

praticando boxe. Recomendação do próprio Raff, em virtude da falta de comprometimento destas com o esporte, conforme diz:

*Elas só procuravam o boxe para ficar em forma. Apesar de o principal motivo do projeto ser afastar os jovens das drogas, para aqueles que têm talento é voltado para uma atividade que remeta à profissionalização. E nenhuma delas demonstrava interesse e determinação.*

Ao final da aula vejo detidamente que as instalações do projeto são muito boas. A estrutura física está bem conservada, as paredes bem pintadas e o piso de boa qualidade. As luvas também são de bom material. Há um número considerável de jovens (de treze a quinze anos aproximadamente) naquele horário. Há equipamentos de musculação e até esteira. Aliás, quando sou apresentado ao Raff, este está terminando de correr sobre uma delas. Exercitando-se na esteira ele diz que cheguei ao local errado, pois não há mais meninas no projeto. Segundo o professor, nenhuma demonstrou interesse e a única medida tomada foi de excluí-las:

*Já fazemos uma atividade gratuita e elas não aproveitam. Se não aproveita então corto!*

Pergunto se pensa em retornar com as atividades para meninas e ele responde que, apesar da proibição, muitas batem na porta na expectativa de que a exclusão acabe. Segundo Raff, talvez no futuro elas possam retornar à academia.

### **1.5 - Academia Delfim. Academia pra quem tem atitude.**

Por intermédio de Beto, rapaz que conhecera na *Academia Santa Rosa*, soube da existência da *Delfim*. Além de estar situado em uma área nobre da zona norte da cidade do Rio de Janeiro, na Rua Pereira de Siqueira nº45, Praça São Francisco Xavier, no bairro da Tijuca, o espaço dispõe de sala de musculação, *ringues* e tatames em ótimo estado de conservação, o que oferece mais infra-estrutura e conforto aos praticantes. O local é considerado o mais bem equipado do Estado do Rio de Janeiro, o que difere muito da *Academia Santa Rosa*, localizada em um sobrado cuja estrutura física encontra-se bem comprometida. O anúncio do *site* da academia é bem verdadeiro:

“Em uma área de 350 metros quadrados, a escola de boxe é composta por uma arena de boxe para treinos e competições, uma arquibancada com capacidade para 200 pessoas e dois amplos espaços para a realização de aulas. Sua infra-estrutura de primeira linha conta ainda com vestiários, ar condicionado e o bar do Pepê.

A Delfim oferece aulas diárias para iniciantes, alunos que queiram se aperfeiçoar, ou ainda, que desejam praticar uma atividade física motivadora que trabalha a força, a disciplina, e a superação de limites. Serão oferecidos ainda, workshops, palestras e aulas práticas para alunos com lutadores profissionais.

Profissionais de renome no esporte são os responsáveis pelo atendimento exclusivo e personalizado garantindo um exercício saudável que atende as necessidades de cada um.

Os alunos poderão, ainda, optar por um treinamento, nos exclusivos aparelhos de musculação Hammer em uma área própria de 150 metros quadrados localizada no primeiro andar do Centro Mais Vida, o centro integrado de esporte, saúde e bem-estar". (Fragmento retirado do *site* da academia. Fonte: <http://delfimboxe.ning.com/> Acessado em 03/03/2011)

O primeiro contato ocorreu em uma quarta-feira do dia 2 de junho de 2010, às 8 horas da manhã. O trajeto da minha casa até o local foi bastante fácil, já que utilizo somente uma condução, a linha de ônibus 410. Outra alternativa seria o metrô, cuja estação São Francisco Xavier fica a uma quadra a frente da academia.

Entro e me apresento como pesquisador. Digo à recepcionista que sou um estudante de mestrado e que gostaria de estudar mulheres que praticam boxe. Sou recebido por Raquel que trabalha até as 14 horas nos dias de semana. Ela fica bem entusiasmada com a pesquisa, e logo me conta que pratica boxe. Ela me apresenta o mestre Macarrão e outra funcionária, encarregada de assuntos administrativos.

Todos são muito receptivos e dizem que, por eles, a permissão já estava dada, mas eu teria ainda que pedir uma autorização formal ao Gabriel, dono da academia. Mesmo assim sou liberado de imediato para assistir às aulas. Mestre Macarrão me leva até o segundo andar, onde se localiza o espaço destinado às lutas. Ao sair do elevador, vejo do lado direito os sacos, ao centro o ringue e à direita os tatames.

De acordo com o *site* da academia, a *Delfim* classifica as turmas de boxe da seguinte forma:

**Boxe Recreativo I** – (3 a 6 anos de idade) – Preparação psicomotora através do boxe. Trabalha a percepção espacial, lateralidade, cadência e a descoberta do corpo;

**Boxe Recreativo II** – (6 a 12 anos de idade) – Etapa intermediária para o boxe esportivo. Trabalha os conceitos e movimentos básicos do boxe;

**Boxe Esportivo** – (a partir dos 12 anos) – Prática completa do boxe, através das várias etapas de seu aprendizado. Níveis iniciante, intermediário, avançado e profissional, com supervisão personalizada dos professores. (apud.: <http://delfimboxe.ning.com/> Acessado em 03/03/2011)

A *home page* indica que o forte da academia é o boxe. Inclusive, em um dos ícones da página, há um quadro de horários destinados somente ao boxe e outro com as demais modalidades disponíveis, como o *Muay Thai*, *Jiu-Jitsu*, *Tae Kwon Do*, Judô, Luta Olímpica, *Muay Thai Submission* e Capoeira.

Há também musculação e planejamento para novas atividades como: *spinning*, *jump*, localizada e funcional. Projeta-se também, em mês próximo, iniciar uma turma de dança, começando com aulas de samba.

O estabelecimento também dispõe de um centro de estética, chamado *Espaço Plena*, que oferece aparelhos e procedimentos como: Carboxiterapia, Eletrolipólise, Estimulação Russa, Ultra-som, Microcorrente, Destoxi-redução, Endermologia, Terapia do Toque (Drenagem Linfática Manual, Massagem Modeladora, Massagem Terapêutica, Bambuterapia, Banho de Lua), Limpeza de Pele (*Peeling* de Cristal, *Peeling* de Diamante, *Peeling* Químico), Máscaras Faciais, Rejuvenescimento (tratamento com estimulação de células tronco tecidual, massagem miofacial, eletroestimulação para redefinição de contorno facial), Botox, Preenchimentos Faciais, Depliação a Laser, Atividade Física para Grupos Especiais, Treinamento Funcional, Pilates, *Power Plate* e Reabilitação do Pós-cirúrgico.

Macarrão me apresenta mestre Romero, que veio de Cuba especialmente para ministrar aulas de boxe no Rio de Janeiro, através de um convênio com o Brasil e há dois anos vive na cidade. Romero diz que a realidade cubana é muito distinta da brasileira, já que o esporte na vida nos cubanos começa na infância, sendo impossível alguém com idade adulta ter espaço para iniciar-se em qualquer modalidade esportiva, como ocorre no Brasil.

Ao ouvir o relato de minhas intenções na pesquisa, o professor ressalta que a prática do pugilismo é proibida<sup>45</sup> entre mulheres em seu país. De acordo com a presidente da Confederação de Esportes de Cuba, *os socos proporcionam riscos nefastos na região dos seios*, além de ressaltar ser a prática do pugilismo *verdadeiramente nociva para mulheres quando estão menstruadas*<sup>46</sup> e que *no México o boxe feminino não é só permitido como também há grupos só de mulheres que marcam combates em plena rua*.

Neste dia posso ver como as brincadeiras entre os professores sempre remetiam à masculinidade. Macarrão brinca com Romero, dizendo que ele estava olhando para a *bunda* pelo espelho. Em todos os momentos há comentários pertinentes à virilidade. Romero rebate, dizendo que em Cuba os meninos não são tratados como os brasileiros, por diminutivos.

*Ruben e não Rubenzito!*

Nisso chega Gabriel, dono da academia. Sou a ele apresentado por Macarrão e ele aceita de imediato a minha pesquisa, inclusive nem exige a carta do meu programa de pós-graduação. Mas logo me alerta com uma afirmação: *Aqui as mulheres não vêm pra praticar boxe. Vêm para ficar em forma*.

Gabriel também entra na brincadeira e chama o Macarrão de Laffond, artista negro e homossexual que se apresentava em programas humorísticos na TV Globo nos anos 80 e 90 do século XX. A aula das 9 horas começa. Macarrão se despede e permaneço na sala com o assistente e com Romero.

Há poucos alunos neste horário. Romero justifica pelo fato de estarmos na véspera de um feriadão. Nesta aula há uma menina de aproximadamente 20 anos. Ela é bem dedicada, magra e demonstra uma preocupação com a aparência, já que usa roupas esportivas de marca, o cabelo comprido e preso e também usando batom. Não tenho oportunidade de conversar com ela. Há também outra, mas que não faz a aula deste horário. Também é magra, com uma tatuagem que cobre todas as suas costas. Seu andar é mais rígido do que a outra, mas as vestimentas são rosa, cor bastante usada por pugilistas mulheres.

---

<sup>45</sup> Muitas modalidades esportivas, sobretudo o futebol, foram também proibidas no Brasil a partir do Decreto-Lei de 3.199 de 1941, vigente até 1975.

<sup>46</sup> Emily Martin (1982), no artigo “A Mulher no Corpo: Uma análise da reprodução” mostra como a literatura médica associa o corpo masculino ao vigor e potência e ao feminino à degradação.

Logo após Romero dizer que muitas das meninas pedem para entrar no ringue com homens a menina que acabei de descrever, a da tatuagem, começa a lutar com um homem. Contudo, ao perguntar se ela estava lutando em pé de igualdade, Macarrão diz que eles pedem para que os rapazes *peguem leve, que não se empolguem tanto quando for lutar com uma delas*.

Neste horário também há uma senhora com setenta e oito anos. Ela é bem iniciante e tem muita dificuldade com os exercícios. No dia 29 de dezembro de 2010, o programa Globo Esporte<sup>47</sup>, da Rede Globo de Televisão, havia realizado uma matéria relatando o seu processo de superação. Dona Maria sofreu um derrame cerebral há vinte anos, o que prejudicou bastante os movimentos do lado esquerdo do corpo. A matéria mostra os avanços que esta senhora teve no tocante à saúde através das aulas de capoeira e, recentemente, com o boxe na *Academia Delfim*.

REPÓRTER - A história no boxe é mais recente. Dona Maria começou a treinar há cinco meses. E apesar de chamar atenção entre outros atletas, já se sente à vontade no ringue. (...) o movimento favorito não tem nada de delicado.

DONA MARIA - Eu to gostando desse tal de cruzado.

REPÓRTER - Agora repare nas mãos de dona Maria.

DONA MARIA - Olha como eram todos os meus dedos? Tudo enroladinho! Com a luva, com isso, eu to melhorando!

REPÓRTER - Mudanças no corpo e no astral.

DONA MARIA - Se não fosse isso, o que seria da minha vida? Monótona, sentada, não dá! (risos) (Globo Esporte, 29/12/2010)

Dona Maria confirma a declaração da academia de que, mesmo sendo um local voltado para a prática e aprendizagem do boxe tradicional, não há distinção de faixa-etária e que recebem também portadores de necessidades especiais. Segundo a página eletrônica da instituição, o objetivo é a promoção da saúde e do bem estar dos alunos, propondo-se a, “por meio de uma atividade física saudável, estimular o

---

<sup>47</sup>Matéria extraída do site de vídeos youtube. Acessado em 28/02/2011. <http://www.youtube.com/watch?v=2DMsQ-whygU>



desenvolvimento corporal, a superação de limites, a disciplina, a socialização e a inclusão através do boxe. E conseqüentemente, desmistificar o boxe como um esporte violento e divulgá-lo para toda a sociedade”. (Fragmento retirado do *site* da academia <http://delfimboxe.ning.com/> Acessado em 03/03/2011)

Em relação ao público, o da *Delfim* também é bem distinto. Se na *Academia Santa Rosa* e *Raff Giglio* predominam alunos oriundos da classe trabalhadora, na *Academia Delfim* o público é formado por uma classe média alta, disposta a pagar por uma mensalidade cara em troca de conforto e também de acesso aos professores oriundos de Cuba, país de destaque na tradição de boxe.

Noto que o horário mais apropriado para o encontro com as alunas mulheres seria o noturno. De acordo com o meu planejamento, a visita neste horário seria iniciada na semana seguinte, visto que entraríamos em um feriadão e as chances de encontrar o público feminino seria menor. Contudo, sou surpreendido com o encaminhamento de notícias que surgiram a partir do dia 5 de junho de 2010, que me faz realizar uma radical mudança de planos.

Tenho a sorte de chegar dias antes de iniciar um curso de atualização para treinadores de boxe, a ser ministrado por Romero que, por sinal, me convida para o acompanhamento do curso. Certamente não rejeitei a oferta, até porque, se não encontrasse nenhuma mulher neste curso, pelo menos as aulas poderiam minimamente me auxiliar nos fundamentos do boxe.

No sábado, dia 5, portanto, seria o primeiro dia de aula. Como eu havia previsto, por causa do feriadão só aparece um aluno, o que não é suficiente para iniciar o curso. Mas nada está perdido, ao contrário, pois antes do horário da aula (as aulas são somente aos sábados das 13 às 14 horas) consigo informações interessantíssimas para a continuidade do campo, principalmente na decisão sobre onde trabalhar. Fico sabendo pelo funcionário Maurício que há uma academia de boxe onde predominam as mulheres. Fico emocionado com a notícia, visto que me encontrava um tanto preocupado com uma suposta escassez de alunas. Outro dado também que me anima muito são as razões de esta academia receber mais mulheres do que homens no boxe, como explico mais adiante.

Pergunto a Maurício onde fica essa academia e ele diz que é ele mesmo quem dá as aulas, na localidade de Augusto Vasconcelos, no bairro de Campo Grande, zona oeste do município do Rio de Janeiro. O espaço se chama *Physical*. Maurício tem um filho de nove anos que também pratica boxe. No intervalo de uma aula para outra ele treina os principais movimentos com o menino no ringue, certamente transmissão de um patrimônio cultural.

Fico no andar de cima, na sala de lutas, esperando a próxima aula começar. O filho de Maurício me observa. Puxo assunto e ele me pergunta se treinou direito. Digo que ele “arrebentou”! Pergunto se no andar acima funciona alguma coisa e ele me convida a fim conhecer a clínica de estética que existe lá. Aceito o convite e entramos no elevador. Ao entrarmos, ele aperta o primeiro andar. Pergunto o porquê de ele ter feito isto. Ele responde que não é funcionário e que chamaria alguém para apresentar as instalações. Digo então que não precisa. Mas não tem jeito. Ele entra na administração da academia e chama a atendente Juliana. Assim como Raquel (receptionista que encontrei na visita anterior), ela também faz boxe, mas me conta que praticará *Muay Thai* porque de vez em quando ela dá uns chutes, o que não é permitido no boxe. Raquel revela que no momento está investindo mais na musculação porque esteve afastada por um período dos esportes e precisa ganhar mais força.

Digo a Juliana que não precisa mostrar o prédio todo, mas ela acaba apontando uma sala no primeiro andar, onde se localiza a parte administrativa: abre a porta que dá para uma sala enorme, cheia de tatames, que será alugada para outra modalidade de luta e que contará com o patrocínio da Caixa Econômica Federal. No total, a academia possui quatro andares: no primeiro, fica a administração e a sala cedida para esta modalidade; o segundo é voltado exclusivamente para as lutas; o terceiro para a prática de musculação; e no quarto andar fica o centro de estética.

Com uma infra-estrutura tão completa, a *Academia Delfim* é apropriada inclusive para a promoção de campeonatos. A realização deste empreendimento foi um grande sonho de Gabriel, que iniciou suas atividades no boxe por influência do avô, o ex-boxeador Delfim de Almeida Ribeiro, e que lhe presenteara com um saco ainda na infância. Gabriel mantém estreitas relações com outra tradicional academia, a *Nobre Arte*, a qual descreverei posteriormente. Além da visível influência, a começar pelos signos cubanos presentes em ambos os espaços, Gabriel continua a compor o quadro de

atletas da *Nobre Arte*. Inclusive Claudio Coelho, renomado treinador de boxe, conhecido internacionalmente e hiper solicitado por atletas que competem em modalidades como o *MMA* é um dos donos e também conselheiro da *Delfim*. De acordo com alguns interlocutores da *Nobre Arte*, a *Delfim* fora construída também para aqueles que não podem subir o morro: juízes, policiais, que, por questões de segurança, não frequentavam a academia no Morro do Cantagalo, *comunidade* localizada no bairro de Ipanema, zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

Maurício, além de relatar suas aulas em Vasconcelos, exhibe para mim alguns vídeos promovidos pelas duas academias (*Physical* e *Delfim*). Durante a conversa, chegam os alunos para a aula das 15 horas. Juliana indica umas alunas que considera bem dedicadas. Dentre elas, uma que pretende se profissionalizar.

Maurício me adverte sobre o início da aula. Subo e inicio a observação. Considero a turma (para um sábado feriado) bem cheia. Compareceram 21 alunos, dos quais cinco eram mulheres. Durante os treinos aeróbicos (pular corda, corrida, corrida com pesinhos) constatei que as meninas apresentavam-se separadas. No entanto, a partir do momento de vestirem as luvas, as duas mais experientes se juntam e uma loira, menos experiente, se aproxima de outra aluna, que se apresenta em trajes um pouco mais extravagantes: conjunto roxo e luvas rosas.

Conforme o padrão nacional, observados notadamente nas representações midiáticas, não identifiquei traços de masculinidade na outra dupla, apenas mais técnica. O físico também era diferente. Mais definidas, enquanto a de roxo e a loira com os corpos mais volumosos: barriga não definida e coxas mais roliças, padrão este mais apreciado pelas classes populares.

O treino começa com elas pulando corda, depois correm dando socos com pesinhos nas mãos, abdominais e, por último, o momento de golpear o saco. Romero seleciona os alunos mais inexperientes para outro exercício, cuja finalidade é ensinar mais técnica para socar. Das meninas, a loira é a única que fica neste grupo. Das luvas observadas, pude ver que as cores usadas pelo público feminino eram rosa, azul e preta. Já os homens vestiam luvas preta, amarela e branca.

O golpear o saco é o momento de se observar a diferença mais evidente de sexo. É a parte mais difícil da aula, pois é bem pesado e as meninas não conseguem apresentar o mesmo desempenho dos rapazes.

Em relação ao campo, vejo, principalmente por parte dos professores, a insistência de se realizar uma entrevista. Romero já me perguntou duas vezes se não ia entrevistar as meninas. Digo que a entrevista é importante, mas não é necessária no momento, que agora só estava me ambientando. Noto que eles acham esquisito e não conseguem entender direito o meu trabalho. Percebo que quase todos pensam que estou lá para realizar algumas entrevistas, ainda que não seja confundido com um jornalista. Outros acham que estou fazendo um trabalho da faculdade. Alguns já perguntam se faço Educação Física. Por ser novo neste ambiente, estou sempre explicando os fundamentos da pesquisa.

Termino este dia com uma grande expectativa para conhecer a academia das proximidades de Campo Grande. Maurício diz que as aulas são as terças e quintas-feiras (das 6 às 7 horas e das 8 às 9 horas da manhã). A academia fica bem perto da casa de show Big Field e o melhor meio de chegar é viajando pela linha de ônibus 397, que faz o percurso pela Avenida Brasil<sup>48</sup>.

### **1.6 - *Academia Physical***

A primeira visita foi realizada no dia 8 de junho de 2010. O trajeto é um tanto distante do meu local de moradia e, como as atividades começam na parte da manhã, tenho que acordar de madrugada para chegar no horário. Para acompanhar a turma das 6 horas, levanto às quatro. Contudo, estou convencido de que o esforço é válido, principalmente quando me deparo com turmas de mulheres.

Ao sair de casa me deparo com a escuridão da noite e com o ar sombrio das ruas do Centro. Percorro o bairro da Lapa<sup>49</sup> e vejo um cenário vazio, onde divido a cena com moradores de rua e bêbados. Sinto-me extremamente tocado ao ver uma mendiga comendo lixo. Ao atravessar a Rua do Lavradio sou tomado pelo medo ao ver um

---

<sup>48</sup> Maior avenida em extensão da cidade do Rio de Janeiro.

<sup>49</sup> Região histórica do Centro do Rio de Janeiro famosa pela boemia, pela programação cultural, e principalmente pelos Arcos da Lapa; um dos cartões postais da cidade e que faz a ligação do centro com o bairro também histórico e boêmio de Santa Teresa.

sujeito parar dois homens para acender seu cigarro. Ando praticamente sozinho até o ponto de ônibus, na Avenida República do Chile.

Pego a linha 397. Não sou o único a entrar. Embarcam outros transeuntes, trabalhadores e aqueles que voltavam da balada da Lapa. Peço ao trocador que me indique quando o ônibus passar pela casa de show Big Field. Tanto eu quanto ele somos pegos pelo sono e acordo no ponto final, no terminal de ônibus de Campo Grande. Tenho que pegar outro ônibus e acabo chegando vinte minutos atrasado.

Encontro-me sonolento e sem saber identificar de pronto a academia. Sei que fica próxima à casa de *show*, na Avenida Santa Cruz, bem em frente à garagem da empresa de ônibus Jabour e que, percorrendo a estrada em direção a Campo Grande, darei em uma bifurcação, a partir da qual seguirei à esquerda, onde encontrarei outra grande avenida e afinal, quando chegar na frente de um *sacolão*<sup>50</sup>, é só entrar na rua em que este comércio faz esquina. Ao chegar à academia, situada na Estrada Moriçaba, me vejo de frente ao CIEP (Centros Integrados de Educação Pública) Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda e de um enorme centro gerontológico.

A localidade aparenta ser bem pacata. Não há prédios, nas ruas transversais quase não passam carros e também não há um intenso fluxo de circulação de pessoas. Em alguns momentos nem imaginava que estava no Rio de Janeiro e, sim, em uma pequena cidade do interior.

Quase ao chegar, percebo os acenos de Maurício - estagiário da *Delfim* e professor de boxe da *Physical* – no terraço da academia, espaço este destinado às práticas do boxe e do *jiu-jitsu*. Entro, mas não sou recebido com a mesma cordialidade das academias anteriores. Quem me atende é um funcionário que pergunta se sou aluno. Tento explicar meu objetivo, mas ele me corta e diz se estou interessado em conhecer o espaço. Digo que sim e ele libera a roleta para eu passar.

Os equipamentos parecem ser bons. Há bicicletas ergométricas e esteiras. No último andar fica a sala para lutas. A casa também tem duas lojas cujas entradas dão diretamente para a rua e não fazem comunicação com a academia. Uma delas é alugada e na outra funciona uma lanchonete administrada pelo Fabrício, dono do estabelecimento. Ele é lutador de *MMA* e atualmente treina boxe com Maurício, que

---

<sup>50</sup> Supermercado popular.

começou as atividades nesta academia por intermédio de um amigo que estava precisando entrar em forma em um curto período de tempo. Sem espaço adequado para oferecer a ele, o amigo apresenta Fabrício e, a partir de então, o professor inicia seu trabalho neste espaço. Com a divulgação desta atividade surgem muitas mulheres interessadas, permitindo assim a oferta de duas turmas. Segundo Maurício, a academia já teve outro professor de boxe, com uma turma com mais de vinte alunos, mulheres em sua maioria. Maurício está na *Physical* desde maio de 2010.

Na verdade o espaço destinado à luta é um terraço fechado, praticamente sem paredes. Há somente um tatame. Não existe um ringue, mas há pinos para colocar sacos. Fico impressionado com o frio que fazia neste dia. Esta região de Vasconcelos costuma ser uma das mais quentes da cidade durante o verão; não sabia que no inverno a temperatura era tão baixa. Bangu, bairro vizinho, costuma marcar a temperatura mais elevada de todo o Rio de Janeiro. Maurício disse que na região faz muito frio e muito calor porque o clima é seco.

Maurício me apresenta. Na turma das 6 horas da manhã há somente três inscritos: Sonia, Sidney e Fernanda, que é também praticante de *jiu-jitsu*. Eles me recebem bem. A rotina de exercícios começa com a corda. Todos têm que pular muito. É um exercício que considero difícil, pois exige boa coordenação motora e resistência. Em todas as academias que passei constatei essa dificuldade por parte de quase todos os alunos.

O passo seguinte é golpear com pesinhos. Nesta etapa aprendem-se as técnicas de ataque e o jogo dos quadris para defesa e equilíbrio do corpo. Maurício pede que todos façam passes (ou socos) curtos, de modo que protejam a região do rosto.

Ele diz que um soco dói muito. A sensação é a de um chocalho. Por isso muitos caem quando recebem um golpe no queixo. Ao mesmo tempo em que pede golpes curtos, o professor exige cuidado para que o pesinho não esbarre no queixo. Muitos já tomaram pancadas por não saberem medir direito a altura dos golpes.

A seção seguinte é correr pelo tatame também com os pesinhos na mão. No final da aula, Maurício pede que as duas mulheres entrem em combate. Sonia, que não praticava nenhuma arte marcial, fica com medo e diz para Fernanda pegar leve – ela

sabe que a adversária gosta de boxe, mas não abre mão do seu *jiu-jitsu*. Fernanda pratica há três anos e já concorreu a vários campeonatos. No boxe está somente há um mês.

*Estou há mais tempo e acho que quando a gente sabe mais acabamos apreciando mais também, por isso prefiro o jiu-jitsu.*

Fernanda tem trinta anos e trabalha para uma firma de conserto de equipamentos odontológicos. Sonia é dona de casa e faz aula também no horário seguinte. Fernanda recomenda que eu faça boxe, mas ainda não havia tomado nenhuma decisão se a prática do boxe pra mim seria favorável ou não para a inserção no campo.

A aula termina e Fernanda corre para não se atrasar no trabalho. Sonia segue para a bicicleta ergométrica, assim como Sidney, senhor que praticou aula com elas. Neste momento sou apresentado ao dono da academia, Fabrício, que, assim como Gabriel, dono da *Academia Delfim*, me libera para o trabalho de campo.

O relógio dá oito horas e começamos a segunda aula do dia. A turma é maior, com 4 mulheres e um homem bem jovem, de aproximadamente vinte anos. Como na *Santa Rosa* e *Delfim*, nenhuma das meninas se apresentou com um padrão pré-concebido como masculino. Das luvas que vi, as cores predominantes eram rosa, verde, preta e vermelha.

A aula começa com uma sessão de alongamento, depois corda, polichinelo com pesinho e corda por trinta segundos. Flexão e peso alternado. Maurício exige mais dedicação dos alunos e provoca: *Vocês vieram aqui para malhar ou tomar cerveja?*

Logo depois pede mais abdominal e flexão. Uma aluna pára para beber água. Ele não faz grosseria, mas repreende de maneira educada: *Aqui vocês podem beber água. Quero ver na Delfim.*

Uma das alunas que pratica boxe é noiva de Maurício. A motivação dela é uma rápida perda de peso e definição muscular. O próprio professor confirma que muitas mulheres procuram o boxe porque além de queimar caloria rápida é um esporte completo e que exige quase todos os músculos. Principalmente o *Muay Thai*.

A noiva dele conversa com outra colega e mais uma vez Maurício repreende:

- *O que vocês estão cochichando? Novela? Gianechini*<sup>51</sup>?

- *Não vejo novela, é mais fácil você perguntar como foi a Tela Quente.*

Maurício me olha e diz:

- *Viu? Mulheres no boxe!*

Saio muito entusiasmado com a riqueza de dados que estas duas turmas me proporcionaram. Ainda que tanto a ida quanto a volta fossem deveras complicadas, visto que o retorno ao Centro, em virtude do horário, é uma hora mais lenta em função dos engarrafamentos na Avenida Brasil (ou das paradas em inúmeras estações, caso retorne via trem), o esforço é muito recompensado. Contudo, continuo na busca por outra academia para fazer a comparação.

### **1.7 - Academia Nobre Arte – Seja bem vindo ao templo do boxe.**

*Nobre Arte é a alcunha do boxe. Porque quem praticava boxe, na época eram os nobres. Por isso a alcunha nobre arte. E por gostar muito de uma parte técnica, quando eu quis dar um nome à academia, eu falei o quê? Vou botar Nobre porque é uma nobre, sabe, esse tipo de coisa. E isso ajudou até a desmistificar que o boxe era tão violento. E daí eu botei Nobre Arte.*  
(Entrevista com Claudio Coelho, dono da Academia Nobre Arte)

No dia 2 de junho de 2010, às 15 horas, tenho o prazer de conhecer a *Academia de Boxe Nobre Arte*. Ao sair da *Academia Delfim*, pego o Metrô na estação São Francisco Xavier e sigo até a estação Cantagalo, em Copacabana<sup>52</sup>. Ao chegar à rua percebo que havia feito uma grande confusão, pois associara o nome da estação ao da comunidade, só tomando consciência do ocorrido ao chegar à Rua Barata Ribeiro, uma das principais vias que cortam o bairro de Copacabana. Por metrô, a estação mais indicada é uma pequena saída da General Osório<sup>53</sup>, em Copacabana, entre as ruas Sá Ferreira e Bulhões de Carvalho. A partir deste ponto é só percorrer pela Sá Ferreira, atravessar a rua Raul Pompéia até chegar à esquina com a rua Saint Roman.

Após percorrer diversas quadras, descubro que há uma Kombi que sobe a Saint Roman, onde se situa a comunidade do Pavão-Pavãozinho. Esta também é uma opção

---

<sup>51</sup> Ator da Rede Globo de Televisão, considerado um referencial de beleza masculina.

<sup>52</sup> Bairro situado na zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

<sup>53</sup> Estação de Metrô em uma das principais praças do bairro de Ipanema. Possui três saídas: a principal para a praça que dá nome a estação, na Rua Barão da Torre e na Rua Sá Ferreira, em Copacabana. Fonte: Metrô Rio. [http://www.metrorio.com.br/estacao\\_ipanema-galosorio.htm](http://www.metrorio.com.br/estacao_ipanema-galosorio.htm) Acessado em 03/03/2011.



para quem vai ao Cantagalo. Na verdade, há uma conurbação entre essas duas favelas, ainda que o Cantagalo esteja em Ipanema e o Pavão-Pavãozinho em Copacabana.

Este é o caminho ideal para quem usa carro ou moto. Subindo a Saint Roman há uma continuação que se chama rua Principal, que atravessa o Pavão-Pavãozinho até o Cantagalo. O ponto final da Kombi termina exatamente em frente ao prédio em que funciona a academia de boxe e que é propriedade do CIEP (Centros Integrados de Educação Pública) Presidente João Goulart, popularmente conhecido por Brizolão, e onde há também a base da Unidade de Polícia Pacificadora – UPP.

Outro trajeto possível é subir pela Rua Antônio Parreiras, em Ipanema. Mas o caminho não é muito frequentado em virtude da falta de condução, sendo utilizado geralmente por quem está com algum veículo.

Para aqueles que não queiram pagar passagem, há outro caminho, também em Ipanema, pela rua Alberto de Campos<sup>54</sup>, número 12, onde dois elevadores levam diretamente ao Brizolão. Uma opção bem cômoda, mas que impede um contato direto com as comunidades. Esses dois grandes elevadores seriam destinados a transportar as pessoas que se hospedariam no Hotel Panorama, um ambicioso empreendimento com vista para as praias de Ipanema, Leblon e Lagoa Rodrigo de Freitas, projetado nos anos 70 do século XX. Apesar do grande avanço das obras, o hotel nunca chegou a existir, sendo a propriedade passada para o CIEP Presidente João Goulart. Mesmo com a gratuidade, o horário de funcionamento é um pouco limitado. Às 18 horas os elevadores são desligados.

Um outro elevador, panorâmico, dentro da Estação de Metrô General Osório, na saída para Rua Barão da Torre, proporciona ao passageiro uma linda paisagem da praia de Ipanema. Inclusive, no último andar, há um mirante para quem queira apreciar melhor este cartão postal da cidade. A diferença é que, para quem deseja ir para a academia de boxe ou para demais projetos do Brizolão, tem que subir um bom pedaço, além de percorrer alguns becos que confundem o trajeto para quem não é morador, visto que são todos muito parecidos.

---

<sup>54</sup> Última rua que corta o bairro de Ipanema. Paralela à Visconde de Pirajá e Prudente de Moraes. Para quem vai do Centro e queira pegar o elevador, a melhor alternativa é saltar na Rua Prudente de Moraes com a Rua Farne de Amoedo. Seguir até a última quadra desta, em direção à Lagoa, aonde chegará à Rua Alberto de Campos. Logo à esquerda encontra-se o elevador que leva até a *Academia Nobre Arte*.

De acordo com a biografia de Claudio Coelho (idealizador da academia *Nobre Arte*), até 1990 o prédio não era totalmente ocupado, o que facilitava a ação do tráfico de drogas, o vandalismo e o seu uso para encontro de casais que *faziam das salas desativadas verdadeiros motéis*. A partir de 1990, Claudio pede autorização à diretora da escola, que cede o espaço para a construção da academia. Anos mais tarde chegaram outras instituições que atendem não só à comunidade local, mas também a pessoas de diversos lugares do Rio de Janeiro.

“Apresentei-lhe a proposta de juntos amenizarmos a desordem existente, explicando que uma academia de Boxe daria ocupação aos moradores daquelas três comunidades, que não podiam pagar pela prática de um esporte. Prometi também atuar como mediador entre os moradores e a direção do CIEP. Minha estratégia era convocar esses jovens para ajudar na recuperação e preservação do espaço que seria útil às três comunidades.

Sugeri a ocupação dos demais espaços ociosos com outras atividades para os jovens da comunidade, e assim diminuir o problema administrativo com relação a limpeza e vigilância do CIEP. As salas utilizadas como motel na madrugada representavam um convite; se ‘mente vazia é oficina do diabo’, sala vazia também o é.

A diretora aceitou a proposta e prometeu acompanhar os resultados. Aquela reunião deu-se numa quinta-feira. Fizemos um mutirão e já no sábado tínhamos vinte pessoas trabalhando na limpeza munidos de vassoura, balde, mangueira, desinfetante, pá e saco pra retirada de entulho. Invadimos o local às dez horas da manhã e terminamos às três e meia da tarde, deixando o lugar livre do lixo, do entulho e do mau cheiro.

A tarefa seguinte foi uma sala completamente danificada; o mesmo grupo ajudou a colocar as portas e fechar os vãos das janelas com chapas de madeirite resinada. Demos uma pequena melhoria na parte elétrica, pois não tínhamos dinheiro pra fazer um reparo geral. Ao final de quatro semanas a sala já apresentava condições para uso como academia e em maio de 1990 inauguramos a Academia de Boxe Nobre Arte no CIEP, recebendo vários jovens em busca de oportunidade no esporte e no trabalho de recuperação do CIEP João Goulart”. (Coelho, 2010: 37)

“Em seis meses já tínhamos uma realidade totalmente diferente dos períodos anteriores, com a diretora cada vez mais integrada ao nosso trabalho, e os grandes problemas que ela antes enfrentava iam diminuindo, facilitando o seu trabalho”. (idem, :39)

“Após dois anos e meio no CIEP João Goulart a Academia Nobre Arte já tinha aproximadamente 120 alunos em três turnos. Foi o início de uma nova era para o Boxe no Rio de Janeiro, principalmente para a nossa comunidade que, sem apoio de patrocínio, apenas com o entusiasmo por ter seu espaço para treinamento da maneira que desejávamos, superava tudo com dedicação e garra”. (ibidem, :40)

Portanto, de acordo com Claudio Coelho, a partir de 1991 a direção do CIEP criara o NACCI – Núcleo Artístico Cultural CIEP de Ipanema, coordenado pela

professora Carla Kozlowski Marques, e com doze oficinas: Artes Cênicas, Alongamento e Relaxamento, Cerâmica, Construção, Culinária, Dança, Desenvolvimento Interpessoal, Flauta Doce, Jardinagem, Pintura em Tecido, Teatro e Serigrafia.

Por meio da diretora Rosa Batista, a *Academia Nobre Arte* foi inserida no NACCI e a partir desta iniciativa outros projetos começaram a se instalar nas dependências do CIEP.

Atualmente, neste prédio funcionam dezessete instituições: CRJ - Centro de Referência da Juventude (mantido pela Secretaria de Assistência Social); *AfroReggae* (ONG que oferece atividades socioculturais para jovens moradores de favelas); *Criança Esperança* (Projeto social promovido pela Rede Globo de Televisão); FAETEC (Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro); UPP (Unidade de Polícia Pacificadora); *Corte e Arte* (cooperativa de mulheres costureiras); *Dançando para Não Dançar* (projeto de dança que também funciona nas comunidades Babilônia, Mangueira e Santa Marta); *Academia Styllus* (Dança de Salão – CRJ tem um projeto com eles); *Capoeira Corpo e Movimento*; *Jiu-Jitsu Meninos do Morro* (UB); *VB Jiu-Jitsu*; CIEP; *Rádio Comunitária Panorama FM*; *Associação das Padeiras Pão e Vida*; *Surf Favela* (Projeto Social e Escola de Surf); *Favela Surf Club* (Projeto Social e Escola de Surf); e *Academia Nobre Arte*.

Vale ressaltar mais dois outros projetos sociais que, apesar de não estarem situados no CIEP, compõem o quadro de instituições sociais de que as comunidades Cantagalo e Pavão-Pavãozinho dispõem: o *Museu de Favelas – MUF*<sup>55</sup>, uma ONG de integração com moradores das comunidades cujo objetivo é “a realização de um plano cívico por meio da valorização da memória cultural coletiva e do desenvolvimento territorial e turístico”; e o *Projeto Rio Arte Popular*, cujo objetivo é o turismo na favela.

---

<sup>55</sup> Fonte: <http://www.museudefavela.com.br/seja-parceiro/> Acessado em 03/03/2011.

## **1.8 - Academia Nobre Arte e Meninos do Boxe – ou vice e versa.**

A academia Nobre Arte também possui um projeto social chamado *Meninos do Boxe* que recebe apoio no custeio de passagens em períodos de campeonato pela empresa de ônibus Itapemirim e uma parceria com o CRJ, a qual dispõe de uma oficina comandada pela professora de boxe Kátia Marcos.

Contudo, o que garante a sustentabilidade tanto da *Nobre Arte* quanto do seu projeto social são as doações de grandes expoentes do boxe, de atletas de outras modalidades de luta e alunos que não são da comunidade, definidos como *do asfalto*, que contribuem com uma renda mensal para o projeto.

*O que eles pagariam, por exemplo, por uma academia na rua, eles dão uma ajuda de custo para o nosso projeto. (Kátia, professora da academia)*

Segundo Kátia, o valor de contribuição mensal é relativo.

*PEDRO – Essa ajuda material é homogênea ou o valor da mensalidade é compatível com a condição do aluno?*

*KÁTIA – É muito relativo. Varia muito. Porque na maioria das vezes temos trabalhadores da classe operária, vamos botar assim. Da classe operária que eu digo o assalariado. Eu posso estipular pra ele que pode doar 150 reais por mês. Ou eu posso dizer pro empresário:*

*- Olha, você pode fazer uma doação de X por mês?*

*É diferente. Porque a gente chamaria: ele tá pagando a aula dele.*

Para o morador, é garantida a gratuidade. Dentre pagantes e assistidos pelo projeto social há em média quinhentos alunos. Não há uma rigidez no método seletivo, mas o critério de escolha é vir com uma referência de quem esteja ou já tenha passado pela academia, no caso de maiores de dezoito anos; ou que esteja matriculado na escola, no caso dos mais jovens. Matriculado, o comportamento deste jovem é avaliado dentro e fora da academia.

*Então qualquer problema com qualquer aluno que esteja ligado dentro do projeto tem dentro das escolas a relação dos alunos que fazem parte do projeto. Ela dirige e manda correspondência e a gente vai até o local e automaticamente, dependendo do delito que esse jovem cometeu, ele tem a suspensão dentro da academia. Principalmente se usou de força ou violência pra agredir alguém. (Kátia, professora da academia Nobre Arte)*

Além do comportamento, há o acompanhamento do boletim escolar por meio de parcerias com as escolas locais. Entretanto, a permanência na academia não está diretamente relacionada ao bom rendimento em sala de aula.

*PEDRO – E há um controle em relação às notas dos alunos?*

*KÁTIA – O controle em relação às notas dos alunos é mais o susto psicológico mesmo pra fazer com que ele se motive a passar a série. Mas não necessariamente uma obrigação nossa. Então é mais o psicológico.*

*- Se você não tiver nota a gente não sabe se assegura a sua vaga!*

*A gente nem tem estrutura pra tanto.*

De acordo com Kátia, a idéia de criar o projeto *Meninos do Boxe* foi em função do número de crianças, filhos dos alunos, que permaneciam na academia enquanto seus pais faziam as aulas. A possibilidade de manter essas crianças em um local com condições apropriadas e a vontade destes em praticar o esporte impulsionou a realização da proposta. Em 2003, quando Kátia terminou o curso de treinadora promovido pela Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro, recebeu o convite de Claudio Coelho para montar o projeto e dar aulas.

*Não levei fé, mas era ele que tava falando! E o que é que aconteceu? Ele me pegou e me fez essa proposta. Fui fazer o curso pela Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro. O curso me deu uma bagagem muito grande, onde sou o que sou hoje, agradeço tudo o que me repassaram, foi um curso de um mês e pouco, aonde eu era que nem um homem. Ninguém me distinguia porque eu era mulher. Muito pelo contrário. Só não fazia aquilo o que minha capacidade humana não me permitia. É de estrutura óssea. Física completamente diferente. E o curso era aos sábados, de 8 da manhã até as 4 horas da tarde. Então naquele sábado, durante o período do curso, eu não era ninguém. Que eu acabava destruída, muito, muito cansada mesmo. O que que me foi dado? Me foi dada a oportunidade do professor, quando sentiu essa pressão, depois de dado o meu curso concluído, me fez a proposta de que a Nobre Arte abrisse um projeto que lidasse com os jovens. E que taxassem em uma categoria de idade. Uma faixa de idade permitida por lei, nesses trâmites. No começo, começamos com 10, depois passamos pra 15, 20, 30, 40 e hoje sucessivamente, milhões. (Entrevista com Kátia, professora da Nobre Arte)*

A diferença do jovem assistido para o adulto e morador da comunidade é que, enquanto o segundo só tem a gratuidade, o primeiro, que está na faixa dos sete aos vinte e nove anos, é contemplado com assistência dentária e atendimento psicológico por meio de parcerias com outras instituições.

Segundo Kátia, há anos que o projeto não recebia financiamento do governo.

*Não foi por parte de investidas do Professor Claudio Coelho, de pegar, de ir na Secretaria de Desenvolvimento Social, Esportiva, nunca ninguém se interessou. Pelos anos da Nobre Arte e a filial dela, obviamente que é a Meninos do Boxe, ninguém nunca se interessou. Ninguém do governo se interessou em ajudar o projeto.*

Entretanto, no ano de 2010, o CRJ (Centro de Referência da Juventude) realiza uma parceria com o projeto, a qual possibilita à professora a abertura de mais um horário, três vezes na semana, para atender mais crianças e confeccionar camisas para divulgar o órgão.

O predomínio de logos do *Criança Esperança* pela fachada e corredores do Brizolão promove uma idéia equivocada de que este projeto domine o prédio. Inclusive há uma hostilidade por parte das demais instituições do local em relação e esta iniciativa das empresas Globo. Eu mesmo, que tentei visitar quase todas as instituições, só teria a permissão para conhecer o *Espaço Criança Esperança* mediante uma solicitação à ONG Viva Rio<sup>56</sup> e com autorização do meu departamento de pós-graduação. Diante tamanha burocracia, perdi o ânimo para conhecer a instituição. Até porque meu objetivo era saber quantas atividades em média o espaço disponibiliza para os seus beneficiados. Uma experiência muito diferente dos demais locais que me atenderam na maior solicitude.

De acordo com o que ouvi durante as idas a campo, o *Criança Esperança* quer apoiar outros projetos e dizer que foram eles que os criaram. Segundo comentários, nenhuma instituição aceitou a proposta e muitos reclamam da ofuscante divulgação que eles fazem pelo prédio, dando a impressão de que todas as dependências pertencem a eles.

“O ano de 2001 marcou a chegada do Projeto Criança Esperança ao CIEP, criando rebuliço na procura de espaços ali não mais disponíveis. Funcionários do governo do estado queriam a todo custo expulsar as ONGs, sem tomar conhecimento da importância daquelas atividades para a comunidade, especialmente para os jovens. Foi outro enfrentamento que gerou muitas discussões e afrontas. Naquela ocasião D. Inês Elizabeth teve

---

<sup>56</sup> O Viva Rio é uma organização não governamental brasileira sediada no Rio de Janeiro que luta contra a exclusão social, a promoção da paz e do desenvolvimento.

um papel preponderante em nossa defesa nas reuniões com o pessoal do Criança Esperança, expondo a importância da ONG naquele espaço.

Também uma presença forte foi Sergio Murilo, da ONG de percussão mirim, antropólogo já falecido, que ajudou na organização jurídica das nossas ONGs, como também em nossa defesa quando percebia atitudes que denotassem pouco caso de algum funcionário em reuniões com representantes do governo estadual.

Hoje, com o pessoal do Criança Esperança já instalado, Sr. Jairo Coutinho (com os seus subordinados) coordena e dirige o projeto no CIEP, procurando desenvolver o trabalho com cordialidade e em harmonia com as outras ONGs. Afinal, o próprio comum a todos é oferecer atividades à criança e ao adolescente, respeitando a importância de cada profissional no seu trabalho comunitário em prol de dias melhores para nossos moradores.

Posso afirmar que nada ficamos a dever ao Criança Esperança, apesar da poderosa e superior infra-estrutura de que dispõe aquele projeto.

Terminada a gestão da diretora Inês Elizabeth, que somou para um CIEP melhor e cada vez mais integrado à sua comunidade, a atual diretora, Professora Mônica, tendo encontrado uma fase mais tranquila pôde dirigir maior atenção ao colégio, fruto do bom trabalho deixado pelas suas antecessoras. Bom para ela, bom para o colégio e melhor ainda para quem viu aquele local em épocas difíceis.

Somos todos vencedores na missão de ajudar o próximo, com o CIEP cada vez mais integrado à sua comunidade”. (Coelho, 2010: 48)

De acordo com os organizadores, a relação da *Academia Nobre Arte* com os demais projetos no CIEP é muito boa, já que seu pioneirismo é uma referência para as demais instituições.

*Por ser a primeira ela acaba sendo como se fosse a escola de todo mundo. Que todo mundo se rende aos caprichos da Nobre Arte por causa do trabalho que foi feito nestes vinte anos. Justamente não tivemos nenhuma crítica. Então ela é o centro das atenções. (Kátia, professora da Nobre Arte)*

Entretanto, todo projeto social em que a cultura do boxe esteja envolvida passa pela avaliação da Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro.

*PEDRO – E como é a relação da Federação com a academia? Como é a relação da Federação com esses projetos?*

*DOUTOR MAURÍCIO - Olha, a Federação é sempre consultada. Porque num projeto social esportivo patrocinado pelo governo estadual, a primeira chancela que eles quebram é a Federação. Se concorda com aquele tipo de esporte que se vai fazer. Então a participação da Federação é muito grande em tudo isso aí. Na supervisão, inclusive. E todo e qualquer projeto desse nunca se faz por intermédio da própria academia ou, então, não tem projeto. Porque o governo dá verba pra academia.*

*PEDRO – A Federação é então um órgão de fiscalização?*

*DOUTOR MAURÍCIO - De supervisão. Ela olha e assina o contrato. Mesmo com esse repasse depois. Mas você presta conta dela.(Entrevista realizada com o presidente da Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro)*

### **1.9 – O encontro com o campo.**

Na Kombi mesmo peço informação sobre como faço para chegar à academia. Neste momento conheço Maria<sup>57</sup>, moradora da comunidade que me levaria até o lugar, se eu pagasse sua passagem, que custa dois reais. Aceito a proposta.

Chegamos ao ponto final e lá ela cumpre parcialmente com o trato. Subimos as escadas e no meio do trajeto encontramos seu filho, que deve ter uns 8 anos. Ela pede para ele me levar. Ele não demonstra boa vontade. Ela insiste e diz que eu daria 2 reais a ele. Pago meu segundo pedágio. Dias depois percebo que Maria dificultara o trajeto, talvez na intenção de dar a impressão de que não conseguiria chegar sem alguém conhecido. Logo descubro que não precisaria subir por aquelas escadas, situadas entre os prédios em que o Governo do Estado está construindo para a população local via PAC (Programa de Aceleração do Crescimento)<sup>58</sup> e bastaria andar poucos metros à frente do ponto final que entraria no prédio atravessando o posto da UPP.

Continuo o trajeto acompanhado do filho de Maria. No caminho, outras crianças nos seguem. Passamos por meio dos corredores dos prédios em construção que, segundo o menino, será sua futura residência.

Chegamos ao *Espaço Criança Esperança*. Passamos por dentro dele, por vários corredores, até chegar à Academia. Depois de lhe dar dois reais, ele vai embora e logo encontro Kátia, a professora.

---

<sup>57</sup> Nome fictício.

<sup>58</sup> Programa promovido pelo Governo Federal Brasileiro, no ano de 2007, cujo objetivo é acelerar o crescimento econômico do país.



### 1.9.1 - Kátia: a protagonista.

Kátia foi muito solícita, gostou da minha proposta de pesquisa e disse que o universo do boxe feminino no Brasil é muito difícil. Ela relata casos de muitas profissionais que tiveram que abandonar o esporte. Ela mesma se apresenta como a única professora de boxe em atividade e que exerce a função de treinadora no país. Como relato na introdução, indago por algumas praticantes de boxe que encontrei na internet. Antes de responder, ela pergunta para mim qual a opinião que eu tinha a respeito delas.

Embaraçado e temeroso com a reação, em um milésimo de segundo penso no que responder e decido ser sincero. Digo que elas eram muito femininas, mas tinha dúvidas em relação ao padrão de beleza, já que pareciam modelos fotográficos.

Ela concorda com a minha opinião e acrescenta que esses padrões não são os que temos no boxe. Inclusive ela endossa minha visão com outros comentários:

*A imagem dessas atletas é uma degradação do estereótipo da pugilista. Duda Yankovich é uma oportunista, utilizou o boxe como uma ferramenta para aparecer como modelo e nem brasileira é. Essa Tatiane do BBB<sup>59</sup> consegue ser ainda pior!!! Ela é o máximo da degradação. Além de ter a mesma imagem comercial de Duda, é desbocada e agressiva, o que contribui para uma imagem ainda mais distorcida do boxe. Nada contra porque é do BBB. O Zulu e o Dourado<sup>60</sup>, por exemplo, não denigrem a imagem do esporte como essa menina. Ela não está preocupada em divulgar a imagem do boxe, mas sim em aparecer e ganhar dinheiro.*

Kátia mostra as dependências da academia. Obviamente não tem os mesmos recursos e conforto que a *Delfim*. Há fotos do Gabriel. Digo que visitara sua academia e ela comenta que o rapaz nasceu em berço de ouro e pôde fazer uma academia daquele porte.

Kátia define a relação da *Nobre Arte* com a *Delfim* como de mãe e filho. Inclusive, antes de montar sua academia, Gabriel já fazia trabalhos sociais na

---

<sup>59</sup> Big Brother Brasil. *Reality show* promovido pela Rede Globo de Televisão.

<sup>60</sup> Participantes do Big Brother Brasil e que são envolvidos com a luta.

comunidade, auxiliando financeiramente os alunos do projeto e ajudando por volta de cento e cinquenta famílias com cestas básicas por um período de um ano e meio. Inclusive quem fazia a distribuição dos mantimentos era a própria professora, que privilegiava os portadores de deficiência física, terceira idade e pessoas com dependência química. O convívio entre comunidade e boxe fez com que Gabriel desejasse e concretizasse o sonho de poder levar o boxe *Nobre Arte* para o *asfalto*.

*Então, ele sentiu a necessidade de levar o boxe pro asfalto. Pra que as pessoas pudessem conhecer o boxe da Nobre Arte. Pra promover eventos dentro do ramo da luta porque ele é ligado no esporte. Se você for olhar pelo dinheiro, ele não faria. Porque hoje, no momento, é uma coisa que não tem retorno financeiro pra ele. Então o cara faz por amor. Mais pra frente, ele vai ter uma outra visibilidade. Então a relação da Nobre Arte com a Delfim é um segmento das coisas que são feitas aqui com uma estrutura na rua. Uma estrutura maior pra abranger uma delegação cubana, uma delegação mexicana que pudesse ter um tratamento de primeiro mundo nas dependências da Delfim.*

Outro dado interessante é a diversidade de público que compõe a *Nobre Arte*. Além da comunidade há também pessoas de fora e que, geralmente, moram na zona sul da cidade. Sobre a prática do esporte, a professora diz que as alunas vêm mais para aliviar o *stress* e depois pela forma física. Os exercícios são bem puxados, segundo ela.

*KÁTIA - Durante um período (...), a primeira meta do Claudio Coelho era fazer essa diferença social. Não bastava só dar aula pra comunidade. Não bastava só atender a comunidade. Então foi o que fez extremamente necessário a concepção dele e poder fazer essa mistura. Que é saber que em cima da favela existia gente de bem. E quebrar esse paradoxo. Não! Hoje o marketing é vir na comunidade, fazer boxe na Nobre Arte e não levar a Nobre Arte para o asfalto. E sim subir na Nobre Arte pra fazer o boxe. Você vê como as coisas mudaram de uns tempos pra cá. Coisa que era difícil né? Hoje em dia não. Mas isso tudo a gente atribui ao trabalho do professor Claudio Coelho durante esses vinte anos.*

*PEDRO – E como é que é a relação do pessoal da comunidade com o pessoal do asfalto?*

*KÁTIA – A primeira impressão é de desconfiança, porque o pessoal da comunidade é mais tímido. O receio da diferença. Porque às vezes a diferença ela se torna estética. É uma coisa que a gente não tem como fugir da realidade, né? E o comportamento. Então, assim, no começo o primeiro impacto é o da distância. Na medida que vão passando mais tempo juntos, essa interatividade é muito boa. Tão boa que gera frutos hoje. O pessoal do asfalto emprega o pessoal da comunidade no mercado de trabalho, nas suas empresas. É isso tudo, você vê que isso tudo nasceu de quê? De um trabalho apenas de uma academia de boxe.*

E assim seguem as palavras do próprio fundador da *Nobre Arte*.

*PEDRO: Como é a relação dos alunos que são do asfalto com aqueles que são da comunidade?*

*CLÁUDIO: É perfeita. Se tem alguma coisa que desenvolvi aqui dentro do meu projeto e que eu me orgulho foi a mistura favela-asfalto. Por quê? Porque a mistura da favela com o asfalto ajudou na socialização dos jovens da comunidade. Eles também ganharam, mas eu que moro aqui eu sei o emblema que tinha. Eu até também já tive assim com isso. Era aquela idéia que o jovem tinha, que o branco não gostava do negro, que o rico não gostava do pobre. E quando isso começou através do esporte a ter essa mistura, foi tirando aquela imagem negativa que eles tinham. Por falta de conhecimento, de uma série de coisas. E isso gerava certo constrangimento do rico com o pobre, do branco com o negro e outros. E isso, através do esporte, com palestras, essa mistura foi tirando, foi desmistificando essa idéia. Então, isso foi bom. Essa mistura foi boa.*

Há também alunos com várias formações, graus de escolaridade, origem sócio-econômica e opção sexual distintas. De acordo com Kátia, muitos cabeleireiros e artistas homossexuais, assumidos ou não, que frequentam a academia.

*Tenho alunos aqui que você sequer desconfia e que são homossexuais. Eles revelam pela convivência, acabam falando pra mim, põem respeito e confiança. Há também aqueles que dão mais pinta [Kátia me mostra a foto de um aluno cuja aparência se aproxima muito à de uma mulher]. Há cabeleireiros, atores, artistas plásticos, jornalistas que vêm frequentar a academia.*

### **1.10 - As primeiras impressões.**

A aula começa. Neste horário há somente uma menina, com quem converso quando a aula acaba. Ela mora no Leblon, mas é bolsista e participa de outro projeto, uma oficina de *Shape*, voltada para confecção de pranchas de *surf*, no projeto *Surf Favela*, também no Brizolão. Por não ser moradora da comunidade, mas ser bolsista, suponho que resida na comunidade Cruzada São Sebastião, localizada no bairro em que afirmara residir.

De acordo com a aluna, não há mais como conseguir gratuidade, já que há muitos alunos de projeto na academia. As vagas agora são para quem pode pagar. Pergunto quanto custa a mensalidade e ela responde que deve ser uns oitenta reais.

O espaço é bem amplo, pintado de amarelo e arejado. Parece um templo do boxe. As paredes são repletas de fotos que contam a história não só da academia, mas também do treinador e fundador Claudio Coelho.

Logo quando você abre a porta da academia, se olhar para o alto, pode ver os nomes de todos os atletas<sup>61</sup> que já passaram pela experiência do treinador. Os nomes apresentam-se divididos em dois grupos: o lado A, que representa os lutadores *das antigas*, de acordo com uma reportagem em comemoração aos vinte anos da academia realizada pelo programa *Sensei* do canal de televisão por assinatura SporTV, e o lado B representa a nova geração de lutadores.

Claudio percorreu vários países a trabalho, conheceu várias personalidades do esporte, cada uma delas fotografada e pendurada nas paredes. São centenas de fotografias e mensagens espalhadas pela academia. A localização geográfica é muito privilegiada. A vista da janela é simplesmente hipnotizante. Dá para as praias de Ipanema, Leblon e Lagoa Rodrigo de Freitas.

Certa vez, quando esperava a Kombi subir a Saint Roman, tive a oportunidade de conversar por mais tempo com a comunidade local. O assunto que mais me chamou atenção foi o custo de vida no Cantagalo/Pavão-Pavãozinho. Com a vinda das obras do Governo Sérgio Cabral Filho<sup>62</sup>, com a construção de prédios, a chegada da UPP, acrescido de mais um fator que não envolve não só a comunidade, mas a cidade do Rio de Janeiro em quase sua totalidade, a chegada da Copa do Mundo, em 2014, e em 2016 tendo a cidade como sede das Olimpíadas, houve um estrondoso aumento, tanto na venda quanto no aluguel dos imóveis na região metropolitana do Rio de Janeiro. E parece que na comunidade Pavão-Pavãozinho e Cantagalo este fenômeno não tem sido diferente. Descubro que o aluguel de um imóvel de dois quartos está na faixa de seiscentos reais.

Uma senhora afirma que já reservou sua casa para um grupo de estrangeiros, para os quatro dias de carnaval, por três mil reais e que neste período ficará na casa do filho, no andar de cima de sua residência.

---

<sup>61</sup> A Academia Nobre Arte homenageia a equipe dos lutadores de “Vale Tudo” que prestigiam nosso trabalho. Lado A: Royce Gracie, Rickson Gracie, Renzo Gracie, Royler Gracie, Ralf Gracie, Murilo Bustamante, Carlão Barreto, Zé Mario, Fábio Gurgel, Roberto Traven, Amaury Bitetti, Marcos Ruas, Rinaldo Santos, Crezio Chaves, Vitor Belford, Beбето, Castelo Branco e Ricardo Moraes. Lado B: Grilo (BTT), Capone (BTT), Rafael Dias (BTT), Fabinho (BTT), Sean Alvarez, Sergio Melo, Cristiano Marcello, Ricardo Libório, Buscapé (BTT), Cristiano (Bananada BTT) e Alex Negão.

<sup>62</sup> Atual governador do Estado do Rio de Janeiro.

*Vou alugar por três mil reais. Minha casa tem um vistão pra Lagoa e pro mar!*

Um senhor que escutava nossa conversa diz que é difícil conseguir casa para alugar. Ele cita como exemplo um amigo que, mesmo tendo arrumado uma casa, só poderá se mudar depois de três meses.

Muitos afirmam que a comunidade é privilegiada por dispor de tantos serviços gratuitos, além de outras facilidades, como a proximidade da praia e o comércio barato de Copacabana.

No segundo dia de campo sou apresentado ao professor Joel Benvindo. Em suas turmas há mais mulheres do que homens. Kátia diz que as meninas o procuram em função do horário e da metodologia, menos puxada que a de Kátia.

*Minha aula é puxada mesmo. Tem muito homem que não aguenta minha aula de tão puxada que é. É para atleta mesmo.*

A aula começa às dezoito e trinta e Joel se revela bastante atencioso. Diz que as meninas costumam faltar, mas são mais determinadas do que os rapazes. Épocas de frio e de chuvas fazem com que elas faltem e entre o mês de setembro até a chegada do verão é o período em que a procura aumenta.

A primeira aluna a chegar é uma mulher que não mora na comunidade. Loira, magra, vinte e nove anos, é funcionária de uma empresa de telecomunicações. Apesar de ser dedicada, tem épocas que ela só vai à academia uma vez na semana, visto que a empresa costuma exigir a permanência em horários extras.

Vinte minutos depois chega outra aluna, mais acessível do que a primeira. Ela é moradora da comunidade e pratica boxe há um ano. Joel diz que a cultura do boxe feminino no Rio de Janeiro é ainda muito pobre e é em São Paulo que estão as verdadeiras profissionais, que dispõem de patrocínio, muito diferente da realidade carioca.

Joel começa com os exercícios com pesos e em seguida com a corda. Ele diz que o saco é só para quem já tem condicionamento físico para ataque e defesa. Dois dias da semana são destinados para essa prática: terças e quintas-feiras. São os dias mais pesados para as alunas.

Segundo o professor o estágio após o saco é o *sparring*, isto é, quando elas entram no ringue. Poucas são aquelas que têm coragem e, por faltar adeptas, muitas recorrem aos rapazes. Diferente da *Academia Physical* e *Delfim*, na *Nobre Arte* os alunos podem treinar todos os dias. Na turma de Joel geralmente há onze meninas e sete meninos com idades entre treze a dezessete anos. Alunas acima dos vinte anos são bem poucas e rapazes nesta faixa-etária são quase inexistentes neste horário. Assim como em todas as academias, não encontrei nenhuma aluna que evidenciasse uma gestualidade ou indumentária mais próxima do modelo estipulado nacionalmente por masculino.

A aula de Joel termina e segue-se a de Kátia, às dezenove e trinta. Ela veste uma calça colante roxa e um *top* preto brilhante.

Neste dia três profissionais foram treinar. Dentre eles, Murilo Bustamante, lutador respeitado no Vale Tudo, está com luta marcada em um campeonato no exterior. Além de treinar com capacete e luvas, ele usa colete, de modo que possa proteger a caixa torácica, evitando com que ocorra alguma lesão que o impossibilite de lutar. Com o tempo no campo aprendi que o capacete, com exceção dos treinos, só é usado em campeonatos amadores.

Outro aluno deste grupo trabalha no pregão da Bolsa de Valores. Percebe-se nitidamente que os profissionais não fazem parte de nenhuma comunidade favela e, provavelmente, são moradores da Zona Sul, especialmente Ipanema, Leblon ou Copacabana. Há uma aluna jornalista de um respeitado canal de televisão que é voltado para o esporte, além de artistas que frequentam ou já frequentaram a academia. Quem também apareceu para composição de personagem foi um ator que interpretará o ex-pugilista Eder Jofre<sup>63</sup> no cinema.

No tocante ao comportamento, percebo que, nas aulas de Joel, as meninas se cumprimentam quando chegam à academia, mas não costumam se comunicar durante o treino, diferente das aulas de Maurício (*Academia Physical*) e nas de Kátia: nestas, o clima é descontraído e as brincadeiras e desafios entre os alunos constantes, mas há

---

<sup>63</sup> Considerado o maior nome do Boxe Brasileiro de todos os tempos. Sua trajetória inicia em 1953, no boxe amador, e termina em 1976, no boxe profissional. Fonte: Enciclopédia Virtual Wikipedia. Acessado em 03/03/2011. [http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89der\\_Jofre](http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89der_Jofre)

poucas mulheres. Geralmente são três, embora seja raro encontrar todas elas no mesmo dia.

Deste grupo, uma tem mais de cinquenta anos. Ela é cabeleireira e procurou o boxe porque se acha *pavio curto*. Raramente ela falta. Mas quem tem frequência assídua e é orgulho para Kátia é Natália, vinte e cinco anos e moradora do Cantagalo.

No final da aula pergunto o porquê de ela frequentar este horário, visto ser o mais puxado. Ela responde que já está acostumada e que não é em função de hora, além de sentir um enorme prazer em ver os homens reclamando dos exercícios e de conseguir fazer algo que eles não consigam. Percebo que Natália costuma provocar os rapazes nas aulas.

A presença de lutadores profissionais desvirtua a atenção de todos os alunos, principalmente das mulheres, pois são objeto de admiração. Um dos rapazes, não profissional, mas veterano, me chama para amarrar sua luva e reclama do dedo fraturado. A luva realmente é bem pesada e me sinto desconfortável em ajudá-lo. Pergunto a toda hora se está firme. Kátia vem em meu auxílio e observo como se dá o nó. O resto do cadarço que serve para dar o nó é cruzado com o cadarço já entrelaçado na luva.

Sinto ganhar espaço com Kátia. Joel também é cada vez mais receptivo. Divido um pacote de biscoito com ele antes da aula terminar. Ele me mostra uma pasta com a relação de alunas matriculadas, dizendo que todas possuem atestado médico e que a maioria é da comunidade.

A televisão fica ligada e atrapalha tanto a minha concentração quanto a de Joel, que é atraído pela novela *Malhação* e logo em seguida pelo RJTV, noticiário local da Rede Globo de Televisão.

Gradativamente vou ganhando mais intimidade com Kátia e pergunto se já houve algum caso de mulher que procurou no boxe uma forma de se defender de algum tipo de violência doméstica. Ela responde que até agora ninguém apareceu ou, pelo menos, ninguém falou nada para ela. Esse tópico sempre me despertou curiosidade. Não pelo fato de estar analisando uma luta, mas por observar cartazes anexados na entrada da academia que relatam campanhas sobre a prevenção da violência doméstica contra a

mulher. São campanhas promovidas por uma ONG chamada *Laço Branco*<sup>64</sup>, cujo objetivo é “sensibilizar, envolver e mobilizar os homens no engajamento pelo fim da violência contra a mulher”.

Segundo a professora, a relação do boxe com a violência é muito tênue. De ter um cuidado enorme para não machucar os alunos, embora boxe e violência sejam verdadeiros opostos. Entretanto, ela pune severamente quem usa da força para atacar alguém que esteja fora de um ringue.

*O trabalho é constante. Há um comprometimento muito grande, pois se um aluno se envolver em alguma confusão irão logo associar com o boxe. Principalmente para os alunos que estão em idade escolar. Sou conhecida pelas professoras da comunidade que no passado foram minhas professoras. E estou sempre mostrando os benefícios do boxe para elas.*

Geralmente os alunos costumam reclamar da rigidez dos exercícios de Kátia. A aluna mais velha reclama de estar sem ritmo. Kátia alega que é o feriadão. *Dia de jogo! A rotina muda!* Então ela cobrou uma série mais leve. Ainda assim elas reclamam que os exercícios são pesados.

A aula termina, mas o treino com os atletas continua. Não sei até que hora vai, já que desço do Cantagalo acompanhado de Kátia, Claudio e uma aluna. Outro aluno veterano, aparentemente de classe média alta, desce os corredores do prédio conosco. Ele estava de moto, mas não me oferece carona.

Kátia é a primeira a me deixar. Ela segue por uns becos que levam até a sua casa. Claudio e Natália descem mais um pouco comigo. Sinto-me acuado com a presença de tantas armas da Polícia. O posto da UPP fica colado ao prédio onde funciona a academia e o *Espaço Criança Esperança*.

Ainda assim me sinto mais à vontade com a presença da polícia do que com a possibilidade da presença dos traficantes, já que as aulas que acompanho terminam por volta das dez horas da noite. Não sou ingênuo a ponto de imaginar que esses rapazes exibiriam menos armas que os policiais. Mas sinto-me violentado com a presença maciça dos mesmos. Questiono se também sou visto como um criminoso em potencial, assim como grande parte dos moradores observados.

*PEDRO – Como é a relação da UPP com a academia?*

---

<sup>64</sup> Fonte: <http://www.lacobranco.org.br/index.php?goto=sobre.php> Acessado em 02/03/2011.



*KÁTIA – Bom. A UPP é uma coisa nova dentro da comunidade. Ela já está há um ano e três meses e pra gente na verdade, no dito popular, o que não fede não cheira. Eu sou do tempo em que se lidava dentro da marginalidade mesmo, aonde nunca tivemos problemas em relação a aqui, pelo contrário, embora a vida marginal, o que eles levavam eles sempre apoiaram o esporte, porque o esporte não tem fronteira, o esporte ultrapassa limites independente de facção ou não. Então o esporte sempre foi visto como um bem praquele jovem que queria ter uma vida diferente e esse conceito até ele mesmo na vida errada eles tinham, e eles passavam pra gente a seguinte filosofia: O que eu sou, não quero que o meu filho seja. Então nós nunca tivemos nenhum tipo de problema. Muito pelo contrário. Nós tínhamos era o apoio.*

*PEDRO – Teve alguma interferência da UPP na...*

*KÁTIA – Não há interferência. Mas vem pra somar. Essa pacificação, a palavra pacificação vem da seguinte forma: uma leveza no comportamento e você poder cumprimentar. Antigamente a gente não podia cumprimentar um policial. Que era visto como X-9, cagoete e um monte de coisa. Hoje não. Ele tá na sua porta. Ele pode pedir um copo d'água. Então pacificador é o cara que veio pra levar diálogo. Veio pra tentar melhorar. Não sei de que forma, porque não é só botar a polícia em cima da favela. Tem que invadir é com projetos sociais sustentáveis. Que é pra justamente diminuir a diferença social.*

*PEDRO – A marginalidade acabou?*

*KÁTIA – Não. Nunca vai acabar. Está fora do entendimento humano. Mas diminuiu muito. Muito mesmo. A questão estética melhorou bastante.*

Claudio e a aluna me levam até o *motoboy*, que cobra um real para me deixar na Rua Sá Ferreira, em Copacabana. Sem o elevador que deixa na Rua Alberto de Campos e que não funciona neste horário, as únicas alternativas são descer de mototaxi, carona com um dos alunos ou então a pé mesmo, já que a Kombi também encerra o serviço às oito horas.

A descida pelo Pavão-Pavãozinho facilita minha chegada para a minha casa, que é no Centro. Caso descesse pelo Cantagalo teria que percorrer por várias ruas de Ipanema, passando por Copacabana, até chegar a minha casa.

Durante o caminho fico surpreso com a ocupação de barracos em volta de casarões da Rua Saint Romant, que viraram centros sociais ou foram ocupadas por várias famílias da comunidade do Pavão-Pavãozinho.

Claudio se sente feliz com a ocupação da UPP e diz que logo chegará o Favela Bairro<sup>65</sup> para a comunidade. As ladeiras principais serão asfaltadas, segundo o professor e responsável pela *Nobre Arte*.

Contudo, no dia 21 de julho de 2010 passo por pequenos apuros. Mais uma vez não consigo chegar a tempo no horário das 18h30, por causa de um caminho diferente que tomei. Foi um susto bem grande.

Perco o elevador de Ipanema, que fecha às 18h. Dois rapazes que estavam por perto me aconselham a pegar outro elevador, na estação de Metrô General Osório, na saída para a Rua Barão da Torre.

Durante a subida, puxo assunto com uma senhora que fala sobre as maravilhas dessa construção, mas também reclama da falta de conscientização dos seus vizinhos. Segundo ela, o presidente da Associação de Moradores já cansou de fazer campanhas para não se usar o elevador para transportar lixo.

Já sozinho, sigo as coordenadas para chegar ao Brizolão. Um caminho angustiante, pois não sabia que estava na metade do morro e que a academia fica quase no ponto mais alto da comunidade. Saio pelas ladeiras e vou pedindo informação aos moradores. Sigo por becos escuros e dou de cara em uma esquina que tudo me leva a crer que é uma *boca de fumo*. Vejo rapazes bem pouco simpáticos e tenho quase certeza de que são traficantes. Só não vi os fuzis, como seria de costume antes da pacificação.

Sinto o cheiro da maconha e pergunto a eles onde fica o prédio do CIEP. O rapaz diz para eu ir descendo que chegaria. A menina que estava ao lado olha pra ele e grita:

*Não faz isso!!!!*

Fico com medo e começo a transpirar. Não quero tirar meu casaco, pois minha camisa de baixo é vermelha<sup>66</sup> e não sei por qual facção o tráfico é tomado. Tenho a impressão de que a segurança só está presente na Rua Principal e que não há um mesmo

---

<sup>65</sup> O Favela Bairro é um programa promovido nas comunidades de baixa renda pela Secretaria de Habitação do Estado do Rio de Janeiro, cujo objetivo é a integração urbanística e social, além do assentamento habitacional espontâneo dos grupos de baixa renda. Fonte: <http://www.fau.ufrj.br/prourb/cidades/favela/progfavbt.html> Acessado em 03/03/2011.

<sup>66</sup> Cor da facção criminosa Comando Vermelho.

controle nas ruas internas. Desço a ladeira e pergunto para outro morador se o caminho é aquele mesmo. Acompanho outra rua e dou de cara com a Rua Principal. Sinto-me aliviado! Acabo chegando atrasado à Academia, mas feliz por estar inteiro.

### **1.11 - A definição do campo.**

Após este longo percurso entre diferentes locais de prática de boxe, decido que os locais mais apropriados para a realização do trabalho de campo são as academias *Physical* e *Nobre Arte*. Em relação à primeira, ainda que houvesse uma dificuldade por necessitar de muitas horas para chegar, pela distância entre minha casa e o trabalho obriga a iniciar o deslocamento às quatro horas da manhã e encerra ao meio dia,<sup>67</sup>, a disponibilidade das alunas e principalmente a faixa-etária e classe social despertam bastante interesse: mulheres que estão na faixa dos trinta anos, donas de casa ou trabalhadoras do setor de serviços como depiladoras, atendentes, enfermeiras, que dispõem de duas vezes por semana para a prática de um esporte que lhes garanta principalmente a tão esperada forma física.

Já na *Academia Nobre Arte* uma conjuntura de fatores chama atenção. Sua tradicionalidade só fica atrás da *Academia Santa Rosa*, além de a geografia e o público serem bastante peculiares. É também motivador para a pesquisa o fato de o espaço estar situado em uma favela localizada entre bairros ricos da cidade (Copacabana e Ipanema) e de, mesmo com todo o estigma, atrair alunos moradores da comunidade e da classe média alta (que abre mão do conforto das dezenas de academias disponíveis nestes bairros para aprender os ensinamentos do boxe em um ambiente popular).

A presença de mulheres, sobretudo nos horários do professor Joel não deixa de ser condição *sine qua non* para a realização do campo. Entretanto, a apresentação singular de Kátia e principalmente o rótulo de ser a única professora mulher em atividade no país que exerce a função de treinadora de lutadores amadores e profissionais talvez tenha sido o principal fator para a escolha deste espaço, uma vez que poderia ter escolhido a *Academia Delfim* em função da receptividade e de toda infra-estrutura disponibilizada.

Contudo, posso dizer que, a escolha por este campo teve muito mais força de Kátia do que necessariamente minha. Sua história de vida e a maneira como me tratava,

---

<sup>67</sup> Estação de trem que integra os bairros do subúrbio e Baixada Fluminense ao Centro do Rio de Janeiro.

ganhando a cada dia mais uma abertura, foi uma forma de sedução, que me deixou cada vez mais fascinado com o campo.

O desvendar dessa feminilidade, rígida, *áspera*, como a própria diz, foi um prazeroso desafio. Tanto que aos poucos minha condição de pesquisador foi transformada para a de amigo. Tamanha aproximação foi fundamental para a construção de uma postura que foi desempenhada simultaneamente nos dois campos.

A transferência da condição de pesquisador a amigo foi determinante para que eu não praticasse o boxe e deixasse de ceder o meu corpo como instrumento de pesquisa, assim como define Wacquant (2002) como *participação observante*; embora insistentemente recebesse convites, desafios e brincadeiras por parte dos alunos que me indagavam quando seria o momento que deixaria de olhá-los para juntar-se a eles.

Esta função poderia ser tomada caso a iniciativa viesse diretamente de Kátia. Também não recebera este convite por Maurício e Joel, que ainda assim apresentavam entusiasmo, apesar de, no início, terem manifestado com meu interesse em estudar justamente o boxe feminino, tão esquecido no Rio de Janeiro.

O percurso por todas essas academias me ajudou também a tomar outra atitude, dessa vez um tanto dolorosa para quem pretendia realizar um trabalho, à primeira vista, um pouco mais ambicioso. O recorte empírico teve que ser reduzido a apenas a alunas de boxe e não mais a amadoras e lutadoras profissionais.

Em nenhum espaço que percorri encontrei uma praticante que estivesse nesta condição, nem mesmo Kátia, ícone da feminilidade que investigo. Além do alerta dos professores das academias, o curso destinado a treinadores de boxe, promovido pelo professor cubano Romero na *Academia Delfim* reforçou esta mudança, visto que, além de estar em contato direto com estas academias, tive o privilégio de conhecer treinadores de outros estabelecimentos e que reforçavam a ausência de mulheres nesta condição. Muitas vezes era caçoado por estes, que a cada aula perguntava se tive a proeza em deparar com uma.

Pode-se dizer também que minha presença causou mudanças no cotidiano desses campos. Sempre quando alguma pessoa nova aparecia na academia Kátia me apresentava como um dos amigos que estava estudando o mundo das mulheres no boxe. Já Maurício, extremamente familiarizado com as mídias digitais, meses após minha

permanência no campo, começara a postar vídeos do *site youtube* em sua página pessoal do *Orkut* e sempre quando encontrara algo sobre o boxe feminino escrevia um recado pra mim dizendo: *Mais vídeos sobre mulheres no boxe.*

Assim como Foote-Whyte, em *Sociedade de Esquina* (2001), que teve o privilégio de conhecer Doc que lhe possibilitou várias aberturas em seu campo, posso dizer que tive da mesma sorte com Maurício e, principalmente com Kátia, responsáveis pelo vasto material que analiso nesta presente dissertação.

## SEGUNDO ROUND

### A Precariedade do Boxe Amador e Profissional Feminino: uma questão de gênero?

*Seria um marco pra minha vida. Pra minha carreira. Mas a gente esbarrou, pra dizer a verdade esse sonho se frustrou quando eu vejo as condições de boxe no meu país. Então o que me valeria a pena, o que eu ganharia? Poxa, eu sabendo que a desigualdade social entre homem e mulher, a desigualdade financeira ela é quilométrica, muito grande. E a dificuldade. Que o boxe feminino ele também passou a ganhar destaque internacional depois de cinco anos pra trás. Então imagine isso. Eu já estou há treze anos no ramo. Pô! Pra poder chegar no ápice da carreira eu teria que sair do meu país. Cadê a estrutura, cadê o financiamento? Pra um país que investisse em mim pra eu representar o meu país fora. Eu não tinha nada disso. Nada disso me foi passado. Eu nunca fui uma lutadora profissional por quê? Porque não me deram uma estrutura que eu precisava. De maneira alguma os órgãos competentes eles não faziam questão de lembrar que a mulher tinha seu papel principal no ramo da luta. Então é mais em função disso: frustrante. É frustrante, porque é uma frustração pra mim. Imagina, se eu hoje pudesse ser contada que eu vivi tantas derrotas, tantas vitórias, tantos knock down, tantos nocautes... e eu não posso contar essa história! Porque não me foi dada essa chance. (Entrevista com Kátia, professora de boxe da academia Nobre Arte)*

Este fragmento, extraído de uma entrevista em profundidade, é o desabafo de Kátia diante das precárias condições que impossibilitaram sua entrada no boxe amador e no profissional. Entretanto, a falta de patrocínio e de promoção de campeonatos não é o único obstáculo enfrentado por mulheres como Kátia. O desestímulo decorre também da concepção de gênero feminino que predomina no pugilismo, imagem iniciada já no seio familiar e terminada nos julgamentos dos praticantes de boxe.

De acordo não só com os dados do trabalho de campo, mas também com os dados de fontes jornalísticas e acadêmicas (cf. Darido, 2002), a família é a primeira dificuldade enfrentada pela mulher quando pretende se inserir em alguma atividade física cuja maioria de praticantes é do sexo masculino. O exemplo mais recente está na matéria publicada pelo *site* Universo On Line<sup>68</sup> (UOL), do dia dois de abril de 2011, que

---

<sup>68</sup> Fonte: <http://esporte.uol.com.br/lutas/boxe/ultimas-noticias/2011/04/02/campea-de-boxe-e-atingida-por-tiros-no-vestiario-antes-de-luta.jhtm> Acessado em 02/04/2011.

relata a agressão sofrida pela campeã mundial de boxe Rola El-Halabi, da Alemanha, atingida por tiros nas pernas e nas mãos, disparados por seu padrasto e ex-empresário.

Diante do preconceito, grande parte das praticantes que conseguem a aprovação dos pais entra para o esporte em idade demasiado tardia para alcançar a profissionalização, e ainda assim depara-se com outro afunilamento: a estética. Segundo Kátia, professora de boxe da *Academia Nobre Arte*, a beleza, no tocante a prioridades, supera o próprio desempenho esportivo entre os patrocinadores e a mídia.

*Ah, vou te dizer, com sinceridade, muito triste até vir da minha pessoa falar isso, mas eu acredito que hoje em dia o critério é da beleza. Porque eles vendem uma beleza. Então vou te dar um exemplo. Uma mulher que apareceu no Big Brother. Bonita, toda tchan né? Estruturada na estética atual. Então teve um marketing adoidado em cima dela e tem outras lutadoras que já estão no ramo há muito tempo, já tá há muito tempo na pista, e ninguém sabe quem são essas mulheres. Então por isso que eu falo isso. Estou fazendo justiça às lutadoras de verdade. Então eles hoje eles vendem uma beleza. Então as lutadoras mesmo, que costumam botar a cara na reta mesmo, defendendo os seus estados, defendendo o país, se não tiver uma belezazinha diferenciada, meu filho, ela fica no anonimato. É como eu falei pra você. Pegar uma jovem hoje, trabalhar ela pro mercado do boxe... trabalho a longo prazo! Mas a longo mesmo. Porque ela tem que usar a família dela, ela vai ganhar grana, aquilo ali, vai se levar um tempo e isso é a longo prazo. Então a primeira impressão é de que ela entra pela estética, se vai dar seguimento ou não ao boxe só o tempo que poderá responder. Então potencial eu acredito que todas têm, agora tem umas mulheres que tem uma força diferenciada. Tem uma genética privilegiada. Então ela tem uma capacidade como se fosse um homem. Ela tem a mesma força, geneticamente falando, como se fosse um homem. E eu não citaria nomes porque eu poderia pecar, talvez, em dizer um nome e esquecer de outros. Mas tem muitas delas que tem potencial. (Kátia)*

## **2.1 - Lidar com soco é foda!**

*No passado tinham umas que falam isso, mas veio alguém que deu um banho de água fria. Vai procurar outra coisa pra ver porque isso aí não dá certo. Entendeu? Você tem que falar a verdade. Você não pode iludir ninguém e ficar ali usando a pessoa e fazer uma coisa que você sabe, que você está do lado e aquilo não vai dar certo. (Claudio Coelho)*

Em relação aos profissionais mais antigos, há primeiramente a descrença. A entrada dessas nas academias, quando a procura é decorrente de um bom condicionamento físico, estético ou para prevenção do *stress*, é bem vinda. Todavia, caso haja o desejo e a insistência da praticante na profissionalização, o descrédito e os desafios impostos são imensos.

Prova disso é que Claudio Coelho sequer dá aula para mulheres e desestimula aquela que deseja tornar-se uma atleta. Quando surge alguma mais resistente, o professor a submete a circunstâncias e provas destinadas a convencê-la de que este esporte é incompatível com a sua condição biológica. Caso haja uma exceção, isto é, se alguma mulher resiste a todos os desafios, o professor alerta para dificuldades suplementares, sobretudo se for casada e não puder se dedicar integralmente ao boxe, por causa dos compromissos domésticos e/ou do sustento, já que a possibilidade de patrocínio e, de investimentos por parte do Ministério do Esporte é praticamente nula. Acrescenta-se, aqui, ainda, o frequente despreparo metodológico dos treinadores, em virtude da precariedade do pugilismo feminino no Brasil.

*CLAUDIO - É porque é o seguinte, eu nunca gostei disso não, foram poucas aos vinte anos. Você até viu isso lá. É porque a mulher pro boxe, sempre me deu muito trabalho duro pro homem, preconceito, mulher tinha assim, meu treinamento é pesado, eu particularmente. Mas você vê que eu falo que eu distribuo as mulheres para outros professores da academia. Não é que na minha academia não entre mulher. Eu, particularmente, não gosto. Por quê? Porque quando eu estava treinando mulher, é sempre um problema, pra misturar no meio dos treinos pesados que eu faço, além dela ser um pouco frágil, as vezes ela pensava em querer lutar, e aí para adaptar fica mais difícil porque os treinamentos muito pesados, ela não tem infraestrutura pra mim trabalhar com as mulheres adequadamente. Às vezes falta pra homem, imagina pra mulher!! E às vezes os treinamentos são pesados, tem que adaptar o treinamento. Por quê? Porque uma vez a mulher está aqui aprendendo boxe, treinando, os detalhes ensinando ela. Quando ela entra ali no ringue ela pensa em lutar, **o primeiro pé dela é o dia que o sangue sai pelo nariz, levando soco, e às vezes a pessoa tem uma idéia totalmente diferente daquilo. Então você tem que estar trabalhando isso pouco a pouco. E às vezes eu vejo pela mulher estar treinando e eu digo: não, vai me dar muito trabalho, não dá pra mim não, já está brabo pros homens. E eu sempre avisei. E eu já falei claramente para as mulheres. Eu agora até treino, não tem que querer lutar. Nosso país não oferece essa infraestrutura. Se você mora num país de primeiro mundo, que nem os Estados Unidos, você podia ir. E falta tudo, falta aquilo, equipamentos adequados para as mulheres. Tudo isso que estou te dizendo, aprender sim, você vem e treina. Tanto que se eu boto ali umas mulheres guerreiras, imagina que em mais de vinte e tantos anos, você vê, foram poucas, mas aquelas mulheres conseguiram ver treinamentos pesados aqui por insistência. E claro, por isso, também ajudou. Porque quando elas suportaram esse treino, claro, fiquei contente de passar por aquilo tudo, enfrentar treino dolorida para poder dizer: eu faço isso Cláudio Coelho. Legal. Mas fixa um limite. Que fique só por ali. Por quê? Porque quando uma mulher tinha que lutar boxe ela tem que largar tudo para poder fazer aquilo. Agora imagina uma mulher que trabalha, tem pouco tempo, ela quer lutar, ela quer treinar e isso e aquilo. Não dá certo, não dá. Então que fique só o treinamento pesado. E essas conseguiram chegar num nível***



assim de treinamento pesado ao longo do tempo. O homem em relação à mulher é mais fácil. Aquela coisa da masculinidade, porrada, de você poder exigir do cara. Entendeu a jogada? É diferente. É que nem o homem no quartel e a mulher no quartel. Eles não fazem o mesmo treinamento pesado, mas tem diferença. Em outro esporte, elas podem até sobreviver legal, mas no boxe não. Lida com soco, na hora que vem a realidade da pancada, muda tudo. Pode ver, tem mulher faixa preta, boa de jiu-jitsu, é tudo articulação, treina, mas não lida com soco. **Toma o primeiro soco, pela primeira vez, o nariz sem sangrar, olha só como lacrimeja, arrepiada disso aqui até aqui.** Só tem que tomar pra ver como que é. E aí a gente vê que quando alguém confessa, vem um desânimo que você não queira ver. Então tudo isso o professor ainda tem que ter cuidado com isso. Então é diferente. É uma modalidade que pra mulher sempre foi esse preconceito porque é uma coisa que você vê um soco, **lidar com soco é foda!** Ela de nariz inchado, ela machucada, e ela diz pra você que é disso que eu gosto. Você treina a parte técnica, vamos ali devagar, pra entre uma pancada, você saber o que que é. Você está lidando com soco. Isso aqui, você ainda vai cortar supercílio, isso aqui vai cair, você tem que mandar a real, porque ela quer lutar. Ela não quer fazer como hobby, como algumas aí fizeram e eu aconselhei que não fizessem isso. E ainda são casca grossa em treinamento. Faz coisas que muito homem não faz, mas não bota aquela coisa assim: ai, eu queria seguir uma carreira, eu queria fazer luta, quero competir. **Oh, vai competir outra modalidade, não o boxe!!**

**PEDRO:** Teve alguma que não seguiu os seus conselhos e foi turrona?

**CLAUDIO:** Várias assim, por paviu próprio. Mas não dura muito, não dura muito, porque vê mesmo, encara mesmo a realidade. Porque em outros estados tem outras mulheres que passaram por isso tudo e lutam boxe, entendeu? **Tudo mulheres com características de sapatão, você vê que é um homem, entendeu?** Não bota ali a mulher modelinho, bonitinho, isso e aquilo não porque na hora mesmo da porrada muda, a realidade é essa, na hora da porrada muda tudo. Então é por isso que eu sempre tive pé atrás de preparar a mulher pra lutar. Eu sempre tive pé, sempre pensei assim: ah é caso perdido, não vou perder o meu tempo não. Você pode, por exemplo, botar a mulher pra treinar. A mulher diz quer AB. Por exemplo, tem vários treinos aí. A mulher diz: ah, eu que quero treinar na aula do professor Claudio. Tá bom. Vem um dia de sábado para treinar uma aula aí. Aí eu fecho a porta, o treino começa e eu escuto a mulher parando o trânsito toda hora, quer beber água, quer isso, quer aquilo. Não vem pra isso, sabe que o treino é pesado. Veio para fazer um teste, então segura a onda até o fim. Acabou. Se ela quer um treino mais light, vai para um treino mais light. Então você viu, **não pode ter frescura. A gente já tem que obedecer aquela coisa, aquele período em que a mulher está menstruada, e tudo para não fazer esforço, aquela coisa toda.** Então você tem que ter uma série de cuidados e isso tudo. Tem que ter uma série de cuidados. É diferente de uma mulher que faz atletismo, que faz natação, porque vai lidar com porrada, porrada, entendeu? Soco no peito, tem que ter equipamento, tudo direitinho, é um problema. Não é tão fácil assim não, entendeu?

Doutor Maurício, Presidente da Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro, também não aprecia a mulher no boxe.

*O boxe é um esporte que tem golpes contundentes que sempre pode dar um ferimento que pode quebrar um nariz. Está completamente fora do mundo feminino! Por mais que ela não tenha, não seja dotada da extrema vaidade feminina, ela tem a vaidade feminina. E ela se contém. Uma ou outra. Aí você vê a carreira das judocas, na verdade são meninas que foram induzidas pelo seu treinador, namorado, vivendo naquele ambiente e tal, e começaram a treinar como nós temos aqui na academia moças fazendo exercício, batendo e pulando corda como uma profissional. Esse mundo, na minha opinião, é essencialmente masculino. Elas sabem disso.*

Contudo, quando a superação dos obstáculos soma-se com o fator sorte, isto é, quando a atleta consegue reunir um conjunto de benefícios como um bom treinador e algum dinheiro, a recomendação é de que continue suas atividades não no Brasil, mas nos Estados Unidos, onde as condições do boxe feminino favorecem uma carreira mais longa e melhor recompensada.

Foi o caso de Nari Tyson. Mesmo não apreciando a modalidade feminina, tanto Claudio quanto Dr. Maurício investiram na carreira da atleta, que segundo eles, foi a primeira lutadora de boxe a se profissionalizar, enfrentando e superando todos os desafios. Com isso, ela tornou-se o grande exemplo de trajetória para várias profissionais brasileiras. Embora tenha conseguido aprimorar-se e profissionalizar-se nos Estados Unidos, Nari Tyson<sup>69</sup> iniciou-se tardiamente no esporte, o que impossibilitou que tivesse uma carreira longa, mas abriu-lhe a opção de formar-se em psicologia.

*Mas é aonde se esbarra mais uma vez, como já disse pra você, na questão financeira. Quando ela vê a realidade, muitas das vezes essa jovem ela vai se esbarrar no tempo. E o tempo é preciosíssimo em relação a nossa idade. E para o ramo do pugilismo isso pesa um pouco. Porque ela tem que ter um determinado período até o amador para aí sim depois se profissionalizar. E aí sim ela vai ganhar muita grana quando ela se profissionalizar. Vamos admitir. Ela teria que ter em média umas oitenta lutas de amador. Aí sim pode se profissionalizar. Aí você pode me perguntar em relação à idade. Interfere? Bastante! Mas o que faz no empreendedor investir numa jovem com uma idade assim um pouquinho evoluída né? Pois nós*

---

<sup>69</sup> Segundo o Jornal O Globo, de 26/05/2009, Nari Tyson participou apenas de quatro lutas nos Estados Unidos. Atualmente ela é cidadã americana, tendo trabalhado nos primeiros anos como empregada doméstica, professora de *Kick Boxing* e posteriormente no setor imobiliário, onde desempenha esta função até a presente data. Fonte: <http://oglobo.globo.com/esportes/mat/2009/05/26/pioneira-do-boxe-feminino-no-brasil-nari-tyson-hoje-leva-vida-nos-eua-756034738.asp> Acessado em 28/04/2011.



*temos a Nari Tyson, que foi aluna nossa aqui, que mora hoje nos Estados Unidos, Los Angeles, eu acho, e a Nari já foi pra lá tarde. Era uma guerreira, que lutava como os homens. Uma das pioneiras da academia. Lutava só com homem. Não tinha mulher pra lutar com ela!! Ela fazia luva só com homens. A única mulher que fazia luva com ela era eu! Aí ela decidiu ir. Mas aí ela esbarrou com o que? Tempo. Que ela foi para os Estados Unidos, passou a viver lá, fez algumas lutas, mas foi até onde a idade permitiu. Que depois de uma determinada idade ela teve que parar. Então mesmo assim foi uma das poucas que conseguiu chegar. (Kátia)*

Naturalmente a concepção de gênero no circuito do boxe feminino também favorece um menor interesse no acompanhamento dos campeonatos entre mulheres. O desconhecimento e o desinteresse permanecem quando se pergunta quem lidera atualmente a disputa pelo título nacional. Ao indagar sobre o conhecimento da lutadora Duda Yankovich, na época líder na categoria *super leve* no *ranking* nacional, quase todos os alunos das academias *Physical* e *Nobre Arte* (dentre eles homens e mulheres) desconheciam a atleta. Profissionais do meio, isto é, professores e presidente da Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro, desmereciam o talento da pugilista. Enquanto uns a consideravam uma modelo que luta, outros reafirmavam sua condição de estrangeira, observando que o seu *habitus pugilístico* fora adquirido em função do treinamento na Sérvia (seu país de origem), e não no Brasil. *Uma atleta pronta*, como afirma Claudio Coelho. Contudo, há um grande reconhecimento internacional por Laila Ali, filha do boxeador Muhammad Ali<sup>70</sup>, vista como referência e reconhecimento de uma atleta que luta com seriedade.

*Se me falarem: está passando uma luta de boxe feminino. Não me interessa. Agora, te digo uma coisa, se fosse a filha daquele ali, dos Estados Unidos, aí sim dá gosto de ver, porque lutava mais do que qualquer um homem. Mas o que? País de primeiro mundo. Chama-se Laila Ali, que lutou boxe, uma morena bonita pra caralho. Boxeou, chegou a ser campeã mundial e tudo. Mas o que eu te digo, infra-estrutura de país de primeiro mundo. O Bush dava todo o apoio para ver a pessoa chegar naquilo que chegou. Mas aqui é país de terceiro mundo, nada funciona como deveria funcionar, entendeu? País pobre, fudido, que não se dá o valor devido. (Claudio Coelho)*

---

<sup>70</sup> Muhammad Ali foi boxeador entre os anos 60 e 70 do século XX e é popularmente conhecido como o melhor pugilista de todos os tempos, sendo eleito “O Desportista do Século” pela revista americana *Sports Illustrated* em 1999. Fonte: Enciclopédia Virtual Wikipedia. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Muhammad\\_Ali](http://pt.wikipedia.org/wiki/Muhammad_Ali). Acessado em 27/04/2011.

	
<p>Laila Ali ao lado do seu pai, na época boxeador, Muhammad Ali.</p>	<p>Anari Santa de Sousa, conhecida no mundo do boxe como Nari Tyson. Registro fotográfico de sua formatura em Psicologia, nos EUA. Fonte: <a href="http://oglobo.globo.com/esportes/mat/2009/05/26/pioneira-do-boxe-feminino-no-brasil-nari-tyson-hoje-leva-vida-nos-eua-756034738.asp">http://oglobo.globo.com/esportes/mat/2009/05/26/pioneira-do-boxe-feminino-no-brasil-nari-tyson-hoje-leva-vida-nos-eua-756034738.asp</a></p>

## 2.2 - Apesar de menor, a profissionalização é um obstáculo também para o homem.

Contudo, vale mencionar que apesar da limitadíssima expressão do boxe feminino amador e profissional, a realidade em relação ao quadro masculino não é tão discrepante. Ainda que suas possibilidades de permanência no esporte sejam muito mais efetivas, os homens também esbarram no tabu da idade e da família.

### 2.2.1 - relato do professor Maurício.

*Cara, com a minha idade isso é meio... assim, seria uma coisa em que eu teria que me dedicar muito. Base eu tenho, mas eu teria que ter mais tempo pra me dedicar. Por exemplo, eu teria que sair daqui, dar uma malhada, treinar, ir lá no Claudio três vezes na semana. Até o profissional é difícil. Mas pra chegar no amador não seria tão difícil. Porque eu treinando em um ano, legal, eu posso, eu tenho condições de começar a competir. Mas só que eu já estou com quarenta e cinco anos. Tenho dez filhos, tenho minha mulher. A minha saúde, embora eu me considere 100% bem fisicamente pra fazer uma aula, eu não tenho um pique de dezenove, vinte anos. E teria que tá ganhando melhor, teria que tá me alimentando melhor, pra manter um pique de atleta. Aí já é outra conversa. Teria que tá ganhando o dobro pra me alimentar melhor, descansar bem, aí teria que tá levando uma vida de atleta pra competir. Mas hoje eu não levo uma vida de atleta. Eu faço uma lutinha com um cara do meu peso, pra*

*uma brincadeira. Com um atleta o cara vai me engolir. Mas com uns caras da minha... é uma grande vantagem. Um cara da minha idade, do meu peso, eu vou levar vantagem.*

### **2.2.2 – relato do professor Claudio Coelho.**

*Olha, foi mais por simpatia pelo boxe, porque na época eu tive oportunidade, eu comecei mesmo na época foi fazendo judô e lá eu conheci o meu professor. Então, eu já tinha uma certa simpatia com o boxe pela televisão. E aí me levou a querer ficar ali e aprender boxe. Então foi uma simpatia pelo boxe. Porque eu fiz outras modalidades, mas eu sempre voltava no boxe. Foi o que fiz, por simpatia. Mas a minha família não era muito esclarecida disso tudo não. A minha mãe quando soube, até de outras pessoas, minha mãe ela... foram falar para ela que o boxe deixava maluco e tudo... e ela por não ter um grau de instrução... eu tive um irmão que nasceu com Síndrome de Down, ela tinha uma idéia que, falavam para ela que pancada na cabeça deixava pirado. Aí ela pensou que pelo meu irmão ter nascido assim, eu poderia ficar. E ela não tinha tanta instrução, ela não queria de jeito nenhum. Eu fazia meio que escondido. Eu comecei a ter responsabilidade dentro de casa desde os doze anos, quando o meu pai teve derrame. Então, eu comecei muito cedo. Na época que eu era para ter uma certa infância, eu tava com uma responsabilidade de chefe de família fudida dentro de casa. Então, eu fui tendo, desde dessa época, aprendendo a trabalhar, a levar dinheiro para dentro de casa. Daí eu cheguei a ter períodos na minha vida, na minha adolescência, entre quatorze, quinze, dezesseis anos que eu só tinha três peças de roupa. Então você vê que... depois que quando isso foi melhorando... e eu trabalhei numa empresa durante vinte e dois anos, em arquitetura e depois teve a contabilidade. Entendeu? Então, aí depois, aí minha família não tinha mais controle sobre mim. Eu já estava cascudo. Minha mãe, a preocupação da minha mãe era com a minha adolescência, tá me entendendo? Pra mim... tinha medo que eu virasse bandido do morro, essa coisa... a preocupação das mães era isso. Entendeu? Era uma criação diferente. Então, o apoio ali foi uma coisa por mim mesmo. Depois que você toma uma certa idade com responsabilidade, você toca a sua vida e não tem mais controle nem de pai nem de mãe. Entendeu?*

*Claro, ela falava. Não faz isso, se acontece alguma coisa com você quem que é que vai ajudar a casa? Seu pai doente... pra caceta. Entendeu? Falava isso, entendeu? Falava isso. Eu entendi mais tarde que era a falta de instrução, de conhecimento. Diferente da minha família atual. Outra situação. Aí eu já tava cascudo, feito, entendeu? Aí o apoio é total, total.*

*Mas nunca desejei ser um lutador profissional. Nunca, por quê? Por que eu nunca desejei... primeiro porque eu fui vetado pela minha mãe muito cedo, e eu não tinha essa condição e eu respeitava isso. Eu não quis lutar escondido. Eu praticava, ainda meio que escondido. O problema dela era com luta. Por que isso tudo? Porque eu podia lutar e ela não ia saber. Mas acontece o seguinte, eu fui*

*educado, eu tive a educação de berço. Eu sou de uma época que filho respeitava pai e mãe. E o que ocorria? Eu falei: amanhã ou depois ela vai saber e vai ter uma decepção. Então, o que que eu fiz? Eu era um praticante. Às vezes eu chegava machucado, e como eu jogava futebol, eu dizia que... bolada. O dia que passava, e ela coisa. Mas ela era assim, se eu fosse lutar, ela ia atrás, ela ia fazer escândalo, e isso tudo. Aí, o que que acontece? E essa vontade, quem é que não tem de ser. Mas aconteceu o seguinte, surgiram outros empecilhos na minha vida, outros obstáculos, que era isso. Então, toda essa vontade que eu tinha... foi legal eu descobrir o boxe nessa época porque ele foi a ocupação da minha vida, até como terapia. Por eu gostar e não ter chance de pagar nem nada, eu poder fazer aquilo. Aquilo me complementava de uma certa maneira. Mas eu tive um momento difícil. Mas o que que eu concluo disso tudo? Eu não fiquei frustrado de não poder ser lutador, e só mais tarde eu fui ver isso, porque assim, eu tinha mãe na época, e eu não ia fazer isso, então eu fui treinando. E só depois eu fui entender e foi o meu livro que Deus me recompensou de alguma maneira. Ele não deixou eu ser um grande lutador e fez eu ser um grande treinador. Você está me entendendo? E foi isso que eu atuo, entendeu?*

Os dilemas são parecidos, ainda que o rigor da cobrança seja muito maior em relação ao sexo feminino. Porém, mesmo que o boxe seja considerado um esporte “violento” e/ou “agressivo”, as dificuldades de patrocínio, neste caso para ambos os sexos, não se deve a esta questão. Prova disso é o crescimento, na mídia esportiva, de uma modalidade de luta cujas regras de ataque e defesa são menos ortodoxas que as do pugilismo e que dispõe de maior visibilidade, sustentabilidade e sucesso para o atleta.

### **2.3 - *Mixed Martial Art (MMA)* ou Vale-Tudo.**

O *Mixed Martial Arts (MMA)*, como segue na introdução, é uma modalidade popularmente conhecida por Vale-Tudo e que envolve o *jiu-jitsu*, o boxe, o *kickboxer*, o *muay thai*, a luta greco romana e o *kung fu*. Esse conjunto de lutas ganhou grande destaque na mídia esportiva, notadamente em revistas e canais de televisão fechada, além de ter gerado subprodutos como roupas voltados para este segmento. Resultante deste investimento, a facilidade para o patrocínio é muito maior, garantindo condições mais favoráveis de sustentabilidade para os atletas.

Duda Yankovich, campeã nacional na categoria *super leve*, declarou no *site* Universo On Line (UOL) que está migrando para o *MMA*, já que nessa modalidade “os empresários são mais corretos e, é claro, paga-se melhor<sup>71</sup>”.

Claudio Coelho, inclusive, se consagrou no mundo da luta como treinador de Vale-Tudo e não necessariamente de pugilistas profissionais.

### **2.3.1 - a trajetória de um renomado treinador.**

Antes de viver exclusivamente do esporte, Claudio trabalhou por vários anos em um escritório de arquitetura, empregando-se depois numa firma de contabilidade.

O esporte sempre esteve presente em sua vida, mas o primeiro contato com a luta foi a partir dos dezessete anos, por intermédio de um vizinho mais velho que praticava caratê e capoeira. No entanto, a metodologia empregada era “bem estúpida” como ele próprio afirma. “Mostrava um golpe e já começava a aplicá-lo”. (Coelho, 2010: 19)

Claudio apreciava as aulas e com elas a auto-confiança adquirida e o melhor condicionamento físico que o beneficiavam muito no futebol. Contudo, o grande passo para o mundo das lutas foi dado quando conheceu Edgar Wallace, faixa preta de Judô que morava em Ipanema.

“Conversando sobre malhação, falei dos meus treinos de Caratê para defesa pessoal e ele me ofereceu treinamento de Judô em sua academia. Recebi o quimono e me juntei ao seu grupo de alunos da arte marcial mais popular daquela época”. (Coelho, 2010: 19)

Na academia desse professor, Claudio pôde fazer muitas amizades e, entre elas, uma das mais significativas foi com o professor Edson dos Anjos, que ensinava boxe nesse mesmo local. “Certa vez, fiquei para assistir a uma aula de Boxe. Gostei, voltei, continuei e percebi que ali estava o meu interesse”. (Coelho, 2010:19)

Ao mostrar grande potencial para o esporte, Claudio fora convidado a ajudar Edson, iniciando assim sua atividade como treinador de boxe. Com a transferência da

---

<sup>71</sup> Matéria publicada no dia 05/04/2011. Fonte: <http://esporte.uol.com.br/lutas/vale-tudo/ultimas-noticias/2011/04/05/gosto-por-adrenalina-leva-duda-yankovich-ao-mma-em-carreira-paralela-ao-boxe.jhtm> Acessado em 05/04/2011.

academia para o bairro do Leblon<sup>72</sup> e com a saída do professor por motivos de estudo, Claudio teve acesso a lutas como judô, caratê, *jiu-jitsu* e também a um treino, no horário noturno, sem quimono, dirigido pelo Professor Leitão. Este era um “especialista em Luta-Livre e um dos maiores conhecedores da arte de luta sem quimono ainda em atividade (hoje com 72 anos, continua a ensinar e a treinar com os alunos). E lá estava eu entre eles, aprendendo um pouco da arte de lutar no chão, com a vida toda preenchida com trabalho, escola e treino”. (Coelho, 2010: 20)

Com o fechamento dessa academia, Claudio foi praticar *jiu-jitsu* no bairro de Copacabana, com o Professor Valter da Silva, mais conhecido por “Soldado” e também por ser faixa preta treinado pelo mestre Carlson Gracie. Nesta luta, Claudio Coelho chegou até a faixa roxa<sup>73</sup>.

Reencontrando o professor Edson em um dia de trabalho no Centro da Cidade, ele - já formado e tendo retomado as atividades como professor de boxe em uma academia na Gávea<sup>74</sup> - recebe dele o convite para treinar; o compromisso se adensa e Claudio torna-se assistente de Edson dos Anjos.

Desta vez a parceria durou um longo tempo, passando por várias academias nos bairros da zona sul do Rio de Janeiro, como Humaitá, Leblon, Copacabana e Ipanema. O Esporte Clube Radar foi o segundo local onde eles conseguiram maior infra-estrutura para desenvolver seu trabalho. Porém, em 1986 o professor Edson decidiu se mudar para os Estados Unidos, e a partir dessa data Claudio passa a tocar as atividades do boxe sozinho. Neste mesmo ano, Claudio Coelho cria a *Academia de Boxe Nobre Arte* junto com seu amigo Fernando Thé, mantendo-a em funcionamento neste mesmo clube até 1989. Em 1990, Claudio transfere a academia para o Cantagalo e cria em paralelo o projeto social *Meninos do Boxe*.

---

<sup>72</sup> Bairro situado na zona sul do município do Rio de Janeiro.

<sup>73</sup> Assim como em várias artes marciais, o *jiu-jitsu* categoriza os praticantes por faixas, cada qual representando o nível de aprimoramento que este tem no esporte. De acordo com o *site* da Confederação Brasileira de *Jiu-Jitsu*, a faixa roxa antecede somente a marrom, preta, vermelha e preta e vermelha. Onze faixas compõem o sistema de graduação desta luta. Fonte: <http://www.cbji.com.br/graduacao.htm> Acessado em 27/04/2011.

<sup>74</sup> Bairro situado na zona sul do município do Rio de Janeiro.



### 2.3.1.2 - a consagração.

No entanto, em 1995, a vida do treinador dá uma guinada. Priscila, esposa de Ralph Gracie e uma das primeiras mulheres do *asfalto* a treinar boxe na *Nobre Arte*, apresenta seu marido, que chega a competir pela equipe da academia.

Em seguida, Renzo Gracie também se insere neste espaço, a fim de iniciar uma parceria muito bem sucedida com o treinador.

“Um dia Renzo me ligou dizendo que seu pai o tinha inscrito num torneio nos Estados Unidos e que sagrar-se campeão teria que fazer três lutas numa única noite. Dentre os lutadores que participariam do torneio, três eram *strike* e um era boxeur profissional. Por isso, ele teria que treinar o Boxe para não ser surpreendido pelo adversário. Em maio de 1995 começamos a treinar, fomos nos entrosando e ao fim dos noventa dias já havia grande afinidade entre nós.

A um mês da viagem Renzo me convidou para fazer parte da sua equipe, dizendo ser importante a continuidade do trabalho durante os vinte dias que ficaríamos por lá. Esta viagem foi o mais significativo acontecimento na minha vida”. (Coelho, 2010: 101)

A vitória de Renzo representou não só a consagração mundial de um lutador brasileiro de Vale-Tudo, capaz de fazer três lutas em uma mesma noite e sair campeão no torneio *World Combat Championship – WWC* de setembro de 1995, na Carolina do Norte, nos Estados Unidos, mas também o

“início de uma jornada internacional como *pé quente*, com um bom astral que me trouxe boas amizades e muita sorte para minha carreira de treinador. A partir de então, as boas mudanças começaram a acontecer na minha vida como treinador de Boxe”. (Coelho, 2010:105)

A partir dessa vitória, Claudio Coelho passa a viver exclusivamente do boxe/MMA. A ajuda financeira de Renzo e o aparecimento de vários alunos particulares foram fundamentais para que o treinador garantisse o seu sustento exclusivamente com o esporte. Claudio fez, com Renzo, várias viagens aos Estados Unidos; posteriormente visitou países da Europa, o Japão e os Emirados Árabes com os atletas que treinou.

Segundo Claudio Coelho, a causa de seu sucesso e realização maior no Vale-Tudo está justamente na estrutura que essa modalidade proporciona, diferentemente das dificuldades encontradas no boxe.

*O Vale-Tudo foi que valorizou o meu nome, que levou pro mundo todo, foi minha metodologia de boxe pro cara que fazia vale-tudo e isso que me levou pro mundo todo. O Vale-Tudo tem uma infraestrutura totalmente diferente, totalmente diferente. Tem infraestrutura de primeiro mundo. Acabou, então, isso aí já agrupou tudo. E por ser um mix, que é um misto de lutas, eu trabalho perfeitamente nisso.*

No entanto, é no boxe que Claudio traz o diferencial em metodologia de treinamento a seus atletas competidores. Além de sua história em outras modalidades de luta, definidas pelos interlocutores como *de chão*, a peculiaridade dos seus golpes no boxe traz um adendo para os praticantes de *MMA*, principalmente para os lutadores de *jiu-jitsu*.

*O diferencial é importante, porque a luta começa em pé e começa a lutar. É uma vantagem para quem sabe bater ou sabe chutar. Porque a luta começa solta, começa agarrada. Então tem um diferencial bom. No jiu-jitsu é perfeita, porque é uma luta agarrada, luta bem no chão, colada, e saber trocar soco, não só para atacar como também para defender e não cometer erros na hora de entrada.*

Claudio costuma fazer um treinamento diferenciado para cada atleta de *MMA*.

*Eu faço muito trabalho sobre lutador de vale-tudo. Então, eu gosto de pesquisar o adversário. Me traz o DVD, me traz alguma coisa, e eu fico pesquisando o lutador. Então ali, na parte que me compete, eu vejo se esse cara soca bem, se ele chuta bem quando ele entra, porque dali eu faço uma planilha de treinamento pra treinar em função daquilo. Então, eu já vejo coisas naquele adversário que o meu pupilo que eu estou treinando, quando a gente senta junto, eu tenho meio que dizer para ele o que ele deve fazer e o tipo de treinamento específico. Então sempre foi assim ao longo dos anos.*

Mas o boxe, neste caso, torna-se um acréscimo importante para quem quer um diferencial. Mas apesar da precisão dos socos e das defesas, o tempo para a incorporação do *habitus pugilístico* para quem não tem a pretensão de se tornar profissional não é tão longo quanto nos demais esportes. Por exemplo, os professores Maurício, da *Academia Physical*, e Joel, da *Nobre Arte*, são professores com uma trajetória bem mais curta, apesar da prática esportiva estar há muito tempo presente em suas vidas.

### **2.3.2 - a trajetória profissional de Maurício.**

Maurício tem hoje quarenta e cinco anos e atua como professor de boxe há um ano na *Academia Physical*, em Augusto Vasconcelos, e na parte administrativa da *Academia Delfim*, na Tijuca. Fora do boxe é também professor particular de *surf* e de

informática. Pai de dez filhos, avô de cinco netos e à espera do décimo primeiro filho com a aluna Michele, sua esposa, da turma da *Physical*, o professor iniciou a carreira ainda jovem, tendo a primeira carteira de trabalho assinada como *boy* no Centro Empresarial Albrahma (empresa que prestava serviço para a Brahma).

*Mas antes disso eu trabalhei, fiz curso de serigrafia, dava camisa, entre outras coisas. Eu vendia roupa. Eu e meu irmão a gente trabalhava muito com surf. A gente fazia campeonato de surf. Fizemos três anos campeonato de surf, mas o surf, assim, você tem que ter muito dinheiro pra investir e tem que ter um de reserva pra sobreviver. Então não dá pra você sem ter uma reserva, você se sustentar. A gente comprava o bloco, mandava um cara shapear, mandava o outro pintar, mandava o outro laminar, deixava tipo uma marca e a gente vivia disso. Pegava camisa da Company, da Cyclone, na época né? Revendia. Meu irmão conhecia o Roberto Valério que era um dos donos, então trabalhava com a Flake também que também era uma marca surfwear. Mas só que muita gente assim: paga no começo, depois demora pra pagar, então viver disso é difícil.*

Após o serviço de *boy*, Maurício trabalhou na lanchonete Bob's e no antigo supermercado Superbox, atualmente sob a denominação de Extra. Em 1990, o professor, que havia prestado concurso para a Comlurb,<sup>75</sup> é convocado, trabalhando na empresa por quatro anos e no horário noturno. Neste mesmo período inicia a faculdade de biologia.

*Antes de entrar na Comlurb, eu comecei a fazer faculdade. Em 88, aí eu fiquei 89, fiquei só um período porque meu pai que pagava ele resolveu parar de pagar, aí eu fiquei vendendo sanduíche natural na faculdade pra poder continuar pagando a mensalidade. Aí meu pai parou, mas eu não consegui. Tranquei a faculdade, continuei fazendo uma coisa aqui, outra ali tentando me sustentar, lá na Comlurb. Aí eu fiquei quatro anos. De lá eu como consegui voltar pra faculdade (dessa vez para o curso de nutrição) e eles transferiram pra parte da manhã e eu queria trabalhar a noite. Aí eu pedi as contas.*

Terminada a experiência na Comlurb, Maurício torna-se cobrador de ônibus na empresa Ocidental.

*Mas no quarto dia teve um problema lá com um carro. Nós pegamos o dinheiro e eu botei no cofre. Aí o despachante pegou o dinheiro, ele pegou, ele tinha uma chave, ele me deu uma chave espanada pra tentar abrir o cofre, mas aí eu não consegui e ele falou:*

*- Não! O carro aí, a gente dá uma olhada e você pega outro carro, continua o seu trabalho e quando vocês forem pra garagem levam o carro pra lá.*

---

<sup>75</sup> Companhia Municipal de Limpeza Urbana.

*Só que quando nós terminamos o serviço... eu comecei a trabalhar de cobrador, aí fui levar o carro pra garagem, chegou lá e o dinheiro não tava. Aí eu fui lá falar com ele e ele falou que não pegou o dinheiro, que não era ladrão. Moral da história: no domingo já não trabalhei. Aí na segunda-feira fui falar com o... não é diretor... supervisor... geral lá e disse que não ia ficar e pedi as contas.*

Depois desse infeliz episódio, Maurício foi trabalhar no supermercado Sendas.

*Como eu já sabia datilografia eu comecei trabalhando na parte de Hortifruti. Na quitanda lá. Eu ficava arrumando lá a parte da bancada de tomate, cenoura, batata. Mas com um certo tempo, quando eu já aprendi tudo, eu pegava de sete às cinco. Cinco horas eu largava, eu tomava um banho, aí o rapaz do escritório me chamou pra ajudar a entender como funcionava a parte do fechamento de caixa e aí fui aprendendo só que o meu chefe da quitanda ele não me liberou pra ir pro escritório. O cara queria me fazer a transferência. Não me liberou, aí não gostei, pedi as contas aí saí de cobrador da Ocidental, fui pra Sendas, das Sendas pedi as contas e fui trabalhar de cobrador de novo em uma outra empresa. Lá na Matias. Que é em Engenho de Dentro<sup>76</sup>. Que é o ensejo rodoviário Engenho de Dentro. O 249, o 247. Tem uma outra empresa que não me lembro agora. Fiquei um tempo, aí a primeira coisa que eu fiz, como eu tinha carteira de motorista, foi juntar dinheiro pra mudar de categoria. Aí eu consegui em quatro meses, eu acho, mudar de categoria rapidinho e fiquei esperando uma oportunidade pra fazer prova pra motorista. Aí só que eu não recebi essa oportunidade. Eles ficaram demorando pra me passar... aí o que aconteceu? Não me deram oportunidade. As outras pessoas que tinham saído da mesma empresa fizeram um teste na Alpha aí me chamaram e eu fui. Fiz um teste como motorista na Alpha, passei, aí fiquei dois anos, aí teve um problema lá e aí fui pra uma outra empresa, fui pra Saens Peña, aí fiquei um ano e meio, a vida de motorista é muito sacrificante. Tem que aturar muita coisa. O pessoal não respeita. O próprio motorista não respeita o outro.*

Após a experiência como motorista de ônibus, Maurício parte para outras ocupações, como vendedor de livros e cabeleireiro.

*Nesse ínterim, nesse meio que saí, aí fui trabalhar em uma livraria, mas achei que ia tentar voltar pra ônibus... saí. Numa livraria, num sebo na verdade, na Avenida Passos<sup>77</sup>, na livraria Leonardo Marius. Até famoso esse sebo, de um cara, numa loja boa. Trabalhei em uma loja do irmão dele. Eram sócios. Mas eu saí pra tentar pra motorista, mas não consegui. Fiz um curso de barbeiro, aprendi a cortar cabelo, cortava... assim, por minha conta. Cortava o cabelo, fazia barba, mas fazia um curso, me formei, aí fui chamado pra trabalhar com um rapaz, lá na Central do Brasil. Aí comecei treinando com ele, aí tava namorando minha ex-mulher, uma menina, aí ela era cabeleireira, aí eu resolvi sair desse cara, aí como ela*

---

<sup>76</sup> Bairro situado na zona norte do município do Rio de Janeiro.

<sup>77</sup> Avenida situada no Centro da Cidade do Rio de Janeiro.

*trabalhava pra outra pessoa, fui chamar ela e montamos nosso próprio salão num camelódromo da Central. Que ficava do lado da rodoviária da baixada. Tinha aquela rodoviária do centro, tinha um camelódromo ali que foi extinto que fica de frente pra Presidente Vargas<sup>78</sup>, mas esse era tudo direitinho, tinha nossos boxes, igual na Uruguaiana<sup>79</sup>. Tinha os boxes, tinha as mensalidades, a Associação lá. Mas aí, cara, lá tinha muito cabeleireiro, tinha época que dava movimento, tinha época que não dava, e, eu comecei a tentar ver se conseguia uma coisa de carteira assinada.*

Em paralelo, Maurício começou a dar aulas em uma escolinha de surf, ao mesmo tempo que iniciava uma carreira como professor de informática.

*Fiquei trabalhando de manhã na escolinha e de tarde no salão. Mas aí acabei largando o salão e fiquei só lá e fiquei praticamente uns seis anos. Mas só que fiquei esperando eu pegar um dinheiro que era o meu Fundo de Garantia. Eu tinha carteira assinada pelo menos por uns três anos. Aí eu consegui pegar e aí comecei a... pô, eu não vou querer ficar a vida inteira trabalhando de professor de surf, trabalhando de surf sem carteira assinada. Tem que ter uma segurança, né? Então eu comecei a fazer um curso de informática, na Rocinha<sup>80</sup>, mas aí não gostei muito, o professor não dava muita atenção, aí eu saí e um dia passando ali na Rua do Rosário, Buenos Aires com Rosário<sup>81</sup>, uma coisa assim, um amigo:*

*- Ah, vamos ver um curso lá na Eurodata<sup>82</sup>!*

*Aí eu subi, ia fazer um curso lá de informática e depois fiz inscrição também no telemarketing. Aí com o curso, só que lá no curso estava precisando de estagiário. Aí me ofereci e o estagiário não pagava, porque ele ajudava as pessoas na digitação, só na digitação, e aí como já tinha datilografia pra mim foi fácil. Ajudava as pessoas pra começar. Aí fui fazendo curso de Windows, de Word, o pacote Office e fazendo Telemarketing. Aí tentei com três meses de Telemarketing aí o professor saiu e eles estavam começando uma outra turma e não tinham professor. Aí como eu tava lá fazendo o curso de Office, já era formado, eles me chamaram pra dar aula de Telemarketing. Aí eu começava no Telemarketing, aí peguei uma, peguei outra, aí tinha saído uma professora e eles começaram a pedir pra mim pra dar aula de Office. Como já dava aula de Telemarketing*

---

<sup>78</sup> A Avenida Presidente Vargas é uma das vias mais importantes do Rio de Janeiro, pois faz a ligação do Centro a Zona Norte da cidade.

<sup>79</sup> Região do Centro do Rio de Janeiro onde há o mais famoso camelódromo da cidade.

<sup>80</sup> Comunidade localizada no bairro de São Conrado, zona sul do município do Rio de Janeiro, e conhecida por ser uma das maiores favelas da cidade. De acordo com a enciclopédia virtual Wikipedia, a Rocinha tem cerca de 60 mil habitantes. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rocinha> Acessado em 27/04/2011.

<sup>81</sup> Ruas que compõem o Centro da cidade do Rio de Janeiro.

<sup>82</sup> Instituição de ensino voltada para o mercado de trabalho. Fonte: <http://www.eurodata.com.br/2010/> Acessado em 27/04/2011.

*e de Digitação aí comecei a dar aula de Windows, Word, pra terminar o meu próprio curso. Aí virei professor de informática. Só que aí tive a idéia de voltar pra faculdade. Aí fiz uma prova e consegui passar. Aí comecei a voltar a fazer faculdade e em vez de ficar no curso de informática de manhã e de tarde, fiquei só à tarde, de manhã eu tava na faculdade. Aí o que que aconteceu? Aí não tá pra mim, não to gostando, vou procurar outra coisa. Aí não consegui uma bolsa na faculdade, fiquei só seis meses, tranquei, arrumei uma dívida, aí tentei entregar um currículo pra um cara que era dono do Pepê lá na Barra, do trailler, né? Famoso Pepê<sup>83</sup> que tinha morrido, já tinha dado aula lá. Ele tinha uma franquía, uma loja de... no Tijuca Shopping. No Shopping Tijuca. Aí quando entreguei meu currículo pra ele, ele:*

*- Pô! Mas o que você quer?*

*- Pô, eu to querendo estudar, tranquei pra Faculdade, mas to querendo voltar, se eu puder trabalhar no shopping, que é de duas horas, eu sei que esse horário de duas horas pra mim é bom. Ele:*

*- Tá bom.*

*E uns quinze dias mais ou menos ele me chamou.*

Por essa época, surgiu para Maurício a oportunidade de trabalhar na *Academia Delfim*, onde permanece até hoje.

*Aí surgiu a oportunidade de trabalhar na academia Delfim. Que ele tem uma loja do Pepê na Delfim, que era uma loja, era uma academia que ia inaugurar em agosto de 2007. Lá tinha boxe, musculação, tinha jiu-jitsu na época e tinha musculação. E tinha parte... que era fisioterapia, RPG, essas coisas. Mas aí eu falei:*

*- Tá.*

*Fiz um estagiazinho no Shopping Tijuca e quando a academia abriu eu fiquei quinze dias no shopping e comecei quando inaugurou a academia fui pra lá.*

A entrada na *Academia Delfim* representou a profissionalização para o aspirante a professor.

*E de lá comecei a treinar, fazia um treininho, parava, porque tinha horário do dia, aí depois não tinha mais, aí eu treinei aqui, treinei ali, aí nesses dois anos, eu fiz três no ano passado, eu comecei lá em 2007, aí quando foi em 2008 eu já tinha treinado muito, aí fiz um curso da Federação. Os professores lá foram saindo, aí tinha o professor Romero que era cubano e ficou lá por dois anos, ele ficou um ano, voltou pra Cuba e ficou na Delfim por mais um ano. Aí terminou o contrato dele, aí como já tinha feito um curso com o próprio Romero de três meses, eu acho, e fiz um curso na Federação de Boxe do Rio de Janeiro com o Doutor Maurício e aí procurei uma*

---

<sup>83</sup> Ruas que compõem o Centro da cidade do Rio de Janeiro.

*academia pra dar aula. Aí como eu trabalhava à tarde na Delfim e de manhã estava sem fazer nada, aí conheci aqui por indicação o Vini, um cara aqui da frente, a academia aqui, a Physical. Do Fabrício. Aí comecei a dar aula aqui. Aí o Romero foi embora, acabou o contrato dele e aí o Gabriel, o dono de lá, me chamou pra cobrir as férias do Romero. Aí fiquei trabalhando lá, cara, mas minha rotina foi assim: trabalhando numa coisa, ia no surf, virei professor, aí fui na informática e virei professor. Aí treinei boxe, surgiu a oportunidade e virei professor. Hoje, to me dedicando a essa parte agora. Professor de boxe. Aí já estava trabalhando em duas academias, já to numa outra. To vendo se trabalho em mais uma outra também. E to carreira agora. Professor de boxe.*

Maurício afirma ter o dom de ensinar, principalmente ao público iniciante.

*Eu tenho paciência. Eu gosto. No surf eu comecei dando aula pra pessoal iniciante, não levava o pessoal pro meio, nem pro fundo. Só quando faltava algum professor. Então ter paciência pra ensinar em formar o pessoal que tá começando também, idoso, eu ia dar aula particular fora do curso pra pessoas idosas, pra mãe, pro pai, pros amigos, pro amigo do meu avô, amigo meu, e por aí vai. Eu tenho essa paciência pra me dedicar pra pessoa que tá começando. Que não é tão difícil, você vai se dedicando um pouquinho, tempo de uma hora e meia de aula você vê que não vai ficando tão difícil. E o boxe, a partir do treino surgiu a oportunidade e acabou me ajudando nessa carreira aí.*

Assim como no caso de muitos praticantes e professores de boxe, os quais conheci na academia *Nobre Arte* e *Physical*, vários esportes compõem o *habitus* esportista de Maurício.

*Cara, de criança toda criança começa jogando futebol. Mas tentei testes em alguns clubes, mas não consegui. Tentei fazer teste no América<sup>84</sup>, no Flamengo<sup>85</sup>, mas eu andava de skate e quebrei o braço, me cortou, mas quando você vai ficando adolescente, se você não tem muito conhecimento, você pode até tentar em outros clubes, mas você vai vendo o que é prioridade. Escola ou futebol. Então, eu jogava bola bem. Tanto que fui chamado pra fazer teste. Mas eu não tinha padrinho. Então pro futebol ficou difícil. Aí fiquei jogando só no colégio mesmo que foi no Batista, treinei lá, durava uns seis anos, mas acho que joguei três ou quatro anos, até que saí do colégio mas continuei jogando no time da escola. Mas você como adolescente o futebol não deu. A prioridade pra mim foi a escola. Aí com quatorze ou quinze anos que comecei a surfar. Comecei a andar de skate e do skate passei pro surf. Aí com vinte e tantos anos já com trinta que virei professor de surf, já que surfar foi uma maneira de ganhar dinheiro. Eu aprendi... você surfar é fácil, você treinar é uma história completamente diferente. Aí do surf eu fiz judô também e durante quinze anos, comecei com cinco anos, até ensinar pros mais velhos,*

---

<sup>84</sup> America Football Clube do Rio de Janeiro.

<sup>85</sup> Clube Regatas do Flamengo.

*pras crianças menores, só que com uns quinze anos mais ou menos de idade meu professor vendeu a academia. Aí abriu uma academia na Tijuca, mas pra mim já não era a mesma coisa, ficava mais difícil porque eu morava no Grajaú<sup>86</sup>. Aí eu já estava mais no futebol, no skate, e não dei muita importância ao judô. Cheguei a treinar com Aurélio Miguel<sup>87</sup>, ia treinar onde ele treinava, só que eu era bem menor. E ele já era campeão disso e daquilo. Cheguei a lutar em dois campeonatos cariocas. Cheguei a ficar em terceiro lugar em... carioca não fui bem, mas fiquei em dois brasileiros em terceiro lugar. Fui bem.*

*Por ele ter vendido a academia, com quinze anos me afastei. Se tivesse seguido eu teria virado um atleta até de ponta. Eu era muito melhor no judô do que no futebol. Mas só que eu abandonei e aí minha carreira esportiva foi... não continuei. No exército eu cheguei a voltar a treinar, mas aí na semi-final lá no carioca eu fiquei em quarto, aí abandonei o judô.*

*Agora com quarenta e poucos anos eu comecei a treinar a capoeira por causa da academia Delfim. A capoeira e depois comecei a treinar o boxe. De vez em quando eu treino o Muay Thai, daí fiquei com a parte esportiva, né? Não tinha nada a ver com o trabalho de motorista, na quitanda lá nas Sendas, são coisas completamente diferentes do que o esporte.*

Atualmente é o boxe que lhe proporciona maior renda e estabilidade financeira. Hoje, o professor possui carteira de trabalho assinada nas duas academias em que ensina. No entanto, não é este seu esporte favorito.

*Qual que eu gosto mais? Cara, eu gosto muito da capoeira. Porque você aprende a cantar, aprende a tocar instrumentos, a ginga, a parte física, ela mexe muito com a parte física. Eu fico arrepiado quando escuto um berimbau tocando. Eu gosto de jogar. A Ju lá embaixo, quando estava na administração, então antes de começar a aula eu subia e ficava meia horinha lá jogando. Como estilo eu acho mais bonito, mas eu aprecio muito também o boxe. Fica um pouquinho só na frente a capoeira. O boxe vem atrás, eu gosto também.*

Segundo Maurício, no boxe, por não ser tão técnico, o aprendizado é mais rápido. Assim, a chegada ao estágio de professor leva muito menos tempo do que na capoeira, por exemplo.

*O boxe, eu gosto de treinar boxe porque foi uma maneira mais rápida pra eu poder trabalhar. Financeiramente ela me dá retorno*

---

<sup>86</sup> Bairro localizado na zona norte do município do Rio de Janeiro.

<sup>87</sup> Campeão olímpico na categoria médio-pesado nos Jogos Olímpicos de Seul (1988), medalha de bronze em 1996 nas olimpíadas de Atlanta e medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos em 1997, em Indianápolis. Fonte: Enciclopédia Virtual Wikipedia. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Aur%C3%A9lio\\_Miguel](http://pt.wikipedia.org/wiki/Aur%C3%A9lio_Miguel) Acessado em 28/04/2011.



*financeiro. Se eu fosse trabalhar na capoeira seria mais difícil dar uma aula em uma academia de capoeira porque teria que me graduar e levaria muito mais tempo. Teria que ter uns oito anos. O boxe me deu uma oportunidade mais rápida. Por ser um esporte mais fácil, menos... não vou dizer menos técnico, mas a facilidade da pessoa aprender o boxe é muito maior do que a capoeira, porque a capoeira tem muitas técnicas, tem set down, depende também aonde você quer chegar na capoeira. Eu, com a minha idade, com quarenta e cinco, eu tenho que treinar, eu posso até dar um mortal, mas é muito difícil pra mim chegar a este nível. Eu teria que treinar muito e eu não tenho esse tempo pra ficar me dedicando. Então o boxe, uma hora de boxe, como são menos, fica mais fácil pra mim ter um retorno financeiro. Me mantém bem fisicamente e me mantém financeiramente. E eu hoje estou crescendo porque no momento estou dando aula em duas, mas eu já dei aula em três academias, já to com uma proposta de começar em outra, em Campo Grande também, perto do shopping, lá na Estrada do Mendanha. O cara vai inaugurar lá uma academia. Aí me chamou pra dar aula lá. E eu to progredindo profissionalmente no boxe. Então isso tá me impulsionando uma satisfação, uma alegria muito grande em poder estar na Delfim, que é uma boa academia, e poder estar desfrutando da minha saúde física. E uma estabilidade financeira. Não to rico, mas espero estar dando um pouco mais e poder melhorar um pouco mais a minha vida financeira através do boxe. Eu to vendo e to crescendo nisso.*

### **2.3.3 - a trajetória profissional de Joel.**

Joel tem sessenta e dois anos, estudou até a oitava série do ensino fundamental e é professor de boxe da *Academia Nobre Arte*, no Cantagalo. É segurança numa loja na Rua Teixeira de Melo, em Ipanema. Chegou à comunidade aos dois anos de idade, nela permanecendo até os dias de hoje, agora com sua esposa. A filha, apesar de ter sido criada no Cantagalo, casou-se e foi morar no bairro Engenho da Rainha<sup>88</sup>, junto com a neta de dois anos. Joel tem oito anos de boxe, mas como professor apenas quatro. Sua atividade não é remunerada.

O envolvimento com o esporte sempre esteve presente na vida do professor. Primeiro foi o futebol; jogava em um time chamado Estrela Azul, na própria comunidade do Cantagalo. A seguir veio o hábito, também antigo, de correr na praia. *Acordava todo dia de manhã pra correr, levava meus dois cachorros, ia pra praia, eu vinha e descia pro trabalho. Sempre fui envolvido com esporte.*

A iniciação no mundo da luta foi pelo judô, em uma academia que também funcionava no prédio do Brizolão do Cantagalo, mas a prática durou apenas seis meses.

---

<sup>88</sup> Bairro localizado na zona norte do município do Rio de Janeiro.

Segundo o professor, depois de alguns anos ele voltaria ao circuito da luta, mas com o boxe e na academia *Nobre Arte*. Ali Joel começa a *fazer luva* com o professor Ricardo Tinha.

*Aí fui indo, fui indo, aí ele viu que eu tinha uma capacidade mais ou menos e aí chamou pra trabalhar ai, uma mão-de-obra aí, dando aula.*

Com o aprimoramento adquirido nas aulas e na atividade de auxiliar de professor, Joel, por recomendação de Tinha, se inscreve no curso para treinadores promovido pela Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro.

*Um concurso para treinador. A jóia era oitenta reais na época. Aí eu paguei os oitenta reais e aí fui fazer esse curso lá na Lapa. Fiquei um bocado de tempo fazendo esse curso, mas no final de semana, como eu trabalhava também, já ia pra lá cansado. Mas consegui passar com uma das melhores médias. Aí recebi certificado, recebi diploma, recebi daqui também, assinado pelo Presidente da Federação de Boxe do Rio de Janeiro.*

Com o diploma, Joel começa a assumir as aulas do horário noturno de seu treinador, compromisso que dura há aproximadamente três anos.

*Ele mesmo me matriculou nesse curso que teve pra eu ter o certificado direito e o doutor presidente ele vinha muito aqui e via minhas aulas, mas eu não sabia que ele era o presidente. Eu não conhecia ele. Ele via que as minhas aulas eram direitas. E foi no ano que eu fiz o curso, foi naquele dia, no dia do resultado, do certificado, ele levou a gente pra uma salinha pequena. Eu não escutei, mas o pessoal falava:*

*- Ah, esse rapaz já passou porque eu já vi muitas aulas dele.*

*Aí eu tive que dar uma apresentação lá. Foi boa graças a Deus. Eu dei até num horário que era em ponto. Eu nunca perdi um horário porque sempre cheguei cedo.*

De acordo com Joel, a escolha do boxe ocorreu em virtude da natureza da própria modalidade, que não tem tanto contato físico quanto o judô. Para ele, a trajetória nesse segmento esportivo se mostraria mais vantajosa, pois o desgaste seria menor, considerando-se a sua idade. Para ele, o *agarramento marca muito*.

*O judô é uma luta de muito agarramento. Do contato. O boxe já não é. O boxe já é uma coisa mais parada. Quando você entra num contato físico eles já mandam parar. Pra mim é mais vantagem. Por isso que eu fiquei mais aqui, porque quando eu tava no judô eu ainda tinha uma vantagem do irmão do (...) meu ex-compadre. Mas essa sala está desativada, lá embaixo. Eu podia continuar na época, mas*

*eu achei aqui que é uma luta que não tem contato. O boxe é mais solto. Eu gostei mais do boxe.*

#### **2.4 - Boxe: a arte de golpear sem ser golpeado. Fundamentos e técnicas corporais.**

(Maurício – professor da Academia Physical)

Visando situar de maneira mais adequada o leitor, esta parte do capítulo dedica-se a descrever brevemente os principais fundamentos e técnicas corporais do boxe e traçar um rápido panorama desse esporte, tal qual praticado por mulheres, no Rio de Janeiro e no Brasil. Os dados a seguir resultam de relatos dos interlocutores profissionais dos dois campos investigados, isto é, do professor Maurício, da *Academia Physical*, em Augusto Vasconcelos; dos professores Kátia Marcos, Joel e do renomado treinador e fundador da academia *Nobre Arte*, Claudio Coelho; e do respeitado presidente da Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro, doutor Maurício Cristino Pereira da Silva.




Além do trabalho de campo e do refinamento de dados por meio da entrevista em profundidade com esses interlocutores, dois livros publicados por Claudio Coelho auxiliaram bastante na composição deste capítulo: a biografia *Este Sou Eu: da favela para o mundo* e *Boxe: método de aulas para treinadores iniciantes*, publicado pela Prestígio Editorial. Outra fonte de grande valia foi o *site* do Conselho Nacional de Boxe ([www.conselhonboxe.com.br](http://www.conselhonboxe.com.br)), indicado pelo presidente Maurício.

As bases consultadas emprestam credibilidade à consolidação dos estudos do boxe, visto que Claudio Coelho é um dos treinadores mais respeitados do país, além de estar inteiramente comprometido com os conhecimentos do pugilismo, já que é um profundo estudioso do esporte. Nas visitas à *Nobre Arte*, pude ver o tempo que o professor dedica aos seus atletas, aperfeiçoando a técnica e, principalmente, pesquisando por meio de vídeos os pontos fracos dos adversários e se informando regularmente sobre o boxe americano, que é a referência mundial.

#### **2.5 - A influência cubana.**

Contudo, apesar da liderança ianque, há um respeito enorme também pelo boxe cubano. Ao percorrer as academias *Nobre Arte* e principalmente a *Delfim*, percebe-se a

riqueza de signos cubanos, que inclui até mesmo a figura de Che Guevara em uma das paredes da instituição.

		
<p>Fachada da academia com a intitulação Escola Cubana de Boxe.</p>	<p>Campeonato realizado na academia Delfim. Bandeira de Cuba ao fundo.</p>	<p>Sala de lutas com um desenho do rosto de Che Guevara, um dos líderes da Revolução de Cuba.</p>

Além dos signos, esta academia se sub-intitula Escola Cubana de Boxe (como mostra a foto acima) e costuma realizar contratações de professores de Cuba para o aprimoramento do esporte. Tanto é assim que vários convênios são realizados via Federação a cada dois anos.

De acordo com estes interlocutores, a peculiaridade do boxe cubano é decorrente da influência soviética. Mas a técnica cubana não é a mesma do boxe olímpico, caracterizado pelo toque e velocidade. Entretanto, há o reconhecimento de que os cubanos são os melhores do mundo, visto que sua singularidade é utilizada em outra modalidade de boxe, tão importante quanto a profissional, que é a amadora.

*PEDRO – O boxe brasileiro tem influência cubana?*

*KÁTIA – Tem. Claro que tem. Tem porque nós queremos nos aproximar de quem são o número 1. Com certeza tem e é muito bem vinda. Eu que o diga! Porque Cuba tem uma história, né? Lá é muito difícil e não é muito diferente daqui não. Então, essa associação acaba tendo uma certa influência. Claro que tem! Obvio! E o talento. A raça daqueles jovens. Que eles são só amador em relação a vida política dentro do país. Mas dentro do amadorismo eles são pioneiros.*

## **2.6 - Do boxe amador ao boxe profissional.**

Foi a partir dessa influência cubana que pude perceber um marco pertinente a este esporte: a diferença entre o boxe amador e o boxe profissional. No entanto, Claudio Coelho discorda e reconhece muito mais a herança americana. Para o treinador, o que

diferencia um segmento do outro é que, enquanto o primeiro é mais rico em toques, assim como o amador, o segundo é mais de impacto, como o profissional.

“Na verdade, estes treinadores tentam aproximar a técnica dos lutadores brasileiros ao estilo dos lutadores cubanos, segundo o qual os golpes em linha, que atingem mais rapidamente o rosto do adversário, facilitam a marcação de pontos durante os combates, atendendo assim às novas regras de competições olímpicas.

Dando maior ênfase ao treinamento dos golpes retos e ignorando as habilidades técnicas e o estilo individual de alguns lutadores brasileiros, o treinamento adotado por nossa equipe olímpica reprime, em alguns deles, a agressividade técnica e a potência dos golpes.

Mudanças técnicas radicais resultam na fragilização dos lutadores e na anulação de quase tudo que tenham desenvolvido em suas academias”. (Coelho, 2006:34)

O boxe amador é um estágio para que o lutador chegue ao nível profissional. É regido pelo Estatuto da Associação Internacional de Boxe Amador – AIBA, cabendo a esta “realizar olimpíadas, campeonatos mundiais e pan-americanos, dentre outros eventos”. (Coelho, 2006) A passagem do amador para o profissional é estabelecida pelo regulamento de boxe profissional, e exige que o atleta tenha obtido um total de dez vitórias no circuito amadorístico. De acordo com Claudio Coelho, embora haja bastantes competições neste segmento, a grande dificuldade é a falta de patrocínio, principalmente no Estado do Rio de Janeiro, ao passo que no Estado de São Paulo as condições são um pouco melhores.

Em virtude da metodologia amadora e profissional serem distintas, visto que na primeira, por ser de toque, a luta é mais leve, enquanto na segunda, por ser mais de impacto, o jogo é mais parado, há um período de adaptação para que o corpo do lutador absorva o novo *habitus* corpóreo pugilístico.

*PEDRO: Existe um período de adaptação do amador para o profissional?*

*CLAUDIO: Depende. Precisa de um tempo bom, porque estranha. O cara veio de amador há tantos anos, ele passa à profissional, a metodologia do treinamento dele tem que mudar.*

Outra grande diferença entre o boxe profissional e o amador é que no segundo o lutador não é remunerado - embora seja permitido patrocínio no que tange a ajuda de custo para transporte e alimentação – e o atleta é contemplado com mais equipamentos de proteção, sendo o capacete o principal deles.

*O amador ele é obrigado a usar aquilo. Quando você faz um treinamento, por exemplo, tem um aluno, a gente tá treinando, o correto é o amador usar essa proteção: capacete e protetor de dente. Pra proteger os dentes porque tem muito soco aqui na região da boca. E a luva, o profissional Claudio Coelho, na nossa academia, a gente aconselha a lutar com luvas de 16 onças. São luvas maiores, luvas em que as espumas são maiores. Então você tem que preservar o oponente.*

*Agora, no profissional, aí você já não usa essa proteção. Só usa o protetor de dente e luvas menores: de 10 onças, 8onças dependendo do campeonato. Por quê? Porque o objetivo é derrubar o oponente, mas não é como no MMA que você só usa aquela luva menor né, que nem se compara com uma luva de boxe. É menor, a espuma só fica nesta frente aqui, mas você não pode lutar sem a luva. Tem que ter toda essa proteção. Então tanto no MMA quanto no boxe e no amador é obrigatório usar a proteção. No Muay Thai tem que usar caneleira, protetor de dente, capacete, no Tae Kwon Dow também usa, nos campeonatos, mas no boxe amador, nos campeonatos, é obrigatório usar a proteção, no profissional não. Só de cabeça. No profissional você usa tudo: protetor de dente e a luva é menor. (Maurício, professor de boxe da Academia Physical)*

De acordo com Cristina Pedroza de Faria, autora da dissertação de mestrado *Corpos de ringue: encontros de discursos e práticas, representações e imagens na experiência de participação em um projeto social, entre jovens moradores da Maré (RJ)*, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/PPGSA), “a prática de boxe amador e profissional é regulamentada pela Confederação Brasileira de Boxe, entidade majoritária do esporte no país. No Rio de Janeiro, as competições de boxe são, via de regra, organizadas por uma das instituições locais legalmente reconhecidas – a Liga de Boxe do Estado do Rio de Janeiro ou a Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro – em conjunto com as academias. O termo pugilismo, a rigor, designa a prática de lutas em geral em todo o continente”. (Faria, 2005: 14)

## **2.7 - As regras e classificações do boxe amador e profissional.**

Se perguntássemos a um leigo qual é a principal qualidade que um lutador de boxe deveria ter, certamente a resposta seria: a força. Mas engana-se quem pensa que esta característica seja a principal. De acordo com Dr. Maurício, qualquer aluno que entra em uma academia de boxe desenvolverá primeiramente três fatores: *velocidade, precisão e potência.*

*Você tendo potência no boxe não precisa ser forte não. É você girar no ângulo certo: cintura, ombro, perna e jogar o boxe com velocidade, precisão e potência. Fica forte assim. Não precisa ser um cara muito grande. Às vezes é muito grande, mas ele não tem essa qualificação.*

Outras variáveis importantes como fatores essenciais à definição da categoria de um lutador são o peso e o número de lutas. A altura, neste caso, não é um determinante.

*Técnica, treinamento, condição física. Um cara que tem duas lutas não luta com um que tem dez. Porque a experiência prevalece. No boxe é muito igual. Pra eu fazer um torneio eu tenho que ter 60 pra fazer 10 lutas. Se chegar você que é meio leve, meio médio, 69 com 10 lutas, eu tenho 69 e duas lutas, não devo lutar, porque quer queira, quer não, a sua experiência vai prevalecer, porque é técnica. Não adianta ser forte, você vai dominar o centro melhor, vai dominar melhor, vai saber qual a melhor maneira de atacar. Isso é treinamento. (Dr. Maurício, Presidente da Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro)*

## 2.8 - Divisão em categorias.

No boxe amador, os lutadores são distribuídos nas seguintes classes (Coelho, 2006):

**1 - Estreante:** aquele que não tenha participado em espetáculo oficial;

**2 - Novíssimo:** com até cinco vitórias;

**3 - Novo:** com mais de cinco vitórias e um máximo de dez;

**4 - Master:** com mais de dez vitórias.

Em relação à categoria, a classificação obedece aos seguintes critérios:

CATEGORIA DE PESO	WEIGHT CATEGORY	QUILOS	LIBRAS
MOSCA LIGEIRO	LIGHT FLY	48	105
MOSCA	FLY	51	112
GALO	BANTAM	54	119
PENA	FEATHER	57	125
LEVE	LIGHT	60	132
MEIO MÉDIO LIGEIRO	LIGHT WELTER	64	140
MÉDIO LIGEIRO	WELTER	69	152
MÉDIO	MIDDLE	75	165
MEIO PESADO	LIGHT HEAVY	81	178

PESADO	HEAVY	91	200
SUPER PESADO	SUPER HEAVY	>91	>200

De acordo com o artigo 75 do capítulo XVII do Regulamento Técnico de Boxe Profissional, a divisão por categorias apresenta o seguinte quadro<sup>89</sup>:

### **BOXE MASCULINO**

CATEGORIA DE PESO	WEIGHT CATEGORY	QUILOS	LIBRAS
MÍNIMO	MINIMUM	47,627	105
MOSCA LIGEIRO	LIGHT FLY	48,988	108
MOSCA	FLY	50,802	112
SUPER MOSCA	SUPER FLY	52,163	115
GALO	BANTAM	53,524	118
SUPER GALO	SUPER BANTAM	55,338	122
PENA	FEATHER	57,153	126
SUPER PENA	SUPER FEATHER	58,967	130
LEVE	LIGHT	61,235	135>
SUPER LEVE	SUPER LIGHT	63,503	140
MEIO MÉDIO	WELTER	66,678	147
SUPER MEIO MÉDIO	SUPER WELTER	69,853	154
MÉDIO	MIDDLE	72,575	160
SUPER MÉDIO	SUPER MIDDLE	76,204	168
MEIO PESADO	LIGHT HEAVY	79,379	175

<sup>89</sup> Claudio Coelho ainda acrescenta as categorias Cruzador (86,183 kg e 190 libras) e Pesado (peso maior a 86,183kg e maior que 190 libras) para o boxe masculino profissional.



CRUZADOR	CRUISER	90,719	200
PESADO	HEAVY	+90,719	+200

### BOXE FEMININO

CATEGORIA DE PESO	WEIGHT CATEGORY	QUILOS	LIBRAS
MÍNIMO	MINIMUM	46,266	102
MINI MOSCA	STRAW	47,627	105
MOSCA LIGEIRO	LIGHT FLY	48,988	108
MOSCA	FLY	50,802	112
SUPER MOSCA	SUPER FLY	52,163	115
GALO	BANTAM	53,524	118
SUPER GALO	SUPER BANTAM	55,338	122
PENA	FEATHER	57,153	126
SUPER PENA	SUPER FEATHER	58,967	130
LEVE	LIGHT	61,235	135
SUPER LEVE	SUPER LIGHT	63,503	140
MEIO MÉDIO	WELTER	66,678	147
SUPER MEIO MÉDIO	SUPER WELTER	69,853	154
MÉDIO	MIDDLE	72,575	160
SUPER MÉDIO	SUPER MIDDLE	76,204	168
MEIO PESADO	LIGHT HEAVY	79,379	175
PESADO	HEAVY	+79,379	+175

No tocante a idade, a convencionada para o pugilista amador é que esteja entre os dezesseis a trinta e quatro anos; nas demais classes do boxe profissional, o critério fica sujeito “à autorização expressa dos órgãos técnicos da Confederação Brasileira de Boxe ou das Federações”. (Coelho, 2006:51)

Ainda que o principal fator de classificação seja o peso, de acordo com Maurício, professor da academia *Physical*, o biótipo mais adequado é o do pugilista magro, que dispõe de mais agilidade, vindo em seguida a altura. Embora Kátia, professora da academia *Nobre Arte*, acredite que ter braços curtos, tanto para defesa quanto para o ataque, seja mais vantajoso para o lutador.

*Ele vai se mover com mais rapidez e vai jogar a mão mais rápido do que com aquele de biótipo diferente. O gordo tem mais dificuldade. O gordo pode ter mais força. O cara forte, o cara com o biótipo atlético, fortão, ele vai ter mais força, mas perde pra quem tem mais agilidade. Mas aí não é feito por categoria, é por peso. O cara forte nunca vai lutar com o cara fraco. A não ser em um treino. Mas a gente vê que o cara mais forte é mais lento. Aparentemente leva mais vantagem o cara maior que tem uma envergadura maior. O braço dele vai chegar no cara menor com mais facilidade. Mas se o cara menor, ele for mais ágil, ele defender mais, ele vai levar vantagem. Aparentemente, o cara que tem o braço maior, ele tem uma certa vantagem. (Maurício, professor da Academia Physical)*

## **2.9 - Principais movimentos de ataque:**

1 – *Guarda* – a atenção deve começar pela *guarda*, com os cotovelos fechados e o peso distribuído entre as duas pernas, que nunca devem estar totalmente esticadas. As mãos sempre fechadas e erguidas na altura do rosto. O corpo sempre de lado.

2 – *Jab* – o *jab* é um soco reto usado para medir a distância do adversário. Sempre aplicado com o mesmo braço da pessoa que está à frente, é um golpe de preparação para um ataque mais contundente. O punho deve fazer um movimento giratório até atingir o objetivo. Após o impacto, o braço retorna rapidamente à posição inicial. Há dois tipos de *jabs*: o de precisão, que procura romper a guarda do adversário com potência e rapidez, e o de marcação, usado para fintar ou desviar a atenção do adversário e abrir caminho para um direto ou qualquer outro golpe. O *jab* pode ser aplicado na média e longa distância. Se o pugilista for destro o *jab* será aplicado com a mão esquerda; se o pugilista for canhoto, será aplicado com a mão direita.

3 – *Direto* – também da classe dos golpes retos, o *direto* é um soco de finalização, sempre aplicado com o braço da perna que está atrás. Para se obter um *direto* com

potência, velocidade e o mínimo de esforço, o golpe deve ser aplicado com a rotação do tronco e do quadril. Pode ser usado na média e na longa distância. Se o pugilista for destro, o *direto* será aplicado com a mão direita. Caso ele seja canhoto, o golpe será aplicado com a esquerda.

4 – *Gancho* – da classe dos golpes curvos, o gancho tem por objetivo atingir o baço, o fígado ou o plexo. Deve sempre ser aplicado com os cotovelos bem fechados (colados ao tronco), na média e curta distâncias. É importante ser aplicado com a base bem alinhada e com a rotação de tronco para que o golpe saia com potência.

5 – *Upper* – usado a uma curta distância e sempre buscando a ponta do queixo do adversário. O *upper* deve ser aplicado no sentido de baixo para cima, com os cotovelos fechados e em movimento de rotação do tronco no sentido diagonal.

6 – *Cruzado Tradicional* – derivado do gancho, o *cruzado* requer equilíbrio perfeito das pernas e uma base muito bem distribuída. Deve ser aplicado com um vigoroso movimento de rotação de tronco e do quadril. Esse movimento é que dará a velocidade e potência do golpe. No entanto, se o lutador não tiver uma boa base pode acabar se desequilibrando caso o golpe não atinja o alvo (daí a importância de uma atenção redobrada em relação à base). Pode ser aplicado na curta, média e longa distância, sempre buscando as laterais do rosto.

7 – *Cruzado Olímpico* – no boxe amador o *cruzado* deve ser sempre aplicado com o cotovelo fazendo um ângulo de 90° em relação ao tronco do lutador que o aplica. No momento do impacto apenas a parte branca da luva (parte frontal da mão) deve atingir o adversário. O ideal é que o *cruzado* seja sempre treinado dessa maneira para que, quando aplicado durante uma luta profissional o soco se aproxime ao máximo da técnica perfeita e, portanto, ganhe mais potência.

Fonte: REVISTA TATAME - Mestre Edson dos Santos – treinador de Claudio Coelho

## **2.10 - Principais movimentos de defesa:**

1 – *Recuo* – o *recuo* é um recurso simples, porém muito eficiente e capaz de anular qualquer golpe. Exige reflexo e boa noção de distância. Se o lutador recuar demais acaba perdendo a distância ideal para entrar com um contragolpe. O movimento é comandado pela perna que está atrás.

2 – *Toreada* – a *toreada* é na verdade um recuo para o lado. O lutador faz um movimento de 90° com sua perna de trás (b) e fica em posição de entrar com um contragolpe. O giro da *toreada* deve ser sempre realizado para fora do golpe desferido.

3 – *Esquiva lateral* – na *esquiva* o lutador deve manter a guarda alta e flexionar sua base deslocando o tronco para sua direita ou esquerda. É importante procurar sempre fazer a *esquiva* para o lado de fora do *jab* para não dar margem ao contragolpe de *direto* do adversário.

4 – Defesa com o braço – para bloquear o *cruzado* o importante é manter a guarda alta com os braços bem posicionados de modo a resguardar a cabeça.

5 – Defesa com as mãos – as mãos espalmadas à frente da cabeça são um bom recurso para bloquear os golpes retos. É importante que o lutador mantenha os braços firmes e tenha uma boa noção de distância para evitar que sua guarda seja vazada pelo impacto do golpe.

6 – *Pêndulo* – o *pêndulo* é uma esquiva normalmente usada para se defender do *cruzado* e deixar o lutador em posição favorável ao contra-ataque. Para executá-lo, o lutador precisa ter um bom reflexo para telegrafar o soco a tempo de flexionar sua base realizando um movimento pendular na direção do braço que desferiu o soco. No final o tronco volta a subir deixando o lutador em posição favorável ao contra-ataque.

7 – *Bloqueio* com os cotovelos – o *bloqueio* clássico para o *gancho* é feito usando a rotação do tronco com os cotovelos ajustados para bloquear a entrada do golpe. A mesma rotação usada para defesa vai deixar o outro braço em posição favorável a um contragolpe.

Fonte: REVISTA TATAME - Mestre Edson dos Santos – treinador de Claudio Coelho

## **2.11 - Equipamentos usados no boxe.**

Além do *ringue*, os demais utensílios do boxe são: bandagem, capacete, coquilhas, corda, luvas para treino, luvas para bater saco, pesinho, protetor bucal, *punch ball*, saco de bater, sapatilhas e teto-solo.

Cada luva tem um peso, sendo classificada por uma unidade denominada onça. Uma onça equivale a 28,4 gramas. A menor unidade é inversamente proporcional com o impacto do golpe.

### LUVAS PARA TREINO

Gramas (g)		
Onça (g)	Unidade	Par
6	170	340
8	227	454
10	284	568
12	340	681
14	397	795
16	454	908
18	511	1.022
20	568	1.136

#### 2.12 – O boxe feminino.

A inserção da mulher no boxe brasileiro é um acontecimento recente. Tanto é assim que Dr. Maurício não se recorda de nenhuma mulher que se tenha iniciado no esporte há menos de quinze anos. Mas no Rio de Janeiro é o próprio que inicia a primeira mulher no Estado, a pugilista Nari Tyson, que atualmente mora nos Estados Unidos exercendo a atividade de enfermeira.

*Loira, branca, bonita. Está nos EUA até hoje.*

Dr. Maurício não encontra motivos para a entrada tardia das mulheres no pugilismo<sup>90</sup>. Ele nega que tenha havido algum decreto que impedisse que elas

---

<sup>90</sup> Como material complementar, segue um apanhado histórico sobre o boxe nacional e mundial em anexo.

praticassem a luta, assim como outras tantas modalidades esportivas que foram proibidas durante o Estado Novo e liberadas somente no ano de 1975, a partir do Decreto-Lei de 3.199 de 1941.

O artigo *O futebol feminino: uma história de luta pelo reconhecimento social*, publicado pela revista eletrônica argentina [efdeportes.com](http://efdeportes.com), de autoria de Alex Sandro Chaves e orientado pelo professor André Mendes Capraro (professor da UFPR e Unicamp, com a linha de pesquisa Futebol e Literatura: sociologia e história), analisa a proibição dos esportes entre mulheres nesta época.

“Voltando um pouco na história pode-se encontrar indícios de que a prática de esporte tinha domínio masculino, como comprova o Decreto-Lei 3.199, de 1941, vigente até 1975, que, em seu artigo 54, estabelece que ‘às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza’. E, em 1965, o Conselho Nacional de Desportos delibera que as entidades desportivas devem seguir a seguinte norma em relação à prática esportiva das mulheres: ‘Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e beisebol’”. (Bruhns *apud* Chaves, 2007:2)

Essa medida reforçou diversos preconceitos e argumentos infundados, legitimando a marginalização das mulheres da prática de vários esportes.

De acordo com Suraya Cristina Darido (2002), da Universidade Estadual Paulista, no artigo *Futebol Feminino no Brasil: Do seu início à Prática Pedagógica*, a proibição acabou se estendendo até os anos 80 do século XX.

“De acordo com Castellani Filho (1991) durante a ditadura militar o CND (Conselho Nacional de Desporto), através da resolução número 7/65, proibiu as mulheres de praticarem lutas, futebol, pólo aquático, pólo, rugby e baseball. Somente em 1986 o CND reconheceu a necessidade de estímulo à participação das mulheres nas diversas modalidades esportivas do país.” (Darido, 2002:3)

Os argumentos de fundo biológico, tão bem discutidos por Emily Martin (2003) em “A Mulher no Corpo: Uma análise da reprodução”, também pontuam esse artigo. O discurso de que esportes de impacto (são citadas nada menos que sete modalidades) poderiam ferir a saúde reprodutiva das mulheres foi comprado pelos jornais da época. No entanto, jamais se investigou se tais esportes também podem colocar em risco a saúde reprodutiva dos homens. (Chaves, 2007). A convivência em campo com os profissionais cubanos da *Academia Delfim* também mostrou que tais argumentos

biologizantes são empregados em seu país. O principal argumento da proibição está relacionado a preservação da saúde dos seios.

Apesar da proteção que as pugilistas usam nessa região do corpo, Dr. Maurício não acredita na sua eficiência. Tanto é que esse artigo não é obrigatório pela AIBA (Associação Internacional de Boxe Amador).

*Carta de um cidadão a Getúlio Vargas*

*[Venho] Solicitar a clarividente atração de V. Ex. para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina no Brasil. Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento, sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas posições orgânicas, devido á natureza que dispoz a ser mãe.... Ao que dizem os jornais, no Rio, já estão formados, nada menos de dez quadros femininos. Em S. Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destruidores da saúde de 2.200 futuras mães que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes (José Fuzeira, carta datada de 25/04/1940 In – SUGIMOTO, Luiz. Eva futebol clube, 2003)*

Este fragmento, extraído do artigo de Chaves (2007), representa a preocupação de um cidadão com o avanço do futebol entre as mulheres. Suraya Cristina Darido, no artigo acima,<sup>91</sup> também destaca a opinião de especialistas sobre a prática futebolística em âmbito feminino.

“Ballariny (conforme citado por Faria Jr. 1995) argumentou que o futebol é um desporto violento e prejudicial ao organismo não habituado a esses grandes esforços. Além disso, provoca congestões e traumatismos pélvicos de ação nefasta para os órgãos femininos. O mesmo autor ressalta que a prática do futebol pelas mulheres proporciona um antiestético e desproporcional desenvolvimento dos membros inferiores, por exemplo, tornozelos rechonchudos, pernas grossas arqueadas e joelhos deformados”. (Darido, 2002: 3)

A marginalização das mulheres na prática do esporte é uma construção que se tornou mais um instrumento e lugar de preconceito. De acordo com trabalho analisado por meio de fontes orais e escritas por Salles, Silva e Costa (1996), em matérias do Jornal do Brasil e da Revista Veja, a prática do futebol entre mulheres ressurgiu no ano de 1976. São partidas realizadas na praia do Leblon por empregadas domésticas e jogos

---

<sup>91</sup> Ela assinala que o seu trabalho está articulado ao de Faria Jr (1995).

organizados por boates *gays* no final da década de 70. Até hoje, muitas praticantes são vítimas de preconceito sexual, permanecendo ainda o estigma (Goffman, 2008). De acordo com a pesquisa de Darido (2002), a adolescência é o ponto final para muitas meninas que, apreciam o futebol. Enquanto crianças, são toleradas por amigos e familiares, mas a continuação da prática após a maturidade sexual é motivo de preocupação e de rechaço, obrigando-as a procurar espaços menos visados que a escola, ou então enfrentar o preconceito<sup>92</sup>.

### **2.13 - Número de academias existentes no Brasil e no Estado do Rio de Janeiro.**

Segundo Dr. Maurício, há vinte e sete academias filiadas à Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro. Esse número é desconhecido em nível nacional, já que a Confederação Nacional de Boxe não divulga o quadro de afiliados e nem todas as federações estaduais disponibilizam a relação de instituições, o que dificulta a realização de um cálculo por métodos manuais para se chegar a um valor aproximado.

É desconhecido também o número de mulheres matriculadas nas academias afiliadas, uma vez que para a Federação só importa o número de atletas em competição. Segundo Dr. Maurício, existem aproximadamente mil e quinhentos atletas, havendo uma porcentagem quase nula de mulheres profissionais em território fluminense.

### **2.14 - Os campeonatos de boxe feminino.**

Segundo o presidente e professores de boxe com os quais convivi no trabalho de campo, os campeonatos fluminenses entre mulheres pugilistas são praticamente inexistentes. As condições de trabalho são pífias, comparadas às de outros estados como São Paulo, que lidera o *ranking* de profissionais campeãs, além de Bahia e Pará<sup>93</sup>.

---

<sup>92</sup> Quando graduando de ciências sociais e bolsista CNPq/PIBIC do projeto *A Transmissão de Saberes e Experiências sobre o Futebol entre Trabalhadores Urbanos: Socialização e Profissionalização através dos Esportes em Projetos Sociais*, orientado pela Prof. Simoni Lahud Guedes, da Universidade Federal Fluminense, nos anos de 2004 e 2005, presenciei situações semelhantes quando realizava trabalho de campo no Projeto Gerson, voltado para o futebol e destinado para jovens estudantes de camadas médias do município de Niterói – RJ. A falta de seriedade era condição de feminilidade para muitas meninas que frequentavam o projeto. No entanto, pude perceber a preocupação de uma mãe ao saber que sua filha destacara-se não só em relação às meninas como também entre os meninos, encontrando-se demasiadamente preocupada e pedindo conselhos aos professores, visto que sua filha já estava com 12 anos e entrando na puberdade.

<sup>93</sup> Segundo Dr. Maurício, os estados do Pará e Bahia recebem grande incentivo dos governos estaduais, seguido do Amazonas, que já começa a receber apoio.



	
<p>Duda Yankovich – campeã na categoria Super Leve. 11 vitórias e 2 derrotas. (SP)</p>	<p>Adriana Sales – campeã na categoria Super Galo. 11 vitórias, 6 derrotas e 1 empate. (SP)</p>

De acordo com Dr. Maurício, no Rio de Janeiro somente uma moça, chamada Irani, (que conseguiu apoio pela Secretaria de Esporte) participou do campeonato brasileiro, conquistando o terceiro lugar. Os campeonatos nacionais ocorrem anualmente, mas a cada mês há uma programação entre as federações estaduais.

## 2.15 - Incentivos

Os incentivos são raros para os lutadores de boxe. Se nos limitarmos ao caso do segmento feminino, a situação se complica ainda mais. De acordo com os professores da *Nobre Arte*, no Rio de Janeiro não há patrocinadores interessados em financiar pugilistas do sexo feminino e o apoio do Governo Federal, através do Bolsa Atleta é para pouquíssimos. O valor é de mil e quinhentos reais.

*PEDRO – Há algum incentivo para atletas mulheres se manterem aqui no Rio de Janeiro? Bolsa atleta, algum tipo de financiamento?*

*MAURÍCIO – Cara, de boxe eu acredito que ainda não. Eu acredito que não. Em outras lutas já existe bolsa atleta, mas o próprio Fabrício, ele recebe bolsa atleta porque ele se manteve. Ele competiu e se manteve entre os três primeiros atletas no ranking brasileiro. Mas só que ele faz Muay Thai. Agora boxe eu já não posso te dizer.*

*PEDRO – E como é essa bolsa atleta?*

*MAURÍCIO – Ele ajuda o cara que se mantém no ranking. Agora até já melhorou, está um pouco melhor.*

*PEDRO – Mas é capaz dele só se manter do boxe? Ou ainda tem que trabalhar?*

*MAURÍCIO – Tipo assim. Ele se manteve entre os três do ranking em 2010. Então em 2011 ele ganha essa bolsa-atleta. Pra ele ganhar em 2011 ele tem que se manter entre os três primeiros.*

*PEDRO – Mas durante esse tempo ele consegue se manter sem trabalhar?*

*MAURÍCIO – Cara, eu não sei te dizer quanto é o bolsa-atleta, mas acho que é 1500 reais. Mas depende. Se o cara tem casa própria, certo? Eu que pago aqui 300 reais de aluguel, eu conseguiria viver. Com minha esposa, dar pensão e tudo. Depende do padrão de vida de cada um. Se o cara mora num aluguel de 600 reais, tem carro, aí vai prender. Mas acho que ainda dá pra viver com bolsa-atleta sim. Eu conheço, eu não sei se ele vive de bolsa-atleta, mas o Edinho é lutador. Ele lutou agora e ganhou 1000 reais. Ele lutou no amador. Os caras pra lutar recebem um incentivo de 500 reais pra subir e 1000 se ganhar. Mas também não é sempre. Mas ele é atleta, faz luta livre, já tem esse bolsa-atleta porque ele compete numa outra coisa. Agora ele tá treinando boxe. Mas ele tem carro. Quem se consegue manter em cima, lá nos top, consegue se manter com bolsa-atleta sim. No boxe eu não sei quanto ganha. Mas em outras modalidades ganha legal.*

*PEDRO – É a bolsa que vem do governo?*

*MAURÍCIO – É. É o governo que dá.*

Financiado pela Caixa Econômica Federal, o programa Bolsa Atleta é gerido pelo Ministério do Esporte e se destina a atletas de alto rendimento e que não tenham patrocínio. Segundo o *site* da Caixa, essa iniciativa busca “dar condições necessárias para que se dediquem ao treinamento esportivo e possam participar de competições que permitam o desenvolvimento de suas carreiras”. Os benefícios variam de trezentos reais, para atletas estudantes, a dois mil e quinhentos reais, para esportistas olímpicos e paraolímpicos. Para pleitear a bolsa, o atleta deve ter participado de competições e obtido títulos no ano anterior à solicitação<sup>94</sup>.

## **2.16 – O Rumo Etnográfico.**

Ao deparar-me com este cenário pude entender a grande dificuldade para encontrar lutadoras profissionais, as atletas que seriam objeto desta etnografia. O desestímulo em virtude da concepção do sexo feminino, calcada em argumentos biológicos infundados, que resultam inclusive na *falta de seriedade* e na dificuldade de patrocínio, permitiu a visualização dos dois eixos que orientam este trabalho e que serão mais bem detalhados posteriormente: a *estética* e a prevenção do *stress*. Objetivos estes inculcados em um ideal de feminilidade do qual poderia, a princípio, usufruir de tais benefícios por meio de outras atividades e modalidades esportivas.

---

<sup>94</sup> Fonte: [http://www.caixa.gov.br/Voce/social/beneficios/bolsa\\_atleta/index.asp](http://www.caixa.gov.br/Voce/social/beneficios/bolsa_atleta/index.asp) Acessado em 16/03/2011.

### **TERCEIRO ROUND**

#### **Sem Abrir Mão Jamais da Feminilidade: etnografando representações e auto-representações.**

O descrever da construção do objeto – iniciado através das motivações teóricas, aprofundado com a escolha das academias e com os rumos a que o campo me levou para a construção do presente recorte - foi fundamental para a chegada ao presente estágio, em que discuto e reflito sobre os dados empíricos. Relatar todos os passos, incluindo erros e acertos, foi extremamente importante para avaliar a abordagem da questão do gênero e, com ela, delimitar e entender as formas de dominação masculina em um espaço que por muitos anos era pertencente somente aos homens. Para o grupo feminino, a importância que o sexo oposto ocupa neste cenário é fundamental, inclusive para se elaborar as concepções de identidade que tais praticantes carregam e para comparar com outras variantes no conceito de feminilidade.

O presente capítulo se propõe a relatar as experiências que observei entre praticantes de boxe nos dois campos devidamente escolhidos e acompanhados em seis meses de trabalho. No Primeiro *Round* relatava as peculiaridades de cada academia, marcando a diferença entre a espontaneidade das alunas de Augusto Vasconcelos, comovente pela riqueza de dados que tornavam disponíveis para mim apenas com a observação; e a não acessibilidade-espontânea de informações das alunas do Cantagalo (nas aulas de Joel). Todo o processo teve a recompensa de lidar com Kátia, ícone desta feminilidade e que a cada dia de trabalho de campo me fornecia reflexões estimulantes. Nesta parte da dissertação reforço mais um argumento formulado depois de iniciada a análise em conjunto dos dados levantados, que permitiram um panorama para entender melhor a presença masculina.

A convivência na academia *Nobre Arte*, na qual a maioria de frequentadores é de homens, possibilitou reflexões a que jamais chegaria caso me satisfizesse com o manancial de dados no campo predominantemente feminino, como as aulas de boxe da *Academia Physical*.

Como os dados são deveras entrelaçados, a proposta deste capítulo é apresentar os resultados do campo de maneira íntegra, por acreditar que a separação dos dois campos empobreceria o trabalho.

Na finalidade de situar melhor o leitor, proponho uma breve descrição das mulheres que pude acompanhar regularmente e aquelas que por timidez ou outros empecilhos me possibilitaram curtos diálogos e um exercício reflexivo de *piscadelas* (Geertz, 1978), ou seja, gestos e atitudes pelas quais fui estimulado a sutilmente interpretar e averiguar durante as entrevistas em profundidade realizadas nos dois últimos meses de trabalho de campo. No total, foram entrevistados vinte e sete alunos: seis mulheres e um homem da *Academia Physical* e treze mulheres e sete homens da academia *Nobre Arte*. Vale ressaltar, como afirmo nos capítulos anteriores, as entrevistas com os professores Maurício (*Academia Physical*), Joel e Kátia (*Academia Nobre Arte*), o treinador e responsável pela *Academia Nobre Arte* Claudio Coelho e o Presidente da Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro, Dr. Maurício.

### **3.1 – As alunas de Augusto Vasconcelos.**

Como afirmado no Primeiro *Round*, a *Academia Physical* dispõe somente de duas turmas para a prática do pugilismo inglês: terças e quintas-feiras, das seis às oito horas e das oito às nove horas da manhã. A limitação desses dois horários foi significativamente importante para o acompanhamento dessas alunas, com que pude conviver e cujos nomes inclusive pude memorizar rapidamente logo nas primeiras semanas de campo.

Ao todo eram cinco alunas. No primeiro mês havia somente três pessoas na turma do primeiro horário: Fernanda, Sonia e Sidney. O grupo, com o passar de dois meses aproximadamente, se dissolve, migrando as duas mulheres para a turma das nove horas e se unindo com as alunas Michele, Rose, Cassiane, mais um rapaz que não ultrapassava vinte anos de idade.

**Perfil das interlocutoras com as quais fiz o acompanhamento em campo.**

	<b>Rose</b>	<b>Fernanda</b>	<b>Michele</b>	<b>Sonia</b>
<b>Idade</b>	32	30	30	38
<b>Grau de Escolaridade</b>	Primeiro Grau Incompleto (Estudou até a sétima série)	Superior Incompleto em Educação Física	Ensino Técnico em Enfermagem	Ensino Médio Completo
<b>Localidade</b>	Augusto Vasconcelos	Augusto Vasconcelos	Augusto Vasconcelos	Augusto Vasconcelos
<b>Profissão</b>	Dona de Casa	Trabalha em firma de conserto de equipamentos odontológicos.	Depiladora	Dona de Casa
<b>Renda Familiar</b>	Entre R\$1.000,00 a R\$1.500,00	R\$700,00	Não informou	Não soube informar
<b>Cor</b>	Branca	Negra	Negra	Parda
<b>Estado Civil</b>	Casada	Separada	Casada	Casada
<b>Tem filhos?</b>	Tem dois filhos.	Não	Não	Um menino de 13, outro de 4 e uma menina com 5 anos.

Desse grupo, faltaram apenas os dados de Cassiane, que, durante o período das entrevistas em profundidade, não frequentava mais a academia. Das informações pessoais, as que pude colher é que ela também é moradora de Vasconcelos e que o seu sotaque revelava não ser carioca, mas talvez do Estado de São Paulo. Sua aparência também sugeria que a faixa-etária era aproximadamente a mesma do restante da turma.

Também não tive informações sobre o jovem rapaz sobre o qual relatei anteriormente. A permanência nas aulas fora tão breve que sequer consegui memorizar o nome dele. Já Sidney, apesar de também ter logo abandonado as aulas, me permitiu colher um relato viável, pois ainda frequenta as aulas de *spinning* e musculação. Ele tem quarenta e cinco anos, ensino médio completo, é morador de Augusto Vasconcelos e comissário da Polícia Civil.

O acompanhamento regular com as cinco mulheres foi de aproximadamente três meses. No mês de julho a turma acaba, visto que todas abandonam as aulas de boxe. Michele engravidou, Cassiane interrompeu as aulas por problemas no joelho em decorrência dos exercícios na corda, Rose e Fernanda por problemas financeiros e Sonia por almejar entrar na faculdade de Pedagogia, com o intuito de deixar a condição de *dona de casa*.

*Acabou de ser dona de casa. Dona de Casa quando os filhos eram pequeninhos. Agora não. Agora os filhos já está grandão. Já dá pra correr atrás de alguma coisa.*

Com exceção de Cassiane e Michele, todas continuam na academia praticando musculação. Contudo, as aulas são retomadas no mês de agosto, mas com outras alunas. Entraram para a turma Nalva, Ruth, Daiane e mais outras duas cuja frequência não era tão regular, o que impediu de seguir o acompanhamento. Desse novo grupo foi somente possível realizar a entrevista em profundidade com Ruth e Daiane.

	<b>Ruth</b>	<b>Daiane</b>
<b>Idade</b>	30	22
<b>Grau de Escolaridade</b>	Superior Incompleto em Pedagogia.	Cursa o Pós-Médio em Cardiologia.
<b>Bairro</b>	Augusto Vasconcelos	Augusto Vasconcelos
<b>Profissão</b>	Guarda Municipal	Enfermeira

<b>Renda Familiar</b>	R\$2000,00	R\$2000,00
<b>Cor</b>	Parda	Branca
<b>Estado Civil</b>	Casada	Solteira
<b>Tem filhos?</b>	Três filhos, com idades entre 3, 4 e 8 anos.	Não

Das outras três alunas que não consegui entrevistar, duas possuem idade superior das demais. Nalva e esta senhora devem ter mais de quarenta anos. A outra se chama Ana Paula e aparenta a mesma faixa-etária que a maioria. Apesar do curto período nesta turma, seu desempenho era satisfatório. Segundo a própria, há dez anos atrás ela havia praticado *kickboxing*.

Deste total, as únicas que tiveram a vontade de um dia serem lutadoras profissionais eram Daiane, Nalva e Fernanda. A primeira, em virtude da empolgação dos primeiros dias de aula e da expectativa para a entrada do boxe feminino para os próximos Jogos Olímpicos, em Londres, em 2012. A segunda, pela facilidade e pela empolgação dos rápidos resultados estéticos, aprimorados com a cirurgia bariátrica<sup>95</sup> realizada há um ano que possibilitou a perda de mais de trinta quilos. Já a terceira, pelo próprio envolvimento com a luta, visto que Fernanda na época já praticava e competia *jiu-jitsu* quando iniciou as atividades no boxe.

### **3.2 – As alunas da *Nobre Arte*.**

Em virtude de ser uma academia estilo *gym* (Wacquant, 1998), o acompanhamento das turmas, apesar de regular, não foi suficiente para guardar nomes de todos os alunos. Pelo fato de as aulas serem ministradas diariamente e também por se tratar de um projeto social (o que garante a gratuidade para muitos alunos e alunas) o público que frequentava as aulas de Joel de 18h30 era bem flutuante. Portanto, o acompanhamento periódico das alunas foi esporádico, talvez duas em um universo de

<sup>95</sup> Também chamada de gastroplastia e popularmente conhecida como a cirurgia de redução de estômago. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gastroplastia> Acessado em 23/05/2011.

onze meninas e sete meninos. Dos rapazes, somente Lucas, de quinze anos, frequentava com assiduidade. Era raro quando ultrapassava o número de dois meninos nas aulas de Joel. O motivo para o predomínio nunca foi problematizado pelo pesquisador, mas a hipótese de uma possível intimidação foi levantada no final de uma das aulas que acompanhei. No momento em que os alunos do horário seguinte estavam para chegar, pude ouvir o relato de um rapaz a respeito de um novato que estava nesta turma, que deixa claro o preconceito machista.

*[...] Eu nunca faria essa aula. Tudo mulher! Só esse cara!*

*Respondo:*

*- Por quê?*

*- Sei lá. Aula de mulher.*

*Digo:*

*- Vai ver que ele não tem outro horário.*

*Ele responde:*

*- Vai saber!*

No tocante à apresentação, todos eram bem reservados. Tanto os mais novos, quanto os mais velhos não faziam nenhum comentário durante as aulas. Ainda assim, o momento era propício, visto que além do mutismo ser também uma informação, era uma boa oportunidade para observar melhor as técnicas corporais que compõem este *ethos* esportivo.

Entretanto, percebia que boa parte das alunas se soltava ao sair do espaço, como presenciei em muitos momentos, tanto pelos corredores do Brizolão quanto nas descidas pela Rua Principal, no trajeto para suas casas. Era o momento também de elas me questionarem sobre a pesquisa e fazerem várias perguntas acerca do meu dia-a-dia e sobre o que eu trabalho e estudo.

Diferente da turma de Kátia, onde apesar de o público ser quase exclusivamente masculino, o reduzido número de alunas facilitou bastante o contato regular, principalmente com Natália, considerada, a meu ver, como *pupila* da professora. Ainda que houvesse a dificuldade de encontrar as três alunas no mesmo dia, pude registrar atenciosamente os passos de cada uma delas.



Em relação à profissionalização, o desejo só existe entre as alunas mais novas. Ainda assim, dentre as entrevistadas, apenas Yasmin, de dezoito anos, e Thaissa, de dezessete demonstraram real motivação para a carreira. Aline, com vinte e quatro anos, já teve vontade de ser uma lutadora profissional, mas a falta de tempo (decorrente do trabalho e do cuidado com a casa e com os filhos) para se dedicar foi um fator que a fez desistir. Michele, com vinte e nove anos, moradora do Leme<sup>96</sup>, também já teve este sonho, (antes de entrar para a faculdade) mas atualmente as metas profissionais e pessoais mudaram. Michele hoje ocupa um cargo importante em uma empresa de telecomunicações e se sente realizada com sua profissão.

#### Relação das alunas entrevistadas nas aulas de Joel

	<b>Idade</b>	<b>Grau de Escolaridade</b>	<b>Residência</b>	<b>Profissão</b>	<b>Renda Familiar</b>	<b>Cor</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Tem filhos?</b>
<b>Miriam</b>	14	Está na oitava série.	Cantagalo	Estuda	Não sabe	Parda	Solteira	Não
<b>Andreza</b>	16	Está no Segundo ano do Ensino Médio.	Pavão-Pavãozinho	Estuda	R\$600,00	Parda	Solteira	Não
<b>Thaissa</b>	17	Está no Segundo ano do Ensino Médio.	Cantagalo	Estuda	Não soube responder	Parda	Solteira	Não
<b>Yasmin</b>	18	Está no Segundo ano do Ensino Médio.	Cantagalo	Estuda	Não soube responder	Negra	Solteira	Não
<b>Priscila</b>	27	Primeiro ano do Ensino Médio	Cantagalo	Dona de bar no Cantagalo.	R\$900,00	Branca	Casada	Sim

<sup>96</sup> Bairro situado na zona sul do município do Rio de Janeiro.

<b>Michele</b>	29	Superior em Análise de Sistemas e Contabilidade	Leme	Contadora de empresa de telecomunicações	R\$4000,00	Branca	Separada	Não
<b>Patrícia</b>	30	Quinta-série	Pavão-Pavãozinho	Autônoma. Vendedora de roupas.	R\$800,00	Parda	Solteira	Tem um menino de 12 anos.
<b>Antônia</b>	30	Segunda série do Ensino Médio	Cantagalo	Empregada Doméstica	R\$560,00	Parda	Casada	Tem uma menina de 8 anos.
<b>Lourdes</b>	31	Quinta série	Cantagalo	Empregada Doméstica	R\$560,00	Branca	Casada	Não
<b>Maria</b>	35	Ensino Médio completo	Pavão-Pavãozinho	Arrumadeira	R\$560,00	Branca	Casada	Tem uma filha de 3 anos.

#### Relação das entrevistadas nas aulas de Kátia

	<b>Aline</b>	<b>Natália</b>	<b>Cida</b>
<b>Idade</b>	24	25	50
<b>Grau de Escolaridade</b>	Ensino Médio completo	Ensino Médio Completo	Ensino Médio Completo
<b>Residência</b>	Cantagalo	Pavão-Pavãozinho	Gávea <sup>97</sup>
<b>Profissão</b>	Assistente	Atendente de	Cabeleireira

<sup>97</sup> Bairro situado na zona sul do município do Rio de Janeiro.

	Administrativo (desempregada)	Lanchonete	
<b>Renda Familiar</b>	R\$2000,00	R\$1000,00	R\$3000,00
<b>Cor</b>	Parda	Parda	Negra
<b>Estado Civil</b>	Casada	Casada	Viúva
<b>Tem filhos?</b>	Um casal de filhos de 6 e 7 anos.	Tem um filho.	Uma filha de 23 e um filho de 20.

Nota-se que a apresentação das alunas de Kátia é bastante parecida com a das alunas de Maurício. Com exceção de Cida, de cinquenta anos, e de Daiane, de vinte e dois, as demais possuem idades próximas (entre 24 a 38 anos), assim como o mesmo grau de instrução, ainda que o poder aquisitivo dessa turma do Cantagalo seja um pouco mais elevado. Nos dois grupos há uma riqueza de diálogos, dentro e fora de sala. E o *desafio*, direcionado a homens e mulheres, é uma característica peculiar e que também ressalta uma diferença marcante de gênero.

Percebem-se traços visíveis de uma identidade pelo gênero que não se resume a uma maneira de praticar um esporte, mas refere-se ao modo como são vistas, identificadas. Em todo o momento a questão sexual é lembrada. Em Vasconcelos ouvi frequentemente comentários do professor como: “*Vocês vieram aqui para malhar ou tomar cerveja? [...] O que vocês estão cochichando?*”

Maurício me olha e diz:

- *Viu? Mulheres no boxe!*

Uma aluna pára para beber água. O professor não faz grosseria, mas diz de maneira educada: *Aqui vocês podem beber água. Quero ver na Delfim.*

Ao mesmo tempo, poder-se-ia entender que, quando discutimos feminilidade, o conteúdo costuma fluir com muito mais facilidade entre mulheres mais velhas do que aquelas mais jovens. Contudo, a convivência possibilitou enxergar nuances detrás desse mutismo, visto que ainda que boa parte das alunas de Joel fosse adolescente, uma minoria tinha a mesma faixa-etária que o público da turma de Maurício (*Academia*

*Physical*), mas que não dispunha da mesma apresentação no tocante ao comportamento extrovertido, observados também entre as três alunas de Kátia.

Mesmo com diferença acentuada no nível de renda e grau de escolaridade, acredita-se que não só o critério gratuidade, mas a condição de aluno de projeto social<sup>98</sup>, cuja dádiva (Mauss, 2003) é retribuída pela disciplina<sup>99</sup> (Zaluar, 1994; Guedes, Filho e Novaes, 2004; Foucault 1993; Elias, 1985; 1992) e a demonstração corporal de respeito à hierarquia (Dumont, 1985; Goffman, 1975) imponha regras de comportamento, fazendo com que o *coletivo* (Goffman, 1975) iniba as demais alunas, que independente de pagarem ou não por uma mensalidade, compõe uma turma cuja maioria é beneficente de um projeto social.

Acrescida desse *habitus*, há também a principal regra de sociabilidade que deve ser seguida por todos os que frequentam a academia: ao chegar no recinto, deve-se cumprimentar com aperto de mão aqueles que estiverem presentes.

*Eu acho legal porque eles não têm aquela diferença, todo mundo chega e aperta a mão. É uma coisa bonita. A minha alegria é quando o aluno chega e aperta a mão um do outro. Eu acho isso legal! (Cida, 50 anos, aluna da academia Nobre Arte)*

Esse controle é exercido diretamente por Claudio Coelho. Quem não segue as normas da academia recebe uma advertência, exposta a todos os frequentadores do espaço por meio da *parede dos arrombados*. Foi o treinador Claudio Coelho que criou, por brincadeira, a expressão **arrombado**, significando “o cara que ta ali perturbando”, “que arrombado significa o cara que eu mando tomar no cu e ele está com o cu todo estourado”, diferente do **vacilão** “que pisa na bola, que toda hora bate no que ta

---

<sup>98</sup> A disciplina era a principal exigência observada nos projetos sociais esportivos estudados no projeto *A Transmissão de Saberes e Experiências sobre o Futebol entre Trabalhadores Urbanos: Socialização e Profissionalização através dos Esportes em Projetos Sociais*, orientado pela Prof. Simoni Lahud Guedes, em 2005. Tanto na vela, cujos alunos deveriam cumprir com um contrato em que as exigências eram *respeito, colaboração, união, solidariedade, responsabilidade, sinceridade, pontualidade e honestidade*, quanto no futebol, com os modelos inspirados nos jogadores da época como Ronaldo (de superação) e Romário (de indisciplina), a disciplina e, principalmente, o respeito à hierarquia era seguido por regras que poderiam, em alguns casos, serem até controladas fora de seus espaços de atuação.

<sup>99</sup> Apesar de a gratuidade ser garantia para aqueles que são moradores das comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, os beneficiados pelo projeto social Meninos do Boxe são somente os alunos com idades até vinte e nove anos.

falando”, e também *do casca grossa*, “um cara extremamente dedicado e duro naquilo que faz. Sai na porrada, faz treino pesado”.<sup>100</sup>



Recomendações àqueles que não se adaptam ou rejeitam as regras da *Academia Nobre Arte*.

Já entre os atletas, o cumprimento utilizado na subida para o *ringue* e geralmente antes de realizar a luta é a união dos punhos e, em algumas situações, acrescida do grito *ôss*.

*Nós temos uns movimentos com a mão, entendeu? Coisa de luta mesmo. Que a gente junta um punho no outro, abre dois dedos, ou cumprimenta um punho com o outro como se fosse cumprimentar duas lutas no combate e por aí vai. (Professora Kátia – Academia Nobre Arte)*

<sup>100</sup> . Há todo um vocabulário especial usado no meio da luta, marca registrada de Cláudio: *O papo é reto e sem frescura* é o cara chegar pra você e quando ele precisa de alguma coisa, não ficar fazendo rodeio. Você chega e fala logo, objetivo, não fica dando volta pra falar uma coisa. Por isso eu falo assim: dá o papo reto e sem frescura. Não fica rodeando. *O me erra* é uma expressão que eu tenho mania de usar muito que é quando alguém está te perturbando muito, te chateia, está toda hora te chamando, e então você diz: fulano, me erra, acerta outro. Então fica o me erra, me erra! Então fica assim. É muito mais fácil falar assim. Mas na verdade isso não é nem do boxe. Isso é uma expressão que eu costumo usar. Elas não são expressões do boxe. Nenhuma dessas expressões aí é do boxe. Não é. A única que serve é *casca grossa* pra depois da luta. Todo cara que é duro em alguma coisa, você chama ele na gíria de casca grossa. Mas o resto não. Não é gíria do boxe. É gíria que eu costumo usar. (Claudio Coelho)

*Pra você lutar se estica a mão assim e se cumprimenta. Mas existe uma coisa que está acontecendo agora, no campeonato mundial entre os lutadores, que é o ôss, qualquer lutador faz como se fosse uma reverência, como se fosse um namastê<sup>101</sup>, independente se é de boxe, do jiu-jitsu ou vale-tudo. Os caras se cumprimentam assim, como se fosse um reverenciando o outro. (Professor Maurício – Academia Physical)*

### **3.3 - Família: uma dominação negociada.**

Assim como entre as aspirantes a lutadoras profissionais, as alunas que objetivam outros fins - ainda que estejam isentas dos desafios impostos pelos profissionais - continuam lidando com as reprovações da família, sobretudo por parte de figuras masculinas (o pai ou o marido). Foi o que pude comprovar nas três turmas que acompanhei.

*Pra não ter encrenca lá em casa eu acordo às dez pra cinco. Arrumo a casa, deixo o café da manhã pronto e roupa do meu marido arrumada. Aí parto pra aula das seis. Faço isso tudo pra não ter ninguém pra implicar comigo. (Sonia, 38 anos, Dona de casa e aluna da Academia Physical)*

*Eu fazia boxe há uns dez anos atrás, mas parei porque meu marido proibiu assim que casamos. Ele achava que aquilo não era pra mulher. O engraçado é que a primeira coisa que fiz quando me separei foi voltar pro boxe. Não tinha mais ninguém pra me encher mais o saco e era uma coisa que eu gostava. (Michele, 29 anos, aluna da Academia Nobre Arte, moradora do bairro do Leme e contadora)*

*Minha família não me apoiou não. Eles achavam que eu fazia um esporte relacionado a violência. Que era coisa pra homem. Eu fazia futebol na areia, e saí por causa deles. Mas do boxe eu não saí não! Agora eles deixam, né? Mas eu venho. Eles não proibem, mas também não gostam não. Não apóiam. Eles falam que isso não é esporte pra mim. Que eu tenho que estudar. Mas eu nunca deixei de estudar. (Thaissa, 17 anos, moradora do Cantagalo e aluna da academia Nobre Arte)*

A convivência em um espaço que é predominantemente frequentado por homens (no caso da *Nobre Arte*) também é um motivo de desconfiança para a família. Em muitos casos o marido costuma ir antes à academia, tanto para conhecer quanto para

---

<sup>101</sup> Cumprimento ou saudação falada no sul da Ásia. Cumprimento utilizado também entre praticantes de yoga. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Namast%C3%AA> Acessado em 23/05/2011.

delimitar o seu espaço. Outros, por já conhecerem Kátia, fazem diretamente o contato, “autorizando” a entrada de suas mulheres.

*A única da família que pratica mesmo sou eu. Nunca ninguém praticou esse esporte. Eles gostam. (...) mas eu já vim casada com o meu marido. É isso que eu estou falando com você, tem muita amiga que fala pra mim, eu tinha muita vontade de vir aqui com o meu marido, como tem ciúmes por razão de amigos ou tem razão de amiga, então é difícil você ver um casal, casal na academia. Mas, quando eu vim, eu já estava casada com ele, já tinha minha filha e tudo mais. Aliás, eu tenho quinze anos de casada com meu marido. Já vim pra cá praticar esporte sabendo que amizade, com amigos e com amigas, não só amizade com um. A gente somos todo mundo assim, amigo e amiga. (Antônia, 30 anos, empregada doméstica, moradora do Cantagalo e aluna da Academia Nobre Arte)*

*Minha família não acha nada a respeito do boxe. Inclusive, foi o meu marido que me trouxe até aqui. É porque eu sempre quis malhar, mas não queria a musculação. Eu sempre via na televisão e sempre quis fazer. Ai eu conversando com ele, eu falava que gostaria de malhar, de ter coragem de correr na praia, de fazer isso, de fazer aquilo, só que sozinha é muito chato. Ai eu tive vontade de fazer boxe. Pô, tem academia do Brizolão! Justamente por ter medo de ter muita gente do morro, ter preconceito. Ai eu vim com a Kátia, com a Natália, assisti um pouco a aula. Ai entrei. Mas ele nunca conseguiu. Ele fala que é muito pesado. (Aline, 24 anos, desempregada, moradora do Cantagalo e aluna da Academia Nobre Arte)*

Os argumentos expostos acima revelam que há uma espécie de *dominação negociada*, termo este interpretado pelo próprio pesquisador quando analisa as condições para que estas meninas ou mulheres permaneçam nas aulas de boxe inglês.

Se o contato com os outros homens remete à situação de perigo (Douglas, 1982) para esses pais, cônjuges/companheiros/parceiros, na realidade percebe-se que ali não há um ambiente de *paquera* e *azaração* como em outros locais esportivos, sobretudo nas academias de ginástica. O contato físico estimulado através do cumprimento com o aperto de mãos entre todos os praticantes é de cordialidade. Em seis meses de campo não ouvi relatos, por parte dos alunos, de relacionamentos afetivos. Salvo o caso de Liberman e Antônia que já eram casados antes de iniciar no esporte, a aproximação, e muito menos a relação de amizade entre os opostos, é algo pouco presente nas aulas, principalmente nas de Joel. Nas de Kátia ainda há alguns contatos, ainda que não se estenda além do convívio na *Nobre Arte*.

*Cara, eu pessoalmente, prefiro ficar na minha, sacou? Porque tem muitas alunas que tem namorado, sacou? Então prefiro falar*

*quando elas falam comigo. Prefiro dar no máximo um boa noite, um boa tarde, sacou? É assim no treino. Eu chego, dou boa noite, boa tarde, cumprimento todo mundo, cumprimento a rapaziada, tanto homens quanto mulheres, e faço o meu treino, fico na minha.*

*Não rola paquera. Chega aqui pode rolar um oi, um aperto de mão. Mas, lá fora é muito difícil sair, sacou? Na academia rola um aperto de mão, um sorriso meio tímido. Lá fora é difícil de rolar isso. Lá fora rola um olhar, um tchauzinho e pronto. Não rola paquera. (Rafael, 24 anos, office boy, morador do Cantagalo e atleta da academia Nobre Arte)*

Segundo os professores, já houve relações de namoro e até mesmo de matrimônio entre alunos que se conheceram na academia, embora seja raro. De acordo com Joel, há duas meninas que namoram rapazes da *Nobre Arte*, mas *que são responsa, é morador*. Kátia também confirma alguns casos de paquera.

*Paquera tem. Tem vários olhares. Isso é inevitável. Onde tem homem e mulher, meu filho! No futebol, na luta, isso não vai deixar de existir. Mas nada que interfira em relação aos treinamentos e nas aulas. E lá dentro é uma coisa. Lá é outra completamente diferente. (...) Ih! Tem gente que tem até filhos e que tá aqui até hoje. Se conheceram aqui, casaram, tem filhos, moram juntos. Acontece muito. Acho que meio que se encontraram. Não é aquela coisa de se encontrar mais de uma vez.*

Em relação ao comportamento das mulheres, é também raro, tanto entre mulher/homem quanto entre elas mesmas.

*Aqui todo mundo se dá bem. Só não tem muita afinidade. Com os meninos também é assim: cada um na sua...e vai embora quando termina. Paquera não sei. Porque não dou confiança pra ninguém. (Patrícia, 30 anos, autônoma, moradora do Pavão-Pavãozinho e aluna da Nobre Arte)*

*Eu acho tão legal! Tudo simpática, muito legal! Com os rapazes também. É maravilhoso. Até seria ótimo pra mim, mas aqui não tem esse negócio de paquera. A gente vem aqui mesmo é pra cuidar do corpo. Estar com aquela cabeça maravilhosa e o corpo maravilhoso. (...) Aqui todo ano tem o churrasco, mas não tem aquela coisa de sair e ficar paquerando não. (Cida, 50 anos, cabeleireira, moradora da Gávea e aluna da Nobre Arte)*

Pelo fato de o público ser majoritariamente feminino, a relação entre homem e mulher na *Academia Physical* era dada somente entre alunas e professor. Os poucos meses de permanência de Sidney foram suficientes para perceber também uma relação que não se estendia além dos limites da academia. Entretanto, entre as mulheres já havia contato porque, como todas moram na mesma localidade, era recorrente o



compartilhamento de outros espaços, como a Igreja, frequentadas por Fernanda e Nalva e também de convites que estreitavam o elo entre as praticantes, como pude observar em uma das idas ao campo. Na ocasião dei boas risadas com as brincadeiras de Rose, que, ao ser convidada por Fernanda a frequentar a Congregação de Mulheres de sua Igreja, responde que sexta, sábado e domingo são os dias que ela fica de ressaca, tendo como reação de Fernanda: *Misericórdia. Deus tem coisas pra lhe dizer lá!* Além das atividades religiosas, outros eventos de sociabilidade também eram realizados, como a visita na casa de uma ou de outra para assistirem juntas a vídeos, pelo que depreendi de uma conversa entre Fernanda e Rose.

Outro dado constatado foi que (ainda que esta turma tenha terminado) a convivência permanece. Tanto que, no momento em que as entrevistas em profundidade foram realizadas, meses após o abandono das aulas, a viabilidade dos contatos com ex-alunos se deu em decorrência da existência de um convívio entre elas. A primeira entrevistada foi Michele, esposa de Maurício, que logo me passou o contato de Sonia, que, por sua vez, me forneceu o de Fernanda, a qual, além de localizar Nalva<sup>102</sup>, levando-me a sua casa, convenceu Rose a dar entrevista por telefone, uma vez que esta se encontrava um pouco acanhada.

### **3.4 – O olhar dos alunos perante as colegas do boxe.**

Além do posicionamento dos professores em relação a esse feminino, foi ouvida também a opinião dos demais homens que frequentam a academia, seja como aluno seja como atleta, pois interessava identificar se havia diferenças conforme o lugar do entrevistado<sup>103</sup>. Ao todo, foram ouvidos sete homens da *Academia Nobre Arte* e Sidney, único aluno que frequentava as aulas de boxe da *Academia Physical* com regularidade.

---

<sup>102</sup> A entrevista não foi possível porque, na época, ela estava viajando.

<sup>103</sup> Com exceção das academias *Physical* (por não ser um espaço tradicionalmente de luta, mas uma academia com múltiplas atividades) e *Delfim* (devido ao pouco tempo de funcionamento), as academias de luta geralmente costumam ter sua própria equipe de atletas competidores. Nas aulas para treinadores, promovido pela *Academia Delfim*, inclusive, há uma classificação dos alunos: o *atleta* (aquele que é ou almeja ser um competidor) e o *coletivo* (aquele que faz o boxe somente para queimar caloria).

**Relação dos homens entrevistados**

	<b>Lucas</b>	<b>Miguel</b>	<b>Rafael</b>	<b>Yago</b>	<b>Rafael</b>	<b>Guilherme</b>	<b>Liberman</b>	<b>Sidney</b>
<b>Idade</b>	15	17	21	22	24	27	34	45
<b>Grau de Escolaridade</b>	Cursando a oitava série.	Cursando a oitava série.	Cursando a faculdade de Engenharia	Superior em Economia	Oitava série.	Ensino Médio Completo	Primeira Série do Ensino Fundamental	Ensino Médio Completo
<b>Residência</b>	Pavão-Pavãozinho	Ladeira dos Tabajaras <sup>104</sup>	Cantagalo	Ipanema	Cantagalo	Botafogo <sup>105</sup>	Cantagalo	Augusto Vasconcelos
<b>Profissão</b>	Estudante	Já trabalhou de entregador de água, mas no momento está parado.	Auxiliar Administrativo	Economista recém-formado.	Office Boy	Trabalha em empresa que presta serviços para arquivos	Trabalha em restaurante como saladeiro	Comissário da Polícia Civil.
<b>Renda Familiar</b>	R\$1.300,00	R\$560,00	R\$8.000,00	R\$5.000,00 a R\$10.000,00	R\$1.300,00	R\$3.000,00 a R\$4.000,00	R\$1.500,00	R\$3.000,00
<b>Cor</b>	Parda	Parda	Negra	Branca	Negra	Parda	Branca	Pardo
<b>Estado Civil</b>	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Casado	Casado

<sup>104</sup> Comunidade situada no bairro de Copacabana, zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

<sup>105</sup> Bairro situado na zona sul do município do Rio de Janeiro.

<b>Tem filhos?</b>	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Tem uma filha.	Tem três filhos.
--------------------	-----	-----	-----	-----	-----	-----	----------------	------------------

Enquanto que no Segundo *Round* ficou claro que as principais autoridades do esporte reverenciavam os benefícios da prática esportiva e repreendiam a profissionalização das mulheres, entre alunos a percepção é um pouco diferente. Muitos admiram não só a mulher que faz o treino, mas também aquela que vai para o ringue.

*Ah! Pra mim é muito legal ver minha esposa fazendo boxe. Direitos Iguais. Normalmente eu respeito o que ela gosta de fazer e ela me respeita o que eu gosto de fazer também. Então não tem problema nenhum. (...) Pra mim é muito legal. Eu acho legal uma mulher que luta boxe. Porque a minha pratica aqui e eu estou falando com mais, eu acho legal. É uma mulher corajosa porque tem que ter disposição pra subir em cima do ringue, dar porrada com outro. Tem que ter disposição. Eu acho legal isso. (Lieberman, 34 anos, saladeiro, morador do Cantagalo e aluno da academia Nobre Arte)*

*As mulheres que praticam boxe são ousadas. Porque, assim, é mais fácil você encontrar homem praticando boxe. Porque é um esporte que envolve luta, é difícil encontrar mulher nesse ramo. (Rafael, 21 anos, auxiliar administrativo, morador do Cantagalo e aluno da academia Nobre Arte)*

Entretanto, certos zelos acabam aparecendo quando se trata de boxe para filhas ou quando a estética do corpo da lutadora é claramente questionada. Ainda que o treino reforce as formas femininas das alunas, o excesso de exercícios pode trazer músculos muito definidos e hipertrofiados, o que não se revela objeto de desejo para a maioria dos alunos e atletas entrevistados.

*PEDRO - O corpo de uma lutadora de boxe, você acha bonito?*

*GUILHERME - Depende, se ficar muito masculino assim, eu não acho muito legal não. Uma mulher muito troncuda. Eu gosto daquele modelinho violão.*

*PEDRO - Mas geralmente o boxe propicia que a mulher fique com o corpo violão? O boxe como prática em si, não como profissional.*

*GUILHERME - Eu acho que dá uma ajuda, não deixa a mulher com um corpo violão, porque aí vai da estrutura física da pessoa, mas dá uma ajuda porque dá uma secada. (Guilherme, 27 anos, morador de Botafogo e atleta da Nobre Arte)*

No tocante ao comportamento de uma praticante de boxe, percebe-se entre alguns a admiração pelos resultados estéticos que o pugilismo proporciona, embora haja a preocupação no tocante à construção de gênero, principalmente quando a praticante possui algum grau de parentesco, ou seja, não se aprecia quando o corpo torna-se musculoso em excesso, deformando as linhas naturais do corpo da praticante. Por outro lado, como revela o depoimento de Rafael, há o prazer de se estar ao lado de uma mulher que pratica boxe por ser *gostosa*, mas a preocupação de uma filha praticar o esporte e deixar de lado as brincadeiras e características que compõem o que se considera uma espécie de modelo da identidade física feminina.

*PEDRO - Você permitiria que sua filha praticasse boxe?*

*RAFAEL - É... aí ficaria a critério... sinceramente, não.*

*PEDRO - Por quê?*

*RAFAEL - Acho que fica perdendo um pouco das coisas, fica menos feminina. Acho que não, acho que não permitiria.*

*PEDRO - Você namoraria uma mulher que pratica boxe?*

*RAFAEL - Sim, namoraria.*

*PEDRO - Você namoraria uma mulher que pratica boxe e ao mesmo tempo não deixaria sua filha praticar?*

*RAFAEL - Porque é o seguinte, a minha filha praticar boxe, talvez ela gostasse tanto que perderia um pouco das coisas de mulher, sacou? Tipo, essas coisas de mulher, deixar essas coisas de mulher um pouco de lado, sacou?*

*PEDRO - E o que te motivaria a namorar uma mulher que pratica boxe?*

*RAFAEL - Cara, sinceramente, o motivo é banal. Porque as mulheres que praticam o boxe são gostosas, cara. É legal andar com uma mulher gostosa do lado, principalmente uma que faz boxe. (Rafael, 24 anos, morador do Cantagalo e atleta da Nobre Arte)*

Percebe-se que, embora haja a princípio uma aceitação, os signos decorrentes do boxe, que em muitos casos é considerado masculino, como a força, tornam-se um fator de preocupação para certas faixas-etárias. Essa variação de critério indica certo medo da homossexualidade dentro de um recorte geracional de indivíduos em formação, como a infância e a adolescência. Quanto ao quesito agressividade é diferente. A presente etnografia revela que a postura mais violenta enquadra-se em uma característica deste

esporte, tendo uma significação relacional e, portanto positiva dentro do ringue e negativa apenas fora deste.

### 3.4.1 – a censura familiar também ocorre entre os rapazes.

Assim como entre os profissionais, alguns alunos também passaram pelas reprovações de seus familiares e pelo estigma do esporte associado à violência, embora a pressão seja maior em relação às mulheres.

*Olha, minha mãe pegou um caso de um cara ali, um que bate e tomou isso como exemplo. Se ela continuar com isso na cabeça vai ficar doente. Às vezes ela diz que não é contra, mas os olhos dizem que não. Dá pra perceber que ela é contra. (...) Olha, pressão familiar, meu emprego, responsabilidade, atrapalha muito. Inclusive eu cheguei a brigar com a minha mãe. Por causa dela fui morar com o meu pai longe, em Belford Roxo<sup>106</sup>. Ficava difícil vir pra cá, com certa frequência. Cheguei até a competir morando lá. E no momento, comecei a trabalhar agora, tô trabalhando um pouco puxado. Eu estou tentando conciliar e ver se dá certo, conciliar o trabalho com os treinos pra ver se eu tenho condições de competir. É uma tentativa que eu vou fazer. (Guilherme, 27 anos, atleta da academia Nobre Arte)*

Este depoimento ajuda a esclarecer a análise anterior. A presença masculina na *Academia Nobre Arte* indica que a violência é um fator limitador e de reprovação para ambos os sexos. Diferente da força, ela não é tipicamente masculina ou feminina.

Outro dado que poderia estar relacionado à atitude de reprovação familiar seria a associação do boxe com a pobreza. Historicamente<sup>107</sup> o boxe é uma atividade física e esporte ligado às camadas mais pobres da sociedade. Comparando este ideário com os dados colhidos em campo, percebe-se que das 21 pessoas que responderam o quesito renda familiar (incluindo academia *Physical e Nobre Arte*), 9 recebem abaixo de R\$ 1.126,00, o que representa que este percentual não está inserido na classe média<sup>108</sup>. A média da pobreza aumenta se analisarmos apenas o público feminino. Das 14 que responderam o valor da renda mensal, 8 estão classificadas abaixo dos índices que representam a classe média.

---

<sup>106</sup> Os dados históricos fornecidos pela Federação de Boxe do Rio Grande do Sul, em anexo, situam o predomínio das classes populares nesta modalidade de luta.

<sup>107</sup> A entrevista não foi possível porque, na época, ela estava viajando.

<sup>108</sup> Fonte: IBGE.

A referência do boxe a pobreza não se aplica apenas no Brasil. No artigo “Como Ser Boxeador em Colombia. Breve inventario en el que la realidad copia el estereotipo” de David Leonardo Quitián Roldán para a Revista Científica de UNINCCA (2009) há toda uma descrição de um boxeador ideal no imaginário colombiano.

“Como se evidencia en el artículo y como se demonstro en la etnografía que lo enmarca, para ser boxeador en Colombia se debió nacer a orillas del mar, especialmente del Caribe. Se debe tener melanina al 100% en la dermis, se debe ser de un estrato socioeconômico más cercano al cero que al seis y haber abandonado (o aplazado) los estudios. Se debe ser hombre y haber empezado a tirar golpes, en el gimnasio, desde la niñez. Se debe ser soñador, ambicioso y querer ‘regalarse una casa a la mamá’. Todo el clichê hecho realidad. Todo el hechizo macondiano, todo el realismo mágico, copiando la real realidad.” (2009: 157)

Ao situarmos outras esferas do esporte, percebemos também a mesma construção identitária no tocante a um modelo ideal. Archetti (2003) expressa idéias nacionais e de masculinidade que atravessam todas as classes sociais por meio do futebol, tango e pólo, consideradas as três paixões nacionais na Argentina. No caso brasileiro, Guedes (1998) traz o recorte ideal de um bom jogador de futebol: àquele que jamais esquece suas raízes humildes e que retribui de maneira dadivosa os necessitados de sua comunidade de origem.

**3.5 - Mas boxe? Eu que não quero levar um murrão na cara!!!** (Aline, ao comentar o que as amigas geralmente falam do porquê não praticar boxe)

Mesmo com o quadro de reprovação familiar relatado por praticantes de boxe de ambos os sexos, a relação entre amigos não costuma ser atingida, ainda que algumas sofram comentários jocosos. Ainda assim, quase todas relataram que a *coragem* e a *determinação* são virtudes reconhecidas pelas pessoas que convivem e que não pertencem ao ciclo familiar.

*Tem gente que fica zoando ele (o marido), que eu faço para bater nele. Mas ainda não precisei bater nele não. Graças a Deus. Espero que não! (risos) (Aline, 24 anos, desempregada, moradora do Cantagalo e aluna da academia Nobre Arte)*

*Ah! Eu acho que é legal. Mas a maioria das mulheres, na verdade, não tem coragem de praticar esse esporte, que é um esporte meio bruto, né? (Natália, 25 anos, atendente de lanchonete, moradora do Pavão-Pavãozinho e aluna da academia Nobre Arte)*

*Elas acham isso meio machona. Assim meio lésbica, porque faz boxe, essas coisas. Minhas amigas falaram que eu mudei quando comecei a fazer boxe e comecei a assumir minha sexualidade. Mas isso foi tranquilo. Eu não sou lésbica. (risos) O povo também fala que eu ia agora bater no meu ficante, mas tudo normal. (Daiane, 22 anos, enfermeira e aluna da academia Physical)*

Em alguns casos, como o de Michele (Cantagalo), a luta repercutiu até mesmo da desmistificação de preconceitos, visto a imagem feminina aliada à *coragem e determinação*.

*Não sei se a palavra exata é preconceito, mas acho que existe um pouco. Dia desses achei engraçado que no trabalho uma colega veio me procurar e:*

*- Pô! Te acho tão feminina, tão não sei o que? E me contaram que você é do boxe. E minha filha tava querendo fazer e eu tava com o maior preconceito, mas, depois de te ver, eu mudei meu conceito.*

Michele também foi matéria para a revista que costuma circular entre os funcionários da empresa em que trabalha. Fiquei sabendo quando descemos juntos pela primeira vez o morro do Cantagalo, quando nos direcionávamos para as nossas casas. Neste relaxar de posições (eu, enquanto pesquisador, e ela enquanto pesquisada), a aluna, que aparentava ser reservada, se mostrou extremamente simpática e solícita. Neste mesmo dia trocamos *emails* e ela disponibilizou a matéria da qual fora capa. Michele estranhara bastante o título: “Não é sexo frágil”.

Oi,

Olha a matéria que saiu na Interativa hoje (em notícias) ... é uma homenagem as mulheres... que engraçado!!! ;-)

Não é sexo frágil

Última atualização:10/03/2010

Quem olha para Michele Altenhofen, da Gerência de Auditoria de Processos e Negócios, não imagina o que ela faz nas horas vagas. Há três anos ininterruptos, ela veste suas luvas vermelhas e entra no ringue: é com o boxe que ela "extravasa".

"Eu fazia capoeira, mas machuquei o joelho. Na época, uns amigos meus estavam fazendo boxe e me incentivaram. Hoje, luto de duas a três vezes por semana e, há dois meses, comecei kickboxing também. Gosto da adrenalina, além de aliviar o estresse do dia a dia", conta Michele.



Michele durante um treino. Ela diz que os Colaboradores brincam: "Fala, boxeadora!"

Já Maria Varnieri, da Gerência de Relacionamento Norte/ Centro-Sul, encontrou no tênis e no futebol suas fontes de energia e uma maneira de encontrar os amigos. Ela pratica os dois esportes há cerca de quatro anos e ensaiou suas primeiras jogadas ainda pequena, em partidas com os irmãos.

"Escolhi estas duas atividades porque gosto do exercício físico que elas representam, é fazer ginástica de uma maneira prazerosa. Não sinto o tempo passar, não sinto que é rotina, mas que estou ali para me divertir e fazer bem tanto ao corpo quanto à mente", explica Maria.

E Rita de Cássia Soares, Gerente de Contratos e Pedidos (Segmento Empresarial)? Essa mineira vive em alta velocidade, literalmente. Há dois anos e meio, ela pilota karts, tendo, inclusive, ganhado o 1º lugar num campeonato de kart feminino disputado em 2008. A paixão pelos carros começou por acaso: ela foi a um campeonato de kart dos colegas de trabalho de seu marido. Ele a chamou para participar e, desde então, Rita não largou mais o volante.

"A velocidade me motiva muito. Pra tudo que a gente faz, ela é fundamental. Essa adrenalina significa estar viva, fazer parte das coisas. Por isso, a velocidade faz parte da minha vida", diz ela, que até já ajudou a organizar um campeonato com colegas, do qual participaram 10 Colaboradores da Gerência de Gestão de Contratos, sendo ela, a única mulher.

### **3.6 - As alunas: pelo pesquisador e por elas mesmas.**

A apresentação do cenário, isto é, do breve perfil das alunas das duas academias investigadas e do olhar - incluindo controle e julgamento - da família, dos professores e das pessoas que compõem o *entourage* da atleta, serve para compreender melhor estas mulheres e qual representação que adquirem neste espaço esportivo.



Na introdução, cuja proposta era expor as motivações teóricas que levaram ao presente objeto (ainda que o recorte decisivo tenha se dado a partir do caminhar pelas academias e finalmente com a escolha do campo, como situo no Primeiro *Round*), a apresentação das pugilistas profissionais, ricas em signos femininos como o uso do rosa tanto na roupa e nas luvas de boxe, quanto em suas páginas pessoais, além do uso de maquiagem e a exibição da forma física, ressaltado em seus discursos por *curvas*, caracteres estes tipicamente femininos para os padrões nacionais, são apreciadas por tais praticantes, ainda que ocorra um gradiente de valorização que delimita a diferença entre as alunas do Cantagalo e de Augusto Vasconcelos.

### 3.6.1 – as semelhanças

Assim como relato em quase todos os capítulos, em oito meses de trabalho de campo não fora encontrada nenhuma mulher dentro do estereótipo do “tipicamente masculina”. Vale ressaltar que, apesar de muitas reconhecerem que dispõem de alguns signos masculinos, todas não abrem mão de sua feminilidade.

Inclusive, eu mesmo, embebido do *senso comum*, tive desconfianças que, com o passar dos dias, só comprovaram um sutil preconceito, talvez também pela contaminação de colegas e professores que me testavam a cada momento sobre o fato de eu não me deparar com uma homossexual, mais precisamente a *fanchona*<sup>109</sup>, neste meio.

É o que relato neste fragmento extraído do meu Diário de Campo:

#### 31/08/2010 e 02/09/2010 – *Academia Physical e Nobre Arte*

*Das alunas novas que apareceram nesta aula, mas que não deram continuidade, duas desconfio que sejam um casal. Aliás, também neste mesmo dia creio que consegui identificar um casal homossexual feminino na Nobre Arte. No dia não desconfiei, mas, na aula seguinte, na sala de musculação, pela primeira vez imaginei que algo estava no ar. Elas andam sempre muito juntas e sinto que há algo a mais que uma amizade. O comportamento não é masculino, mas percebo algumas sutilezas, extremamente difícil de descrever.*

*Ao conversar com a aluna, observo o comportamento frio e desconfiado de sua amiga que sentava ao lado. Estávamos conversando sobre trivialidades e depois sobre boxe. A amiga dessa mulher não é aluna, mas a estava acompanhando neste dia. Ela não possui uma “apresentação masculina”, talvez seja mais feminina que a sua suposta parceira: cabelos longos, batom vermelho nos lábios, mas um olhar incisivo, duro e de ciúme para mim. Percebo que ela se sente ameaçada com a minha presença. Sua*

---

<sup>109</sup> Homossexual feminina popularmente definida como muito masculina.

*suposta parceira me recebe tranquilamente. Responde às perguntas de maneira tranquila e faz até comentários engraçados, como a dificuldade para pular corda, se referindo a um sabiá da perna quebrada.*

*Pergunto para a parceira se ela tem vontade de praticar boxe e tenho como resposta um balançar de cabeça, sinalizando um não. Se as duas não estivessem juntas jamais desconfiaria. Nenhum traço de masculinidade.*

O tempo todo evitei tratar diretamente do tema, por vários motivos. Havia uma delicadeza em abordá-lo em um ambiente em que há o predomínio da classe trabalhadora, por ser um público, geralmente, com o juízo de valor mais conservador; e não considerava tão relevante para este objeto, uma vez que investigo a maneira como é concebida a feminilidade e não necessariamente a opção sexual. Assim como há variantes de masculinidade (Cecchetto, 2004) há também inúmeras representações de feminilidade, entre as próprias homossexuais inclusive, seja da maneira mais masculina àquela riquíssima em atributos femininos.

O assunto sexualidade não aparentou ser um *tabu* no ambiente da *Nobre Arte*. Assinale-se que esta categoria em nenhum momento fora estimulada, mas surgiu espontaneamente por parte da professora Kátia nos primeiros dias de campo, quando me apresentava a postura “democrática” da academia e o conforto oferecido aos homossexuais, tanto os que já indicavam a opção sexual já na apresentação quanto aqueles que não davam *a menor pinta*, mas que se sentiam à vontade em revelar sua opção, mediante a convivência (cf. Primeiro *Round*).

*Dá pra perceber que eles tinham um comportamento diferente. Mas em momento algum eles sofreram nenhum tipo de preconceito, não é a toa que eu tenho esses alunos até hoje.*  
(Kátia)

Ainda no tocante às semelhanças, um dado que chama bastante atenção é que a maioria das praticantes e todos os professores, com exceção do presidente da Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro, são negros. Outra característica, segundo Professor Maurício, é que o perfil mais encontrado nas academias para as quais trabalha e que costuma visitar são de mulheres de classe trabalhadora a média.

*Cara, eu posso colocar assim: condição financeira? Classe média, porque a mulher de classe média e a mulher que tem uma condição, a rica, ela não procura o boxe. Justamente por causa da estética.*

*-Ah, quebrar minha unha! Ah, meu rosto, não sei o quê.*

*Então, ela... pode até encontrar uma mulher que tenha uma boa situação financeira fazendo boxe, como apareceu a Sandy. A Sandy não luta boxe. Ela não treina boxe com ninguém. Eu nunca vi. Ela faz boxe, mas faz com o personal ali. Ela pode fazer numa academia, mesmo com todo mundo, mas é um grão de feijão em cinco quilos de arroz. É uma ou outra. Tu não vê uma mulher com uma situação financeira muito boa fazendo boxe. Lá na Delfim, você pode botar classe média. Classe média, média a alta muito difícil.(...) Cara, academia faz quem tem dinheiro. A Delfim é ali na Tijuca. Então você pode ver a classe média ali, até mulheres negras fazendo, mas a predominância é branca. Por causa do próprio acesso. Mas classe média. Média, média. Mulheres que trabalham em banco, gente que trabalha na Petrobrás, mulheres que têm uma condição financeira e que estão buscando. Porque, por exemplo, você ali na Delfim, o Gabriel deu oportunidade pra algumas pessoas de comunidade, você não vê, assim, foram muitas crianças que fizeram um trabalho de junta olímpica, que eles fizeram um trabalho lá. Aí, pegava pessoas de colégio público, a maioria era negra. Negro, pardo, branco um ou outro. Como você faz um trabalho real, você vê mais pessoas negras e brancas. Agora quando você faz um trabalho, você coloca um clube, uma academia, um esporte, aí vai quem tem dinheiro. E quem tem dinheiro a maioria é branca. Ali no boxe, a maioria não é branca. A Michele é negra, a Nalva é negra, as duas meninas hoje ali, essa aqui pode dizer que ela é morena, a Sonia é morena. Cara, é meio misturado. Branca, branca não teve aluna branca. Aquela outra que pintou o cabelo de loiro. Então ela não é branca. Ela é morena que pintou o cabelo de loiro.*

A indumentária também é homogênea. Todas apreciam os meiões, roupas colantes e coloridas. Muitas, inclusive, chegam maquiadas, com brincos, como Cassiane, que costumava ir sempre às aulas com argolas nas orelhas. Assim como as lutadoras profissionais, as alunas apreciam as luvas coloridas, principalmente cor de rosa, embora usada por uma minoria pelo fato de ser mais cara. Segundo elas, há somente uma marca que confecciona esta cor e o seu valor é mais elevado do que o das concorrentes. Outra semelhança com as profissionais é o apego ao cabelo, tema inclusive de brincadeira, por parte de Maurício, durante as aulas em Vasconcelos.

*- Todo mundo que pratica boxe devia ser careca! Olha só elas com esse cabelão. Isso é para perder tempo de aula, provoca Maurício.*

*- Se a gente não tivesse cabelão daríamos prejuízo aos cabeleireiros, responde Rose.*

Outra semelhança encontrada nos dois grupos é no tocante ao ritual de produção para a chegada à academia, marcando também um estilo de feminilidade. Nas duas academias, a maioria das entrevistadas revelou que o momento em que se preparam para

ir à aula é um ritual para a entrada neste espaço. Dedicam-se ao capricho no visual, seja no vestuário, seja na maquiagem ou no cuidado com o corpo e cabelo.

*Ah, roupa de academia mesmo, normal. Tênis, meia, calça, blusa, mas procurando tudo combinando, as cores. Desodorante, um batonzinho, um lápis no olho. Procurar ter sempre o cabelo ajeitadinho. Mas quando a gente sai daqui, bagunça tudo. Mas é a forma como vou chegar, né? Se você vir sem higiene, ninguém aguenta, né?(Sonia, 38 anos, dona de casa e aluna da academia Physical)*

*Cabelo preso e a unha também cortada porque ficava melhor, porque começar a aula de cabelo solto, toda hora tinha que ficar prendendo. Quando você entra já com o cabelo preso é mais fácil, você fica mais à vontade e despreocupa muito. A unha também, brincos, argolas também não é bom. (...) Tem macacão pra quem gosta. Nem todo mundo gosta. Eu acho bonito macacão. Tem o meião também que está muito na moda. Adoro usar tudo verde. Sou meio doentia por verde. (Michele, 30 anos, depiladora e aluna da academia Physical)*

*Ah, eu boto creme no corpo. Eu gosto. Batom. Já até saiu, mas eu passo. (risos) Eu acho lindo a mulher que fica bonita. Batonzinho, um creme pra pele. Tem que ficar cheirosa. Acho legal. Eu não gosto de maquiagem. Eu só gosto de batom. Eu acho que o batom deixa a mulher até sexy. Gosto muito de ficar cheirosa. Então é como eu fico no dia-a-dia. (...) Eu vejo a Kátia usando essas meias aí, essa roupa é da moda. Mas a moda quem faz é você. Você pode vir de qualquer jeito, do jeito que quiser que quem faz a moda é você. (Cida, 50 anos, cabeleireira, moradora da Gávea e aluna da academia Nobre Arte)*

*Vou em casa, descanso, almoço, descanso, durmo bastante e venho direto. No dia-a-dia uso bermuda. No calor uso blusa curta. Gosto muito de vestido. Prefiro vestido, porque é só colocar e não precisa combinar o short com a blusa, a calça com a blusa. Agora, pro boxe, a moda é só malhar. Calça de lycra, short, blusa mais apertada, ou então mais solta com um top por baixo. (...) Pra mim é a calça de lycra combinando com o conjunto. Aquelas meias um pouco mais abaixo do joelho. É o que está na moda. (Yasmin, 18 anos, estudante, moradora do Cantagalo e aluna da academia Nobre Arte)*

### **3.6.2 – as diferenças**

Se dentro do vestuário, no cuidado com o corpo, as alunas do Cantagalo e Vasconcelos se assemelham, os objetivos divergem no tocante à procura pelo boxe. De um modo geral, a busca por uma melhor forma física vem como prioridade para as alunas da *Academia Physical*, enquanto que o alívio do *stress*, a saúde e o combate ao

ócio são os argumentos mais utilizados pelas alunas do Cantagalo. A trajetória dessas praticantes ajuda a compreender melhor esse predomínio de objetivos.

### 3.6.2.1 – a trajetória das alunas de Vasconcelos.

**Michele** (30 anos, depiladora)

*Na verdade foi o Maurício que me motivou a fazer boxe. Ele que incentivou e, assim, a **questão de manter a forma**. Comecei lá na Tijuca, na Conde de Bonfim, depois que eu vim pra cá. Eu já conhecia o Maurício. Eu fazia musculação, local, boxe tailandês. Foi por ele mesmo. Mesmo fazendo só por hobby, pra manter a forma física, resistência.... me considerava uma boa aluna!*

**Sonia** (38 anos, dona de casa)

*Escolhi o boxe porque pra mim é uma atividade, assim, que engloba todos os seus objetivos. Faz academia e tudo. Pra fazer uma outra opção, pra mim o **boxe engloba tudo isso, ele trabalha o corpo todo e também te prepara mais**, como que se fala assim, pelo menos pra mim foi assim, através do boxe que eu tive coragem em relação as coisas. Pelo menos com ele muda atitude, agilidade, **você acaba tendo mais atitude**, entre outras coisas. Amplia mais os seus horizontes, porque quando a pessoa fica parada ela se retrai muito, fica mais na sua.*

**Rose** (32 anos, dona de casa)

*Quando vi já estava. Estava acostumada aqui na academia, né, o professor começou com as aulas, mas não tinha ninguém, aí ele chamou. Ai fui ver como era. Na academia eu já estava, na musculação, fazendo outras atividades. Aí comecei a fazer boxe, gostei e acabei entrando. Mas tive que dar uma parada porque o horário não tava dando.*

**Fernanda** (30 anos, trabalha em firma de conserto de equipamentos odontológicos)

*Eu gosto de luta. Sou muito nervosa também, aí eu tenho que me acalmar. Eu preciso bater em alguém para me acalmar. Eu sempre vi pela televisão e sempre gostei muito. Quando eu vi que ia ter na academia eu falei: Ah, agora é a hora. Vou fazer. (...) Na verdade eu não escolhi a academia para lutar boxe. **Eu procurei a academia pra emagrecer e tal**. Eu resolvi emagrecer. A luta foi consequência. Porque eu achava aqui tudo... com cem quilos é difícil de lutar boxe. Então eu sempre quis emagrecer pra praticar uma luta. Penso com certeza em voltar pro boxe, mas o horário, pra acordar seis horas da manhã tem que ter disposição. O horário me atrapalhou bastante e a falta de dinheiro também.*

**Ruth** (30 anos, guarda municipal)

*Eu tive curiosidade, não tive indicação de ninguém não. Aí pesquisando na internet vi que tem muita gente fazendo. **A parte aeróbica mexe muito com o corpo, transpira bastante**. Até na luta, é uma atividade física que movimenta bem o corpo. Me atrai bastante. O aprendizado rápido, não tem aquela fase de aprender, aprender o rolamento, vai direto na aula e já começa na luta já. Tô nessa já há um mês.*

**Daiane** (22 anos, enfermeira)

***Me acho meio bruta**, aí eu achei que seria uma boa fazer boxe. Por meio de conhecido, foi me indicando até eu chegar esse centro que é do marido da minha amiga... uma aula super boa, aí acabou que eu vim fazer. Só tô há uma semana, mas já me acho uma boa aluna.*

### 3.6.2.2 – a trajetória das alunas do Cantagalo.

**Natália** (25 anos, atendente de lanchonete e moradora do Pavão-Pavãozinho)

*Vim através do meu irmão, que ele fazia aqui. Por isso que vim. Também **pelas novas amizades e também não precisa pagar, né?** Adoro as aulas! E gostei dos exercícios, movimento bastante. Eu gosto!*

**Aline** (24 anos, assistente administrativo e moradora do Cantagalo)

*O meu marido que me trouxe aqui. Eu sempre tive vontade, desde novinha. Assim, é que eu gosto de fazer luta. E é competitivo. (...) Eu não sou a melhor. Às vezes eu fico um tempo sem vir... por problemas particulares. E o legal é que nunca é sempre a mesma coisa. Assim, eu vim, assisti uma aula. Gostei e a Kátia é um amor. Ela é uma boa professora. Não só como amiga também. **Eu fico mais calma.** (risos) **Extravasa a tensão.** Vai fazer um ano agora em fevereiro que to na Nobre Arte.*

**Cida** (50 anos, cabeleireira e moradora da Gávea)

*É... eu sou pavo curto. **Aí a minha psiquiatra perguntou qual era o tipo de exercício físico que eu gostava de fazer.** Eu fazia ginástica. E ela disse que era pouco e eu tinha que procurar uma coisa mais ativa. Então tá bom. **Aí conheci um cliente meu que sugeriu, que ele já conhecia, o pessoal daqui e mandou procurar o pessoal daqui e a manicure que trabalha comigo que me trouxe.** Na primeira vez que eu vim eu adorei, né? Um lugar bonito, limpo. Eu gostei daqui. Eu tô aqui há um ano no máximo. E vim pra cá porque primeiro aqui é Federada. Que eu vi uma academia no Leblon eu não via uma coisa assim... eu acho que eles tinham interesse mais para outras pessoas. Não pra pessoas assim da minha idade, era mais pros garotões. Eu vim pra cá e não vi essa diferença. Todo mundo aqui se trata igual. Todo mundo aqui é a mesma coisa, não leva em conta a diferença de idade, da pessoa, entendeu? Há respeito.*

**Maria** (35 anos, arrumadeira e moradora do Pavão-Pavãozinho)

*É aquilo que você sabe, a gente vai chegando... aquela idade que só trabalha, passa fome, não se cuida e aí então eu vi que já **estava além do peso** e aí fui procurar um meio. E aí acabei chegando aqui por uma amiga que me levou. **Aí gostei também por causa do horário, né e primeiro é grátis também, facilita mais.** (...) (risos) Vamos dizer que sou uma aluna média, né, (risos) regular. Mas tô aqui na academia há mais de um ano.*

**Patrícia** (30 anos, vendedora de roupas e moradora do Pavão-Pavãozinho)

*Primeiro eu quis malhar, **para manter a forma**, e o boxe já é um exercício que eu quis fazer desde pequena. Eu quis fazer o boxe pra manter a forma e ter defesa pessoal né? Como já conhecia o Joel e ele sempre recomendou que eu fizesse boxe acabei vindo pra cá. Até porque aqui a gente não paga, é da comunidade, é de graça, e na rua eu não tenho condições de pagar. To a três ou quatro meses no boxe.*

**Andreza** (16 anos, estudante e moradora do Pavão-Pavãozinho)

*Meus amigos que me motivaram a fazer boxe. Eu vim com uma amiga, todo mundo animado pra fazer, aí eu só eu continuei e o resto saiu... e eu fiquei! Sempre quis fazer boxe. Por mais que seja coisa de homem ... assim... quis fazer. Aqui é o lugar mais perto da minha casa. E eu tô aqui mais porque eu ficava em casa sem fazer nada, e **é uma atividade a mais.** Vai fazer dois anos que estou no boxe. Sou boa o bastante pra que o professor me aguentem, mas não quero ser uma lutadora, porque não quero ficar desdentada.*

**Antônia** (30 anos, empregada doméstica e moradora do Cantagalo)

*Eu sempre vi o meu marido praticar, ele tá no boxe há uns dez anos, e ele sempre me atiçava pra eu vir. O meu marido sempre veio ao boxe, frequentava a academia e eu vinha com ele. E aí eu realmente cheguei a essa conclusão que o boxe faz muito bem pra gente. Eu gosto de praticar. Eu gosto. E aí cheguei a esse ponto de praticar um esporte, de praticar o boxe, ir à academia. Me amarro! Eu gosto! Tô nessa há uns cinco anos. Porque eu gosto muito dessa academia, gosto da comunidade e eu ia praticar lá embaixo, gostei e gostei muito dessa academia. Gosto do Claudio Coelho, acho as pessoas legais, bom profissional.*

**Lourdes** (31 anos, empregada doméstica e moradora do Cantagalo)

*Eu já conhecia. Só não sabia que tinha o boxe. Mas aí minha amiga disse que fazia boxe. A minha amiga já fazia boxe há muitos anos, aí ela me convidou pra eu ver, aí gostei e fiquei fazendo. Ela continua e eu to no boxe há uns quatro meses. Acho que to indo bem, no nível médio, mais ou menos.*

**Priscila** (27 anos, dona de bar e moradora do Cantagalo)

*Ah! **Eu escolhi o boxe porque eu gosto de luta pesada**, porque tive oportunidade de entrar por uma amiga minha, aí resolvi vir e malhar o corpo e pela luta que eu gosto de lutar. Também por **distrair a mente**... você fica mais tranquila... eu pelo menos **fico mais calma**. Também pela comunidade. Algumas pessoas fazem, todo mundo fala bem e aí eu vim pra conhecer. Estou na quarta aula e to adorando.*

**Yasmin** (18 anos, estudante e moradora do Cantagalo)

*Há um tempo atrás, eu não tinha idade, mas eu sempre gostei de esporte. E gostei da prática do boxe porque não tinha que cair no chão e eu tenho medo de me machucar e minhas amigas já faziam e aí eu vim fazer. Eu vinha aqui, só que só dava homem nas aulas. E tenho amigas que, quando eu conheci elas, depois de um tempo eu entrei. Mais por elas, assim. Eu frequento mais do que elas, mas elas vêm. Pra mim também é bom porque é perto do morro. É no morro. **E é grátis**. Apesar de estar a quatro meses e estar conseguindo chegar mais perto da luta, não é que eu seja melhor, mas pra tá há quatro meses eu estou muito, muito bem mesmo.*

**Miriam** (14 anos, estudante e moradora do Cantagalo)

*Eu entrei no boxe porque tinham umas garotas que entrou, aí eu sei lá, aí eu entrei. Porque eu não fazia nada, aí eu resolvi fazer alguma coisa e acabei entrando. Elas já saíram, mas eu até agora eu estou aqui. Já estou há uns dois anos aqui, já.*

**Thaissa** (17 anos, estudante e moradora do Cantagalo)

*Eu escolhi o boxe porque eu vi uma colega minha vindo e aí, como **eu tava parada**, não fazia nada, eu achei interessante pra mim. Eu cheguei aqui, perguntei se eu podia ver a aula. Aí fiquei olhando pra ver se era aquilo mesmo que eu ia querer, fazer aula, os exercícios. Aí depois o professor me pediu pra mim fazer e aí eu comecei a aula. Estou uns seis meses no boxe.*

**Michele** (29 anos, contadora e moradora do Leme)

*Ah, foi uma forma de exercitar, de fazer um exercício. Eu me identifiquei, assim. Eu gostava do **extravaso** que dá lá. Você chega muito cansada do trabalho e eu acho que o boxe te dá uma **sensação de descarrego**. Você tira a carga pesada. Eu me sinto bem depois que eu faço um treino. Eu me sinto cansada. Mas me sinto, tipo: missão cumprida.*

Observa-se uma diferença na motivação para a busca do boxe entre os dois gêneros. Este esporte possui representações distintas entre os alunos e atletas do sexo masculino, como se verá no ítem a seguir. Enquanto que, entre mulheres, há uma polarização do discurso entre a forma física (*por se achar bruta; emagrecer; a parte aeróbica e promover uma postura mais ativa*) e da promoção de uma boa qualidade de vida (*fazer novas amizades; extravasar a tensão; distração da mente; recomendação psiquiátrica*), ressaltando também a gratuidade como um ponto facilitador ao acesso (no caso da *Nobre Arte*), percebe-se que, entre homens, aparece uma homogeneização quanto a identificação com o pugilismo. O condicionamento e forma física são citados por alguns, embora a paixão e o gosto pela *nobre arte* seja o motivo principal para a maioria dos entrevistados. Como se a busca pela emoção ou excitação pelo esporte fosse o grande motivador para a escolha (Mauss, 1979; Elias, 1992), ou, parafraseando Rosaldo (1984), como se esta emoção fosse a própria linguagem entre esses homens.

### 3.6.2.3 – a trajetória dos alunos e atletas.

**Sidney** (45 anos, comissário da Polícia Civil e morador de Augusto Vasconcelos)

*Escolhi o boxe pelo **condicionamento físico** e também porque **sempre gostei de boxe**. Aí acabei escolhendo a *Physical* pela proximidade.*

**Guilherme** (27 anos, trabalha em empresa que presta serviço para arquivos e morador de Botafogo)

*A **beleza do esporte**. Foi o que me motivou a escolher o boxe. Olha, eu entrei no boxe foi por acaso. Não, eu já fiz jiu-jitsu e já fiz boxe. Eu fiz boxe na época, mas parei. Aí, tava fazendo auto-escola, moto-escola ali, em Copacabana, perto da academia onde o Giovane dava aula. Profissional daqui da academia. Então eu treinava com ele, e ele me trouxe aqui. Então foi mais ou menos por acaso. **Procurando luta eu descobri o boxe**.*

**Liberman** (34 anos, saladeiro e morador do Cantagalo)

*É porque **eu preciso de esporte**, aí eu vim aqui na academia e gostei. **Gostei muito**. Por isso que to aqui mesmo. Aí vim através de um amigo mesmo. Ele falava muito daqui e aí vim.*

**Rafael** (21 anos, auxiliar administrativo e morador do Cantagalo)

*Primeiramente eu escolhi o boxe **pelo exercício físico, pra tomar corpo**, porque antigamente eu era magro, esquelético. Aí eu fui mais pra tomar corpo. Aí, depois eu comecei a gostar, a praticar mesmo. Por não ter tempo nunca sonhei em ser um lutador profissional. Eu estudo a noite, não tenho muito tempo de me entregar ao boxe. (...) Conheci a *Nobre Arte* pelo professor Rubens. Ele colocou um amigo meu lá no Pavão e esse amigo meu me chamou. Aí acabei ficando no boxe e aí ele saiu. Ele treinava a gente antes, no começo, às terças e quintas. Mas, ele ainda está aqui na academia. Também continuo aqui por ser da comunidade. Porque é conhecida aqui na comunidade.*



**Miguel** (17 anos, estudante e morador da Ladeira dos Tabajaras)

*O motivo foi que eu vi um projeto lá na comunidade e eu vi que bem antes o projeto, não tinha projeto nenhum, eu **queria ser um lutador, de alguma forma**, de alguma luta, de alguma luta marcial. Eu quero dar aula. Um dia eu vou dar aula. Mas meu pai dizia que eu tinha que pagar a academia e aí surgiu o projeto e eu sempre gostei dentre esses tipos de luta, o que mais mexeu comigo foi o boxe. Foi o mestre Giovani que mostrou a Nobre Arte pra mim. Foi ele que me chamou. Foi ele que viu que eu queria mesmo o boxe e me chamou e me apresentou pro mestre Claudio Coelho.*

**Lucas** (15 anos, estudante e morador do Pavão-Pavãozinho)

*Eu vi o pessoal lutando na televisão e achei legal e gostei e quis fazer também. Aí eu conheci o pessoal que fazia boxe, aí eles me falaram. O pessoal da comunidade mesmo. Vai fazer um ano que to aqui.*

**Rafael** (24 anos, office boy, atleta e morador do Cantagalo)

*Cara, eu sempre gostei do futebol, mas o que acontece, através de um amigo eu fiz uma visita na academia e aí então **quando eu olhei os caras treinando e tal, aquela adrenalina toda, eu fiquei encantado. Foi a mágica do boxe, entendeu?** Aí eu falei assim, vou tentar e acabei lutando. Gostei tanto que esqueci o futebol e escolhi o boxe como meu esporte número um.*

**Yago** (22 anos, economista e morador de Ipanema)

***Tinha engordado um pouco**, aí tive que fazer uma atividade física que eu gostasse e antes eu já tinha malhado, mas eu não gostava de malhar e **achei o boxe bem aeróbico** e acabei gostando bastante. Aí um amigo meu me chamou, se eu queria fazer. Isso já tem quase quatro anos.*

Retornando à análise entre o sexo feminino, ao compararmos os objetivos com os das outras academias percorridas (cf. Primeiro Round) percebe-se que os da Nobre Arte são singulares. Na Delfim, fora alertado no primeiro dia pelo proprietário que só encontraria mulheres em busca da forma física e, com Raff, pude presenciar em seu discurso a proibição da figura feminina em seu projeto social, visto que a procura das mulheres se limitava somente à busca da perda de peso e enrijecimento muscular.

A meta pela boa forma física não é descartada pelas alunas do Cantagalo. Todavia, não é encarada como prioridade, e, sim, consequência. Prova disso é que em uma das idas a este espaço, na aula de Joel, pude presenciar uma mulher de aproximadamente trinta anos sendo bastante elogiada pelos colegas por ter perdido peso rápido. Segundo a aluna, sua estatura (baixa) permite que cada peso a mais ou a menos faça mais diferença. O desejo dela é emagrecer um pouco mais para afinar a cintura e voltar a fazer musculação.

*Estava com bundão e coxão. Mas tinha barriga e estava difícil de sair. Então entrei no boxe por causa da atividade aeróbica.*

*Aqui, inclusive, você faz várias abdominais e na adrenalina da aula você acaba nem sentindo.*

Outro exemplo foi quando senti a ausência de Natália, e, ao perguntar a Kátia, fui informado que a aluna, que frequenta assiduamente as aulas de segunda a sexta-feira, se afastaria dos exercícios por duas semanas em função de uma cirurgia plástica no abdômen.

Michele, da *Academia Physical* e noiva do professor Maurício, diz que está no boxe porque é uma atividade que dá retorno rápido. O próprio professor afirma que muitas mulheres procuram o pugilismo porque, além de queimar muita caloria, é um esporte completo e que exige quase todos os músculos.

**08/06/2010 – Aula das 6:00. Academia Physical.**

*Sonia diz para Fernanda que ela ficará com a cintura fininha.*

**22/06/2010 – aula das 8:00 – Terça-Feira – Academia Physical**

*Michele fala para as colegas sobre um gel que queima gordura.*

*- Transpira a beça! Parece até bala Halls!!*

*Sonia rapidamente diz:*

*- Empresta agora pra gente!!! Vamos para o vestiário!!!!*

*Michele tem uma tatuagem com o nome Maurício no braço direito.*

*Fernanda diz para Michele:*

*- Não sei onde tem que perder gordura! Vou dar na cara dela!*

Ao questionar as entrevistadas sobre os principais aborrecimentos no cotidiano, pude também observar que, enquanto nas alunas de *Vasconcelos* se deve sobremaneira à sobrecarga da vida familiar (principalmente com o cuidado com os filhos) ou ao lado sentimental, entre as pugilistas do Cantagalo se os tormentos não estão no trabalho, estão em alguma relação conflituosa com a família e o *stress* que vem daí é que as faz procurar no esporte uma maneira de extravasamento.

*Normalmente é o que? filhos, não é? **Filho sempre estressa em casa.** Só. (Sonia, 38 anos, dona de casa e aluna da academia Physical)*

*Eu tenho **aborrecimentos na vida sentimental.** Extravasava todas as vezes que eu treinava. Toda vez que eu vinha treinar era para extravasar.(Fernanda, 30 anos, aluna da academia Physical)*

*Hoje ultimamente o meu aborrecimento é no trabalho. A gente tem muita perturbação com colega de trabalho. No salão tem aquela coisa de cliente.*

*- Ah, você tomou meu cliente!*

*Não, a cliente gosta e quando você é bom e gosta do que faz (...) então aquilo irrita. Por isso que você tem que sair (...) pra poder **relaxar.** E o boxe traz isso também. Traz força e também algo na sua mente: **concentração.** (...) **O boxe descarrega.** Mas isso ocorre em qualquer exercício. (...) Porque você vai fazer a aula, mas não vai fazer direito. (...) **E dá concentração** aqui dentro e lá fora. Não adianta você lá dentro ruim que você chegando ali bloqueia a sua cabeça e acabou. Você pode apanhar e pronto.*

***O trânsito é outra coisa que me aborrece.** Todo dia o trânsito engarrafado. E eu moro na Gávea, né? Todo dia o trânsito está engarrafado. Me estressa. Agora não, mas um pouco. Mas me estressava mais. Eu penso em alguma coisa pra não me estressar, aí não me estresso tanto. Às vezes saio do ônibus e vou andando. (...) Uma coisa que eu não tenho é paciência. Então desço e vou andando. É mais rápido que o ônibus. (Cida, 50 anos, moradora da Gávea e aluna da Nobre Arte)*

***Meu trabalho que me aborrece.** É tanta coisa, que eu não sei te dizer o que. Aborrece o horário que você quer ir embora e não deixam ir a hora que você quer, **aborrece que as vezes eu quero pegar a minha filha mais cedo e não posso.** Mas aí eu vou pra minha academia, tirar os meus aborrecimentos aqui, perco todos. Vou pra casa leve, tranquila, não me aborreço. (...) **Antes do boxe eu relaxava, eu pedia ajuda muito a Deus, porque a gente se aborrecer não vale a pena.** Você tem saúde, você tem uma filha maravilhosa, você tem um marido bom, você tem uma casa com uma família dentro, então não adianta você se aborrecer. Às vezes é até um castigo você se aborrecer assim. Às vezes você vai se aborrecer do nada, e o que que adianta? Aí eu relaxo, eu vou numa praia.*

*Eu sinto que o **boxe** me ajudou muito. Eu gosto, eu senti que sim. **Eu quando estou aborrecida, eu vou à academia, eu bato no saco e sigo com minhas amigas, sigo com o meu professor junto,** que eu gosto muito dele, e a gente vai vivendo a vida assim. (Antonia, 30 anos, empregada doméstica, moradora do Cantagalo e aluna da Nobre Arte)*

Nota-se que na maioria dos depoimentos o discurso do aborrecimento paira nas representações do ser ou não ser uma pessoa nervosa. O discurso de Cida, que se intitula como *pavio curto* e de Antonia, que antes do boxe *pedia ajuda muito a Deus*, porque *se aborrecer não vale a pena* e também por ser mãe e ter marido, revela o quanto a representação do nervoso - assim como em *Das Classes Nervosas (nas classes trabalhadoras urbanas)*, Tese de Doutorado de Luiz Fernando Dias Duarte (1986) - apresenta uma centralidade no tocante as noções de pessoa e nas visões de mundo entre classes trabalhadoras urbanas. O boxe parar as duas é uma salvação desta ameaça, pois elas descarregam todas as pressões e aborrecimentos do dia-a-dia no saco e nos exercícios físicos. Para Lutz (1988) o medo do descontrole das emoções do corpo seria fortemente marcado por um corte de gênero. No entanto, Rosaldo (1984) desconfia de uma suposta *universalidade das emoções*. A autora acredita mais que os sentimentos estejam muito mais relacionados às *práticas sociais estruturadas pelas formas de compreensão do corpo, do afeto e da pessoa*.

### **3.7 - Luz, câmera, ação!**

Uma das peculiaridades das aulas de Maurício e também um dos momentos mais divertidos para o pesquisador era a hora da filmagem. Recorrente em quase todas as aulas, era o momento em que se podia ver toda euforia, contentamento e revolta das alunas em aparecer não só no vídeo, como também ter suas imagens vinculadas ao *Orkut* do professor e ainda postadas no *site* de vídeos *Youtube*.

Um dado importante para a pesquisa é que, tanto na *Academia Delfim* quanto na *Physical*, o vídeo é uma ferramenta de trabalho para esses professores/treinadores. Muitos afirmam que a auto-observação dos alunos é um ótimo exercício para que reconheçam seus avanços e, principalmente, enxerguem suas deficiências.

*Me ver, aí mais ou menos. Tem um monte de coisa errada que você faz né? Enquanto você não vê, você leva na brincadeira. Depois que tu vê, poxa, eu poderia ter feito melhor, né? Mas é assim mesmo, tá aprendendo. (Sonia)*

A gravação é realizada sempre no momento em que as alunas *fazem saco* (dar golpes no saco). Costuma ser um tanto tenso. Envolvidas pela euforia, todas reforçam a maquiagem, ajeitam o cabelo, fazem sugestões sobre o visual da outra, ajeitam as roupas e colocam as *bandagens* e luvas cor de rosa, verde, vermelha ou preta. É o período também em que o professor ouve mais reclamações, principalmente da

praticante de *jiu-jitsu*, que se diz impedida de arrumar um namorado depois da vinculação dessas imagens na internet.

**17/06/2010 – Academia Physical – 8:00**

*Passado o encaixe do saco, Maurício pede para que cada uma siga uma sequência de socos. Antes de elas começarem ele liga sua câmera digital e a coloca em um tripé acima do murinho do terraço.*

*As meninas ficam excitadas, riem nervosas. Uma delas grita e fala de brincadeira:*

*- Deixa eu passar o batom!!!*

*(risadas)*

*Michele, que além de aluna é noiva do professor Maurício, diz:*

*- Nós somos boxeadoras, mas não perdemos a feminilidade.*

*Ouçó vozes coletivas:*

*- Eu não fiz minha chapinha!*

*- Cadê meu rimel!*

*- Meus brincos!*

*Fernanda, em um tom menos eufórico, mas com um ar que vai da preocupação ao deboche, fala para o professor:*

*- Vão me filmar! Perdi todas as chances de namorar!*

*Fernanda destoa das demais mulheres. Apesar de praticar jiu-jitsu e de ser uma das alunas mais aplicadas e de melhor desempenho da turma, está acima do peso. Seu porte é bem grande e forte. Ela mesma disse que está doida para afinar a cintura com o boxe. Ela diz para todos que certa vez conversou com sua irmã que o professor tinha o hábito de filmar quase todos os exercícios das meninas. Segundo Fernanda, sua irmã disse em um tom espantado:*

*- Ele te filma desse jeito e você ainda gosta dele?*

*Ela responde:*

*- Fazer o quê!!!*

*Sonia fala pra ela:*

*- Sorria! Ele está te filmando.*

*Maurício pega a câmera e vê que ela travou.*

*Fernanda diz em voz bem alta:*

*- Deus é fiel! Professor, não filma não. Pára com isso.*

*Fernanda mais uma vez reclama para o professor de botar os vídeos na internet:*

*- Não põe isso na internet! Você tira minhas chances de namorar! E põe ainda no Orkut!*

*Fernanda olha para as colegas e responde:*

*- Vocês não se importam porque são casadas!*

### **22/06/2010 – Academia Physical – 8:00**

*- Seis minutos e meio que vocês demoram. Ficam falando de Gianechini! Diz Maurício.*

*- A gente tem que ficar bonita para o vídeo. Responde Sonia.*

*Rose ajeita o cabelo de Sonia. Sonia não convencida procura um espelho. Vai até um vidro e no reflexo ajeita o cabelo com a luva.*

A reação das alunas diante o vídeo salienta o comentário de Clarice Peixoto no artigo “Vídeo e Pesquisa Antropológica: *encontro e desencontros*” (2005), de autoria de Carlos Pérez Reyna (UNICAMP)<sup>110</sup>, de que o vídeo promove o aumento do “campo de observação, de análise e interpretação conjunta.” O mostrar a imagem aos próprios personagens implica um:

*“encontro ou confronto de lógicas e culturas diferentes, de conceitos de identidade ou ‘alteridade’, do problema da realidade e da representação ou ainda o lugar do visual nos modos de expressão’* (1994:14). Em outras palavras, o vídeo enquanto ferramenta, além de animar e instigar o conhecimento mútuo, tem a capacidade de provocar uma autocontemplação, levando o agente filmado a rever e reencontrar momentos e situações nos quais foram observadas. Em razão disso, a imagem provoca estados de ânimo em harmonia à aceitação ou rechaço, de risco ou de choro, ou simples silêncio, do mesmo modo que estimula à fala e a reflexão sobre si mesma. Jean Rouch, explica exemplarmente estas situações quando narra os bastidores de projeção do seu filme *‘Bataille sur le Grand Fleuve’* (1993: 19-20). (Reyna, 2005:4)

Para Maurício, a filmagem também é um recurso que vai muito além do caráter metodológico. Mais uma vez transpondo o artigo de Reyna (2005) para o objetivo do professor, o vídeo, como material de observação, possibilita a “ampliação, a transformação das qualidades, as características e/ou as particularidades do objeto da observação.” (:6) Maurício enumera as vantagens do vídeo da seguinte forma.

---

<sup>110</sup> <http://www.rc.unesp.br/igce/planejamento/nuppag1/video%20e%20pesq%20antrop.pdf>. Acessado em 8/8/2011.

*Primeiro: a auto-estima. É muito legal o aluno, isso eu aprendi no surfe, tá? Você filmar o atleta pra que ele se veja. É legal poder mostrar pra família. Primeiro estímulo.*

*Aí quando você começa a ter um interesse maior no boxe, ou em qualquer esporte, quando você filma, você começa a ver onde você tá errando. Então você vai melhorar sua técnica. Coisa que você tá errando e não vê. E se alguém filma e te mostrar você pode corrigir. Então aprendi isso no surf e comecei a levar pro boxe também. Foi um grande avanço que teve e isso é comprovado em todo esporte você consegue fazer isso. E com os alunos eu filmo, boto no youtube, seja dois minutos, você fala pro fulano:*

*- Poxa, você tá baixando a mão!*

*- Pô! Não tô abaixando!*

*- Tá baixando sim.*

*Aí o cara:*

*- Pô! É mesmo.*

*Porque o cara não sente. Ele faz uma coisa e não sente. Então é totalmente diferente do aluno. Então você vai melhorando a técnica dele, mostrando pra ele onde tá errando.*

*Ao mesmo tempo que você tá mostrando, por exemplo, eu filmei um aluno, aí botei no youtube e lá na Delfim eu botei no site da academia. Mas ao mesmo tempo melhorou a auto-estima dele, fazendo uma propaganda da academia e fazendo uma propaganda minha como professor.*

*Então tem dois aspectos. Um: o meu ego.*

*- Pô! O Maurício tá lutando.*

*Só de tá lá, pra mostrar pra minha mulher, pros meus filhos, uma satisfação pessoal e a parte profissional que é divulgar a academia, tanto a Physical quanto a Delfim, divulgar o meu trabalho como profissional, que levou isso à televisão, foi uma coisa que várias pessoas viram. Meus filhos me viram. Legal!*

*Chama aluno também! Um amigo meu nem era adicionado no Facebook<sup>111</sup>, mas aí passou a matéria da Delfim e eu peguei o vídeo, botei no Facebook, aí o cara viu.*

*Além do meu ego e do meu profissional, tem a parte assim como, a parte profissional que falo... a parte de professor. Mas tem a parte profissional, a parte de mídia, assim de respeito.*

Este momento foi mais uma prova de como há uma associação do boxe, para as praticantes da *Academia Physical*, com a beleza. A filmagem, momento este em que não só há uma progressão geométrica no tocante ao número de quem nos observa, é também

---

<sup>111</sup> Rede social virtual com finalidades semelhantes ao *Orkut*.

um momento especular, onde estamos diante de nosso próprio “eu”, isto é, de nossa própria representação. Ainda que haja justificativas no tocante ao aprimoramento do rendimento físico, o discurso da vaidade supera qualquer outra justificativa.

### **3.8 – Técnicas Corporais: uma diferença marcante de gênero.**

Durante as aulas, o *treinamento de luva* e o *treinamento físico* é transmitido igualmente para homens e mulheres. Entretanto, alguns momentos reforçam uma diferença marcante de sexo. O primeiro dado observado foram os golpes no *saco*, realizados não tanto na *Academia Physical*, mas periodicamente, às terças e quintas-feiras, na *Academia Nobre Arte*, nas duas turmas observadas.

Hierarquicamente, o *saco* só ficaria atrás do combate em *ringue*, no tocante ao grau de comprometimento com o esporte. Por ser pesado, as mulheres não conseguem ter o mesmo desempenho do que os homens<sup>112</sup>. Segundo Joel, o *saco* é só para quem tem condicionamento físico para ataque e defesa.

Se neste momento se pode constatar a “superioridade masculina”, nota-se também que outra técnica corporal não fica somente em desvantagem para a mulher como simplesmente não é utilizada. Nas aulas de Kátia, que em média há trinta alunos, os exercícios de flexão são praticados unicamente por homens.

Já na *Physical*, por ser um público exclusivamente feminino, Maurício costuma realizar variações desse exercício, isto é, sem levantar o joelho do chão, ou então com a flexão feita em pé e amparando o corpo na parede, visto que desta forma a mulher não sustentaria o peso total de seu corpo.

*A flexão pra gente é café com leite. É para mulher. Com o corpo sustentando o joelho. (Nalva, aluna da Academia Physical)*

Ao indagar sobre estas variâncias e até mesmo sobre a ausência deste exercício para o público feminino, os professores responderam que a finalidade é o não alargamento da região dos ombros, impedindo que essas mulheres tenham formas que se assemelhem ao corpo masculino.

*Porque na maioria das vezes a mulher não tem essa predisposição pra fazer essa força. Então faz isso com que ela não se interesse em fazer. Porque além da força tem a questão da estética.*

---

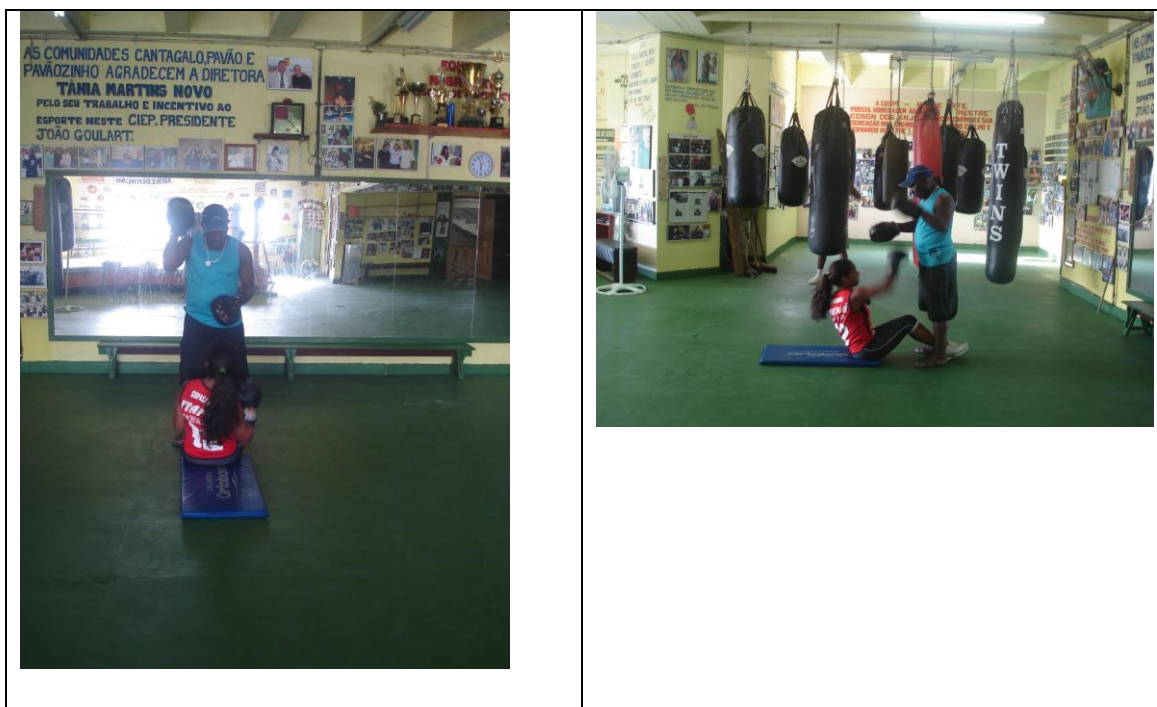
<sup>112</sup> Essa “superioridade masculina” foi observada também na academia Delfim, onde há o predomínio de homens nas turmas.



*Porque a flexão abre o peitoral. Então a mulher alongaria mais os ombros. Então ela tem essa preocupação de não querer alongar os ombros e as costas.(Kátia)*

Este dado também ajuda a refletir sobre toda uma adaptação feita para o público feminino que pratica o boxe, para que fique uma diferença em relação à força física e também, de maneira muito velada, em relação à estética. Se enquanto nas filmagens o discurso da beleza “grita”, na adaptação dos exercícios essa questão passa de maneira muito sutil. Entretanto, são dados que demonstram a presença da vaidade feminina em ambos espaços.

Todas as turmas das duas academias apreciam mais o *treinamento de luva* ao treinamento físico. De todos os exercícios, o mais criticado, tanto por homens quanto por mulheres, é o de pular corda. Visivelmente é um dos mais difíceis, visto que exige de uma excelente coordenação motora. Boa parte dos alunos não consegue pular em um ritmo contínuo por muito tempo. Outro exercício bastante mencionado como cansativo por doer bastante o abdômen é o *subir o tronco e socar na frente*, assim como Yasmin define e Andreza demonstra na imagem abaixo.



Outro exercício que aparentemente não apresenta dificuldade, mas que, segundo os professores pode ser um pouco perigoso, são os golpes com peso. Nesta etapa

aprendem-se as técnicas de ataque e o jogo dos quadris para defesa e equilíbrio do corpo. Durante as aulas em Vasconcelos, eram recorrentes os pedidos de Maurício para que todas fizessem passes (ou socos) curtos, de modo que protegessem a região do rosto.

*No boxe você tem todos os movimentos. Você tomar uma postura você estará pronto para o que fazer. Quando você pula corda pra que você faz? Pra fortalecer a panturrilha. E pra que uma panturrilha forte, pra te dar mais força e movimento nas pernas. Se não tiver uma panturrilha forte você não faz. O que você faz no movimento de tríceps? Trabalhar com a potência. Você tem que ser forte, mas tem que estar solto. Tanto que ele tem uma história e uma finalidade que faz com que você acostume com os movimentos do boxe. Como se esquiva, como se joga. (Dr. Maurício, presidente da Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro)*

Nesta parte da aula são também os momentos em que as brincadeiras acontecem entre as próprias alunas.

#### **(17/06/2010) – Academia Physical**

*Maurício pede explosão e diz para as alunas mexerem os quadris.*

*Fernanda debocha de Cassiane:*

*- Sem rebolar!*

*Sonia fala para Fernanda:*

*- Me ensina sem rebolar!*

*Nesta aula Maurício fez uma aula só com socos.*

*A outra aluna novata, dona de casa e que estava na aula passada, diz:*

*- Hoje é o dia de socarmos ele. Olha! Te agarro pelo pescoço!*

No tocante ao rigor, nenhuma aluna, nesses seis meses de campo, considerou as aulas leves. Apesar da resistência e do bom condicionamento físico de Michele e Fernanda, consideradas pelas próprias alunas como as que tinham mais potencial para o boxe, era recorrente a reclamação das alunas de Vasconcelos, como Rose e Sonia, que lidavam de maneira cômica com a dor e o cansaço e também a voz dengosa de Cassiane em demonstrar desconforto. No Cantagalo, embora as alunas<sup>113</sup> fossem contempladas também pela exigência de Joel, havia o reconhecimento por parte de quase todos os

---

<sup>113</sup> De acordo com as entrevistas, a aluna indicada como a que tem mais potencial para o boxe foi a Andreza.

frequentadores de que a aula mais pesada da noite era a comandada por Kátia, sendo frequentada por apenas por Cida, Aline e Natália<sup>114</sup>, em um universo de trinta alunos.

Em relação a reclamações dos professores, o descompromisso dos alunos, tanto homem quanto mulher, era em aprender as técnicas de defesa, visto que o gasto calórico desses movimentos é inferior aos de ataque. Este comentário era recorrente nas aulas do curso promovido para treinadores, na *Academia Delfim*.

Sobre as lesões que pude presenciar foram as queixas de Cassiane (*Academia Physical*), que largou as aulas por dores no joelho em virtude dos exercícios na corda; mas, questionando os professores, soube que as regiões em que ocorre mais traumas são tornozelos e cotovelos, visto o impacto dos exercícios de cordas e das repetições dos membros superiores com os exercícios de soco. Por se tratar também de praticantes, e não de atletas amadoras e profissionais, os acidentes em sala de aula são muito raros.

Todos os professores reforçam que não há lesões que sejam mais pertinentes em um sexo ou em outro. Ainda assim, nota-se também por parte deles a preocupação das suas alunas não se machucarem, embora as dores e hematomas sejam considerados normais nesta modalidade esportiva.

### **3.9 – A dor e suas representações.**

A dor é um sentimento relativo para homens e mulheres no boxe. Para alguns remete a *atenção*, outros a *falha*, e, para muitos, a *aprendizado*. Segundo Rafael, aluno da *Academia Nobre Arte*, sentir dor é aprender a ter *resistência*. Maurício, professor da *Academia Physical*, confirma esta tese:

*Você vai começando a **aprender a absorver a dor**. Aquela dor vai começando a ficar menor. Porque levar uma porrada no primeiro dia vai doer, no segundo vai doer menos, no terceiro vai doer menos, mas aí já começa a dar com mais força. E pode quebrar uma costela, pode quebrar nariz, pode descolar uma retina no soco. O soco não precisa ser tão forte. Tem até os caras treinando no meio, se não souber dar o soco, pode pegar no olho, pode descolar retina. Você pode ficar cego. Entendeu? Então, o cara... eu comecei a treinar, hoje eu fico na maior adrenalina. Pô, eu começo a suar, tremer, é adrenalina. (Maurício)*

---

<sup>114</sup> Das três alunas, Natália foi considerada como a que tem o melhor condicionamento físico.

Para Andreza, Natália, Michele e Fernanda, a dor remete ao prazer. Ao prazer de lutar. E no tocante a estética, ao prazer de sentir que o seu corpo está reagindo aos exercícios.

*Eu até gosto de sentir. Gosto. Física, não emocional. Emocional é terrível. Física eu não sei. Eu gosto de **superar os limites**. Eu achava legal. (Fernanda, aluna da academia Physical)*

*É **excitante**. Não é que eu goste, mas é bom na agitação. Na agitação é muito bom. **No momento. Depois você sente a dor**. (Natália, aluna da academia Nobre Arte)*

*Depende da dor. Porque tipo de **dor em algum lugar eu gosto** porque **pra mim é normal**. E eu gosto às vezes de sentir dor. No corpo. Fico o maior tempo sem fazer nada e depois eu faço... e aí, aí..... eu gosto às vezes. Eu falo isso pras pessoas e elas fazem assim (expressão de susto). (Andreza, aluna da academia Nobre Arte)*

O artigo “A Dor, o Indivíduo e a Cultura”, de Cynthia Sarti (2001) para a revista Saúde e Sociedade ajuda a entender o quanto a dor é regida por *códigos culturais* e a importância que é remetida a cada grupo social.

“Quando se fala em dor, a tendência é associá-la a um fenômeno neurofisiológico. Admite-se, cada vez mais, que existam ‘componentes’ psíquicos e sociais, na forma como se sente e se vivencia a dor. Esta concepção, no entanto, implica a dor como uma experiência corporal prévia, à qual se agregam significados psíquicos e culturais. (...) Ao contrário desta proposição, considerar a dor como um fenômeno sócio-cultural supõe considerar o corpo como uma realidade que não existe fora do social, nem lhe antecede. O social não atua ou intervém sobre um corpo pré-existente, conferindo-lhe significado. O social constitui o corpo como realidade, a partir do significado que a ele é atribuído pela coletividade. O corpo é ‘feito’, ‘produzido’ em cultura e em sociedade. (...) JOEL BIRMAN (1991) afirma que a Psicanálise e a Antropologia Social, cujos objetos são, respectivamente, a realidade psíquica e a realidade social, têm em comum o fato de não reconhecerem o real fora do registro simbólico. Assim, percebe-se a realidade através das *‘redes de sentido inscritas na ordem simbólica, de forma que os diferentes objetos constitutivos da realidade se ordenam enquanto tal pela operação da simbolização, instaurando, então, a experiência do mundo como consubstancial ao registro da significação’*” (p. 8) (Sarti, 2001: 3)

Percebe-se, inclusive, que o discurso da dor perpassa também o discurso da beleza, como um índice, que remete à transformação a que o corpo está se submetendo, ainda que os hematomas e cicatrizes ganhem outras representações para essas mulheres.

### 3.10 – Hematomas e cicatrizes.

As marcas detentoras do esporte não são muito bem vistas pela maioria. Por se tratar de um estágio elevado para quem pratica a luta, o *sparring*, ou fazer luvas (que é o combate) é uma experiência que poucas alunas experimentaram. Daí as representações apenas no campo do imaginário. Somente Fernanda, da *Physical* e Thaissa, da *Nobre Arte*, revelaram apreço pelos hematomas e cicatrizes.

*PEDRO - Você tinha medo de ficar com hematomas e cicatrizes?*

*FERNANDA - Nenhum. Achava até bonito. (Fernanda, aluna da academia Physical)*

*PEDRO - O que representaria pra você uma cicatriz, um hematoma do boxe?*

*THAISSA - É uma marca.*

*PEDRO - Você exibiria com orgulho por que estava lutando?*

*THAISSA - Ah, eu acho que sim. (Thaissa, aluna da academia Nobre Arte)*

Michele (*Nobre Arte*), que já fez luva também com homens, se preocupa com as marcas, principalmente no ambiente de trabalho.

*Eu gosto de sentir a dor porque eu sinto que o exercício fez efeito. Mas também sentir muita dor incomoda, né? (risos) Quando eu tomo um murro eu fico brava, eu não gosto de apanhar. Teve uma vez que eu já levei um soco no nariz. Machucou mais no piercing. Daí ficou meio machucadinho. Ah, eu também já levei um soco no estômago. Doeu muito. Ah... no kickboxing uma vez eu fui dar um chute e essa parte (peito do pé) pegou no cotovelo da pessoa. Fiquei por uns cinco dias com o pé inchadão. Também já tomei soco nos seios. Também dói bastante.*

*Ah, uma cicatriz eu acho horrível. Porque como assim, eu não quero ser uma lutadora, eu não quero ficar com cicatriz. Teve uma época, logo quando eu comecei a lutar, a minha mão ficava toda calejada. Hoje em dia eu não tenho mais. Era bem no comecinho. Mas fica uma coisa feia. Por exemplo:*

*- Aquilo lá foi lutando!*

*Assim, se os outros perguntassem...*

Já as demais alunas temem a presença desses sinais por ferir sua imagem feminina e de beleza.

*É diferente, é uma cor diferente da pele que você vai ganhar, no caso. É uma coisa fora do comum, porque você não estava esperando aquele hematoma. E aí você vai olhar aquilo... primeiro que você não está querendo competir, se você fosse uma competidora acharia até normal. Você está ali, ossos do ofício. No caso, pra mim, era uma coisa que eu não estava esperando aquilo. Não cairia legal. (Michele, aluna da Academia Physical)*

*Eu acho que se você está aqui, você tem que gostar. Tem de fazer por onde e sabe que você corre esse risco. Se pegou... bora cicatrizar e começar de novo. (...) Não esconderia, falaria que foi resultado do boxe. Mas não gostaria não. Meu lado feminino conta, né?! (Natália, aluna da academia Nobre Arte)*

Já para os homens entrevistados, grande parte revela que as marcas do boxe são verdadeiras medalhas.

*Pra mim é como se fosse uma medalha. Uma medalha de guerra. (Guilherme, atleta da academia Nobre Arte)*

*Representa o seguinte, eu me machuquei, então, o prêmio está certo. Isso significa o que? Que agora eu não posso desistir. Eu já esperava já isso. Esperava já chegar nuns caras maior. Então, sacou, eu nem pisaria ali. Eu sabia que poderia me machucar, então eu nem pisaria ali. Isso representa o que? Superação, eu tenho que superar aquilo. É uma dorzinha que vai passar. Você sabe que vai passar. Então tem que superar, tem que superar. Amanhã ou depois, você vai sentir, você vai ficar forte, vai se aprimorar, sacou? Então tem que superar. É superação. (Rafael, atleta da academia Nobre Arte)*

Neste caso, hematomas e cicatrizes não são signos detentores de uma feminilidade.

### 3.11 – Comprometimento

Apesar de todos os homens entrevistados afirmarem que são mais dedicados no boxe do que as mulheres e de os professores da *Academia Delfim* dizerem que pouquíssimas meninas levam a sério e de a maioria das mulheres crerem que a condição sexual não determina o comprometimento, de acordo com os professores Kátia, Joel e Maurício, o público feminino não é só mais dedicado como aprende mais rápido as técnicas corporais do esporte.

*Pela pouca experiência que eu tenho, que ainda vou adquirir, se Deus quiser, eu consigo enxergar que a mulher ela pega com mais facilidade. Agora o homem, pela questão do machismo, ele quer ser sempre superior. Mostrar, ser bem mais rápido, que é essa coisa do homem mesmo. Virilidade propriamente dita. Entendeu? Então a mulher pega com facilidade. Muito mais facilidade. Agora é claro que a carga genética, a força vem do homem. (...) Eu acredito porque ela vê. **O homem vai muito no insight.** A ansiedade do homem às vezes distorce um pouco o conceito em relação à luta. Então ele quer mostrar. Quer mostrar! Quer mostrar! Quer mostrar! **A mulher já não tem essa preocupação. Ela quer aprender.** É a única diferença. (Kátia)*

Em relação ao destaque, a única diferença está no tempo de permanência. Geralmente as mulheres largam o esporte em muito menos tempo do que os homens. Daí a superioridade no tocante à expertise no pugilismo.

*Ele dá mais continuidade na luta. Você vê mais homem que mulher. **A mulher procura mais a parte estética. O homem ele procura mais a parte física, o homem tem mais aquela coisa de bater, eu sou forte, eu sou aquilo. A mulher não, ela não procura isso. Ela procura a parte técnica.** Eu acho que o homem... a mulher tem uma velocidade, mas com o tempo o homem vai passando essa fase que a mulher atingiu porque ele continua ali. A mulher, ela não continua no boxe. Ela com o tempo para. O homem tá sempre fazendo. Não por causa da parte física, mas porque o homem quer manter aquele estado de sempre estar querendo aprender a bater melhor, aquele negócio de macho, manter a luta, a briga. O homem se dedica mais nessa parte do que a mulher. O homem mais na parte macho. Brigão. Defender a mulher. Bater em outro homem. A mulher não. (Maurício)*

### **3.12 – O medo e suas representações.**

Embora as praticantes de boxe sejam vistas e também se afirmem como corajosas, algumas revelaram medo da morte e da perda de filhos e familiares. No tocante à prática esportiva o receio do *murro* no rosto foi uma preocupação para a maioria.

*Eu nunca tive medo nenhum no boxe. Na verdade, eu até brincava com o professor. Eu falava assim: quem vai me bater? Ele falava:*

*- Ninguém vai te bater!*

*Eu falava:*

*- Que pena! (Fernanda, aluna da Academia Physical)*

*Ah, pode machucar, soco né? Pode pegar no rosto. Eu ficava muito receosa, com medo de alguns golpes, não queria fazer, era meio rebelde no boxe. (Michele, aluna da academia Physical)*

*Aqui? Eu tento superar. No começo eu fazia com pesinho. Quando eu troquei um peso eu tinha medo que ele voltasse, mas eu tento superar. Vou levando, vou levando, até perder esse medo. (...) Porque a gente sempre começa com um pesinho leve. Quando dava soco, por exemplo, jab e direto, dele vir pro meu rosto. (Yasmin, aluna da academia Nobre Arte)*

O mesmo se repete entre os homens. Dos que responderam ter medo disseram da morte e da perda de familiares. Liberman dizia temer dos tiroteios que assolavam o Cantagalo e Sidney (que é policial civil) e Ruth (guarda municipal) sentem muito medo da violência urbana. A última inclusive espera usar da sua técnica e força física adquirida no boxe a qualquer momento.

Em relação à prática do esporte, os poucos medos revelados foram o *nocaute*<sup>115</sup> e as sequelas que a luta pode trazer.

*O meu medo é de que com essas pancadas eu desenvolva alguma doença. (Guilherme)*

*O nocaute. Porque eu acho que nocaute é mais agressivo. Dá mais medo. Eu ganho um nocaute aqui eu fico com medo de lutar outro campeonato. Entendeu? (Miguel)*

Mais uma vez a presença masculina ajuda a compreender as representações deste grupo social investigado. Enquanto homens associam o medo ao comprometimento físico, as mulheres relacionam ao ferimento de uma estética, ainda que a coragem seja uma virtude partilhada por outros em relação a elas e delas em relação a si mesmas.

### **3.13 – Combate com homens: uma igualdade de gênero?**

Adauto, professor da *Academia Santa Rosa*, disse que o motivo principal de muitas meninas terem saído da academia foi a questão do medo de ter que enfrentar uma adversária. Na *Academia Physical*, Sonia chegou a mudar de turma por não ter que treinar com um colega que é policial e demonstra muito medo principalmente quando a adversária é Fernanda, que é lutadora de *jiu-jitsu* e tem o físico mais forte da turma.

---

<sup>115</sup> Nocaute é um efeito ou ato de se derrubar um adversário, de modo que este não consiga se levantar. É também uma das formas de se obter a vitória em muitos esportes, de contato pleno, como o MMA, boxe, Kickboxing e muay thai. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nocaute> Acessado em 23/05/2011.



Apesar de o combate não ser uma ameaça ao falocentrismo - uma vez que por uma condição biológica o homem dispõe de maior força que a mulher, sendo praticamente impossível a igualdade de posições - nas academias *Nobre Arte* e *Delfim* pude perceber o desejo de transgressão dessa condição biológica.

Na *Academia Physical*, Ana Paula dizia que era recorrente os combates entre homem e mulher na época em que era praticante de *kick boxing*. Inclusive, relata os hematomas nas pernas, resultado dos chutes recebidos.

*Precisa ver como eu ficava roxa. Com a perna cheia de ondulações com os chutes dos caras que eu treinava. Eles não dão mole pra gente não! Metem a porrada mesmo!!! Teve um que me deu um soco que o meu brinco voou longe. Ele ainda disse pra mim:*

*-Bem feito! Quem manda lutar de brinco.*

*Minha orelha chegou a sangrar!*

De acordo com os professores, muitas mulheres preferem lutar com homens a colegas do mesmo sexo, ainda que a recomendação seja que o homem sempre “manere” e jamais use de sua força total.

*Quando eu faço luva eu faço sempre com um homem. Primeiro porque não tem menina, geralmente que nem na *Nobre Arte*, eu sempre lutava com o Gaúcho, ou com o Tinha, nunca lutei com uma outra menina. Eu acho que menina, por exemplo, já me falaram também, e eu vejo também porque tem menino com menina, que sem querer, bate mais forte, ela vem e bate mais forte também. Mas também não tenho medo de lutar com outra mulher não. (Michele, aluna da academia *Nobre Arte*)*

Mesmo seguindo tais recomendações, como também a relação de protecionismo do homem em relação à mulher, muitos revelam que, ao saber que a adversária dá golpes contundentes, estes não se sentem acuados em revidarem com a mesma agressividade.

*Eu cheguei a treinar, eu cheguei a fazer uns housesinhos com uma patyboxe, uma mulher que lutou e ela achou que pudesse pegar firme comigo, sacou? Ai eu falei: poxa, eu não tenho porque ficar batendo devagar nela. Eu vi que ela era profissional, aí eu vou meter a mão nela. Aí, ela meteu a mão em mim e eu meti a mão nela, sacou? E é por isso que eu lutaria sério com uma mulher. Principalmente se eu achasse que desse pra meter a mão, que é profissional, sacou? Eu lutaria com uma pessoa desse tipo. (Rafael, atleta da academia *Nobre Arte*)*

De acordo com os profissionais entrevistados, o combate entre duas mulheres é muito mais *sangrento* que entre dois homens.

*São femininas, mas quando estão no mundo másculo... Não. Na realidade elas são lindas, mas existe nisso tudo, é até um ato sintomático até. Você sabia que num combate, duas mulheres e dois homens, a ferocidade é muito maior na luta feminina? (...) Essa pergunta eu não sei o porquê. (...) O homem joga no boxe usando a técnica. Nas lutas femininas eu constatei com a vida que elas adoram, mas lutam com ferocidade.*

*Já ouvi uma vez que mulher não gosta de mulher. Não sei qual o fator que determina aquela agressividade. Mas por que mulher tolera mulher? No nosso mundo, qualquer mulher é minha rival. Em tudo. Mas aí (essa mulher que me falou) é uma mulher muito entendida. Ela disse que a mulher é extremamente premeditada. Ela é muito mais perceptiva. Ela percebe a concorrência, ela percebe uma série de coisas que vocês homens não conseguem atingir. Hoje estou observando bem essa conclusão. Mas se você me perguntar o porquê delas terem muita agressividade eu não vou saber te responder. Eu apenas vi. (...) Aqui na nossa academia, nessa academia aonde nós estamos, há uma moça, branca, loira, culta, que começou a fazer boxe e começou a aprender boxe lutando, e tinha uma outra também que um belo dia teve um corte. Neste dia que eu vi a ferocidade da mulher. Recebeu um golpe no nariz. Ela partiu pra outra pra revidar. Daí que constatei que realmente elas não têm muita desembargância. Um dos golpes que você mais joga é na linha da cintura. As próprias, pra defender os seios, não jogam o boxe nesta área. Jogam mais no rosto. Então você pode ter eficiência da ação. (Dr. Maurício, presidente da Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro)*

A rivalidade entre as alunas é um dado também observado por Joel com suas alunas.

*Tem que ter uma desenvoltura. Porque sempre tive envolvimento com esporte, sempre tive envolvido com garota. Homem, garota. Então a gente tem que saber levar uma, levar outra, tudo igual, pra não acontecer de uma querer saber mais do que a outra. (...) Aqui o tratamento é igual pra qualquer pessoa. Quem puder vai aprender, porque quem chegou aqui não sabia nada (...) Porque uma pode machucar a outra. Aí o que vai acontecer? Ela pode ficar de marca, não pode levar aquilo como (...) porque o homem se machucou aqui ele continua amigo. As garotas(...)*

*- Ah! Fulana fez isso comigo porque não gosta de mim!*

*Aí eu tenho que entrar no meio pra não acontecer nada. É por isso que eu não procuro(...) eu boto elas aqui pra trabalhar luta combinada. Essas aqui não. São amigo. Eu posso botar até elas pra lutar que não vai acontecer nada. Mas como as garotas não têm um preparo, não tem um cacoete, não tem nada pra botar nelas, eu não ponho. Porque sem querer uma pode machucar a outra. Porque uma vez uma menina, foi até polichinelo, a garota machucou ela com o peso. Ela ficou um bocado de tempo sem vir. Aí ela foi em três*

*médicos. Tem que tomar antibiótico. Entendeu? (...) Se elas têm que lutar com homem elas vai. A Michele já cansou de treinar com o Gaucho aqui. Ela tava aqui e eu dizia:*

*- No dia tal você vem. Não faz nada aqui. Você vai esperar o dia pra lutar.*

*Lutava oito, nove, dez homens com ela aqui. (...) É porque eu acho que o homem ele não vai lutar pra machucar. Mas entre as garotas vai. Às vezes até a Michele quando ia treinar eu dizia:*

*- Não vai não porque ela quer te pegar cansada!*

Espanta que a rivalidade feminina tenha aparecido apenas nas entrevistas em profundidade. O confronto *sangrento* remete também a um tópico de extrema importância para a discussão nos estudos sobre boxe: a relação entre a luta e a violência, conforme desenvolvo a seguir

### **3.14 – Violência: o grande vilão do boxe.**

*A falsa imagem de violência é que reduz o número de potenciais adeptos da nossa arte. (Claudio Coelho)*

No dia dezoito de junho de 2010, durante as aulas para treinadores promovidas pela *Academia Delfim*, Maurício me apresenta para a turma. Ele fala da minha pesquisa e um aluno pergunta se há algum estudo que envolva gangues de boxe, pois desconhece tais grupos, assim como sobre os lutadores de *jiu-jitsu*.

Respondo que naquele momento não teria resposta, mas poderia conferir. E ao recorrer a Kátia ela responde que no mundo da luta há os *pit boys* que são aqueles que lutam por três ou quatro meses, largam a academia e se acham lutadores, dando *porrada* em todo mundo na rua.

Kátia acha o cúmulo alguém que pratica uma luta, seja qual for, e sair agredindo os outros na rua, principalmente em aqueles que nunca lutaram. Ela acha uma covardia total.

*Imagina eu, que aprendi as técnicas do boxe, saio por ai dando porrada em todo mundo? Isso é uma covardia! Por isso que sempre converso muito com meus alunos.*

### 3.14.1 – briga entre boxeadores não existe fora do ringue.

Claudio Coelho e Dr. Maurício, presidente da Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro, se orgulham do fato de não existir pugilistas envolvidos em brigas de ruas e em *boates*, como ocorre entre praticantes de outras modalidades. Não só os veteranos, como também os professores mais novos se vangloriam desse fato.

*Cara, eu posso dizer hoje pra você, com certeza, que, eu falo hoje, eu tenho pouco tempo no boxe. Não posso dizer de antigamente. Mas as lutas que a gente via, escutava há anos atrás, na década de 30, de 40, era o capoeirista, mas o capoeirista era o cara que usava a capoeira pra se defender, né? A história que a gente conhece é essa. Aí, dos anos 80 pra cá, houve muita briga de rua, muitas coisas assim... mas com o pessoal do jiu-jitsu. O que levou, não sei se foi na década de 80 pra cá, a criação do Vale-Tudo. Mas antigamente o que acontecia? O cara que lutava uma luta... ele lutava judô... era difícil você ver um cara envolvido em briga de rua. Então depois de um certo tempo, antes daquela década de 30, 40, onde existia brigas de rua, capoeira, não sei o que... via muito. Mas aí quando começou o jiu-jitsu, aí o pessoal do jiu-jitsu começou a querer mostrar que era uma luta melhor, né? Brigava na rua, aí começou a ter campeonatos pra mostrar que o jiu-jitsu era uma luta melhor, começou a encher as academias de jiu-jitsu, mas os mestres do jiu-jitsu não apoiavam isso. Isso era uma coisa feita por alguns alunos, mas no boxe não acontecia isso. (Maurício, professor da academia Physical)*

Outro dado que não compõe o *habitus pit boy* entre os lutadores de boxe, segundo Claudio Coelho, é a questão financeira, como também o não envolvimento com drogas, o que ocorre entre as demais lutas por haver um público com poder aquisitivo mais elevado que o do pugilismo.

*O pit boy, ele traz nele, em qualquer encrenca que ele arruma, independente de luta ou não, ali tem bebida na boate, que mexe com o comportamento do cara. Ele tem a segurança, sabe de que? Da impunidade. Ali o pai é juiz, o pai é advogado. Então ele arruma uma encrenca daquela, ele sabe da proteção que ele tem. E não é a luta em si que fez aquilo. É briga de dois contra um, é aquela confusão. Depois o cara de classe mais pobre não tem grana para frequentar a boate todo dia, onde estavam tendo várias confusões, que era o cara que chegava, botava o quimono, era faixa azul de quimono e aí saía na porrada e quando saía na mídia ele era lutador de jiu-jitsu. Sempre botava isso na conta do lutador. Quando ia ver, mera fachada, faixa rocha de jiu-jitsu, e tava na noite. Quando ia investigar quem era o cara, quem era a família do cara, eram sempre os caras de classe média, classe média alta. O cara da favela, da área de comunidade carente, quando ele é um encrunqueiro, porque em qualquer classe você tem o cara encrunqueiro, independente dele arrumar luta ou não, mas o cara da favela quando ele tá preocupado, ele tem uma encrenca pra resolver ele prefere botar um revolver na*

*cintura e sair atirando e arrumar uma encrenca e pra baile funk dá um toco no outro. São coisas totalmente diferentes.*

### **3.14.2 – a relação do boxe com a violência.**

A relação estigmatizada entre boxe e violência sempre foi um empecilho não só para alunos (homens e mulheres), como também para o trabalho dos professores. Segundo Claudio, muitas academias não ensinam o verdadeiro boxe aos alunos justamente em função desta falsa imagem. Em virtude do medo do afastamento do público, esses espaços priorizam os exercícios físicos, deixando de lado as técnicas do esporte.

*Era o seguinte, todo o professor que monta uma academia na rua, até hoje, seja boxe lá, não é boxe mesmo que a gente faz aqui, todo professor de academia coloca o boxe ali para atrair porque o que ele quer ali é um boxe aeróbico. Então você não vê um boxe como o da ordem natural das coisas. Ele quer um boxe com espelho, tem um saco, tem tudo, mas o que ele passa é a parte física do boxe. Ele não quer naquela academia ter um combate, nada daquilo. Pra que? Porque não era na época pra conquistar a clientela. Porque dentro de uma academia grande dessas na rua, a gente tem ginástica, você tem várias outras atividades.*

Um modelo de boxe de ginástica faz oposição entre *academia de rua* e *academia pra valer*.

*Antigamente, o cara que queria colocar um boxe, porque até tinha gente que queria o boxe, ficava meio que escondido. Eu não dou aula nessas academias na rua. Porque, eu até mando o cara lá, mas eu já falo pro aluno na cadeira que tudo é enganação, se você quer boxe claro, você fica na enganação. Eu dou aula, essa aula aqui é enganação. Você quer um boxe sério? Aí quando o cara começa a visitar um lugar ele vê um lugar humilde, mas é aquilo que ele quer. Sempre foi assim. Porque hoje, hoje, presente, já tá até mudado. Se alguém quiser mesmo querendo boxe, sobe pra treinar, tudo, a coisa, tem uma desmistificada. E hoje tem academias consideradas sofisticadas que já deixam entrar na academia porque entendeu a metodologia. Se o cara quer competir, **você tem um método pro cara que vai competir. Você tem um treino mais pesado, um treino mais ativo. Ele tem consciência que ele vai lutar, é uma porrada, que vai levar porrada, entendeu?** E aí, o seguinte, aí entra você aqui, que não fez nada. Claro, eu não posso te jogar dentro do ringue. Então, você vai aprender, quando entra aqui, os fundamentos clássicos do Boxe, tá? Você vai aprender o que? Condicionamento físico, a coordenação motora, o que é um direto, um indireto, o que é um gancho, o que é uma manopla. Então, você vai ficar por aquilo ali por um bom tempo. Você vai aprender a bater um saco, vai aprender a esquivar, mas você não tem combate, você não tem combate. Isso para acontecer em você, até você ter uma coordenação boa, pra você se familiarizar, e você já estar bem entrosado pra você poder desenvolver um treino.*

Deste depoimento depreende-se toda uma valorização do esporte passando pelo ensino e respeito de regras (Elias, 1985), e não como passatempo, algo como qualquer outra atividade de academia e diferente do boxe como comércio, como meio de ganhar dinheiro.

Segundo os professores entrevistados, a não administração dos combates contribui bastante para a associação do boxe a violência. De acordo com Maurício (professor da *Physical*) todo lutador deve ter um espaço de tempo entre uma luta e outra e, muitas vezes, esse intervalo não é respeitado.

*O boxe ele é violento porque, como vou dizer... Muhamad Ali, teve... é um esporte que soca muito a cabeça. Então você pode ter lesões, Mal de Parkinson, alguns problemas sérios, físicos, já causou mortes, como no surf já causou mortes, em Fórmula 1 tem mortes, batidas, mas é um esporte que geralmente você bate com a cabeça. O cara dá muito soco na sua cabeça. Então, isso pra um profissional, pra um cara que treina muito, ele não dá um certo espaço nas lutas profissionais, um cara até morreu agora há pouco, deve ter uns seis meses mais ou menos, né? Ele treinando, ele se sentiu mal, aí teve convulsão e aí morreu. Mas ele não dava esses espaços para as lutas. Sparring é a luta mesmo. Você treina judô, você tem a queda, você cai. Mas o boxe? Sempre soco no baço, fígado, cabeça, então bate muito tempo na cabeça. Pode causar lesões. E se o cara não tiver um certo cuidado, não der certo espaço no treinamento, pode causar a morte, pode causar problemas físicos, pode causar problemas mentais.*

Uma medida de prevenção à violência no boxe é o aprendizado que cada aluno tem em relação a sua força. Há a transmissão de que a superioridade, decorrente da técnica, é um fator para que qualquer tipo de agressão física a alguém que não seja vinculado a luta seja considerada covardia.

*A disciplina do boxe é rígida. E o cara que luta tem uma arma na mão. E o boxe policia a agressividade. (Dr. Maurício)*

*Nós somos **armas brancas**. Que luta é uma arma branca. Porque você sendo uma pessoa que treina, brigar com uma pessoa que não luta, é considerado um tipo de arma. Vai machucar. Em alguns casos em até matar. (Michele, aluna da academia Nobre Arte)*

O aprendizado é lento. Inclusive, para aqueles que têm tendência a fazer *mau uso da força*, um outro trabalho é realizado no tocante ao controle da agressividade.

*KÁTIA - Porque é a primeira coisa que... é difícil até na vida real, no mundo real, é você se descobrir. É saber o que você quer. Então quando a gente trabalha com esses jovens, até ele se descobrir, até ele*

*saber como ele fazer com sua força, até ele ter noção do que ele é capaz na vida dele, então essa descoberta é complicada. Não é tão fácil quanto se parece porque o momento de impulsão e há o momento em que realmente a força se faz mostrar presente. Que aí, nós como treinadores, de acordo com as experiências adquiridas né, com a maturidade a gente vai começando a conseguir a observar quem tem o talento pra coisa e quem pode fazer o mau uso da outra. Dá força pra outros fins, entendeu?*

*PEDRO – Quem tem a tendência de fazer o mau uso da força? Vocês fazem um trabalho de controle dessa agressividade?*

*KÁTIA – Temos. A primeira de todas é a disciplina. Que é a parte fundamental. É canalizar essa força. Pra que ele utilize essa força para o bem dele mesmo. É não dar muito poder a ele. Pelo contrário. É tirar o poder da mão dele e fazer com que ele seja um cidadão. Porque a gente sabe que essa força mal utilizada vai trazer danos, não pra ele como para outras pessoas também.*

*PEDRO – De que maneira tirar esse poder?*

*KÁTIA – Tirar o poder fazendo ele participar de regras. Regras. Em termos de regras e disciplinas. Porque a violência vem generalizada de alguma forma. O boxe o conceito é do esporte. Uma prática esportiva. Com regras. A começar porque tem uma metodologia de ensino. E a violência não. Existe vários tipos de violência. Mas a violência física, que se comparando o boxe com a violência vai se comparar com a violência física, a gente não pode dizer que se tem uma ligação. Ao meu modo de ver a violência está relacionada com o indivíduo e quando ele quer mostrar uma coisa para mim. Ele quer se auto-afirmar, ele quer chamar atenção pra alguma coisa, e na maioria das vezes a maior forma que um indivíduo tem pra chamar atenção é fazendo aquilo o que as pessoas não gostam. Praticar uma atrocidade. Então ele ganha o respeito, ele ganha conceito. Então a minha forma de ver a violência é essa: quando algum ser humano quer mostrar alguma coisa ou alguma frustração dentro dele também. Como ser humano ele ainda não se descobriu. Tem alguns traumas de família. Então ele acaba vinculando tudo isso e botando pra fora de alguma forma. E o meio mais fácil é o meio agressivo. Ele vai descarregar em cima de alguém. Ele vai buscar, ele vai mostrar essa violência encima de alguém. Encima de alguma coisa. Encima de algum animal. Encima de alguma pessoa. Por isso que eu não ligo uma coisa à outra.*

Aparentemente esse aprendizado é apreendido entre os alunos, principalmente entre as mulheres. Segundo o relato das alunas de Joel, dentre as mais jovens é frequente o deboche e as provocações de meninas da comunidade que, em grupo, as chamam para a *porrada*.

*Tá fazendo boxe? Cheia de marra! Quero ver se tu bate mesmo.*

Segundo as alunas, o *desafio* ocorre sempre quando elas andam sozinhas, não havendo esse tipo de comportamento quando estão em grupo. Entretanto, nenhuma revelou algum tipo de duelo antes ou durante o período de trabalho de campo.

*Finjo que não ouvi e sigo meu rumo. (Yasmin)*

Contudo, muitos alunos, dentre eles mulheres, se revelavam agressivos antes de praticar o boxe. Segundo Aline (Cantagalo), por sofrer preconceito pelo fato de vir do asfalto e ter se instalado na comunidade, muitas mulheres a hostilizavam, e por ser *estressadinha* como a própria afirmara, já se *atracou com muita mulher na rua*, embora na época não praticasse o boxe. Cida (Cantagalo) também relata um caso de agressão.

*Batia mesmo em homem! Já bati em homem! Bati em homem, enfrentei bandido, enfrentei ladrão, com arma. Pavio curto e eu também sou boa de briga, mas eu não pensava que faria boxe, entendeu? Nem passava pela minha cabeça. Eu bati num motorista de ônibus. Foi pra uma senhora de idade. Ele não parou o ônibus e não deixou essa senhora entrar. E eu fui falar com ele e ele mandou eu ir praquela lugar. Então aí eu bati nele mesmo! Mas bati! E foi a partir daí que eu procurei a luta. Fui pra psiquiatra e a própria psiquiatra me mandou. Foi uma ajuda grande. Porque hoje me sinto melhor. Não é 100% viu?*

*Eu fiquei mal, fiquei uma semana sem dormir, eu podia ter feito uma coisa pior. Porque eu agredi ele. Ninguém conseguiu me tirar do pescoço do homem. (Cida)*

Joel e Kátia já tiveram casos de alunas que se envolveram em briga. Em raras exceções, tiveram que expulsar essas meninas da academia.

*Já existiu bastante. Nossa! Mas essa passa pelo cerol fininho. Trabalho de conscientização. Porque acabavam associando a agressividade dela ao trabalho que estava sendo feito com ela. Era uma coisa que não tinha nada a ver com a outra. Ela já tinha o temperamento agressivo. Então a gente fez um trabalho de canalizar essa energia.(...) Tivemos resultados. Que essas pessoas são excelentes pra se lidar. Muda o perfil. (...) Mas eu mesma já afastei muitos alunos que não retornaram pra academia. Por justamente ter um comportamento agressivo ao extremo. Chegar a fazer maldade com as pessoas. Aí justamente é um peixe fora d'água. Meninas nem tanto. Mais os homens mesmos. (...) O controle da agressividade é no trabalho de saco, né? Onde você despeja todas as energias canalizadas. Então quando a gente faz o trabalho de saco é o trabalho técnico que é feito esse trabalho de descarrego de energia. (...) É diferente. É diferente porque a mulher tem uma agressividade... é mais vista como uma rivalidade. O homem já não tem essa competição. Muito difícil você ver rivalidade com homem. Agora mulher se veste para outra mulher. Você vê que ela faz tudo em função de uma outra mulher. Então essa competitividade, esta rinha,*



*é diferente. Eu vou te dizer... seria mais em cima das mulheres. Porque o homem já é mais fácil de controlar. Justamente em função disso. **Porque a mulher ela tem uma rival. Já ele não vê um rival. Ele vê um competidor. A mulher vê uma rival. Então o conceito que é distinguível de um e de outro.** (Kátia)*

Para Claudio Coelho, a agressividade está mais caracterizada com o comportamento masculino, principalmente durante a adolescência. Maurício desconhece o comportamento agressivo entre mulheres, ainda mais após a prática do boxe, que, segundo os relatos de suas alunas, as deixam mais tranquilas. Já Joel, que acompanha o cotidiano de um público maior de mulheres, revela que há casos de meninas que se envolviam em brigas antes de entrarem na academia ou quando estavam prestes a se inserirem ao grupo.

Joel faz menção de como o boato é importante como parte dessa rede de sociabilidade e com a questão da identidade coletiva da comunidade, o que nos faz lembrar o controle envolvido no tocante a fofoca no trabalho de Claudia Fonseca em *Família, Fofoca e Honra: Etnografia das Relações de Gênero e Violência em Grupos Populares*. Como o caso em Vila de São João, em que o boato, prática não necessariamente feminina, garante a “manipulação da opinião pública” (2000:46).

*Tem muitas alunas pela academia que são agressivas. Não as minhas. Porque as minhas, se tratarem com muita agressividade, eu corto! Porque fico sabendo pelo **boato**. Porque notícia ruim corre rápido. Se uma sai pela festa e se arrumou briga no outro dia eu vou saber. Porque tem outras colegas que vão ver ou outra pessoa que vê já me conta logo pelo meio do caminho. (...) Já aconteceu, mas eu não tirei ela. Só falei com ela e ela parou. **Geralmente o povo que fala é da comunidade mesmo.** (...) Eu sei mais ou menos quem é a garota que é capaz de sair brigando por aí e sei das que não é capaz de sair brigando. Pelo tempo que eu convivo com ela aqui eu já vejo o temperamento delas. Aí arrocho elas todo dia pra conversar e no final do treino, que é o último dia de treino aqui que é na sexta-feira, eu falo:*

*- Oh! Cuidado! Sei que sexta-feira você vai querer ir pro baile e não arruma confusão pra chegar na segunda-feira pra ter **reclamação de ninguém aqui!***

*Aí eu recomendo isso porque eu já sei mais ou menos aquelas que não podem escutar, pisar no calo delas porque quando elas vão pra esse baile, tá tudo cheio, aí é o bastante pra ela... (...) Mas por incrível que pareça os homens dificilmente eles se envolvem. Eles suportam. (...) É porque tem o fator namorado. Tem o fator que uma vez uma não gosta da outra... quando uma mulher não gosta da outra, a outra se olhar pra ela já acha que tá mexendo com ela. (Joel)*

Todos concordam que o boxe é um meio de disciplinar esses alunos.

*Muito disciplinadas. Muito mais disciplinadas porque a convivência que elas viam aqui, elas viam pra tomar atitude por elas mesmo. Tinha uma que gostava do baile, aquela outra que não tá mais gostando, não tá indo mais, tá estudando, ouvindo mais a mãe, vindo pra cá. Porque todo mundo é igual. Se chegar uma pessoa mais antiga ela respeita. (...) Na rua também não tem. Não tem essa convivência de briga. Até que com as outras meninas de fora (...) talvez essa confusão seja mais com as pessoas da própria comunidade ... vamos supor... inveja, porque aquela menina está fazendo uma coisa que faz bem pra ela e a outra não tá fazendo e aí fica com aquela coisa de piada. E aí em vez dela superar isso... porque se uma pessoa jogou uma piada pra você, você continua no seu caminho. Te xingou? Continua no seu caminho. Agora se ela for te atacar você se defende. Aí isso já é outra coisa. Mas coisa de discussão e de xingamento vai embora! Porque não tira pedaço. (...) Graças a Deus só tive uma, duas queixas, mas depois nunca mais ouvi queixa. Porque geralmente quando acontece alguma discussão com elas ou alguma coisa, ela mesma chega aqui e diz:*

*- Pô, Joel! Ontem aconteceu uma coisa comigo, mas foi só discussão.*

*Elas mesmas chegam e falam pra mim. (Joel)*

Poucas também revelaram o uso da força física como recurso de defesa em situações de perigo ou de assédio fora da academia. Kátia já fora furtada e por não ver o meliante se sentiu aliviada. Michele, moradora do Leme, enfrentou uma situação como essa. O depoimento dela revela o quanto o aprendizado interno à academia, a sua responsabilidade, são importantes, pois se arrepende do ato.

*Foi neste carnaval (em 2010), em um bloco aqui do Rio. O cara chegou lambendo o meu braço e na hora dei um soco na cara dele. O cara quis partir pra cima de mim, mas mesmo assim eu o enfrentei. Depois chorei. Meu ato foi inconsciente. E comecei a me analisar se havia me tornado uma mulher violenta.*

Entre os homens os casos de defesa foram mais recorrentes. Os depoimentos revelam que não houve iniciativa por parte deles, mas a reação...

*Eu derrubei um cara. Teve uma vez que eu estava voltando do Baixo Gávea<sup>116</sup> e tinham uns caras de negócio de torcida organizada, confundiu e meteu uma garrafada na cabeça do meu amigo. E aí ele veio pra cima de nós dois, aí eu dei um swingão, chamado de swing, um cruzado meio aberto, dei certinho na cara dele. (Guilherme, atleta da academia Nobre Arte)*

*Eu precisei. Mas eu não quis . E neste instante eu precisei usar. Foi num assalto dentro do ônibus. Dois garoto entrou e aí um rapaz*

---

<sup>116</sup> Região boêmia da Gávea.

*deu um chute nele, no garoto e aí nessa hora eu estava lá e outro...  
aí eu entrei no meio e segurei o moleque. (Liberman, aluno da  
academia Nobre Arte)*

No tocante à violência doméstica, poucos souberam (ou quiseram) responder. Fernanda, antes de começar o boxe, já havia sido agredida pelo ex-marido, sendo este episódio o motivo da separação.

*Meu marido uma vez resolveu me bater. Se fizesse boxe naquela  
época teria matado. Sem fazer luta já arrebentei três dentes da cara  
dele. Se estivesse no boxe ele nem estaria vivo pra contar a história!!*

Cida soube de um caso, mas que não era da *Academia Nobre Arte* e Miriam já ouviu boatos por parte de colegas.

*Às vezes você escuta as meninas falando: ah vou entrar no boxe  
porque eu posso me defender de qualquer pessoa, namorado, amigo.  
Mas acho que só falaram. Mas também conheço gente que veio praqui  
porque apanhou de namorado. Mais de uma. (Miriam)*

Durante a entrevista em profundidade Kátia revelou que poucas meninas procuraram o boxe por causa das agressões físicas dos namorados e que o trabalho que a professora desempenhava com essas meninas era mais psicológico, de modo com que refletisse se valeria a pena continuar neste relacionamento. Casos de meninas que apanhavam na escola eram mais recorrentes.

Além do comportamento pacífico através da conscientização da força e técnica que cada praticante de boxe carrega, outra medida também é lidada entre este grupo social. Pelo fato de geralmente não haver uma relação de amizade que se estenda aos limites da academia, muitos desconhecem a intimidade de seus colegas. Daí as dúvidas de haver mais mulheres que, por ventura, tenha procurado no boxe uma maneira de se defender das agressões de familiares.

*No mundo do boxe, a coisa que mais prevalece é a discrição.  
Ninguém pergunta quem é quem e o que que houve. O assunto é boxe.  
Daqui elas saem, e tá o marido lá embaixo, o namorado, a filha, vai  
pra casa, sei lá? Como no boxe também é normal dar tchau pra todo  
mundo e ir embora. Não uma política da discrição, Pedro, eu acho  
que é uma característica que o boxe dá. O cara sai dali, ele tá bem,  
hoje ele tá bem, cumpriu essa tarefa e tchau e não tem mais o que  
falar. E vai fazer o que? Primeiro vai pro bar, são muito  
individualizados. Não são individualistas não. São individualizados.  
Muito difícil deles andarem em bandos. (Dr. Maurício – Presidente  
da Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro)*

Outro dado que somente fora despertado durante as entrevistas foi no tocante a procura pelo boxe como método de proteção da violência da localidade<sup>117</sup>. Embora não houvesse nenhuma citação em Augusto Vasconcelos, na comunidade do Cantagalo, uma aluna mencionou a procura de vários colegas como um método de *defesa no morro*.

*Mais pra defesa do morro. Porque aqui no morro tem brigas e aí pra não apanhar então... pra se defender. (Patrícia, aluna da academia Nobre Arte)*

Joel, inclusive, diz que, se não fosse o boxe, talvez não estivesse vivo.

*Eu falando por mim, a maior prova que eu tenho aqui é que se talvez eu não estivesse aqui eu nem saberia onde estar. Depois que eu vim pra cá eu fiquei integrado aqui e basicamente eu não tenho tempo pra mais quase nada. Mas eu prefiro até estar aqui do que ficar em outro canto. (...) Cara, nem sei. **Porque se não estivesse aqui talvez estaria morto. Porque aqui na nossa comunidade há muita confusão e eu era uma pessoa que nunca gostei de confusão. E quem não gosta de confusão tem muita gente que não gosta. Achava que você era metido** (...) então na época em que jogava bola eu vi muita briga por causa de bola, no jogo de bola. Então até por isso eu parei de jogar bola. Só jogo com os amigos, assim. (...) **O boxe dá mais educação, mais tolerância...e antes eu alimentava.** Às vezes nem ficava perto pra acontecer, preferia ficar longe. Mas aí quando vim pra cá a primeira coisa que aconteceu foi eu ter ficado muito mais tranquilo, mais calmo, aceitando muitas provocações também, porque agora aceito. Eu nem ligo porque agora eu deixo pra lá. Foi muito bom, como to te falando.*

Entre as alunas, a relação do boxe a violência, entre a maioria, é somente consentida dentro do *ringue*. Apesar da imagem um tanto agressiva, o uso do esporte é uma maneira de controle emotivo.

*Na verdade, eu não vejo, tanto que boxe, o projeto do Claudinho, por exemplo, ele é um projeto pra que esse foco de violência, de tirar as crianças das ruas, do tráfico. Então eu acho que não tem a ver com violência. As pessoas até pensam que tem, porque é uma luta, mas não vejo como uma atividade violenta.(Michele – aluna da Nobre Arte)*

*Pra mim não tem violência nenhuma. Só na hora da briga lá. Aí sim tem um tanto de violência. Porque é liberado. (Miriam, aluna da Nobre Arte)*

---

<sup>117</sup> Em 2001, Paola Barreto Leblanc - cineasta e também aluna da *Academia Nobre Arte* - produziu e dirigiu um documentário, intitulado por *Me Erra*, sobre o qual muitos entrevistados revelavam a entrada no boxe tanto como uma maneira de aliviar do *stress* quanto uma forma de defesa das agressões e violências sofridas na rua.

Assim, percebe-se que as representações sobre violência e agressividade obedecem a critérios espaciais (no ringue) e também de contexto (quando um adversário dá socos em regiões não permitidas e em tempos não estipulados pelo juiz). Os trabalhos de Daniel Simião (2006) e Luiz Roberto Cardoso de Oliveira (2002) ajudam a compreender as alternâncias de significado quando a violência é analisada em seu caráter sócio-espacial.

### **3.15 - Violência e agressividade.**

“Preciso ter uma força, uma agressividade para lidar com várias situações. Agressividade no sentido mais amplo da palavra. Agressividade que é você botar sua energia pra fora. Eu tive necessidade dessa agressividade pra tudo, para tomar atitudes, para tomar decisões. As iniciativas da nossa vida e da vida de trabalho que também é muito importante. Eu lido com decisões importantes o tempo todo. Eu lido com coisas importantes, com responsabilidades enormes e eu preciso ter uma força, uma agressividade boa para encarar com essas coisas todas”. (Sandy, cantora, Sensei SporTV)

Além de Sandy, Sonia também revelou o mesmo posicionamento diante das questões da vida, apesar de não nomear este comportamento promovido pelo boxe de “agressividade”. Logo, se algumas entrevistadas acreditam na sinonímia entre boxe e violência, outras enriquecem o caráter polissêmico, dando uma delimitação semântica dividida dentro e fora do universo do boxe.

#### **3.15.1 – violência e agressividade dentro do boxe.**

Assim como as pugilistas profissionais, tal como Duda Yankovich que se vangloria de sua agressividade sem abrir mão de seus atributos femininos (cf. Introdução), os professores também concebem a agressividade como uma qualidade importante para um competidor ao entrar no ringue. Neste caso, agressividade seria a violência consentida, ainda que dentro de determinadas regras. A agressividade só passa a ser nomeada de violência (com o seu sentido pejorativo) quando um lutador burla as regras do boxe, cometendo infrações que tenham a intenção de prejudicar o adversário.

Algumas alunas, como Sonia, tiveram uma percepção parecida. *Em qualquer luta, se você entrar com uma má intenção tem violência.*

*Cara, não sei te explicar muito não. O cara pode ser, você pode ser um atleta agressivo... eu acho que agressividade dentro do esporte faz parte da adrenalina, né? Você ser um cara agressivo, você ser um cara rápido, você ser um cara contundente ali, se você for um cara*

*passivo, você não consegue dentro do boxe ser um cara bom. Agora ser violento, eu acho que tá passando um pouco da agressividade, de desrespeitar regra. Você vê que o oponente está meio machucado, ou então tá numa posição, tipo de costas e você pega ele numa posição desfavorável, entendeu? Você vê que ele tá machucado e continuar batendo nele. Isso eu acho que é violência. Agora você ser agressivo, você contundente, acho que é diferente. A agressividade: se você não for agressivo no boxe eu acho que, só técnica, você pode ser técnico e ser agressivo. É o cara que tem a pegada como a gente fala. Um cara com mais pegada. A gente chama esse cara de agressivo. Agora violento é o cara que perde a noção. O cara que o juiz tá tentando segurar ele, o cara tá se recuperando, e quer partir pra violência. Ele quer burlar a regra. Ele quer passar do limite da agressividade. Acho que a violência ela passa além da agressividade. Quando ele vê que o cara tá sangrando. Por exemplo, no vale-tudo começa a bater no cara. Aí o cara apagou. Você tem que perceber que o cara apagou e sair pro canto. Mas tem caras que partem pro cara mesmo apagado e quer bater. Isso já é violência. (Maurício, professor da academia Physical)*

*No ringue é agressivo, pode se machucar, eu entro pra ganhar uma partida de boxe. Dentro do regulamento. O que eu quero dizer com isso: eu tenho nove minutos pra provar minha superioridade. O meu conhecimento, a minha autenticidade, o meu toque mais rápido. (Dr. Maurício, presidente da Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro)*

### **3.15.2 – violência e agressividade fora do boxe.**

Embora as alunas do Cantagalo e de Augusto Vasconcelos acreditem na diferença de significado entre violência e agressividade, nenhuma delas (com exceção de Sonia) concebeu de maneira positiva essa associação. Algumas, como Fernanda, se assumem como uma pessoa agressiva, ainda que estivesse longe de ser violenta.

*Eu sou uma pessoa agressiva, mas não sou violenta. Eu posso ser agressiva quando vou te responder com palavras, vou me sentir irritada, mas em momento algum eu vou ser violenta com você. (Fernanda)*

Na maioria dos casos, as alunas delimitam a diferença no tocante ao físico. Quando verbal, é agressividade, quando há contato físico, violência (exceto dentro do ringue).

*Violência é quando a pessoa vai com a intenção mesmo de atingir alguém. É quando a pessoa quer machucar alguém. Agressividade não. Agressividade é de força, é necessário para certas lutas. (Michele, aluna da academia Physical)*

*Agressividade é pior. Porque eu acho que sim, eu acho que machuca mais, você não tem como se equilibrar no que você queria fazer e você acaba sendo mais machucado. Violência... é machucar as mulheres. Os pedófilos, eu acho que isso é um horror. Violento, é pior do que ser agressivo. Ah, sei lá, xingar...ouvir nas palavras, ser violento. Agressividade não, você agride, mas de repente você pede desculpa. (Antônia, aluna da academia Nobre Arte)*

### **3.16 – A relação do boxe com outros esportes.**

Assim como os professores, os alunos entrevistados também têm envolvimento com outros esportes, como o futebol, natação e *skate*, sendo que a maioria aprecia mais o boxe. Dos motivos pela preferência, muitos afirmaram que é o controle da mente e o estímulo do raciocínio que o pugilismo proporciona e, até mesmo, um acolhimento maior do que o próprio futebol, concebido por muitos brasileiros como uma paixão nacional.

*Cara, eu não pratico. Eu estou sempre surfando, pedalando, correndo, mas o meu esporte é o boxe. É o que eu aprecio mais. (...) Olha cara não tem diferença. O que acontece é o seguinte, você fica tanto tempo que você acaba, vicia sabe. Você pára por uma semana, por duas semanas de treinar e você não se sente a mesma pessoa. Você fica, sabe, desanimado, você fica estressado, e o boxe é de desestressar, é pra ver os amigo, é uma maneira de desestressar. É diferente do futebol. Tinha até uma certa pressão da família. Ah você tem que treinar, treinar, treinar e eu jovem e aquela pressão em cima de mim. Quando eu atingi uma certa idade, eu disse:*

*- Quer saber, seria legal se não tivesse tanta pressão, sacou?*

*Eu acho que tinha muita pressão. Então eu tô saindo pra procurar outro rumo, sacou? Agora os outros esportes são passatempo. Futebol, skate, é só um passa tempo. Boxe não. Boxe eu tenho uma visão. Poxa, eu acho que eu posso crescer com isso. Essa é a diferença. (Rafael, atleta da academia Nobre Arte.)*

As mulheres também seguem o mesmo comportamento. As atividades citadas pelas alunas do Cantagalo foram a ginástica, caminhada, dança, futebol, caratê, natação, handebol e bicicleta, enquanto que as alunas de Augusto Vasconcelos mencionaram a corrida, musculação, localizada, vôlei, *jiu-jitsu* e *kickboxing*. Com exceção de Michele (aluna da *Academia Physical*) que prefere a localizada e de Fernanda, que aprecia mais o *jiu-jitsu*, Andreza, que se sente dividida entre o boxe e o handebol e Sonia que aprecia igualmente a musculação, todas preferem o boxe.

*Eu faço musculação. Eu aprecio os dois. O bom pra mim é musculação porque eu não tenho horário. Eu gosto dos dois. Mas a*

*musculação pra mim fica mais viável, porque se eu não puder vir de manhã eu venho de tarde, se eu não puder vir de tarde eu venho de noite. Então pra mim fica mais fácil. Porque na musculação pra mim ela engloba tudo. Eu tenho o aeróbico, tem as partes dos pesos, a gente vê definir o corpo e tudo. Então pra mim, até se você vir direitinho fazer a série, você vai (...) O boxe ele é mais ativo. Se movimentam bem mais. E a musculação, se você não tiver o professor te orientando em todos os aparelhos que você não sabe, você fica toda torta não é? É mais fácil de você fazer errado. E no boxe não. No boxe não, eu acho mais fácil de você fazer... praticando, faz tudo direitinho. (Sonia, aluna da academia Physical)*

*Eu corro. Eu faço mais a luta e a corrida. Eu queria começar com a academia, musculação. Mas não comecei ainda. Mas o que eu mais gosto é o boxe. (...) Ah, eu não sou rata de academia. Eu to querendo fazer musculação agora porque eu vi uma matéria que quando você entra nos trinta é recomendável fazer. (Risos) Eu vou me policiar e tentar fazer porque não é a minha praia. Eu gosto mais de dar uma corrida. Assim, nem vou dizer que eu gosto de esporte ao ar livre, porque o boxe não é ao ar livre. Mas sei lá? É diferente. É legal você praticar um esporte como a luta, porque ao mesmo tempo que você está aprendendo uma técnica, uma arte, em algum momento você vai precisar usar um dia pra se defender de alguma coisa.*

### **3.17 – Boxe e outro esporte. Onde o preconceito aparece?**

Analisando as entrevistas, percebe-se que, quando se analisa o julgamento homem/mulher, quanto maior a popularidade da prática esportiva, maior o preconceito. Pelo fato de várias mulheres, assim como os homens, praticarem ou já terem praticado outros esportes, muitas puderam comparar em que campos a condição feminina passa a ser ameaçada.

*Eu faço também handebol. Gosto dos dois em igualdade. Já pensei em me profissionalizar no handebol, mas por causa do joelho não penso mais. Ah! Só vou sair arreventada!! (...) Eu acho que o preconceito é maior no boxe. Não é tanto, ninguém falou nada comigo não, mas eu penso mais que é no boxe. (Andreza, aluna da academia Nobre Arte)*

*Eu pratico também o jiu-jitsu. (...) Eu acho que o preconceito é maior no jiu-jitsu porque o pessoal acha que é muita agarrção. O pessoal diz:*

*- Isso não é luta, é agarrção.*

*Porque até eu mesma, antes de conhecer o jiu-jitsu, eu conhecia o jiu-jitsu de jornal, que era aquela coisa assim: lutador de jiu-jitsu*



*bate em não sei quem. Que lutador de jiu-jitsu é agressivo. E era só isso. E não é bem assim. Há exceção a regra. (Fernanda, aluna da academia Physical)*

*Eu praticava futebol, futebol, mas não como eu praticava antes. Eu gosto dos dois, mas eu tenho uma queda maior pelo boxe. (...) O preconceito é maior no futebol!!! Porque eu acho que no futebol tem mais pessoas querendo, né? E acho que, hoje, às vezes chega amigo meu falando que isso não é coisa pra menina. Aqui no boxe nenhum menino chegou falando, pra mim não. Futebol já ouvi muito. (...) Eu jogo mais pelada com os rapazes (...) é mais quando vem menino de fora querer jogar. Mas amigo, não fala não. Só falam quando eles estão com raiva. Quando nós estamos ganhando. Quando a gente faz gol. (Thaissa, aluna da academia Nobre Arte)*

Ainda que o discurso da beleza (camuflado ou exacerbado) componha esta etnografia e que os hematomas, signo este detentor do pugilismo, sejam encarados por uma maioria como marcas que ferem uma estética do belo e feminino, nuances detrás desta busca - incluindo também da prevenção da ansiedade e do *stress* – aparecem na concepção da identidade entre essas praticantes.

Mesmo enfrentando o preconceito que aparecem nas circunstâncias descritas acima e da relação jocosa com membros familiares, que traços detentores deste grupo social fariam com quem estas continuassem neste esporte, visto que muitas outras modalidades esportivas garantem a busca pelos objetivos tão almejados por essas mulheres?

Afinal, que feminino é este?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### Que Feminino é Este?

*O meu estilo é diferente. É diferente. Não sei explicar o meu estilo não, sabe? Não é aquele estilo, sabe? Eu tenho um estilo diferente, e eu não sei explicar não. (...) Eu sou toda meio bruta. Eu sou meio bruta, daqui a pouco eu sou delicada. Ah, eu não sei não! (Thaissa, 17 anos, aluna da Academia Nobre Arte)*

Mesmo considerando que a profissionalização não seja uma meta para esse grupo de mulheres praticantes de boxe e que o esporte não é a única maneira de elas conseguirem tanto a prevenção do *stress* quanto a tão sonhada forma física, entende-se que há indícios de que a escolha de um esporte que exige *força* e *agressividade* esteja relacionada a um ideal de mulher decidida, que se posiciona na vida, mas que não abre mão de sua *feminilidade* e *beleza*.

Pude constatar claramente este fato na *Academia Physical*, em Vasconcelos. Durante o momento de enrolar a *bandagem*, Fernanda elogia Rose na presença de Sonia:

- *Quero ser que nem você. Cinco filhos e com corpinho violão.*

Rose diz:

- *Tenho dez filhos e cinco maridos!! Na minha terra as mulheres é que têm os homens.*

Sonia:

- *Nossa!!! Aturar um já é difícil, ainda mais cinco. Só se for cinco pra me dar dinheiro. Se morrer e deixar pensão melhor ainda. [Risos].*

Exercícios que exijam leveza, como a dança, geralmente não são compatíveis com este ideal de feminilidade. Sonia fala alto (em tom irônico), direcionando sua voz para toda a turma:

- *Vamos fazer dança do ventre!!!!*

Fernanda responde em alto e bom som:

- *Eu? Só se for ensaio das baleias! Comigo tem que ter agressividade!!!*

Ainda assim, algumas alunas revelaram que, no passado, fizeram atividades concebidas pelo padrão nacional como “extremamente femininas”. Reconhecem a beleza da suavidade dos movimentos, apreciam, acham bonito, mas não se enquadram neste estilo de feminilidade.

*Acho lindo. Só que não é meu tipo, porque eu acho uma coisa muito longa, entendeu? Não tenho paciência. Acho bonito o balé clássico. Acho lindo. (Cida, aluna da academia Nobre Arte)*

*Vontade tive, mas eu acho que me identifiquei mais com o boxe. Por ser um exercício que me movimenta muito. Eu sou muito elétrica, e gosto muito de me movimentar, entendeu? Mas eu acho legal uma menina que pratica dança, que faz balé. Eu acho legal. Admiro. (Natália, aluna da academia Nobre Arte)*

*Eu sou totalmente anti feminina! Não me identifico. Minha vida inteira eu gostei de coisa mais dinâmica. Até amigo mesmo, eu tenho mais amigo homem do que mulher. (...) Eu acho bonito. Na verdade eu acho que eu nunca fiz dança porque eu sou péssima na dança. Eu não sirvo pra essas coisas. (Fernanda, aluna da academia Physical)*

Entende-se que, para as mulheres que enfrentam as barreiras familiares e o estigma de praticarem um esporte relacionado à violência, o boxe é um espaço de libertação. Para algumas, inclusive, significa superação de limites, dentre eles aqueles os que demarcam a fronteira entre homem e mulher, como é o caso da força e da resistência física. Além de *fazer luva* com o sexo oposto, o que é recorrente entre as praticantes que se destacam no pugilismo, o desejo de auto-superação evidencia-se entre as alunas da aula de Kátia, como assim segue a citação da aluna Natália.

*Sinto um enorme prazer em ver os homens reclamando dos exercícios e sinto mais prazer ainda quando consigo fazer algo que eles não conseguem. É gratificante. Quando eu vejo ele morrendo e vejo que a gente consegue fazer mais coisas. Deixo ele morrendo... É muito bom.*

O mesmo para Aline.

*Ah, eu fico feliz porque eu consigo fazer a aula toda. Sempre fui muito menino. Hoje é muito legal ver que meu marido, meu irmão e meus amigos não conseguiram continuar no boxe e eu estou aqui aguentando. Hoje mesmo conversei com meu marido e ele disse que não ia à aula porque estava com preguiça.*

## Que estilo é esse?

*É como disse... que lutar com homem, pra mim vou tá me igualando a ele. Não. Uma mulher que faz boxe pra mim é que tem força de vontade ... e que não leva preconceito. Não tem aquele preconceito de mulher só porque o homem faz aquilo. A mulher que sabe fazer a mesma coisa que o homem faz, pra mim, é uma guerreira. Pelo menos eu vejo isso assim. (Yasmin, aluna da academia Nobre Arte)*

O modelo de libertação, teoria esta intitulada pelo pesquisador, também se reverbera quando as praticantes de auto-intitulam como *corajosa, dinâmica, brava, com garra, guerreira, sem preconceitos, livre, independente e feminina*. Estes foram os principais adjetivos quando perguntava às alunas sobre como se definiam como praticantes de boxe. Para algumas, essa identidade intimida a figura masculina, conforme depoimento de Michele (*Physical*), cujo desempenho feminino nas aulas, intimidava o único aluno do sexo masculino da turma; conforme Fernanda, que reitera a sua dificuldade (relatada anteriormente) de encontrar pretendentes que não se assustem com a sua prática esportiva; e também conforme Thaissa, que revela o receio de homens em lidar com as adeptas do boxe feminino.

*Porque, geralmente, não é preconceito não, mas assim, as mulheres estão invadindo, estão se expandindo, né, no trabalho... tem muitas mulheres que fazem trabalho que antigamente era coisa de homem. Eles ficam um pouco receosos. Entre alunos também acredito que eles se sintam intimidados. Acredito que sim. Eu vejo pelos alunos que ficavam me olhando. Eu me esqueci o nome dele, ele ficava atrás e eu via o jeito que ele olhava pra gente. A gente fazia mais que ele. Ele se sentia mais cansado, cansava mais do que a gente. Mas eu falo assim, pelo jeito que ele olhava pra gente. Isso constrangia porque, pô, eu homem, as mulheres tem mais disposição do que eu, mais fôlego, eu acredito que sim. Eles ficam um pouco constrangidos. (Michele, aluna da Academia Physical)*

*Praticar boxe intimida um pouco os homens. Não sei, eu acho que eles pensam:*

*- Será que essa menina é capaz de me bater?*

*De repente intimida também quem tá na luta. De repente sim. Porque vê ela treinando, daqui a pouco vai também. (Thaissa, aluna da Academia Nobre Arte)*

Essa mulher, *livre, independente*, apesar de se intitular como *feminina* também se questiona se o seu esporte preferido estimula sua masculinidade. Enquanto o público de Vasconcelos discorda, Sonia, da *Physical*, acredita que os resultados, como a boa forma física, que acentua a feminilidade, têm também como resultado o posicionamento firme e claro, o que, para ela, é um traço do mundo masculino.

*Acho que realça os dois lados. Ah sim, com certeza. Pra mim, até que me falaram, que na época foi que deu uma engrenada assim, pra, emagreci, pelo menos pra mim. O meu físico teve um resultado bem rápido. Porque você também não pode ficar de nhenhém pra fazer os golpes. Eu acho que realça os dois lados, mas é positivo. Tanto um lado quanto o outro.*

No Cantagalo, a mensuração de masculinidade/feminilidade remete ao efeito dos exercícios, desde a aparência mais largada decorrente da exaustão ao término da rigorosa aula até o risco do alargamento dos ombros para aquelas que se excedam no boxe.

*Uma mulher forte. Suada. (...) Reforça bem pouquinho a masculinidade porque aqui a gente não vem toda arrumadinha, sua muito e não fico tão preocupada com isso não. (Andreza)*

*Eu fico mais magra, tenho mais força nas pernas, coisa que eu não tinha. **Tenho força nos braços. Então isso me faz mais feminina. E também realça a masculinidade** porque o seu ombro fica mais largo. (Cida)*

*Ai, eu acho que a mulher que faz boxe é uma pessoa livre, independente, que não tem medo, que geralmente eu acho que as pessoas associam muito o boxe com a dor. De machucar ou que é masculino. (...) Eu acho que ele **realça minha feminilidade**. Ah, acaba que você fazendo um esporte ele acaba te dando um condicionamento físico legal. Então você acaba ficando bonita. Feminina. **Lógico que se você for fazer demais, boxe, mais musculação, mais alguma coisa, você vai ficar muito bombada**. Não fica legal. **Não fica feminino**. Mas se for só o boxe, ele não deixa o corpo masculino. Mas teve uma época, na primeira vez que fiz eu pensei que andava mais assim, mais posuda. Hoje em dia não. **A palavra nem era masculinidade. Você fica mais... você se acha mais forte**. Então, tu não fica com medo. Que nem naquela história, eu não tive medo de reagir [quando deu um soco no rapaz que lambeu o seu braço]. **Mas não sei se é masculino ou não. Eu acho é que você fica mais auto-confiante**. Acho que essa é a palavra certa. Você se sente mais confiante. (Michele, aluna da Academia Nobre Arte)*

Excluindo esses dois “riscos”, os benefícios da luta só remetem, segundo as próprias alunas, à feminilidade. Parece-me que a forma com que lidam com o conceito de masculinidade relacionado ao corpo é bem particular. Assim, na transcrição acima há quase uma equivalência masculino e feminino.

*A mulher fica bem mais bonita. Porque dá mais postura.*  
(Yasmin)

*Me ajudou bastante o meu corpo. Quando eu cheguei na academia, eu tinha setenta e sete quilos, agora estou na faixa dos sessenta e sete, em menos de um ano.*(Natália)

### **Padrão de beleza.**

Christine Mennesson e Jean-Paul Clément (2009) revelavam que, mesmo havendo o casamento entre lutadores e lutadoras, entre professores e lutadoras, a estética da boxeadora *hard* não era muito apreciada por homens nas academias em que os dois autores realizaram a pesquisa, em Paris. Na *Nobre Arte* e na *Physical*, percebeu-se que o padrão desejável de mulher, o quase *forte*, o pouco definido, que preservasse sobremaneira as curvas - mas na *liminaridade* para um corpo masculinizado - é o ideal para estes alunos e atletas.

A concepção deste ideal é compatível com o padrão desejável pelas mulheres em ambas as academias: um corpo *forte*, mas sem excessos, visto que quase uma totalidade teme a associação a uma imagem máscula.

Uma barriga *tanquinho* acompanhada de braços definidos, sem perder as *curvas* e, principalmente, manter uma *bunda grande* seria o ideal de um corpo *belo* para essas mulheres.

Logo, a fronteira para o exagero também é o ideal de um corpo masculino desejável. Músculos são bem vindos, mas sem excessos.

*Mulheres musculosas. (...) Homens musculosos.* (Fernanda, aluna da academia *Physical*)

*Primeiro eu observo muito mulher porque eu sou cabeleireira. Observo homem e mulher, como te observei. A mulher eu vejo o corpo, bumbum, eu não tenho, mas observo. Mas gostaria de ter. Eu acho bonita. Aliás, nós temos mulheres lindas. As mulheres são muito lindas! Observo tudo na mulher. Observo músculo, observo peito, bumbum, coxa, observo ela toda. Cabelo. Principalmente o tamanho do cabelo. (...) Homem eu olho o pé. Adoro olhar pra pé de homem,*

*não sei por quê. Homem eu observo bumbum, pé, coxa. Acho que do homem eu observo tudo do homem. Mulher também, mas o homem é o que observo mais. Quando a mulher é bonita a gente observa bem, mas homem eu observo bem mesmo. Aqui nós temos homens lindos. São lindos os homens daqui. (Cida, aluna da academia Nobre Arte)*

*Uma menina nova e bonita. Uma mulher bonita tem carne e tem o corpo bonito. Feito o meu. (...) Aquelas pessoas que tem as curvas do corpo desenhadas. Uma menina com as curvas grossas, ou então com as pernas finas que saiba aproveitar o corpo, entendeu? Que tenha peito, pernas grandes, mas anda horrível, igual uma jeca e não sabe ter postura?! Vale mais a forma e o charme. (...) Homem eu gosto forte. (Yasmin, aluna da academia Nobre Arte)*

### **Afinal, o que é masculino? E o que é feminino?**

Embora seja reconhecido pelo público masculino que atualmente homens e mulheres podem desempenhar atividades no mesmo nível de igualdade, valores como *segurança, domínio do território* e espaços públicos como o *bar* são classificados, de uma maneira geral, como masculinos. *Sagacidade* foi reconhecida como característica feminina.

*Eu acho que masculino é o domínio do território, a segurança, né? A segurança do território. E pra mulher, pô cara, pra mim é complicado. É a sagacidade. Eu acho que cada um pensa de uma maneira, mas as coisas são pra todos. (Guilherme, aluno da academia Nobre Arte)*

*Independente de esporte, acho que nada. A minha esposa ... eu ia aceitar numa boa também. (...) Acho que um bar. Um bar só tem homem<sup>118</sup>. Não faz bem pra mulher. (Lieberman, aluno da academia Nobre Arte)*

---

<sup>118</sup> Guedes (1998) em *O Brasil no Campo de Futebol. Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro* retrata o botequim como espaço dos homens entre as camadas populares. “O botequim é a ‘casa dos homens’ para os trabalhadores. É parte fundamental de suas vidas, espaço onde articulam entre si família, trabalho e local. É parte fundamental de suas vidas, espaço onde articulam entre si família, trabalho e local. É ali, em meio à cerveja ou cachaça, à comida *forte* (linguiça, torresmo, churrascos improvisados ...), ao samba que produzem e reproduzem, que contam seus *casos* e exibem sua *força* masculina (MACHADO DA SILVA, 1978; CHALHOUB, 1986). Nesta cultura não há, absolutamente, incompatibilidade entre ser um chefe de família e estar continuamente conquistando outras mulheres (SARTI, 1989). Logo, não apenas é possível como é mesmo necessário a estes homens manter uma imagem de *mulherengos*, um dos aspectos básicos da *força* masculina. Não há também incompatibilidade entre a internalização de uma disciplina imposta pela ética do trabalho capitalista e o espaço da liberdade e da criatividade, vivido nas relações intraclasse”. (GUEDES, 1998:72)

As mulheres também reconhecem que nos dias de hoje todas as funções podem ser ocupadas pelo sexo feminino. Contudo, no tocante ao que é caracteristicamente masculino, muitas responderam que a *força* é um signo dos homens, embora a mulher possa chegar perto ou até mesmo atingir o mesmo nível de igualdade trabalhando com sua *habilidade*, signo este reconhecidamente feminino. Mas nem tudo pode ser exercido pelo homem. Mesmo que a maioria sentisse dificuldade em especificar o que o homem não poderia executar, algumas disseram que o espaço como o do *balé* não pertence ao masculino.

*Não tem essa de só de homem. As mulheres estão praticando tudo. (...) Ah! Não. **Balé por exemplo. Tem coisa que é preconceito pra homem.*** (Natália, aluna da Academia Nobre Arte)

*Hoje em dia mulher ocupa o espaço do homem também. Mas o homem não ocupa o espaço da mulher. **Tem coisas que são só pra mulher.*** (Aline, aluna da academia Nobre Arte)

*Futebol. É só pra homem. É como eu estou te falando, eu acho que o futebol é pra homem porque é tipo o boxe. Boxe é muita dureza também, você às vezes pega muito, pega mais um pouco. **O futebol pra mim é melhor pra homem, porque é mais ativo, corre não sei o que. Pra mulher não é legal.** Não faria um esporte desse, o futebol. (...) Só pra mulher... eu acho que balé é legal pra mulher, só que eu não faço essa atividade. Eu acho que pra mulher seria mais legal do que pra homem.* (Antonia, aluna da academia Nobre Arte)

Logo, toda *garra, coragem, disposição, agilidade*, assim como as praticantes de boxe se definem, são adquiridas por meio do boxe. Daí o apreço e o significado que esse esporte representa em suas vidas. Nessas falas evidencia-se uma fronteira de territórios próprios ao masculino e ao feminino. Juntando com a transcrição seguinte percebe-se que o boxe passa a pertencer ao feminino pelo alívio do estresse e pelo novo modelo de mulher que têm em mente, uma mulher fora dos padrões idealizados românticos.

*O boxe pra mim é extravasar os momentos ruins. (...) Alívio. Você chega e quando você sai, apesar do cansaço físico, você se sente super leve.* (Fernanda, aluna da Academia Physical)

*Foi positivo. Foi muito positivo. (...) É o **prazer** de você estar ali aprendendo uma técnica nova, diferente, de você... porque é legal uma mulher estar fazendo uma luta. É legal, é bonito a mulher que faz*



*uma luta. Isso faz com que a mulher seja menos dengosa, mimadinha, aquela coisa de a intocável. (...) Ter mais atitude, quem pratica uma luta é mais assim, mais ativa, mais solta, mais outras coisas também. (Sonia, aluna da Academia Physical)*

*Força, coragem pra enfrentar coisas que eu não tinha. Não tenho medo. Calma. É totalmente louco na cabeça do outro de que o boxe é isso. (Aline, aluna da Academia Nobre Arte)*

E como se intitula uma mulher que não só pratica o boxe, mas que se sustenta através deste esporte? Mesmo não tendo conseguido entrar em contato com uma lutadora profissional, a possibilidade de lidar com uma treinadora, considerada a única mulher em atividade no Brasil fora deveras interessante para comparar com aquelas que apenas praticam o pugilismo e perceber que as semelhanças superam as diferenças no tocante a concepção de feminilidade deste gênero.

#### **Kátia: o ícone de uma feminilidade.**

*A primeira coisa (risos), a primeira coisa que se vem é: essa mulher é violenta. Não sei porque está ligado a violência, diretamente. (...) Ah, na minha representação? Bom, na minha concepção uma mulher lutadora de boxe... **a primeira imagem que tenho é de uma guerreira, pra poder se superar. Até ela chegar, alcançar os seus objetivos ela vai ter uma batalha grande. Muito grande. Vejo ela como uma guerreira.** (Kátia)*

Sem a pretensão de fazer uma análise semiológica, mas abordando a relação dos signos com o conceito de identidade, pode-se chegar ao que seria ícone da feminilidade investigada. Kátia é simplesmente forma e conteúdo pugilístico, uma vez que não é simplesmente uma professora de boxe, mas a única mulher em atividade no Brasil que é treinadora de lutadores amadores e profissionais.

*Esse relato me foi dado quando fiz O Bom Jeitinho Brasileiro, há dois anos atrás. Que eu era a única mulher em exercício. Treinadores têm, mas exercício, botando atleta pra competição, participando de campeonato, eu era a única no país. Eu fiquei assustada quando soube disso. Porque eu não sabia. É muita coisa! O Brasil é muito grande! Então, assim como eu, acreditava que tinha muitas por aí, largadas Brasil afora, mostrando seu talento, seu trabalho. Mas a falta de oportunidade de mostrar isso publicamente. Você sabe que nem sempre a mídia está nos lugares onde estão acontecendo realmente as coisas. Então quando eles me falaram isso, que foram eles que me deram essa estatística. Eu fiquei assustada. Falei:*

*- Meu Deus! Que levantamento!*

*Fizemos, fomos na Confederação Brasileira, que na confederação é o país, que em todas as regiões eu sou a única professora mulher em atividade.*

Kátia pode ser considerada o ícone de um ideal de feminilidade: *decidido e belo*. Apesar da postura rígida, ela está sempre arrumada, com as unhas bem tratadas, o cabelo bem cuidado e sempre com roupas colantes e coloridas que marcam seu tônus muscular. O seu traje extravagante, colorido, rico em signos femininos, como o cabelo comprido, as unhas não só pintadas, mas desenhadas, somada à postura centrada, direta e ao mesmo tempo doce e polida, seduziram de tal forma o pesquisador que, mesmo avaliando outros espaços esportivos, já sabia, intuitivamente, que aquele era o espaço para a etnografia, lugar este propício para me provocar, para me encher de dúvidas e enxergar relações que talvez não veria caso não dispusesse de um método comparativo. A beleza reúne as idéias de vaidade, cuidado com o próprio corpo e imagem, um gostar de si mesma.

#### **A descrição deste signo icônico.**

Kátia tem trinta e sete anos. Possui o ensino médio completo e, além de professora, também tem formação como *telemarketing*, telefonia, telecomunicação e vendas. Já trabalhou em confecção na parte de corte e foi vendedora profissional, o que com certeza ajuda na desenvoltura com que se expressa.

Assim como relato nos capítulos anteriores, a aula de Kátia se inicia às 19:30. É a que reúne o maior número de rapazes e é também considerada a mais pesada do dia. Em dias de treino dos atletas, a professora se divide nas orientações no ringue e no comando com a turma, sendo que nos momentos em que a técnica do boxe não é tão exigida, como nos abdominais, flexões e corridas, há sempre o auxílio de algum aluno mais experiente, funcionando como uma espécie de braço direito da professora.

Embora afirme que aprecie dar aulas tanto para homens quanto para mulheres, a professora é conhecida por não gostar de dar aulas para o público feminino. *Minha aula é puxada mesmo. Tem muito homem que não aguenta minha aula de tão puxada que é. É para atleta mesmo.*

Mulheres e muitos homens reconhecem o rigor de Kátia. Tanto que era recorrente encontrar alguém que não conseguia acompanhar as séries de exercícios em sua totalidade.

*A diferença de dar uma aula pra mulher é que a primeira coisa que eu procuro saber da mulher é o que ela quer. Aí quando ela me diz a proposta de vida dela eu penso em trabalhar em cima daquilo que ela quer. **Agora no homem, independente de eu saber o que ele quer ou não, primeiro conselho que eu tenho é que com esse homem eu tenho que fazer ele saber que ele nasceu pra sofrer. Porque ele nasceu pra lutar.** Então a diferença é essa: o homem eu vou sempre levar ele bem além do que eu levaria uma mulher. Porque justamente falando o homem é mais forte. Então esse é o conceito. Eu não alivio os homens. Coisas que eu sou obrigada às vezes a aliviar uma mulher. Por uma questão genética. Só por causa disso. Mas o meu forte é dar aula para os homens porque com o homem que eu trabalho com a preparação para atletas pra competição. Então tem mais esse intuito de levar o atleta ao seu ápice.*

Uma das grandes satisfações para a professora é quando os alunos descobrem o *poder da força*, interpretado pela própria como uma *superação*. Inclusive, essa é a maior virtude dos alunos. Em contrapartida, o não reconhecimento das *limitações* e a indisciplina no tocante ao comportamento - principalmente em relação ao diferente - seriam os maiores defeitos.

*Quando você descobre que você tem algo importante dentro de você e você sabe a capacidade daquilo, acaba se tornando uma virtude. Então eu sei que sou capaz de pegar o melhor do mundo. Então isso é uma virtude. Agora o defeito eu acho que é quando... o maior defeito é quando um atleta ou num ser humano como um todo é quando ele não tem a humildade de aceitar as limitações. Pra mim é o maior defeito. Falta de humildade. Quando ele não consegue reconhecer que ele tem limitações. Que ele só pode chegar a um determinado limite e ponto. Também o comportamento. Diz tudo ao respeito, o comportamento. E o defeito é ser desrespeitoso. É não aceitar as diferenças. Porque o aceitar as diferenças é a diversidade. Não aceitar as diversidades. Pra mim esse é o principal defeito. Porque você não emprega quem pode e quem não pode fazer. Classifico o boxe como um todo. Então não me interessa se vai fazer ou se não vai fazer, se é roxo ou se é amarelo, se tem opção sexual diferenciada ou não. Mas você sabe que no ramo da luta é uma coisa assim bem diferente. Existe um preconceito. Meio que embutido, mas existe.*

Há treze anos que Kátia está no boxe e, assim como as alunas, a entrada no esporte foi uma proposta despretensiosa. A princípio para malhar.

*Bom, eu comecei, vim pra academia jovenzinha, com quatorze, quinze anos, pra praticar esporte. Eu tinha uma necessidade de um complemento. Aí fui aqui na academia que era dentro da comunidade né, não com a estrutura de hoje, mas com toda a dificuldade eu consegui estudar, trabalhar e me exercitar porque eu sempre gostei de mexer com o meu corpo. **Parte física. Então eu vim na academia pra começar a malhar.** E isso foi com quatorze, quinze anos. **Depois eu parei. Por quê? Porque o estudo começou a apertar***

*e aí eu tava com alguma dificuldade em algumas matérias e eu trabalhava fora e sendo jovem aprendiz, né? Na antiga FEEM, mais conhecida como FIA que é uma instituição que o jovem começa a trabalhar cedo. Trabalhava, estudava e malhava e aí começou a apertar. Eu sumi da academia e fiquei sumida da academia por uns anos. Com dezenove anos eu retornei. **Já retornei com meus estudos todos concluído, não, faltando um ano pra terminar meu estudo e aí voltei.***

*Aí no período em que voltei já houve uma grande modificação e eu peguei e fui muito amiga do professor Claudio Coelho porque estudou com o meu pai. Então sempre teve uma interatividade muito grande com a minha família. A princípio eu só vinha malhar. E foi passando o tempo. Aí eu com vinte e um pra vinte e dois anos, eu comecei, já engrenada no mercado de trabalho, eu saí do Jovem Aprendiz que era da FIA, e comecei a entrar no mercado de trabalho. Eu tive várias experiências e o que que aconteceu? Durante o período até os meus vinte e dois, vinte e três anos, **eu comecei a me sentir muito estressada com o mercado de trabalho.** Eu não tava rendendo muito. Aí teve um período em que fiquei **desempregada.** Entre os meus vinte e dois e vinte e três anos. Aí eu fiquei com mais tempo. **Eu ia passar mais tempo dentro da academia.** Enquanto eu recebo meus direitos, vou ficando mais tempo na academia.*

O tempo destinado ao boxe chamou atenção do Professor Claudio Coelho que observava tanto o empenho de Kátia nas aulas quanto a dedicação desempenhada pelo público infantil (filhos dos alunos que frequentavam o espaço pelo fato dos pais não terem com quem deixar durante a prática de seus exercícios). Diante desse cuidado, no ano de 2002 o treinador convida Kátia para fazer o curso promovido pela Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro e com o título a professora inicia sua carreira.

Kátia é nascida e criada no Cantagalo, solteira, já foi casada, mas está separada há dois anos.

*Eu vou te dizer... **o que me motivou na verdade a escolher o boxe é porque eu gosto de luta. Eu sou fissurada por luta.** Meu esporte que eu amo de paixão era o judô. Porque eu tive um início na faixa preta e teve um fim muito trágico né? Mas eu já dava pra luta. E o boxe entrou na minha vida porque houve a (...) a técnica, e eu bem mais nova já assistia, e eu via que um lutador pra ele chegar no topo, vamos dizer na linguagem do boxe, Conselho Mundial, que é o top do boxe, o cara pra unificar e ter os três títulos, ele tinha que se superar. Então na minha concepção **era um desafio.** O Hélio se superar, eu me superar dentro das habilidades físicas, porque dentro do ringue é ele e o adversário, não tem ninguém melhor ou favorito. Porque quando soa o gongo aí são dois buscando o mesmo propósito e o mesmo objetivo. Então traduz isso tudo seria disciplina, dinâmica, respeito e superação.*

Mesmo com as aptidões - visto a responsabilidade de madrinha, como pude observar pelas ruas do Cantagalo ao ser apresentado a sua afilhada já adolescente - e tendo iniciado na carreira ensinando boxe para crianças, Kátia não tem filhos. Segundo ela, a postura masculina atual assusta.

*Pra ter filho com esses homens de agora prefiro não ter. Minhas primas que tiveram filhos cedo hoje se arrependem e nem querem mais saber de ter outros. Muita responsabilidade criar um filho. Quanto maior o grau de instrução, mais difícil porque se tornam desafiadores.*

Percebe-se que a *superação* é uma marca distintiva no discurso de Kátia. Contudo, espanta-se que por trás de uma mulher comunicativa, direta e centrada, há uma professora tímida e que também procurou no boxe uma maneira de superar com esta limitação.

*Então. Eu entrei justamente nessa finalidade de tentar me superar, ver quais eram as minhas capacidades. Porque assim, eu sempre fui uma pessoa assim muito fechada, de pouco diálogo, de pouca conversa, amigos muito selecionados. Poxa, eu sou de virgem, virginiano é muito na dele, muito ali, muito isolado. Então eu sentia necessidade de explorar algumas coisas dentro de mim. Que eu virginiana, no meu caso, tem um lado mais tímido que poucos conhecem. Todo mundo me conhece como a profissional, mas assim, mais pra dentro, a fundo, só quem é amigo mesmo! Então eu sentia essa necessidade de até querer, é... me expor mais, conhecer novos ambientes, novos tipos de pessoas e o boxe faz isso porque do mesmo momento que você transitando, não importa, dentro de qualquer academia, dentro de qualquer lugar, você acaba fazendo um ciclo de uma sociedade, você acaba vivendo com outras pessoas, e isso aí acaba te dando toda essa vivência e essa experiência como resultado.*

Atualmente Kátia é tão popular que em seis meses de campo não houve recordação de sequer um momento em que, quando encontrada na rua, não tenha interrompido o percurso sem ser solicitada por algum vizinho do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho.

#### **A aprovação familiar.**

Assim como as alunas, Kátia também teve que lidar no início com a reprovação dos pais.

*Nossa! Meu pai achava um absurdo. Mas também não criticou. Ele só falou:*

*- Poxa! Uma mulher fazendo isso.*

*Imagina! Hoje com essa profissão eu tenho treze anos já. Então na cabeça do meu pai, imagina, uma filha única no meio de um montão de marmanjo, um montão de homem, mas com tempo ele foi vendo a proposta, ele foi vendo o básico, como foi sendo desenvolvido e, principalmente, que eu mexia com a parte das crianças. Ele viu e pôde ver, além de ver, ele pôde perceber o quanto era fundamental o meu papel na vida desses jovens. Aí acabei cumprindo a função de mãe, amiga e professora. (...) Talvez o que lhe dava mais medo era o preconceito. Toda mulher que faz parte de um esporte não feminino, principalmente no ramo da luta, ela tá arriscada a estar mais marginalizada né? Ou se envolver com drogas, ou ter uma opção sexual diferenciada, entendeu?*

Entretanto, por ter sido casada com um homem que também era do ramo da luta, não sofreu preconceito. *Ele diz que na cabeça dele ele tentava me entender. Entender então na medida do possível dar todo o apoio necessário.*

Em relação a amizades, por ser muito tímida antes de começar a praticar boxe, a professora não sentiu muito a questão do preconceito.

### **O boxe estético.**

Apesar de reconhecer os benefícios estéticos que o boxe proporciona e também relatar o motivo que faz com que muitas mulheres a procurem, a busca pela boa forma física nunca foi um dos objetivos almejados. Para Kátia, esses resultados são encarados como consequência.

*Hoje, agora, no momento atual, nós temos a mulherada invadindo em peso as academias. Muitas em busca de uma proposta estética, porque o boxe traz uma estrutura física e corporal diferenciada. Músculos bonitos. Uma pele boa, uma elasticidade... musculatura desenvolvida e definida. Tudo o que uma mulher quer. Tanto é que as casas de estética estão aí por causa disso. Mas na época eu vou dizer que não porque eu nunca esquentei muito a cabeça com isso não. Nós moramos em uma comunidade que você se exercitava bastante. Muita subida, becos, então isso era uma coisa que a gente não se preocupava muito. A minha preocupação era justamente como eu disse: era interagir e conhecer outras pessoas. Então a estética no momento não estava me preocupando muito não. Hoje eu vejo que isso é uma prioridade entre mulheres. Mas a minoridade, como treinadora, quando vem uma mulher procurar, a primeira coisa que digo a ela é a qualidade de vida. Ela tem que procurar a qualidade de vida pra antes de pensar na capa. Porque a capa é uma capa. Mas a qualidade de vida predomina hoje no mundo real.*

Segundo a professora, justamente por não valorizar muito a estética, identificar um padrão de beleza que lhe agrada é difícil. Para uma mulher seria *um corpo desenhado e que tenha suas curvas perfeitas por natureza* e assim como as alunas, um

corpo *desenhado*, mas *nada exorbitante* é o ideal para o homem. Ainda assim, o que mais vale é a *disposição*.

*Às vezes o cara tem o corpo, mas não tem a disposição. Às vezes é só a capa. Então é o cara que tem o corpo legal. Nada muito exorbitante.*

O discurso da qualidade de vida, da prevenção do *stress* e principalmente da não vinculação do boxe com a violência é uma das marcas do trabalho de Kátia. A experiência no tocante a agressão física fora também vivenciada, ainda que esta defina como não muito séria. O trabalho de auto-consciência em relação a força é também um aprendizado que a profissional transmite assiduamente aos seus alunos.

*Graças a Deus não. Com o namorado até uns tapinhas na lata de vez em quando, mas nada tão grave pra mim e muito menos pra ele. Só tive um namorado na vida que era agressivo. Digo agressivo porque nenhum homem teve coragem de partir pra cima de mim. Caso algum dia isso aconteça, terá que me matar. Mas contra qualquer outra pessoa graças a Deus não. Porque durante o período em que uma vez a mim foi dada essa responsabilidade, dessa disciplina de treinadora, eu sempre soube da capacidade do que eu teria se eu atingisse qualquer pessoa, qualquer coisa que fosse ligada a minha profissão. Eu saberia os danos. Então isso nunca passou pela minha cabeça. E pessoas tentarem me agredir na maioria das vezes elas pensam duas vezes. Porque se eu agredir eu sei o que vou encontrar pela frente. Então qualquer coisa desse nível faz as pessoas refletirem. E eu não busco a guerra. Eu busco a paz. Mas se a pessoa quiser guerra ela também vai encontrar. Entendeu? Então, na maioria das vezes se eu tive que usar provavelmente eu teria usado pra defesa mesmo.*

Este fragmento permite também a visualização de uma confluência entre alunas e professora no tocante a significação entre agressividade e violência. A diferenciação de significados é delimitada pela questão do espaço. Dentro do ringue, violência são os golpes que são executados fora da regra que rege o esporte, como a continuação de socos mesmo após o nocaute ou quando o adversário se rende ao assalto. Violência, para este grupo, são também os contatos físicos em que não há permissão de uma das partes envolvidas. Quando há o consentimento, e, geralmente o espaço para isso é a academia, intitula-se por agressividade, sendo este comportamento, no pugilismo uma virtude. Agressividade, para este grupo social, também é definida por comportamentos e confrontos verbais em que não há o contato físico, classificado como uma atitude reprovável entre os adeptos do boxe.

## As representações do medo.

Mesmo com uma apresentação e com o julgamento entre alunos, alunas e professores de que a mulher que pratica luta é *corajosa*, o medo sempre existiu para Kátia.

*Sempre dá o receio! Isso é fato! Sempre dá! É claro! Quando você sobe num ringue você pensa em milhões de coisas. A primeira coisa você fala:*

*- Ah, meu Deus, se eu tomar uma porrada e cair não tem nenhum tipo de sequela, tá bom. O problema é me machucar e me dá um problema físico, alguma coisa assim.*

*Então sempre isso vai existir. O receio. Não digo medo. É o desafio. É uma coisa nova na sua frente. E como a gente não sabe, é instintivo. A luta ela produz isso: ela é instintiva. A gente nunca sabe até onde ela pode te levar. Porque quando a gente não tem conhecimento da nossa força é um perigo! Porque é agir instintivamente e sem controle. Quando você passa a colar isso, aí já é uma outra proposta de vida, entendeu?*

O medo, para a professora, também remete a segurança, visto que para ela representa também uma defesa.

*Cara, por incrível que pareça, meu maior medo é de uma covardia. Generalizada. Em todos os sentidos. Por quê? Pelo fato de saber que eu lido num esporte onde a coragem... eu sinto completamente o oposto. Então, eu vejo o medo como uma defesa, de repente das pessoas. Então pelo fato de eu trabalhar a coragem de muitos, eu vejo o ato da covardia. Então posso dizer que uma das grandes coisas que eu mais temo é a covardia. Em todos os sentidos. Todos que você possa imaginar.*

## A dor e suas representações.

Para Kátia, a dor é uma marca distintiva do boxe. Ainda que o *habitus* auxilie no amenizar, a sensação não é agradável e nos primeiros momentos a dor física remete a raiva. No entanto, assim como algumas alunas, dentre elas Fernanda ((da *Academia Physical*) que é uma das alunas que levam mais a sério a luta), a dor emocional é pior de ser administrada.

*Com a dor? Assim... no silêncio, cara. No silêncio. Bom, a dor física... existe dois tipos de dor: **a dor física... uma superação.** Porque quando a gente fica lesionado a gente sente impotente, incapaz. Então é um trabalho psicológico muito grande pra você tentar chegar ali na sua performance anterior. **E a dor psicológica que é aquela que a gente coloca mágoas, frustrações, os nossos sentimentos, na maioria das vezes é no silêncio.** (...) Com o murro... Raiva. A primeira coisa que sinto é raiva. A primeira sensação é da raiva. Mas a coisa é*



*assim: são frações de segundo. Já já muda de opinião. E aí passa pra superação. Porque eu tenho que não cochilar mais, senão o cachimbo cai. Então tenho que tomar mais cuidado.*

Mesmo com os murros e os hematomas – que segundo a professora são normais quando o desgaste físico é presente<sup>119</sup> -, Kátia nunca se machucou seriamente no boxe. Como a própria diz *nada que mexesse assim, diretamente com a estética. Descuido mesmo com o treinamento*. As regiões mais atingidas nestes treze anos de luta foram a barriga, costela e rosto.

Percebe-se que mesmo que haja um discurso da saúde e qualidade de vida que componham a identidade de Kátia no tocante a uma profissional, a vaidade de certa maneira “escapole” no seu falar. O parágrafo anterior revela que o *não machucar seriamente* não está relacionado com a sua vitalidade ou o medo de não poder mais praticar o boxe, e sim ao risco de ficar com hematomas e marcas, signos estes definidos no Terceiro *Round* como não detentores desta feminilidade.

#### **A imagem da lutadora de boxe.**

É frequente a dupla função que Kátia ocupa na academia e esta característica é um reflexo deste ideal de feminilidade. Além de comandar as aulas, ela ocupa também a função de treinadora de lutadores profissionais, revelando seu *controle, força e determinação*: “Não quero desespero!! Nem apavoramento!! Quero *jab* direto e olho no olho!!!!!!”

Como uma das defensoras de que o treinamento do boxe é tanto para o público masculino quanto para o feminino e também por lidar com muitas mulheres que chegam à academia, Kátia dispõe de um manancial de técnicas para lidar com o preconceito. Desde o convencimento, pelo diálogo, e, principalmente, com a sua apresentação. A professora evita a exibição de tatuagens e procura estar sempre bem vestida, de maneira feminina, mas não sensual, visto que, segundo a própria, *não é objetivo meu vender sensualidade, mas um boxe feminino*.

---

<sup>119</sup> Segundo Dr. Maurício, Presidente da Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro, há um *cacoete* entre quem pratica boxe. *É você olhar pra mão e ver a luminosidade de bater manopla, você vê às vezes uma marquinha no supercílio, nariz um pouco inflamado aqui no septo, entendeu? E o tipo da postura que o boxe dá, né? Você vê logo no andar, você vê solto, com a postura definida e solta. Daí que se conhece.*

	
<p>Kátia em uma de suas aulas.</p>	<p>Kátia, de calça branca e blusa azul, acompanhada das alunas da Nobre Arte.</p>

Inclusive, a professora dispõe de um ritual de produção para a chegada à academia.

*De corpo. Banho. Mulher tem cabelo grande né? Ainda mais cabelo black, você sabe como que é? Então é um cabelo muito frisado, muito enrolado. Existe creme, pra manter os cachos soltos, e tornar uma estética, antes de sair de casa. Então vai creme de corpo, anti-transpirante, creme de pele, creme para o dia, creme para a noite, creme para os cabelos, reparador de pontas, entendeu? Creme para as mãos, porque a mão justamente fica muito áspera, aí tá sempre dando um desenho na mão pra ela ficar mais fina, mais suave. E colônia, perfume. Isso tudo faz parte. (...) Primeiro porque sou vaidosa. E segundo porque por mais que as pessoas não cheguem a admitir, **a estética ela influencia muito. Muito, muito e muito.** Eu tenho certeza que se eu chegar com aquela imagem, nada contra essa imagem porque eu tenho também, porque a tatuagem ela dá aquele visual pesado. Principalmente na área da luta. A primeira sensação que infelizmente é uma coisa que a gente está tentando mudar hoje é a questão do pit boy, da pit girl, de pessoas que andam no meio da rua aí fazendo um monte de bobagens. Então, quando eu falo que a estética interfere, porque, porque se eu chegar lá toda masculinizada, em uma academia de ponta no Rio de Janeiro, chegar igual a um homem, lógico que o cara vai pensar duas vezes! Pô, eu lido com empresária, eu lido com dona de centro de beleza, eu lido com dona de SPA, como ela vai ficar?*

*Agora se eu chegar já toda feminina, com certeza o tratamento será diferente.*

Kátia anda sempre com as unhas pintadas e desenhadas, com roupas esportivas rosa, roxo, o cabelo comprido e bem amarrado. No entanto, o que chama mais atenção é que estas cores não são as preferidas em seu dia-a-dia. O “uniforme” é mais uma tentativa de romper com o preconceito de que só mulheres masculinizadas que apreciam o pugilismo.

*A primeira imagem que elas têm é que vai olhar... olha a estética, né? É aquela coisa do livro, vai olhar a capa. A primeira sensação que elas têm é que vai olhar uma mulher musculosa, toda forte, toda irritada, cheia de cicatriz, com uma experiência e com uma bagagem de que é a chamada fanchona, né? Aquela que briga com todo mundo. Que tem atrito com homem. Aquela coisa da mulher violenta. Isso é o que eu mais escuto. Tanto é que na maioria das vezes quando muitas mulheres vêm fazer entrevista comigo a primeira coisa que elas fazem:*

***- Eu imaginava uma outra pessoa! Eu imaginava uma outra mulher! Forte, musculosa, cheia de cicatriz, cheia de tatuagem.***

*Mas eu sou completamente o oposto disso. De tudo isso. (...)Meu uniforme de trabalho são roupas de ginástica. Então eu uso desde o feminino ao masculino. Às vezes eu adoro andar de shortão, com camisa, larga, mas pra conforto. Que pros movimentos do boxe, como mexemos muito com o corpo, então na maioria das vezes, as roupas largas elas dão mais conforto. E as roupas mais femininas, né, considerada as tradicionais, a gente tem um certo cuidado de não ficar mostrando muito o corpo porque a proposta é outra. **Eu to ali pra ser treinadora de boxe, não to ali vendendo beleza.** Então eu tenho um pouco desse equilíbrio. **Que é o cuidado com a estética pra trabalho, mas não pra vender a imagem de um corpo bonito, vender uma beleza. Eu vendo é treinamento de boxe.** (...) Já vi vários modismos. A gente costuma, né, se vestir dentro de um padrão. Sapatilha de boxer, que é pra melhor flutuar dentro dos ringues. Melhor treinamento. Pra dar leveza pro pé porque o tênis pesa um pouco. São os meiões que protegem a panturrilha que é uma área de fácil lesão porque a musculatura é diferenciada. Aí a calça legg pra proteger a perna ou a bermuda, mas as bermudas não podem ser muito curtas<sup>120</sup>. As bermudas devem alcançar até a altura dos joelhos por causa do conforto. E pelo fato de já estar em um lugar que tenha muito homem, a gente também tem que dar uma certa preservada. Entendeu? E blusa. Na maioria das vezes eu sou adepta de estar sempre com a barriga coberta. **Não costumo estar com a barriga de fora. Em função justamente disso. Porque quando você está no combate, cada toquezinho daquele na barriga você vai fazer hematomas. Então quanto coberta estiver, impede o atrito com a***

---

<sup>120</sup> Segundo o Art. 29 do Capítulo IX do Regulamento Técnico de Boxe Profissional, referente ao vestuário, os boxeadores deverão estar vestidos com calções com comprimento mínimo até a metade da coxa.

*pele. Eu uso de tudo. De preferência... eu não sou muito fã de rosa, mas eu uso mais o rosa porque ele é mais feminino. Porque pra tá justamente mostrando esse lado que não tem nada a ver com a questão masculina. Entendeu? Mas na maioria das vezes eu não tenho uma preferência de cor não.*

Percebe-se que a demonstração do feminino, para Kátia, não está no verbalizar, mas na apresentação. Ainda que a imagem da professora seja um cartão de visita para as leigas e não adeptas do pugilismo, o medo da banalização da forma física é uma preocupação para a profissional, justamente por se tratar de uma academia gym e também projeto social, cuja principal missão é o afastamento dos alunos da criminalidade por meio da pedagogização pelo esporte.

### **Inserção em outras esferas do esporte e administração do preconceito.**

Além do boxe e do judô, onde Kátia iniciou no ramo da luta, a professora também já fez capoeira e futebol feminino. Atualmente, ela é presidente da Liga de Futebol de Salão do Cantagalo.

*A Liga tem oito anos de existência. O futebol você já sabe que é uma paixão nacional, mundial, global. Então dentro da minha comunidade nós temos muitos talentos. E existia um grupo de trabalho, né, a Liga é composta por cinco membros, e esses membros são todos veteranos e a gente tinha a necessidade de realizar eventos. Então eu mesma, na Liga, eu tenho cinco anos só, mas a Liga existe a oito. E eu sempre fiz parcerias com eles. O que que eram as parcerias? Eles vinham até a mim, pra tentar que eu ajudasse da melhor forma possível pra ajudar nos recursos. Bola, material esportivo, essas coisas todas. E foi aonde eu comecei a me infiltrar. Me infiltrar, me infiltrar, me infiltrar no meio. Depois eu tava envolvida por completo. Aí começamos a organizar grandes eventos. Daí surgiu a feitoria da Liga, que é a Liga Independente de Futsal do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho. Acopla toda a zona sul e aí vem times de outras comunidades: participar. Nós montamos eventos com quinze jogadores pra cada time. Então é um evento grandiosíssimo, aonde nós utilizamos a arbitragem federada, pela liga e pela Federação Carioca de Futsal. Eu tenho dentro da minha liga times que representam a minha comunidade na delegação da rua. Jogando contra Flamengo, jogando contra Vasco da Gama, contra os clubes também de grande expressão. No futsal. E esse trabalho é um trabalho, assim, ele também não tem apoio de ninguém, ele sobrevive às custas dos próprios times desse grupo de cinco pessoas que botam a cara e acreditam nesse futebol. Porque desse futebol que tá saindo os talentos pra fora da comunidade.*

Assim como no Terceiro Round, onde as alunas revelam em qual modalidade esportiva aparece o preconceito, Kátia revela que, apesar de estar bem nivelado, no futebol é aonde a sua condição de mulher é mais testada.

*Olha, eu vou te dizer, (...) a luta porque é a concepção que nós temos, que nós tivemos, né? Está precisando mudar essa consciência. É da força do homem. O homem tem poder né? Não podia tirar essa coisa do poder do homem. Então ele vê uma mulher, isso pra cabeça do homem é meio complicado. Principalmente na luta. Imagina? Se eu fizesse uma luta com um cara e eu ganhar dele. Imagina pra cabeça dele? Como ele ia aguentar? Como ele ia botar a cabeça no travesseiro e dormir? E no futebol porque, no futebol o homem na área ele é o soberano. Então, ele acha que a mulher tem que ser dura que nem ele. É coisa pra homem! Então tem dureza, tem, como se diz, aquela coisa da estética, tem a disciplina, então ele não quer saber se a mulher é meiga, se a mulher é igual uma lady. Ele quer saber se a mulher vai tomar uma trombada igual a ele. Ele não quer saber! Então eu acho que é bem nivelado para os dois. Está se mudando aos poucos. No ramo da luta hoje até vejo bem à vontade. Conforme grandes expoentes da luta, então a mulherada vai cair na reta pra entrar no vale-tudo, então tá se mudando um pouco esse conceito. E no futebol nós temos a mulher do futebol feminino que representa o Brasil muito bem, temos a Marta aí que foi duas vezes campeã, é do mundo, então aos pouquinhos as gerações futuras vão aproveitar melhor essa expressão do preconceito. (...)*

Apesar de amante, a professora nunca se viu uma jogadora, assim como uma vez já desejou ser uma lutadora de boxe profissional. Para ela, sua ambição talvez viesse na preparação dos atletas, mas não atuando em campo, visto que não tem o dom futebolístico.

*Na parte do futebol, o que eu, vou te dizer, eu me preocupo mais com a parte burocrática. Mas eu não me integraria. Só se fosse com a questão da preparação física. Que é uma coisa que eu gosto. Eu gosto. De mexer com a parte física do corpo. Só se fosse isso. Mas a didática mesmo, não me vejo a altura pra poder. Porque teria que ter muito estudo e muito amor porque eu volto de novo a falar pra você, a pessoa já nasce pra aquilo. Não adianta. O cara tem um olho clínico. Os grandes expoentes dos treinadores brasileiros e treinadores também, porque tem treinadores mulheres, muito pouco, mas têm, eles já nasceram pra aquilo ali. Tem a alma pra conduzir uma cabeça dentro de um gramado. Não me vejo nessa condição. Entendeu? Me vejo assim, fazendo a preparação física deles pra enfrentar o mercado de trabalho.*

Em relação ao julgamento familiar, apesar de já terem se *acostumado com as duas estéticas*, a aceitação é maior no boxe devido a construção da carreira. *Porque basicamente montei meu trilha na vida. Todos os filhos que tenho na academia, os jovens lutadores que passaram pela minha mão, todos eles trazem um pouquinho da minha marca.*

### ***Balé nasceu pra flutuar, como uma borboleta.***

Assim como entre as alunas das academias *Physical* e *Nobre Arte*, apesar da admiração pela dança, o estilo não é compatível ao da apreciadora de boxe. A identificação com a leveza, com o *esporte de menina*, esteve presente somente nos primeiros anos da infância e, também, por influência dos pais.

*(risos) Dança de Salão sim. Depois de velha. Já na fase adulta. Agora balé era um sonho de quando a gente era pequenininha. Você vê aquelas coisas e todo mundo tem sonho de ser bailarina. Mas isso não durou muito tempo não. Isso deve ter sido até os sete, oito anos, mas aí foi mudando tudo. (...) Porque eu gosto muito de luta. Então no começo, até por influência dos pais, todo pai quer que a filha faça balé. Então a gente tem essa influência sim da família. Aí depois eu passei a querer fazer judô então mudou tudo. Acabou com esse negócio de menina, de bailarina. Ah, mas eu acho lindo porque o balé é clássico né? Então eu vejo como uma coisa mais meiga, mais doce. Então balé nasceu pra flutuar, como uma borboleta. Que não é o meu caso. No meu caso eu to acostumada com uma coisa dura, severa, áspera. Então por isso que uma coisa distingue uma da outra.*

### **Feminilidade x masculino.**

A *coragem*, fator de distinção neste segmento de feminilidade, não promove, para Kátia, a intimidação do público masculino. Todavia, para o homem inserido na luta, a mulher no boxe remete o cuidado, isto é, do risco de ter um desempenho superior no *ringue*.

*Vindo de homem pra homem, vem o respeito. É tudo o que buscam: o respeito. O conceito do respeito. Agora, pro homem que pratica luta ... intimidar, intimida não. Ele já olha ela com outros olhos (...) de que não pode.... intimidar não. Ele olha ela com outros olhos. Tipo:*

*- Eu não posso dar mole. Essa daí não é nenhuma Barbie. Com essa aí tenho que tomar cuidado.*

A intimidação dos praticantes de boxe foi uma constante no início da carreira de Kátia.

*No começo estranho. Porque **no começo da minha carreira eu quis passar a técnica de professora, de não ser apenas um corpo bonito.** Uma mulher bonita. Isso foi sempre um cuidado que eu tomei muito grande e que sempre tive. Porque além de ser muito dedicada na minha profissão, eu sempre dei o melhor de mim. To sempre me capacitando cada vez mais pra atender as necessidades dos meus alunos. Então no começo foi difícil. Hoje eu vejo como uma coisa mais natural. Porque eu consegui um respeito muito grande. Então facilitou um pouco mais. Porque hoje quando alguém dá uma*

*referência minha pra um aluno, você vai treinar com a melhor treinadora mulher, a melhor que tem no país. E isso não tem preço. Não tem nada que pague. É o reconhecimento do trabalho. Mais do que tudo. No começo foi muito difícil. Até que eles acreditassem no meu potencial bateu um pouco de insegurança.*

Contudo, a *superação*, marca distintiva desta professora, foi determinante para a conquista do respeito entre o público masculino. Ser *ativa* também é um fator que a torna singular em relação a uma não praticante de boxe.

*Olha, eu costumo dizer isso: porque eu tenho uma vida muito intensa. E eu tiro pelas minhas amigas que não conseguem acompanhar meu ritmo. Elas mesmas falam que eu sou muito ativa. Porque minha vida é muito acelerada. Eu não sei se as pessoas não me acompanham ou se sou eu que sou acelerada demais. Então o único diferencial é esse: é uma disposição extra. Eu consigo em um dia fazer milhões de coisas. Inclusive coisas que muita gente não consegue.*

Tal virtude, promotora da admiração de outras mulheres, garante o que Kátia define como o maior prazer proporcionado pelo boxe: *o bem estar* de poder praticar um esporte *que é considerado só para homem* e, conforme suas palavras, independente que *eu vou apanhar, estarei de pé*. O *bem estar* que lhe permite dividir um espaço em posições de igualdade, sem abrir mão da feminilidade.

*Porque as pessoas associam o boxe com a virilidade. Então ele nunca está ligado diretamente à feminilidade. Isso foi uma coisa que eu sempre quis mudar. A diversidade. Sempre mostrei que uma coisa não tinha nada a ver com a outra. Porque dependendo da ocasião, a atitude faz prevalecer a menina... é quando você vê o instinto mesmo da mulher. A coisa da mulher. O instinto da mulher e o instinto do homem. Aí eu digo: é esse tipo de atitude que eu falo. Entendeu? É instintivo. Porque tem mulher que vira uma leoa. Pra defender o seu filho ela vira um bicho. Na hora ela esquece que é mulher. E tem o cara, que é uma moça. Quando ele pensa que vai tomar determinada atitude, ele fraqueja. Então atitude pra mim responde tudo.*

De uma feminilidade não *viril* como afirma este ícone. *Porque eu sempre fui muito feminina. Bato nessa tecla porque sou muito feminista mesmo. Assumo isso com todas as minhas forças*. De uma feminilidade que compõe uma identidade social.

\*\*\*

A apresentação dos dados que compõem a identidade dessas alunas e professora foram suficientes para retomarmos ao primeiro questionamento que levanto na introdução desta dissertação de mestrado. Como essas mulheres lidam com o feminino em uma prática a princípio - sob os olhos de um inconsciente nacional coletivo - masculina?

O julgamento dos professores, que impõem desafios aquelas que almejam a profissionalização e as condições impostas pela família - neste caso ressaltam o pai e o marido/companheiro - estabelece uma relação de negociação, relatada por diversas alunas no Segundo *Round* e definida pelo pesquisador como Dominação Negociada.

Em uma primeira leitura nota-se a Dominação Masculina de Bourdieu (1998) no cotidiano dessas alunas, principalmente entre as frequentadoras da *Academia Physical*, em Augusto Vasconcelos. Entretanto, a academia é o espaço para que todas as tensões possam ser postas para fora, um momento de libertação que procurei descrever nas duas academias analisadas.

Mais especificamente na *Physical*, é o momento das brincadeiras, seja entre as próprias alunas, seja também com o professor. O fragmento abaixo ajuda a compreender um pouco sobre esta relação.

*Rose diz para Maurício, professor de boxe:*

*- Terça nem consegui torcer para o Brasil. Tanto treino!*

*Sonia:*

*- O professor arrancou o coro da gente! Prefiro nem comentar.*

*Os exercícios duram um minuto, com intervalo também de um minuto. Nesta etapa, cada uma teria que pular corda, fazer abdominal e movimentar os braços para frente e para o lado com pesos.*

*Sonia grita:*

*- Quero comer batata frita com catchup! To estragando a aula.*

*Rose começa a engatinhar pelo tatame e fala para Maurício:*

*- Você está rindo?! Tenho que ir engatinhando. To quase tendo um filho.*

*Todas as alunas reclamam do treino, apesar de estarem gostando das aulas e principalmente do professor. Embora não tenha sido feita nenhuma pergunta, o carinho pelo professor é notório.*



*Maurício reclama da demora das meninas na preparação para o outro exercício.*

*- Passa a bandagem, depois passa o batom.*

*Sonia diz:*

*- Mas eu nem trouxe o batom!*

*(...)*

*Dessa vez o descanso é de trinta segundos e o treino de um minuto. Fernanda olha para mim e diz:*

*- Mulher é muito engraçada! O que o professor fez para merecer isso?!*

*Fernanda encarna em Rose:*

*- Que isso!!! Parece uma velha de praça. Olha só ela se levantando!!!*

*Elas riem do próprio desempenho. Chega a hora do descanso e Rose pergunta a Maurício se pode beber água. Ela comenta para todos:*

*- Daqui não faço mais nada. Parto para casa.*

*No alongamento todas tem que por a cabeça no joelho. Fernanda diz:*

*- O professor acha que a gente tem quinze anos!*

*Maurício:*

*- Que isso! To quase cinquentão e ainda consigo!*

*Sonia mais uma vez grita:*

*- Nossa! Minha meia tá preta!*

*E mais uma vez ri e diz para todas:*

*- Aula sem mim é aula morta!*

O mesmo diálogo se repete no dia dois de setembro de 2010. Maurício, como de costume, fala mais uma vez para as alunas:

*- Vocês estão conversando muito!*

*Outra aluna diz em voz alta:*

*- É triste ser velha!*

*Maurício:*

*- Aqui é água com açúcar. Na Delfim não é assim não.*

*Essa mesma aluna pergunta para Maurício:*

- *Por que você pega mais leve com a gente?*

*Maurício responde:*

- *Porque vocês são iniciantes!*

*Na hora das alunas pularem corda Sonia pede para que Maurício também pule com elas.*

- *Faz com a gente professor!*

- *Aí vou humilhar vocês!*

*Sonia de maneira irônica diz:*

- *Ah! Cada um tem seu ritmo!*

*Michele comenta com as meninas:*

- *O verão está aí!*

*E Maurício responde:*

- *Vocês ficam conversando. Por isso que estão cansadas.*

*Ao ouvir, Rose diz:*

- *Professor, pega leve!*

*Michele, que é noiva de Maurício, diz para todos:*

- *Meu posto de rainha da bateria está aí.*

*Maurício:*

- *O que? Não ouvi.*

*Todos começam a rir, eu inclusive. Sonia, irônica como sempre, fala:*

- *Os papos estão muito pra frente. Maurício não pega o nosso ritmo!*

*Rose vira para mim e diz:*

- *Coitado do Pedro! Ele vem aqui para ouvir um bando de besteiras!*

Pelo fato do público feminino nas aulas de Kátia ser minoria, a libertação aparece nos momentos em que as alunas desafiam os colegas do sexo masculino. Durante as aulas era muito recorrente comentários como *quero ver se vocês agora têm energia pra fazer sexo*, ou *nossa, você pulando parece mais uma gazela*, questionando a virilidade do sexo oposto.

Essa libertação também é aplicável aos dissabores do dia-a-dia. A academia também é um espaço para por para fora os aborrecimentos decorrentes da relação jocosa

entre chefe e empregado, das desavenças familiares e do *stress* de se viver em uma metrópole.

Percebe-se também a importância da estética deste estilo de feminilidade. Seja no visual, aparente nas duas academias investigadas, seja no argumento pela procura, o valor ao belo feminino está presente, seja direta (a preocupação com o peso e enrijecimento muscular das alunas de Vasconcelos) ou indireta (ao receio de ficar com hematomas que ferem a imagem dessas alunas).

A mulher que pratica boxe é uma mulher que se posiciona ou o boxe faz com que a mulher tenha esta postura em seu dia-a-dia? A rivalidade entre o mesmo sexo é um signo também distintivo desta feminilidade? Infelizmente são questionamentos que surgem após a finalização do trabalho de campo e análise do material. Por desconhecer estudos ligados a estas duas temáticas, não teria como “criar qualquer tipo de análise” ou correr o risco de escrever pré-noções.

Entretanto, são questões cativantes, que registro neste trabalho e que possivelmente poderão ser estudados pelo presente pesquisador ou aqueles interessados em desvendar um pouco mais desta feminilidade.

Posso dizer que, tomando por base algumas características tidas como tipicamente masculinas pela nossa sociedade (virilidade, agressividade, coragem, força, determinação), versus as tipicamente femininas (delicadeza, romantismo, intuição, sensibilidade, sentimento materno) pude constatar em um esporte com traços visivelmente masculinos, por esses parâmetros, que no mundo do boxe há um conflito entre categorias arraigadas culturalmente e uma visão que subverte esse padrão. Isso foi constatado através de depoimentos e de expressões de praticantes homens e mulheres, de diferentes faixas de idade.

Retomando autores citados na introdução, podemos dizer que tanto a abordagem de Bourdieu quanto a de Butler a respeito do masculino podem ser úteis, e são complementares. O termo que utilizo como Dominação Negociada é um *mix* dessas duas visões. As maneiras de driblarem com as proibições dos maridos, companheiros e pais representam um modelo de dominação, não no sentido lato de Bourdieu e tampouco de uma *sociologia feminista* (Scavone, 2008), em que a construção da análise de gênero esteja ligada a fatores históricos e, sobretudo, a partir da militância do

movimento feminista. A teoria, neste caso, se assemelha muito mais a relação entre vítima e algoz e que, neste caso, o último papel também pode ser exercido por uma figura feminina, visto que a relação de dominação e de violência simbólica ocorre, como a etnografia demonstrou, entre chefe e empregada, e, em alguns casos, na antiga relação de dominação e violência simbólica entre patroa e empregada doméstica. A condição sexual não estipula uma condição de igualdade (Scott, 2005). Por isso, reforço, desde o início da dissertação, a construção de gênero de Butler, isto é, de que tanto sexo quanto gênero são categorias não naturais e socialmente construídas.

A academia de boxe é o espaço do extravaso e onde essas mulheres podem exercer de fato todo o seu *estilo de feminilidade*. É no socar o saco, nos exercícios em sala de aula, no aprendizado dos movimentos e princípios do boxe que se revela a construção deste gênero; é no descarregar dessa energia, remoída pela dominação de seus algozes (companheiros, maridos, filhos, família e chefe) que essas mulheres exercem esse modelo de libertação. É nesse espaço em que elas *desafiam* os colegas do sexo masculino e onde também se preparam ou se descobrem capazes de se posicionarem e encarar a violência simbólica na relação entre os algozes.

É também no ritual de preparação para a aula, na escolha da indumentária, que essas mulheres revelam a preocupação com a beleza, outra marca distintiva deste estilo de feminilidade. O vídeo, metodologia utilizada pelo professor para o aprimoramento a partir do observar e também para a auto-promoção deste profissional, serviu para mostrar como o ampliar da exibição traz a tona o valor do belo para essas mulheres. São nesses exercícios em que elas constroem seus corpos; onde a dor, para umas, é um índice de que os resultados (o tônus muscular) estão por vir; e também onde as cicatrizes e hematomas não são bem vindos, pois ferem a imagem de beleza.

A partir dos dados e análises trabalhadas, conclui-se que o masculino e o feminino, no território do boxe, se configura como uma construção sócio-cultural, econômica e linguística.

## BIBLIOGRAFIA

ADELMAN, Miriam. “Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina”. *Revista Estudos Feministas*. V. 11, n. 2, Florianópolis, jul./dez. 2003.

ARCHETTI, E. P. *Masculinidades. Fútbol, Tango y Polo en la Argentina*. Buenos Aires: Editora Antropofagia, 2003.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. *O Poder Simbólico*; tradução Fernando Tomaz. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 1998.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO DE OLIVEIRA, L. *Direito Legal e Insulto Moral: dilemas da cidadania no Brasil, Quebec e EUA*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

CECCHETTO, Fátima Regina. “Estar Lá, Escrever Lá”, resenhado por Fátima Cecchetto (Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da UERJ). *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. Vol. 13 nº1. Rio de Janeiro: Jan./Jun. 2003. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312003000100010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312003000100010)

\_\_\_\_\_. *As galeras: emoção e disposição nas rixas*. Violência e estilos de masculinidade. Rio de Janeiro, FGV, 2004. P.115-138

\_\_\_\_\_. “Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe”, resenhado por Fátima Cecchetto (Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da UERJ). <http://www.antropologia.org.br/res/res10.htm>

CHAVES, Alex Sandro; CAPRARO, André Mendes Capraro. “O futebol feminino: uma história de luta pelo reconhecimento social”. *Revista Digital* – Buenos Aires – Año

12 – Nº111 – Agosto de 2007. <http://www.efdeportes.com/efd111/o-futebol-feminino.htm>

COELHO, Claudio. *Boxe: método de aulas para treinadores iniciantes*. Rio de Janeiro: Prestígio Editorial, 2006.

\_\_\_\_\_. *Este Sou eu: da favela para o mundo*. Rio de Janeiro, 2010.

DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 1991.

DARIDO, Suraya Cristina. “Futebol Feminino no Brasil: Do seu Início à Prática Pedagógica”. Universidade Estadual Paulista, 2002.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. Editora Perspectiva, 1982.

DUARTE, Luiz Fernando Dias - *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Brasília: CNPq, 1986.

DUMONT, Louis. “O valor nos modernos e nos outros”. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURÃO, Susana. “O corpo, o gueto, e o Estado Penal”. Entrevista com Loïc Wacquant. *Etnográfica*, n. 12(2): 455-486. Lisboa, Nov. 2008.

ELIAS, Nobert. “Introducción”. In: ELIAS e DUNNING, *Deporte y ocio en el proceso de la civilization*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992. (p.31-81)

\_\_\_\_\_. *A Busca da Excitação*. Memória e Sociedade. Ed. Difel, 1985.

FARIA, Cristina Pedroza de. *Corpos de ringue: Encontros de discursos e práticas, representações e imagens na experiência de participação em um projeto social, entre jovens moradores da Maré (RJ)*. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2005.

FERRETI, Marco A. de Carvalho; KNIJNIK, Jorge Dorfman. “Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias” in: *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, nº01, p. 57-80, janeiro/abril de 2007.

\_\_\_\_\_. “Se for lutar vai apanhar!: um estudo quantitativo sobre hábitos e modos de lutadoras universitárias de boxe, caratê e capoeira.” *Revista Digital*. Buenos Aires: ano 14. N. 135, Agosto 2009. <http://www.efdeportes.com/efd135/habitos-de-lutadoras-de-boxe-carate-e-capoeira.htm>

FONSECA, Claudia. *Família, Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

FOOTE-WHYTE. *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio, 1998.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Editora Vozes, 1975.

\_\_\_\_\_. *Estigma: Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada*, Gen/LTC, Rio de Janeiro, 2008.

GUEDES, Simoni Lahud, FILHO, Pedro Pio Azevedo de Oliveira e NOVAES, Roberta Brandão. “Meninos e meninas no campo de futebol: concepção de gênero em um projeto social”. In: GUEDES, Simoni Lahud (org.). *Gênero e Sexualidade: estudos em torno da Pesquisa Social Brasileira (PESB)*, Niterói: Intertexto, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Brasil no Campo de Futebol. Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: Eduff, 1998.

LUTZ, Catherine. *Unnatural Emotions: Everyday Sentiments in a Micronesian Atoll and their Challenge to Western Theory*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

MALINOWSKI, Bronislaw. [1922] *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Rio de Janeiro: Abril, 1978.

MARTIN, Emily. “Metáforas médicas do corpo da mulher”, “Menstruação e Menopausa” e “O Parto” In *A Mulher no Corpo: Uma análise da reprodução*, pp.67-123, Garamond Universitária, 2003.

MAUSS, Marcel. (1923-4) “Ensaio Sobre a Dádiva. Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas” In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

\_\_\_\_\_. “As técnicas corporais”. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Epu/Edusp. Vol. II, 1974.

\_\_\_\_\_. “A expressão obrigatória dos sentimentos”. In: Mauss, M. São Paulo: Ática, 1979 [1921] p. 147-53 (Grandes cientistas sociais, 11)

MENNESSON, Christine. CLÉMENT, Jean-Paul. “Boxer comme un homme être une femme.” *Revista Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Ed. 179. Paris: Seuil, set. 2009.

NUNES, Cláudio Ricardo Freitas. “Entre as Cordas do Ringue: construções de masculinidades na prática das artes marciais combinadas”. Anais do VII Seminário Fazendo Gênero. ESEF/UFRGS, 2006.

OLIVEIRA FILHO, Pedro Pio Azevedo de. “Berreco e Catanha. Vilão e Mocinho. Um estudo de caso”. Artigo apresentado na VII Reunião de Antropólogos do Mercosul (RAM). Buenos Aires: 2009.

\_\_\_\_\_. “Representações sobre Masculinidade: um estudo de caso”. Artigo apresentado na V Jornada dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. PPGA-UFF. Niterói: 2009.



\_\_\_\_\_. É de menino que se torce o pepino. Concepções de masculinidade em projetos sociais esportivos. Monografia de Conclusão, Ciências Sociais, UFF, 2005.

PEIRANO, Mariza. *Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica*. Universidade de Brasília, série Antropologia, nº 305, Brasília, 2001.

PISCITELLI, Adriana. “The Gender of the Gift”. Resenhado por Adriana Piscitelli (Doutoranda em Ciências Sociais pela UNICAMP). *Cadernos de Pagu* (2) 1994: pp. 211-219.

REYNA, Carlos Pérez. “Vídeos e Pesquisas Antropológicas: *encontros e desencontros*”. UNICAMP, 2005. <http://www.rc.unesp.br/igce/planejamento/nuppag1/vid%20e%20pesq%20antrop.pdf>.

RODRIGUES, Carla. “Butler e a desconstrução do gênero”. *Revista de Estudos Feministas*. Vol. 13 nº1. Florianópolis Jan./Apr. 2005.

ROLDÁN, D. L. Q. “Como ser boxeador en Colombia. Breve inventario en el que la realidad copia”. *Revista Científica UNINCCA*. Bogotá, D. C., I-2009.

ROSALDO, M. Toward and Anthropology of Self and Feeling. In: R. Seweder & R. LeVine, (org.) *Culture Theory. Essays on Mind, Self and Emotion*. Cambridge University Press. 1984: 137-157.

SARTI, Cynthia A. “A Dor, o Indivíduo e a Cultura”. *Revista Saúde e Sociedade*. Vol. 10 nº1. São Paulo Jan./Jul. 2001. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902001000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902001000100002)

SCAVONE, Lucila. “Estudos de Gênero: uma sociologia feminista?” *Revista Estudos Feministas*. Vol. 16. Nº1. Florianópolis: jan./apr. 2008. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2008000100018&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000100018&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)

SCOTT, Joan. “O enigma da igualdade”. *Revista de Estudos Feministas*, v.13, nº1. Florianópolis, jan./abr. 2005.

SERRES, Michel. “O que é Identidade?” *Le Monde de l'Éducation et de la Formation*: jan. 1997 (tradução de Silvio Barini Pinto, com revisão de Júlio César Pimentel Pinto Filho.)

SIMIÃO, Daniel Schroeter. “Representando Corpo e Violência: a invenção da ‘violência doméstica’ em Timor Leste”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 21, nº61. São Paulo, jun. 2006.

STRATHERN, Marilyn. *O Gênero da Dádiva*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

THOMAZINI, Samuel Oliveira. MORAES, Cláudia Emília Aguiar. ALMEIDA, Felipe Quintão de. “Controle de Si, Dor e Representação Feminina entre Lutadores(as) de Mixed Martial Arts”. *Revista Pensar a Prática*. Goiânia: UFG. 2008.

TURNER, Victor. *Betwixt and between: o período liminar nos ‘ritos de passagem’*. Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu. Niterói: Eduff, 2005.

\_\_\_\_\_. *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.

UMA CONVERSA COM MICHEL SERRES. *Revista Novas Tecnologias e Sociedade Pedagógica*. Tradução de Ricardo R. Teixeira (com a colaboração de Frédéric Petitdemange), edição (com a colaboração de Rogério da Costa). Universidade de São Marcos, São Paulo, 1999.

VILLELA, Jorge Mattar. “Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe”, resenhado por Jorge Mattar Vilella (Doutorando, PPGAS-MN-UFRJ). *Revista Mana*, vol. 8. Nº2 Rio de Janeiro, 2002.

WACQUANT, Loic. *Corpo e alma. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2002.

WAGNER, Roy. *A Invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naif, 2010.

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*, Parte 2. São Paulo: Cortez, UNICAMP, 1992.

ZALUAR, Alba. *Cidadãos não vão ao paraíso. Juventude e política social*. São Paulo: Editora Escuta. Campinas. Editora da Unicamp, 1994.

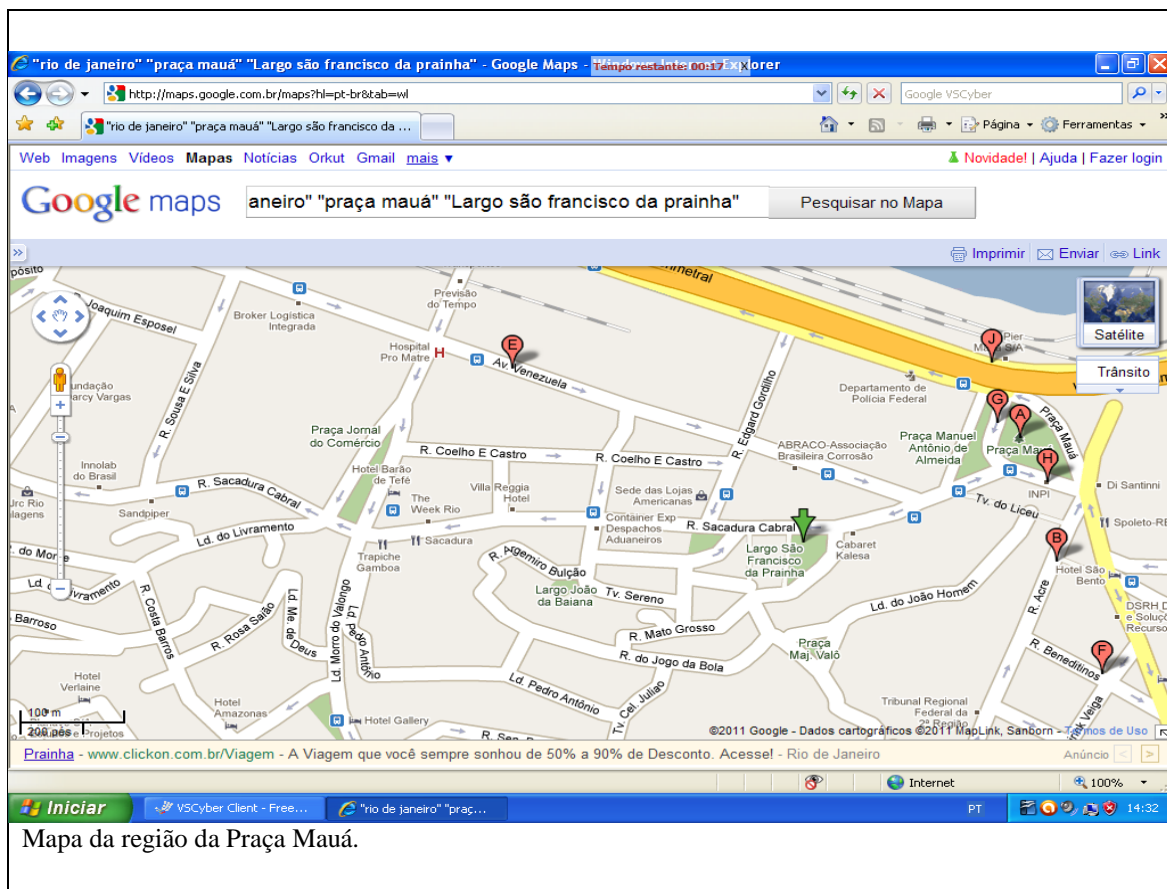
## **ANEXOS**

## Anexo I – Registro Fotográfico e Mapas do Campo.

### ACADEMIA SANTA ROSA



Largo São Francisco da Prainha – Praça Mauá.

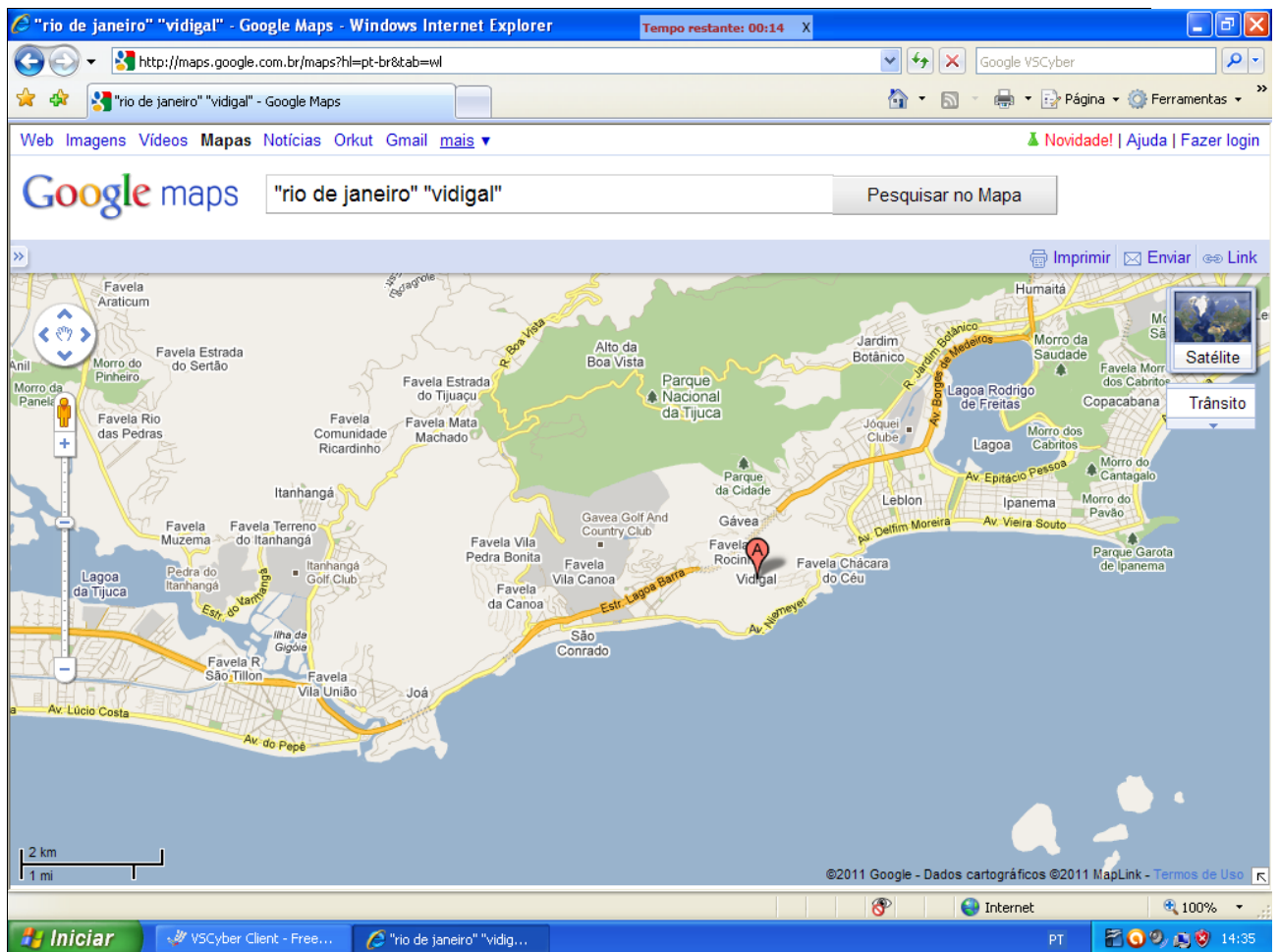


Mapa da região da Praça Mauá.

**ACADEMIA RAFF GIGLIO**



Favela do Vidigal.



Mapa da comunidade do Vidigal e proximidade entre os bairros do Leblon e São Conrado.

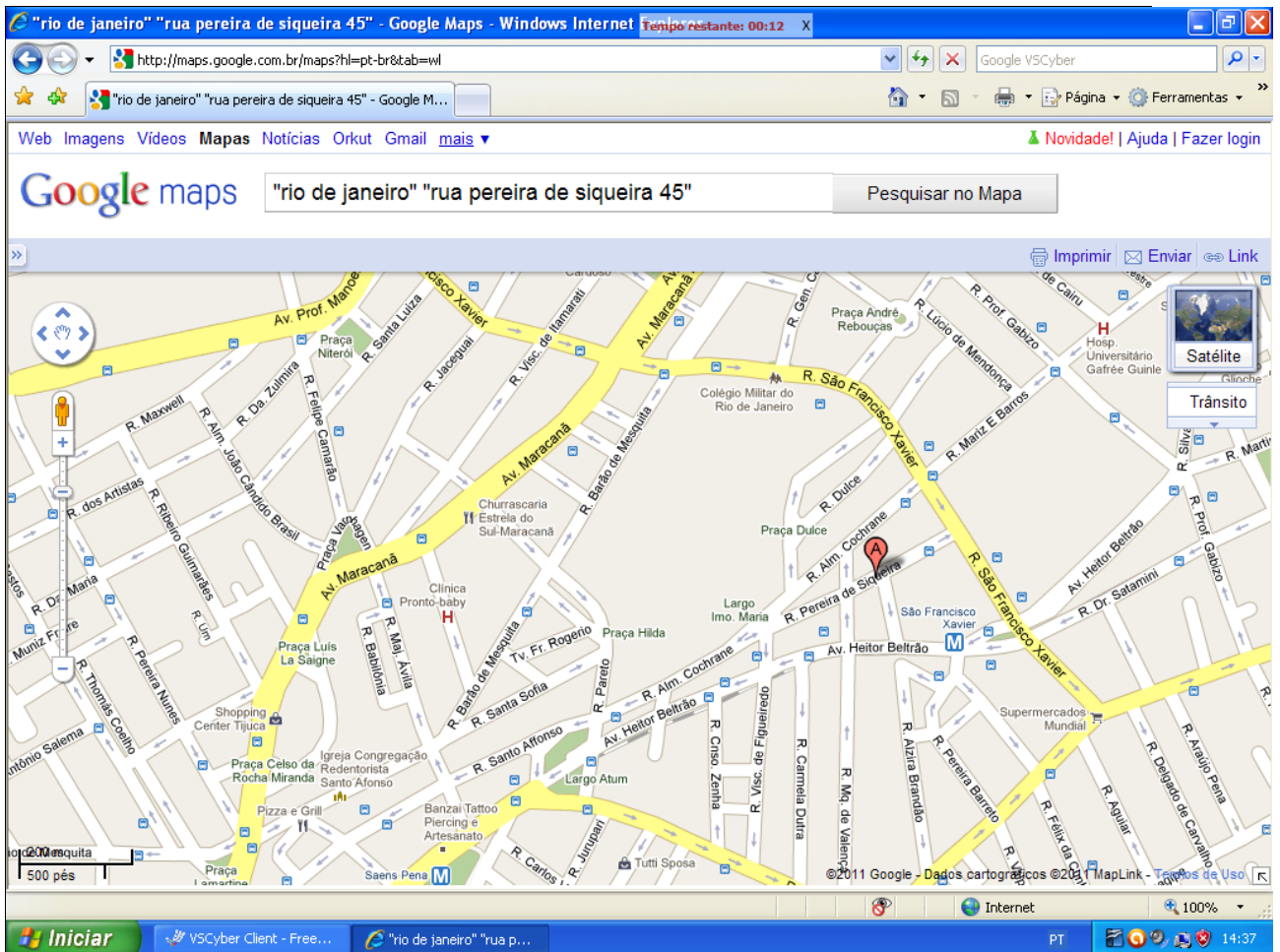
## ACADEMIA DELFIM



Logo da Academia Delfim. Acervo do prof. Maurício.



Ringue com materiais oficiais e importados. Acervo do Prof. Maurício.



Localização da Academia *Delfim* – Praça São Francisco Xavier – Tijuca.



## ACADEMIA *PHYSICAL*



Academia *Physical*, situada na Estrada Moriçaba. Augusto Vasconcelos – Campo Grande.



Fachada da Academia *Physical*.



Primeiro andar. Sala de musculação e ergometria.



Segundo andar. Sala de musculação e *spinning*.



Segundo andar. Sala de musculação.



Terceiro andar. Sala de lutas.



Da esquerda para direita. Acima: Prof. Maurício, Michele, rapaz e Cassiane. Abaixo: Rose e Sonia.



Da esquerda para direita: Sidney, Fernanda e Sonia.



Ruth



Daiane treinando com Maurício.

### AUGUSTO VASCONCELOS – CAMPO GRANDE



Avenida Santa Cruz.



Auto-viação Jabour.



Casa de Show Big Field.



Casas em Augusto Vasconcelos.



CIEP Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda.



Centro Gerontológico.



Estrada Moricaba. Onde fica a academia *Physical*.



Vista da academia *Physical*.

de Av. Ns. de Fátima - Santa Teresa, Rio de Janeiro - RJ a Augusto Vasconcelos Tempo restante: 00:29 Windows Internet Explorer

http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-br&tab=wl Google VSCyber

de Av. Ns. de Fátima - Santa Teresa, Rio de Janeiro - ...

Web Imagens Vídeos Mapas Notícias Orkut Gmail mais

Novidade! Ajuda | Fazer login

Google maps "rio de janeiro" "avenida nossa senhora de fátima" Pesquisar no Mapa

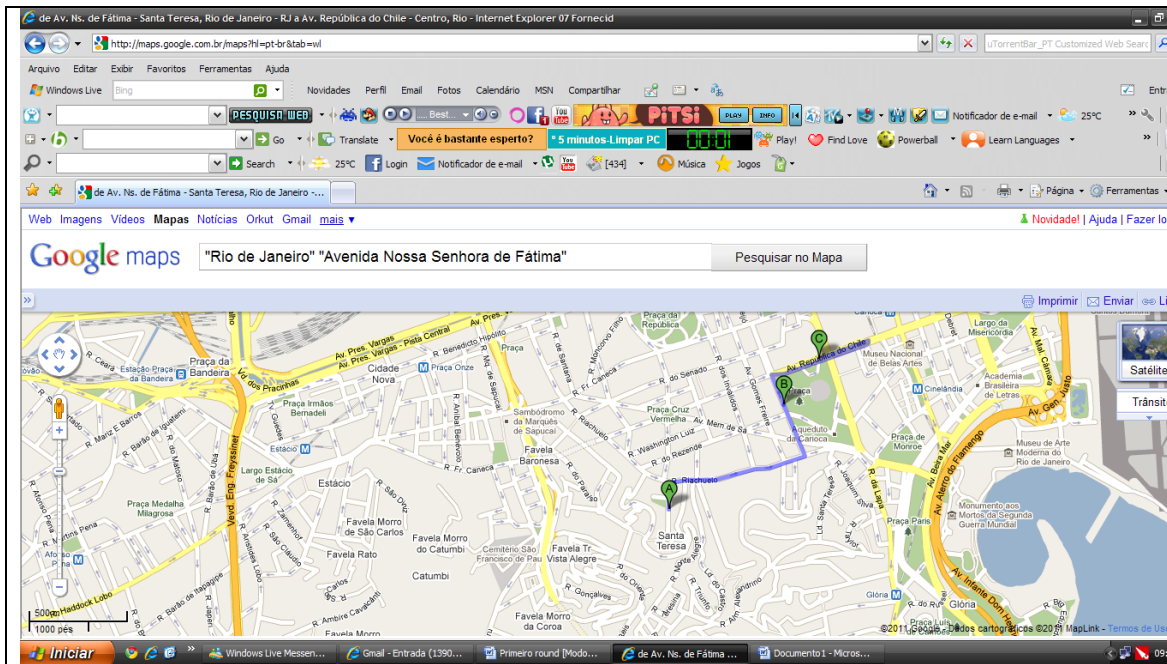
Imprimir Enviar Link

5 km 5 mi

©2011 Google - Dados Cartográficos ©2011 MapLink - Termos de Uso

Iniciar VSCyber Client - Free... de Av. Ns. de Fátima ... PT 15:24

Trajetos de minha residência até Augusto Vasconcelos. Distância de 39 km.



Trajetos de minha residência até o ponto de ônibus na Avenida Chile.

"avenida santa cruz" - Google Maps - Windows Internet Explorer

Tempo restante: 00:05

http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-br&tab=wl

Google V5Cyber

"avenida santa cruz" - Google Maps

Web Imagens Vídeos **Mapas** Notícias Orkut Gmail mais

Novidade! Ajuda | Fazer login

Google maps "avenida santa cruz" Pesquisar no Mapa

Imprimir Enviar Link

©2011 Google - Dados cartográficos ©2011 MapLink - Termos de Uso

Concluído

Iniciar W5Cyber Client - Free... "avenida santa cruz" ...

Internet 100%

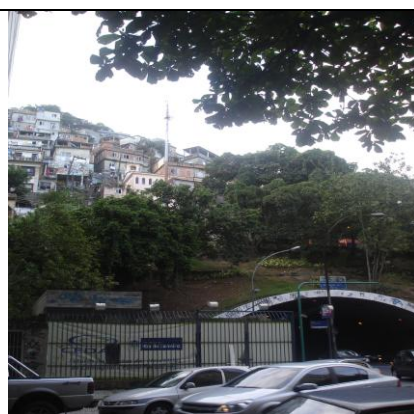
14:44

Mapa da Região de Augusto Vasconcelos.

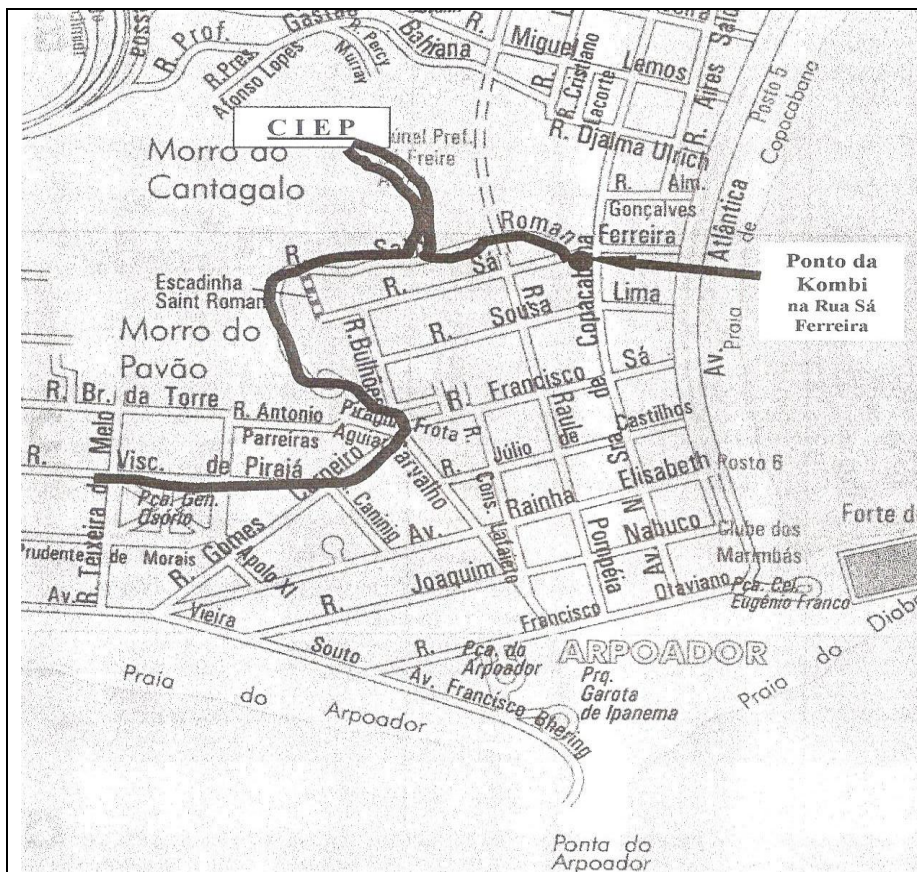
## CANTAGALO – PAVÃO-PAVÃOZINHO



Estação Ipanema/General Osório



Vista da comunidade Cantagalo/Pavão-Pavãozinho entre as ruas Sá Ferreira e Raul Pompéia.



Mapa indicando as duas entradas para a Academia. Fonte:

<http://www.academianobrearte.com/2009/03/entrada-pelo-alberto-de-campos-n-12-o.html>





Entrada para as comunidades Pavão-Pavãozinho e Cantagalo. Rua Sá Ferreira com Saint Roman.



Prédio onde situa a Academia Nobre Arte, no Cantagalo.

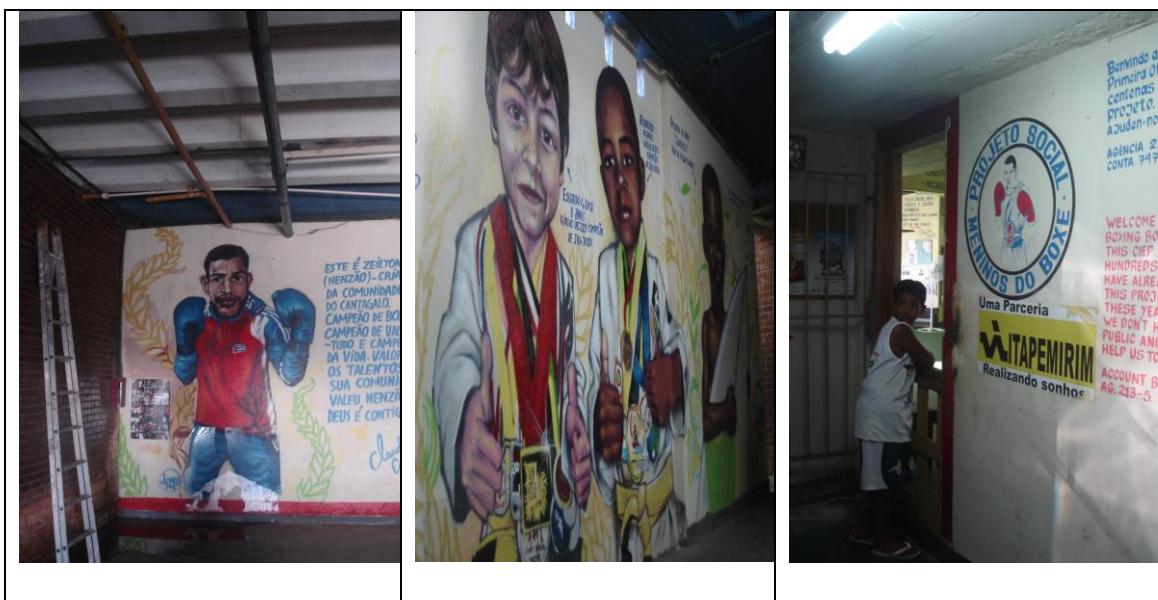


Caminho pela Rua Antônio Parreiras.

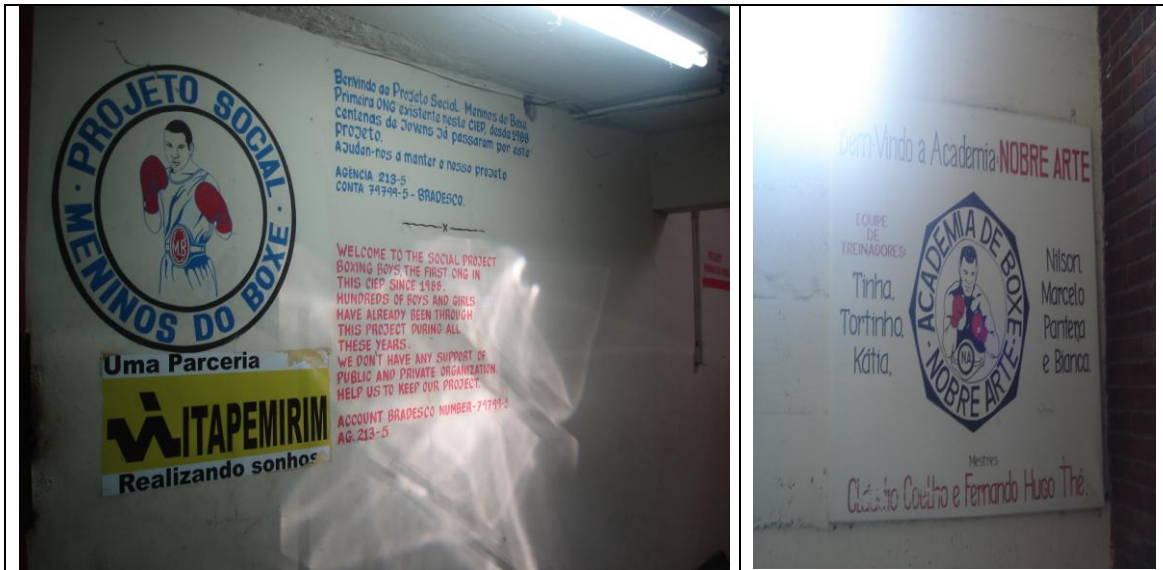




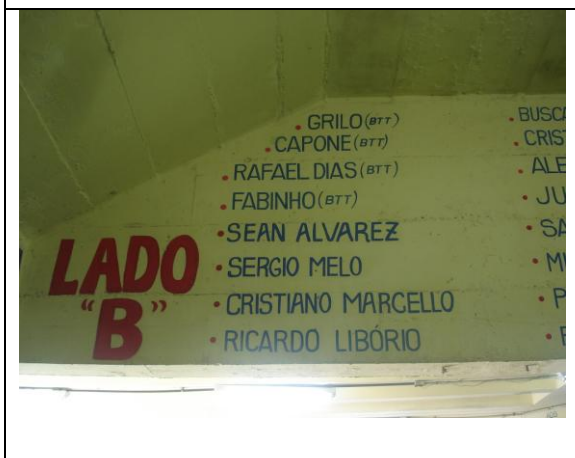
Mensagem em agradecimento à diretora do CIEP Presidente João Goulart pela confiança e permissão para a construção da academia de boxe nas instalações da escola.



Corredores do Brizolão que levam à academia *Nobre Arte*.



Projeto Social Meninos do Boxe e placa indicando a Academia Nobre Arte.





Claudio Coelho com o surfista Kelly Slater.



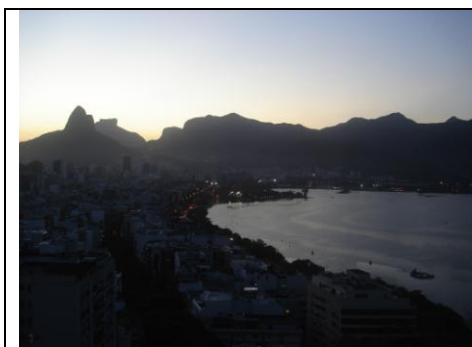
Claudio Coelho com o mestre Helio Gracie.



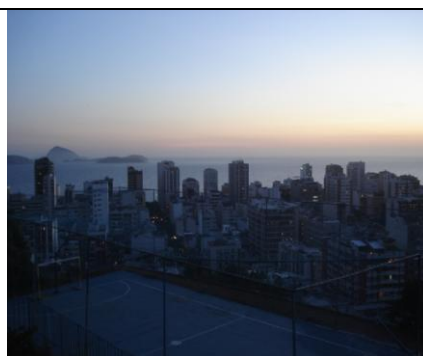
Claudio Coelho com Mike Tyson.



Claudio Coelho nos Emirados Árabes.



Vista da *Nobre Arte* para a Lagoa Rodrigo de Freitas.



Vista da *Nobre Arte* para o mar de Ipanema.



Aula do professor Joel.



Aula do professor Joel.



Natália (à esquerda) treinando na aula de Kátia.



Cida (de rosa e ao fundo) treinando na aula de Kátia.

## Anexo II - A Origem do Boxe.

De acordo com a narrativa dos interlocutores profissionais:

*O boxe masculino veio das olimpíadas, na cidade de Olímpia, na Grécia Antiga. Eram quatro modalidades de esportes. O disco, o dardo, a maratona (a corrida) e o pugilato. Que você vê nas fotografias da época que era o testemunho devido da própria situação de guarda. O mundo segue, várias fases se passaram, e até você chegar na atual onde você entra numa academia como essa e começa a lutar e vê mais ou menos umas trinta mulheres praticando boxe.*

*Hoje a palavra olimpíada vem da palavra Olímpia. E que acontecia os Jogos Olímpicos de quatro em quatro anos e que permanece até hoje. Onde até as guerras paravam para fazer a Olimpíada. E ali jogava o pugilato. (...) E ali você vê imagens de 1700 parece que 1775 anos antes de cristo você vê o homem na posição de combate do boxe, na guarda. E a coisa foi se transformando de uma tal forma... depois o boxe sumiu na idade antiga e na idade média começou com o desenvolvimento na Inglaterra. E você deveria me perguntar o porquê do boxe ser nomeado Nobre Arte.*

*Nos idos de 1813, na Inglaterra, na Escócia, os nobres ingleses, tendo cavalos ariscos, empregados por seus ferreiros, fortes, que eram dois, faziam um acerto com outro lorde ou o seu (...) pra fazer a luta com o seu vassalo, com seu ferreiro, com seu empregado. E ali você assistia os nobres que faziam a luta dentro da platéia. E ai surgiu isso.*

*Surgiu nesta teia de nobres ingleses a figura de Queensbury. O Marquês de Queensbury, homem que definiu melhor o que deveria ser o boxe. Definiu regra, definiu a questão do peso, porque boxe é peso. Você pode ter 1,70 e pesar 80 que a categoria 80 é que define a luta. Definiu a questão do espaço, fazendo um quadro de faltas. No ringue, hoje, e por aí afora. (Doutor Maurício, Presidente da Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro)*

“Denominado em seus primórdios de Pugilato, seus lutadores usavam correias de couro para envolver as mãos e se apresentavam com o corpo inteiramente nu. Os vencedores dos confrontos recebiam como prêmio coroas de oliveira selvagem e grande prestígio em toda a Grécia Antiga.

Na idade média muito pouco se conhecia sobre este esporte, mas, ao final da Idade Moderna, o Pugilato, já conhecido como Boxe, era praticado pelos homens considerados os mais valentes das cidades européias e americanas, que se digladiavam para exibir coragem, força e resistência física em troca de remuneração, recebida em moeda corrente ou mercadoria.

Não existia número máximo de *rounds*, os lutadores tinham as mãos nuas e os combates eram desprovidos de regras. A violência era a tônica, sendo a vitória concedida àquele que resistia em pé enquanto seu adversário quedava prostrado no chão.

Posteriormente, o nobre inglês Marquês de Queensbury, entusiasta do Boxe, estabeleceu determinadas regras para este esporte, tornando-o mais justo, equilibrado e menos violento. Esta é a razão de o Boxe ser chamado também de *Nobre Arte*.

Criou-se a obrigatoriedade de uso de luvas, classificação dos contendores pelo peso do corpo e limitação do número de *rounds*, passando então o Boxe a ser considerado um verdadeiro esporte no mundo ocidental.

Em 1896 foi incluído nos primeiros Jogos Olímpicos do mundo moderno, surgindo assim o Boxe Amador, com regras substancialmente diferentes daquelas do Boxe Profissional.

Estudiosos do Boxe vêm procurando inová-lo ao longo dos anos, visando a uma maior segurança para os seus praticantes, preservando a emoção, peculiaridade do Boxe Amador tanto quanto do Boxe Profissional. (Coelho, 2006:49)

## **O boxe no Brasil.**

Segundo Dr. Maurício, o boxe chega ao Brasil no ano de 1898, mas o esporte só passa a ter notoriedade após as vitórias do pugilista John Eder Jofre. A página eletrônica da Federação de Boxe Rio Grandense faz um apanhado geral da história deste esporte no país, relatando o crescimento e os momentos de crise. Dados esses importantes a título de conhecimento.

“Como decorrência da colonização portuguesa, até o início do sec. XX, a prática desportiva era quase totalmente desconhecida no Brasil. Os raros esportistas limitavam-se a membros das comunidades de emigrantes alemães e italianos, no Rio Grande do Sul e em São Paulo. Foi só com eles que foi introduzida, entre nós, a idéia de competição esportiva entre dois homens ou entre equipes, principalmente em modalidades como canoagem e natação.

Além dessa falta de tradição esportiva, outra característica desfavorecia a introdução do boxe no Brasil: até o início do século XX, o único tipo de luta que se conhecia aqui era a capoeira e, na época, capoeira era considerada coisa de marginal, de gente que brigava com a polícia. Esse preconceito era especialmente forte entre os membros da elite dirigente do país.

Não menos importante é o fato de que, desde a metade do século XIX, o centro das atividades pugilísticas saíra da Inglaterra e fora para os USA. Ora, até boa parte do século XX, o grosso das informações internacionais que chegavam ao Brasil vinham da Europa, principalmente da França. Não tínhamos interesse por acontecimentos ocorridos nos USA.

Mesmo com a popularização de meios de comunicação mais modernos, no início do século XX, como é o caso do cinema, a penetração do boxe no Brasil continuou difícil. Nisso teve importante papel o fato de que, em 1908, o boxeador negro Jack Johnson conquistou o cinturão de campeão mundial dos pesados e muito humilhou os brancos que passaram a desafiá-lo. Como o racismo era muito forte nos USA, os brancos conseguiram a proibição de se passar fitas ou noticiários com lutas de boxe nos cinemas americanos. Essa situação durou até 1915, quando o gigante branco Jess Wilard conseguiu afinal derrotar Johnson. A partir daí, gradativamente, os filmes de boxe começaram a passar nos cinemas americanos. Contudo, esses filmes ainda levaram alguns anos até chegarem ao Brasil.



## **Primeiros vestígios do boxe no Brasil**

As primeiras exibições de boxe em solo brasileiro ocorreram ainda no "reinado" do grande Jack Johnson, mais precisamente, lá por cerca de 1910. Consistiram de exibições feitas por marinheiros europeus, que tinham aportado em Santos e no Rio de Janeiro, e só reforçaram o preconceito que apontamos acima, uma vez que naquela época os marinheiros eram recrutados das classes mais humildes.

## **Em 1913: a primeira lição**

Em 1913, travou-se a mais antiga luta de boxe em território brasileiro que ficou documentada. Tratava-se apenas de uma luta de exibição - ou de desafio, não se tem certeza pois os testemunhos da época divergem nesse detalhe - em São Paulo, entre um pequeno ex-boxeador profissional que fazia parte de uma companhia de ópera francesa e o atleta Luis Sucupira, conhecido como o Apolo Brasileiro em razão de seu físico avantajado.

Embora surrado, o nosso Apolo reconheceu que a técnica pode superar a força e tornou-se um grande entusiasta do boxe e seu primeiro grande divulgador. Dado seu prestígio - era médico e filho de conceituada família - seu apoio em muito contribuiu para atenuar o preconceito que já mencionamos.

## **O boxe é divulgado e legalizado no Brasil**

A propaganda de Sucupira entusiasmou alguns jovens que eram membros do tradicional Club Canottiere Esperia ( o mais antigo clube de canoagem de São Paulo, fundado em 1899 e ainda hoje existente, sob a denominação Clube Esperia ). Esses jovens não tiveram grande dificuldade em incluir o boxe entre as atividades dessa associação, pois que a mesma já havia aceito vários outros esportes além da canoagem. Contudo, as atividades "boxísticas" no Esperia limitaram-se aos anos de 1914 e 1915, e não frutificaram.

A real divulgação iniciou apenas em 1919, com Goes Neto, um marinheiro carioca que havia feito várias viagens à Europa, onde havia aprendido a boxear. Naquele ano de 1919, Goes Neto retornara ao Brasil e resolveu fazer várias exibições no Rio de Janeiro. Com as mesmas, um sobrinho do Presidente da República, Rodrigues Alves, se apaixonou pela nobre arte. O apoio de Rodrigues Alves facilitou a difusão do boxe: começaram a surgir academias e logo esse esporte ganhou a áurea da "legalidade", de esporte regulamentado, com a criação de "comissões municipais de boxe" em São Paulo, Santos e Rio de Janeiro. Isso tudo, entre 1920 e 1921.

## **Os primeiros treinadores competentes: início da década dos 20's**

Até 1923, os treinadores eram improvisados. A situação só começou a melhorar quando Batista Bertagnolli estabeleceu-se, em 1923, como organizador de lutas no Club Canottieri Esperia. Bertagnolli, que havia aprendido boxe na Europa, muito bem soube usar seus conhecimentos fazendo um controle de qualidade nas lutas realizadas todos os domingos naquele importante clube da Ponte Preta. O reconhecimento do público foi imediato, passando a lotar as dependências do Esperia.

Contudo, a primeira pessoa que hoje passaria como treinador foi Celestino Caversazio. A dívida do boxe brasileiro para com Carvesazio é imensa e, se tivermos que apontar sua principal contribuição, diríamos que foi ser professor dos primeiros treinadores importantes do Brasil: Atílio Lofredo, Chico Sangiovani, os irmãos Jofre, etc.

Ainda em 1923, foi criada a primeira academia de boxe no Rio de Janeiro: era o Brasil Boxing Club que muito difundiu o boxe entre os cariocas.

### **Em 1924: a tragédia Ditão e consequências. ]**

Por essa época, já era comum os cinemas passarem trechos de lutas de boxe americanas, principalmente as lutas do então campeão mundial dos pesados Jack Dempsey, que havia tomado o cinturão de Jess Wilard e era branco como ele. Lutas como Dempsey versus o ídolo francês Carpentier ( em 1921 e com uma bilheteria de quase dois milhões de dólares, uma fortuna na época ), ou a Dempsey versus o gigantesco argentino Luiz Angel Firpo ( em 1923 e com bilheteria de mais de um milhão ). Isso, num Brasil extremamente pobre e com poucas oportunidades de trabalho, deixava muitos brasileiros sonhando com o fácil enriquecimento através do boxe. Jovens que nunca haviam feito nenhuma luta, saíam do interior do país e iam para São Paulo ou Rio de Janeiro com vistas a se tornarem profissionais do boxe.

Foi então que, no final do ano de 1922, Benedito dos Santos "Ditão" iniciou a treinar boxe numa academia de São Paulo. Ditão era um negro de porte gigantesco, enorme aptidão para o boxe e um direto irresistível. Em um par de meses, já no início de 1923, estreava como profissional e, sem nenhuma dificuldade, derrotou seus três primeiros adversários, todos no primeiro round. Se somarmos o tempo total de luta desses três combates, não chegaremos a três minutos. Era essa a experiência profissional de Ditão.

Como depois relatou o técnico Atílio Lofredo, 'Todo o mundo estava enlouquecido de entusiasmo com Ditão; seus três fulminantes nocautes levaram todos a acreditar que nenhum homem do mundo poderia resistir à sua pancada devastadora'. Não menor era o entusiasmo dos empresários da época, os quais viram uma chance milionária quando passou pelo Brasil o campeão europeu dos pesados, Hermínio Spalla, que tinha ido até à Argentina enfrentar o legendário Firpo.

Rapidamente, foi organizada uma luta entre Ditão e Spalla que rendeu 120 contos de réis, uma fortuna para a época. O início da luta foi quase de encomenda para a platéia: já de saída, Spalla foi derrubado pela potentíssima direita de Ditão. O público foi ao delírio, mas não era por nada que Spalla

tinha mais de sessenta lutas com adversários de nível internacional. O italiano levantou-se e a partir do terceiro round iniciou a demolir Ditão. Esse, qual leão ferido, tentou resistir mas acabou caindo no nono round. Teve um derrame cerebral, mas sobreviveu para terminar seus dias como inválido.

Imediatamente após a derrota de Ditão, os jornais iniciaram uma campanha contra o boxe, o que levou o governador de São Paulo a proibir sua prática. Mas não ficou só nisso o impacto da tragédia de Ditão: por quase dez anos, os empresários brasileiros ficaram receosos de trazer boxeadores estrangeiros.

### **O período de ouro entre 1926 e 1932.**

Após revogada a proibição, em abril de 1925, o boxe brasileiro voltou a crescer a partir das sementes lançadas pelos primeiros treinadores competentes.

No período que se seguiu, entre os vários lutadores de destaque, o maior ídolo foi o peso leve Italo Hugo, o *Menino de Ouro*. Entre seus maiores feitos está o nocaute, em primeiro round, sobre o campeão sul-americano dos leves, Juan Carlos Gazala, em 1931. Em 1932, tivemos novo impasse: a Revolução de 32 paralisou tudo.

### **Década dos 30's.**

O acontecimento marcante desse período foi a criação das federações de boxe - carioca, paulista, etc - com as quais se deu condições legais de os boxeadores profissionais brasileiros disputarem oficialmente títulos internacionais e os amadores poderem participar de torneios e campeonatos internacionais.

Como consequência, já em 1933, fomos pela primeira vez a um campeonato internacional: o Sul-Americano de Boxe Amador, que se realizou na Argentina. A seleção brasileira era composta apenas de cariocas, pois que somente Rio de Janeiro tinha boxe legalizado através de federação. Tínhamos, contudo, um grande caminho a percorrer. Nessa época, o boxe de nossos vizinhos argentinos, uruguaios e chilenos era tão superior que considerávamos uma façanha perder "apenas" por pontos para um deles...

### **Época do Ginásio do Pacaembu.**

Esse ginásio foi criado em 1940 e nele, pela primeira vez, podia-se ver lutas de brasileiros com nível verdadeiramente internacional. Os mais destacados deles foram: Atílio Lofredo e Antônio Zumbano (o "Zumbanão").

Zumbanão foi o **primeiro grande astro** do boxe brasileiro, imperando absoluto por um longo período: de 1936 a 1950, durante o qual realizou cerca de 140 lutas, mais da metade das quais ganhou por nocaute. Era um peso médio de grande poder de punch e não menor capacidade de esquiva. Verdadeiro ídolo, arrastava multidões ao Pacaembu.

### **O início do boxe moderno: anos 50's.**

Esta foi uma nova época de ouro para o boxe brasileiro: grandes espetáculos,

nacionais e internacionais, e uma imensa galeria de astros. Um dos elementos decisivos para isso foi a ação do **primeiro mega-empresário** do boxe brasileiro: Jacó Nahun. Além de ter lançado alguns dos grandes nomes do boxe brasileiro - como Kaled Curi, Ralf Zumbano e Éder Jofre -, Jacó Nahun conseguiu um **intercâmbio com os dirigentes do Luna Park**, o maior ginásio de boxe da América do Sul, com o que centenas de boxeadores argentinos vieram lutar no Pacaembu e, posteriormente, no Ginásio do Ibirapuera. Isso foi uma excelente escola que contribuiu decisivamente para o amadurecimento do boxe brasileiro.

Outro acontecimento marcante foi a campanha que a União Pugilística do Brasil (uma espécie de sindicato, congregando treinadores e boxeadores profissionais) e os Diários e Emissoras Associados ( a maior rede brasileira de comunicações da época ) desenvolveram entre 54 e 55. O resultado foi a criação de mais de trinta centros de prática de boxe em empresas, indústrias, quartéis, sindicatos, etc.

Como consequência disso tudo, na época, acabamos tendo tantos bons boxeadores que fica até difícil se destacar alguns deles sem corrermos risco de fazer injustiça. Por razões de espaço, apontaremos apenas quatro pugilistas os quais se não forem unanimidade certamente estarão em qualquer lista de 'os mais importantes da época':

- Kaled Curi, o "Beduíno" peso galo dotado de fortíssima esquerda; frequentemente lutava com adversários de várias categorias acima, sendo que travou muitas lutas verdadeiramente antológicas; como amador, chegou a campeão latino-americano e como profissional foi campeão brasileiro; podia ter ido além se não se envolvesse tanto com questões administrativas das federações e com a promoção de lutas; após parar de lutar, dedicou-se a empresariar boxeadores e promover eventos de boxe profissional.
- Ralf Zumbano, o "Bailarino" peso leve de pouca "pegada" mas estilo, esquiva, técnica e jogo de pernas elogiadas até internacionalmente; teve carreira curta como lutador, passando a treinador de sucesso. Como amador, seu ponto alto foram suas vitórias nas Olimpíadas de Londres, em 1948, quando só não foi o primeiro brasileiro a trazer medalha no boxe pois que teve o azar de ter de enfrentar, na terceira luta, o futuro campeão mundial Wallace Smith. Como profissional, teve sua grande oportunidade de projeção internacional ao ser convidado para uma temporada de lutas no centro mundial do boxe da época: o Madison Square Garden, em New York. Infelizmente, teve seu visto de entrada negado pelo consulado americano, devido à sua atuação política de linha socialista.
- Luis Inácio, o "Luisão" talvez, o maior meio-pesado brasileiro de todos os tempos; extremamente popular por seu carisma, suas entrevistas folclóricas, sua velocidade e poder de punch; foi o primeiro brasileiro a conquistar medalha de ouro nos Jogos Panamericanos ( México 1955 ); como profissional, chegou a campeão sul-americano dos meio-pesados, tendo feito inúmeras lutas internacionais, inclusive com o legendário Archie Moore; sua popularidade acabou sendo sua tragédia: ao subestimar o famoso campeão chileno Humberto Loayza, numa troca de golpes, acabou sofrendo um violento nocaute; como era bilheteria certa, os empresários nem lhe deixaram descansar, continuaram a

lhe promover lutas, as quais só agravaram a lesão que havia sofrido; o resultado foi o esperado: Luisão acabou "sonado" (ficou extremamente sensível a qualquer golpe na cabeça e a exibir sintomas da chamada "demência pugilística") passando a ser derrotado por qualquer um, inclusive em brigas de rua com marginais; acabou morrendo como indigente e se tornando mais uma triste lição para o boxe profissional brasileiro.

- Paulo de Jesus Cavalheiro  
Peso meio-médio, atuando profissionalmente entre 55 e 58. Extremamente carismático, só perderia em popularidade para o Zumbão. Já era tratado como ídolo nos seus tempos de amador. Tinha grave problema cardíaco que prejudicava muito sua atuação.

## **A década de Eder Jofre: os anos 60's.**

O maior boxeador brasileiro de todos os tempos nasceu em uma família de pugilistas: tanto por parte do pai (família Jofre, oriunda da Argentina) como por parte da mãe (família dos Zumbanos). Assim que Éder Jofre, praticamente, nasceu dentro do ringue e desde cedo aprendeu as "manhas" da nobre arte.

Desde muito cedo exibia características que acabaram lhe colocando num lugar de destaque na história do boxe mundial: tinha como principal arma um fortíssimo gancho de esquerda e uma igualmente arrasadora direita; não menos importante era sua grande inteligência que lhe permitia modificar o estilo de luta segundo o adversário.

Estreou como amador aos 17 anos de idade, em 1953. Em seus quatro anos de competição entre os amadores não conseguiu nenhum título de importância internacional. Seu sucesso só viria explodir como profissional, carreira que iniciou aos 21 anos, em 1956.

Já em 1958 tornou-se campeão brasileiro dos pesos galo. Contudo, o sucesso internacional não foi tão rápido. Para isso foi fundamental o trabalho de seu empresário, Jacó Nahun. Esse usou sua experiência para construir uma "escadinha" que permitisse Éder fazer um renome internacional e assim poder esperar por uma chance de disputar o título mundial. Em meados de 1959, Éder trocou de empresário, passando a trabalhar com Abraham Katzenelson, com o qual continuou por 16 anos (Nahun, magoado com a decisão de Jofre, abandonou o boxe).

Em 1960, Katzenelson conseguiu a inclusão de Éder entre os dez primeiros do ranking de galos da NBA (a associação que mais tarde deu origem a atual WBA=Associação Mundial de Boxe) e ainda nesse mesmo ano, finalmente, materializou-se a oportunidade de disputa pelo título mundial quando o então campeão mundial dos galos, Joe Berra, renunciou ao seu título depois de ter causado a morte de seu último adversário. Com isso, no final de 1960, acabou sendo marcada uma luta pelo título vago entre Éder e o mexicano Eloy Sanchez. Éder Jofre precisou de apenas seis rounds para se adonar do cinturão.

Contudo, Éder ainda não havia chegado ao topo, pois a União Européia de Boxe não reconhecia os campeões da americana NBA. Foi só em 1962 que surgiu a oportunidade de uma luta pela unificação dos pesos galo, entre Jofre campeão pela NBA e Johnny Caldwell campeão pela UEB. Essa luta foi

travada no ginásio do Ibirapuera, com um público record de 23 000 pessoas. Éder massacrou o irlandês Caldwell e se tornou o *undisputed champion* dos pesos galo.

Jofre defendeu com sucesso seu cinturão por sete vezes, até 1965, não fugindo de nenhum adversário, por mais perigoso que esse fosse. Contudo, seu maior inimigo crescia a olhos vistos: era seu excesso de peso, que lhe fez realizar várias lutas muito desidratado e até mal alimentado. Apesar disso, pressionado de vários lados, Éder preferiu não subir para a categoria dos pesos pena. A decisão foi errada: em 1965 foi vencido pelo maior boxeador japonês de todos os tempos, Masahiko "Fighting" Harada. No ano seguinte, o japonês concedeu revanche e venceu novamente. Com isso, Jofre declarou sua aposentadoria. Tinha 10 anos de profissionalismo e estava com 30 anos, o que é considerada uma idade avançada para um boxeador da categoria dos galos.

Como peso galo, Éder Jofre recebeu as maiores distinções: em eleição promovida pela mais conceituada publicação de boxe do mundo, The Ring Magazine, os leitores dessa revista elegeram Éder Jofre como um dos dez melhores boxeadores do século XX; foi o primeiro boxeador não americano indicado para o Hall of Fame do boxe; etc.

**Época da penúria: 70's.**

O sucesso do peso galo Éder Jofre motivou o surgimento de muitos boxeadores brasileiros. Entre esses, os mais destacados foram:

- Servílio de Oliveira peso mosca de estilo brilhante, golpes e esquivas de precisão milimétrica; por muitos, é considerado o melhor boxeador já surgido no Brasil; estreou em 1968 nos amadores e já no mesmo ano conseguiu o maior feito do boxe amador brasileiro até então: medalha de bronze nas Olimpíadas; em 1969 estreou nos profissionais onde atuou até 1971, fazendo várias lutas internacionais, a maioria com boxeadores sul-americanos; em 1971, em luta com um mexicano, sofreu um deslocamento de retina que o deixou praticamente cego do olho direito e o fez abandonar sua promissora carreira; em 1976, tentou voltar, chegando a fazer algumas lutas internacionais, mas na primeira disputa de título, sofreu impedimento médico e abandonou de vez o esporte.
- Miguel de Oliveira iniciou no profissionalismo na mesma época que Servílio e se destacou por ser um peso médio-ligeiro de soco potente, especialmente quando desferia o hook no fígado, e de ser dotado de grande inteligência; em 1973 já tinha 29 lutas e teve sua oportunidade na disputa pelo título mundial pelo CMB; em 1975 teve nova chance, agora com sucesso, arrebatando o cinturão mundial pelo CMB do espanhol José Duran; infelizmente, mal orientado, perdeu o título já na primeira defesa.

O terceiro boxeador importante dessa época foi, novamente, Éder Jofre, que, premido por dificuldades financeiras, voltou a boxear em 1970, agora nos pesos pena. Éder continuou a brilhar e em 1973 conquistou o título mundial do CMB, infelizmente não tão importante quanto o que tinha ganho como galo. Também não teve sorte com seu empresário que acabou deixando-o em inatividade por tempo excessivo o que fez com que o CMB o destituísse do título. Apesar de não ser mais campeão, ele continuou a lutar, sempre invicto

até 1976, quando encerrou definitivamente sua carreira, aos 40 anos de idade. Ao longo de sua vida de profissional, realizou 78 lutas, sendo que ganhou 50 por nocaute e teve apenas duas derrotas, ambas por pontos e para o histórico Masahiko "Fighting" Harada.

Assim que, quase simultaneamente, tivemos a aposentadoria de três dos maiores lutadores brasileiros de todos os tempos: Jofre, Servílio e Miguel de Oliveira. Isso e a transmissão dos jogos de futebol pela TV funcionaram como uma ducha fria no boxe brasileiro, que mergulhou num período bastante negro, de ginásios vazios e poucas perspectivas.

### **O fenômeno Maguila e o ressurgimento do boxe.**

No início dos anos oitenta, pela primeira vez no Brasil, uma rede de TV (a TV Bandeirantes), por iniciativa de seu diretor de esportes (Luciano do Valle, o qual também atuava como promotor de eventos esportivos, através de sua empresa, a Luque Propaganda, Promoções e Produções), resolveu investir pesado no boxe, transformando-o em espetáculo de massa.

Os primeiros boxeadores feitos pela TV brasileira, Francisco Thomás da Cruz (peso super-pena) e Rui Barbosa Bonfim (meio-pesado), tiveram relativo sucesso, mas foi só com Adislon "Maguila" Rodrigues que as transmissões de lutas de boxe pela TV alcançaram absoluta liderança de audiência.

Maguila, com 1,86 metros e cerca de 100 Kg, foi um dos poucos pesos pesados brasileiros. Tinha grandes elementos para ser um ídolo: enorme carisma aliado à grande valentia, mobilidade e uma direita demolidora que lhe propiciou nada menos do que 78 nocautes em sua carreira de 87 lutas, a maioria das quais com lutadores europeus, sul-americanos e norte-americanos.

Maguila estreou como profissional em 1983, tendo Ralph Zumbano como técnico e Kaled Curi como empresário. Em 1986, já no auge da fama, assinou contrato com a Luque e passou a treinar com Miguel de Oliveira que alterou profundamente seu estilo de luta e corrigiu seus defeitos de defesa. Como consequência, em 1989, chegou a ser o segundo colocado no ranking do CMB e em rota de colisão com Mike Tyson, na época, o undisputed champion do mundo.

O grande momento, contudo, nunca ocorreu. Precisou enfrentar dois dos maiores pesados do século: Evander Holyfield e George Foreman. Perdeu essas duas lutas e isso lhe tirou não só a chance de disputar o título como o encaminhou para a obscuridade. Para piorar, Maguila aumentou muito de peso, perdendo a forma física. Apesar disso, em 1995, chegou a campeão mundial pela WBF (Federação Mundial de Boxe), uma associação que ainda não havia conseguido grande respeitabilidade. Com falta de patrocínio, pouco tempo depois, Maguila foi destituído do título por inatividade.

Com o ocaso de Maguila, também veio o do boxe brasileiro que rapidamente perdeu o enorme espaço que havia tido na televisão.

No final dos anos noventa, surgiu uma nova promessa: Acelino de Freitas, o Popó. Patrocinado pela Rede Globo de televisão, Popó rapidamente chegou ao título de campeão mundial pela Organização Mundial de Boxe e, no

início de 2002, sagrou-se campeão pela bem mais importante Associação Mundial de Boxe. Ainda é cedo para avaliarmos a posição que lhe reservará a História.

### **Comentários**

### **finais:**

O texto acima é apenas uma tentativa de resumir a história do boxe brasileiro. Para se fazer justiça aos mais de 10 000 boxeadores profissionais que atuaram no período seria necessário um longo livro.

### **Referências:**

Foram usadas muitas reportagens de vários jornais da época, bem como observações e textos de vários escritores; em especial, agradecemos a

- Taciano de Oliveira e D. de Miranda Rosa: *O Pugilismo*. Imprensa Methodista, S. Paulo, 1924.
- Waldemar Zumbano: *O Box ao Alcance de Todos*. Editora Brasiliense Ltda., S. Paulo, 1951
- H. Manteucci: *Luzes do Ringue*. Hemus, S. Paulo, 1988”.

(Fragmento retirado do *site* da Federação de Boxe Rio Grandense.  
<http://www.boxergs.com.br/especial.htm> Acessado em 16/03/2011)

## **A entrada das mulheres no boxe.**

O mesmo *site* também relata o início do boxe feminino internacional.

“Como nosso visitante deve ter lido em outras matérias deste site, o primeiro boxeador cujo nome e biografia estão registrados na História do Boxe Inglês foi James Figg. Cerca de 1720, ele foi reconhecido como o primeiro campeão de boxe. Também teve atuação importante como dono do Amphytheatre, que funcionava como academia de boxe e defesa pessoal em Londres, bem como uma arena para realização de lutas.

Entre as lutas realizadas no Amphytheatre de Figg algumas foram entre mulheres, bem como várias "quadrilhas": lutas de casais. Essas lutas tinham duas etapas: primeiro lutavam as mulheres e depois combatiam os maridos.

Embora a polícia logo tenha proibido essas lutas, elas continuaram na clandestinidade. Na Londres de 1723, depois de algumas lutas, uma tal Elizabeth Wilkinson se proclamou City Championess.

Tudo indica que, depois disso, o boxe entre mulheres ocorria mais por causa de desavenças, e o prêmio em dinheiro ganho pela vencedora servia mais como uma indenização. Isso foi o caso de uma luta feita 1792 e descrita pelo historiador do boxe Oxberry em seu livro *Pancratia*, escrito em 1812. As boxeadoras eram casadas e traziam como segundos os próprios maridos:

"Depois de terem a parte superior do corpo despida e seus cabelos fortemente amarrados, elas iniciaram a troca de golpes e por 45 minutos suportaram um muito desesperado conflito; quando, uma delas estando já tão ferida que despertava apreensão por sua vida, seu marido e segundo ainda



mostrava brutalidade suficiente para incitá-la ao combate; contudo, por iniciativa dos espectadores, elas foram separadas"

Nos tempos modernos, a partir de cerca de 1995, o boxe feminino profissional teve um renascimento rápido fruto, principalmente, das atuações e exposição na mídia das boxeadoras Christy Martin e Mia St. John. Em 1994, a AIBA aprovou o boxe feminino olímpico”.

**Referências:**

- W. Oxberry: *Pancratia, or a History of Pugilism.* London, 1812.
- Bob Mee: *Bare Fists.* NY: Overlock Press, 2001.

(Fragmento retirado do *site* da Federação de Boxe Rio Grandense.  
<http://www.boxergs.com.br/especial.htm> Acessado em 16/03/2011)

## **ANEXO III – Regulamento Técnico de Boxe Profissional**

### **CAPÍTULO I - QUALIFICAÇÃO DO BOXEADOR PROFISSIONAL**

Art. 1. São considerados profissionais todos os Boxeadores que tenham competido por prêmios em dinheiro.

Art. 2. A CNB, Federações ou Ligas, somente deverão conceder licença de Boxeador Profissional ao amador que tiver obtido dez vitórias em sua campanha amadorística e não esteja servindo a Seleção Brasileira de Boxe Amador, no calendário de competições internacionais promovido pelo Comitê Olímpico Brasileiro e que tenha no mínimo 18(dezoito) anos completos.

Parágrafo Único: A licença de boxeador profissional concedida por qualquer entidade filiada CNB, com a inobservância de qualquer uma das condições acima previstas, implicará em falta grave, pela entidade concedente, estando sujeita às penalidades contidas no estatuto do CNB.

Art. 3. O boxeador que se profissionalizar não poderá voltar a ser amador.

Art. 4. O Boxeador que tenha obtido voluntariamente a licença de profissional, porém não tenha subido ao ringue para realizar combates, poderá desistir daquele registro e continuar como amador, ainda que tenha assinado contrato.

### **CAPÍTULO II - LOCAIS DE ESPETÁCULOS**

Art. 5. Todos os locais destinados a espetáculos públicos de boxe estarão sujeitos à vistoria e aprovação por parte do CNB, Federação ou Liga local, devendo ainda possuir vestiários e banheiros com iluminação, instalações sanitárias para os Boxeadores e público, local para exames médicos e acomodações para o público.

### **CAPÍTULO III - QUADRILÁTERO DAS AUTORIDADES**

Art. 6. Em volta do ringue haverá um espaço com um mínimo de 3 metros de cada lado, destinado às autoridades controladoras do espetáculo.  
Parágrafo Único:- Esse local dever ser isolado do público e ter apenas uma entrada.

Art. 7. Salvo autorização expressa do Diretor Técnico, terminantemente proibido o acesso ao interior do ringue de qualquer pessoa, antes, durante ou após o combate, além dos dois Boxeadores, os Segundos, o locutor e o árbitro.

## **CAPÍTULO IV - O RINGUE**

Art. 8. O tamanho mínimo permitido para o ringue ser de 4,90m e o tamanho máximo de 7,00m em cada um dos quatro lados do ringue, medidos do interior da linha das cordas. O ringue no estar a menos de 91cm ou mais que 1,22m acima do nível do chão ou base.

Art. 9. A plataforma ser construída com total segurança e totalmente nivelada, estendendo-se essa plataforma 60cm além da linha das cordas. Parágrafo Único:- A plataforma será demarcada por quatro postes em seus quatro cantos, os quais serão revestidos com material macio para evitar ferimento aos Boxeadores. No canto do lado esquerdo mais próximo da mesa diretora, a cor do poste será vermelha. No canto do lado esquerdo mais afastado, cor branca. No canto do lado direito mais afastado, cor azul. No canto do lado direito mais próximo, cor branca.

Art. 10. Existirão quatro cordas de um diâmetro de 3 cm no mínimo e 5 cm no máximo, ajustadas nos postes 41 cm, 71 cm, 102 cm e 132 cm de altura. As cordas serão cobertas por um material macio e elástico. As cordas serão atadas em cada lado a intervalos iguais, por dois tirantes de 3 a 4 cm de largura. Os pedaços não devem estender-se ao longo das cordas.

Art. 11. . O ringue ser provido de três escadas. Duas escadas em cantos opostos (vermelho e azul) para uso dos Boxeadores e seus assistentes e uma escada no canto neutro ao lado da mesa diretora para uso do árbitro e médico.

Art. 12. Toda a plataforma onde se realizam os combates de Boxe, inclusive a sua parte externa, será revestida com EVA, feltro, borracha ou outro material compatível, com no mínimo 1,3 cm e no máximo de 1,9 cm de espessura sobre o qual uma lona ser estendida e presa. Parágrafo Único:- O Diretor Técnico realizará a vistoria e aprovar, antes da realização dos combates de Boxe, o piso da plataforma do Ringue.

## **CAPÍTULO V - DURAÇÃO DOS COMBATES**

Art. 13. As duas primeiras lutas, com duração máxima de 6 assaltos

Art. 14. A partir da terceira luta poderão tomar parte em combates com duração de 04, 06, 08 ou 10 assaltos.

## **CAPÍTULO VI - EQUIPAMENTOS DE RINGUE**

Art. 15. Antes da realização dos combates de Boxe deverão estar disponíveis os seguintes equipamentos de ringue:  
a. Dois recipientes contendo breu para a lona;

- b. Duas banquetas de descanso para os Boxeadores usarem durante os intervalos;
- c. Dois baldes, para que a água usada pelos segundos nos Boxeadores não venha cair no ringue ou fora dele;
- d. Duas garrafas plásticas de água potável e duas garrafas plásticas de água tipo spray;
- e. Mesas e cadeiras para os dirigentes e juizes;
- f. Gongos ou campainha;
- g. Dois cronômetros;
- h. Um estojo de primeiros socorros;
- i. Um microfone conectado ao sistema de som do recinto;
- j. Dois pares de luvas sobressalentes;
- k. Dois sacos plásticos nos cantos neutros, por fora das cordas, um de cada lado, para o árbitro ou o médico colocar gaze ou algodão utilizados por eles;
- l. Um rodo de borracha e um pano absorvente;
- m. Um colete cervical;
- n. Um tubo de oxigênio portátil;
- o. Maca.

## **CAPÍTULO VII - LUVAS**

Art. 16. As luvas serão fornecidas pelos organizadores e promotores do evento.

Art.17. As luvas deverão ser aprovadas pelo Departamento Técnico do CNB e estar em bom estado de conservação.

Art.18. As luvas para disputa do Título Brasileiro obrigatoriamente terão que ser novas e apresentadas no congresso Técnico.

Art.19. Ao Boxeador não ser permitido utilizar luvas próprias.

Art.20. - As luvas serão de:  
 a. 8 onças (227 gramas) até a categoria Meio Médio (66,678 Kg.).  
 b. 10 onças (284 gramas), para as demais categorias.

Art. 21. A parte de pelica não deve pesar mais que a metade do peso total da luva, e a parte acolchoada no menos que a metade do peso total da luva.

Art. 22. Os cordões devem ser atados à altura do pulso das luvas sempre cobertos com fita adesiva ou com sistema de velcro. O dedo polegar deve estar preso junto ao corpo da luva.

Art. 23. As luvas deverão ser calçadas no ringue.  
 Parágrafo Único:- As luvas poderão ser calçadas no camarim ou locais preparados para essa formalidade, onde os dois Boxeadores ficarão sob fiscalização permanente de autoridades para isso designadas e pelos segundos ou fiscais dos Boxeadores contendores, até adentrarem no ringue,

quando a fiscalização passar a ser exercida pelo árbitro.

## **CAPÍTULO VIII - BANDAGENS**

Art. 24. As bandagens devem contribuir para a proteção das mãos e não para causar dano ao Boxeador.

Art. 25. Devem ser usadas bandagens cirúrgicas com no máximo 5 metros de comprimento e 5 centímetros de largura, ou um velpeau de no máximo 5 metros em cada mão.  
Parágrafo Único: Nenhum outro tipo de bandagem poderá ser utilizada.

Art. 26. Somente pode ser utilizada cinta branca adesiva ou esparadrapo com a largura de 2,5 centímetros e com o comprimento de 2,5 metros em cada mão. O esparadrapo deve ser usado unicamente sobre a bandagem, no podendo ser colocado a uma distância menor que 1 centímetro das articulações das falanges com os metacarpos.

Art. 27. É proibido aplicar nas mãos, líquidos, pós e outras substâncias de qualquer classe, seja antes ou depois de colocar as luvas.

Art. 28. As bandagens serão colocadas no camarim, sob a fiscalização de fiscais indicados pela CNB, Federação ou Liga.  
Parágrafo primeiro: Os fiscais certificarão que as bandagens colocadas obedeceram todas as regras regulamentares e em seguida rubricarão as bandagens.

Parágrafo segundo: Não estando as bandagens de acordo com as regras regulamentares, os fiscais exigirão imediatamente suas substituições tantas vezes quantas sejam necessárias para que se cumpra a norma regulamentar.

## **CAPÍTULO IX - VESTUÁRIO**

Art. 29. Os Boxeadores deverão estar vestidos de acordo com as seguintes normas:

- a. Calções com comprimento mínimo até a metade da coxa;
- b. A linha da cintura deve estar claramente indicada por uma cor distinta no calo. Essa linha é imaginária e passa pelo umbigo e alto dos quadris;
- c. Sapatilhas ou sapatos leves, sem cravos, sem saltos, e com meias.
- d. Protetor Bucal: deve possuir formato apropriado, de maneira que proteja a arcada dentária.
- e. Protetor Genital: coquilha - permitido uma faixa adicional para sustentar a coquilha.

Art. 30. O árbitro deve impedir o Boxeador de competir se no estiver com a coquilha, protetor bucal, limpo e uniformizado.  
Parágrafo Único: Se durante o combate houver danos ao seu vestuário, o árbitro interromper o combate determinando sua substituição. O tempo máximo para reparar algum dano no vestuário que impeça a continuidade do

combate é de 5 minutos.

## **CAPÍTULO X - CLASSIFICAÇÃO DOS COMBATES**

Art. 31. A duração dos combates entre profissionais serão de 4 a 10 assaltos de 3 minutos, com um minuto de intervalo entre eles: Parágrafo primeiro: As disputas de Título Brasileiro serão em 10 rounds. Caso o combate pelo Título Brasileiro também tenha validade por algum cinturão internacional disputado em 12 rounds, a CNB poder autorizar a disputa em 12 rounds.

Art. 32. Os espetáculos de Boxe Profissional deverão incluir lutas preliminares.

Art. 33. As lutas preliminares poderão ser substituídas por lutas entre amadores.

Art. 34. É da exclusiva competência do CNB, Federação ou Liga a escalação dos combates entre amadores que participarão do programa.

## **CAPÍTULO XI - REALIZAÇÃO DE ESPETÁCULOS**

Art. 35. Os espetáculos públicos de boxe realizados no território nacional por qualquer das entidades filiadas ao CNB serão dirigidos, fiscalizados e controlados com observância de todos os dispositivos deste Regulamento. Parágrafo Único:- A inobservância deste CAPÍTULO pelas entidades filiadas implicará em falta grave, estando estas sujeitas aplicação das penalidades previstas no Estatuto do CNB.

## **CAPÍTULO XII - DIRETOR TÉCNICO**

Art. 36. O Diretor Técnico, como representante do Presidente do CNB, a autoridade máxima no local.

Art. 37.: Cabe ao Diretor Técnico, entender-se com quaisquer autoridades constituídas, bem como com qualquer órgão da imprensa e empresários, a fim de solucionar problemas porventura surgidos.

Art. 38. Cabe ao Diretor Técnico esclarecer à fiscalização controladora do ingresso do público ao local do espetáculo, sobre a validade das carteiras e cartões de identificação fornecidos pelo CNB, Federação ou Liga, bem como a localização dos Boxeadores, seus assistentes Técnicos, empresários, diretores, auxiliares e convidados, que no tenham participação no programa. Parágrafo Único: É de sua responsabilidade o recebimento de até 50 (cinquenta) ingressos em espetáculos com bilheteria.

Art. 39. O Diretor Técnico deverá organizar relatório das ocorrências de

ordem administrativa ou disciplinar, verificadas no âmbito de suas atribuições, propondo à Presidência o encaminhamento à comissão disciplinar o respectivo relatório para aplicação das medidas disciplinares cabíveis.

Art.40. - Compete ao Diretor Técnico do CNB ou seu representante legal, previamente designado pelo Presidente do CNB, que será considerado o Supervisor dos Combates:

a) O controle dos combates internacionais e interestaduais que visem disputas de Títulos;

b) O controle dos combates estaduais supervisionados pela própria CNB ou quando solicitados por escrito por entidades de práticas desportivas, atletas, promotores ou organizadores de espetáculos;

c) O controle dos combates válidos pelo Título Brasileiro;

d) Designar os fiscais de luvas, bandagens, cronometristas e demais pessoas que devam atuar nos espetáculos de Boxe;

e) Providenciar para que os Juízes possam desempenhar as suas funções, dando-lhes uma localização isolada e adequada, que deverá ter uma altura aproximada de 50 centímetros acima do nível do solo e junto ao ringue;

f) Apontar o vencedor do combate indicando-o ao árbitro por intermédio do locutor oficial, para a sua proclamação;

g) Solucionar qualquer assunto imprevisto que se produza durante os combates;

h). Revisar os votos dos Juízes antes de tornar público o resultado;

i). Responsabilizar-se pela pesagem dos Boxeadores de acordo com as regras estabelecidas no CAPÍTULO XVII deste regulamento;

j) O Diretor Técnico da CNB, aps ouvir o Presidente da CNB, poder delegar as atribuições que lhe conferem este regulamento para os Supervisores de Federação ou Liga onde se realizarão os combates.

Parágrafo primeiro: Sempre que uma Federação ou Liga realizar espetáculos internacionais ou interestaduais estar obrigada a encaminhar ao CNB:

1. Autorização original ou fotocópia autenticada firmada pela entidade da qual seja o Boxeador filiado que o autoriza a lutar;

2. Relatório médico que ateste aptidão física e mental;

3. Controle médico e de pesagem oficial;

4. Em até 48 (quarenta e oito) horas após a realização dos combates, os resultados oficiais.

Parágrafo segundo: O descumprimento do Parágrafo primeiro deste artigo implicará nas penalidades previstas no estatuto do CNB.

### **CAPÍTULO XIII - DIRETOR DE ÁRBITROS**

Art.41. Ao Diretor de árbitros compete:

a) Designar o Árbitro e Juízes para os combates.

b) Controlar as atuações de Árbitros e Juízes.

### **CAPÍTULO XIV - LOCUTOR**

Art. 42. O locutor dos espetáculos de Boxe, independente de quem venha a promover o evento, dever estar devidamente autorizado e registrado no CNB, Federação ou Liga.

Art. 43. Compete ao locutor do espetáculo:  
a). Verificar as condições de funcionamento da aparelhagem de som, solicitando a regularização que se fizer necessária ao Diretor Técnico;  
b). Anunciar a natureza do espetáculo às autoridades incumbidas de sua direção, os nomes dos lutadores, suas categorias, pesos, títulos e número de assaltos que serão realizados nos combates;  
c). Abster-se-á de transmitir comentários ou informaes que não lhe tenham sido expressamente ordenadas pelo Diretor Técnico;  
d). Impedir que durante o seu trabalho o microfone seja utilizado por qualquer pessoa, salvo instruções em contrário, emanadas de autoridades competentes e Diretor Técnico;  
e). Anunciar os resultados das lutas que lhe forem indicados pelo Diretor Técnico.

Parágrafo Único:- Nas lutas decididas por pontos deverá especificar a pontuação e o nome de cada um dos Juízes separadamente, antes do resultado final.

f) Em disputas de Títulos Brasileiros, anunciará o resultado parcial após o 5º round, conforme for indicado pelo Diretor Técnico, desde que previamente acordado no Congresso Técnico;

Parágrafo primeiro: O locutor dever especificar a contagem e o nome de cada um dos Juízes separadamente.

## **CAPÍTULO XV - CRONOMETRISTA**

Art. 44. A obrigação principal do Cronometrista controlar o número, a duração dos assaltos e os intervalos entre os mesmos.

Art. 45. Ele se sentará diretamente junto ao quadrilátero, direita da mesa diretora.

Art. 46. Iniciar e terminar cada assalto fazendo soar o gongo ou a campainha.

Art. 47. Durante a contagem protetora propagar um som a cada segundo até que a mesma seja encerrada.

Art. 48. Dez segundos antes de cada assalto, a partir do segundo, dar o sinal para que seja cumprida a ordem de segundos fora. Dez segundos antes de terminar cada assalto dar um sinal como alerta sobre a proximidade do final.

Art. 49. Descontar tempo por interrupções temporárias quando o árbitro lhe indicar com a voz de comando Stop, salvo para contagem protetora.

Art. 50. Controlar os períodos de tempo e as contagens, mediante um cronômetro. Quando se produzir uma suspensão momentânea do combate,



deter imediatamente a marcha do cronômetro e esperar um sinal do árbitro para continuar marcando a duração do assalto ou a ordem Boxe para os Boxeadores.

Art. 51. Para melhor cumprimento de suas funções, o cronometrista poderá ser assessorado por um cronometrista auxiliar.

Art. 52. Se ao final de um assalto um lutador estiver caído e o árbitro estiver efetuando a contagem, o cronometrista não fará soar o gongo, com exceção do último assalto. O gongo somente soará quando o árbitro der a ordem Boxe, indicando a continuação do combate. O intervalo para o assalto seguinte será de um minuto completo.

Art. 53. A declaração ou afirmativa do cronometrista sobre a duração de qualquer espaço de tempo, referente ao combate, não poderá ser contestada.

Art. 54. Se um combate for interrompido durante o minuto de intervalo, para efeito de resultado ser anotado o número do assalto que terminou.

## **CAPÍTULO XVI - SEGUNDOS**

Art. 55. São considerados segundos os que prestam assistência direta aos Boxeadores, tendo por obrigação se apresentarem antes do combate ao árbitro. Assistentes Técnicos, aqueles que ministram os ensinamentos Técnicos aos referidos Boxeadores.

Art. 56. Cada Boxeador terá o direito de ser assistido no ringue por 4 segundos. Sendo que um deles ser o chefe e responsável pelos demais e o único que poderá entrar no ringue. Dois segundos poderão subir no ringue, mas não entrarão no mesmo. E o último ser um assistente de solo dos demais e não poderá subir no ringue.

Art. 57. Os Assistentes Técnicos e Segundos deverão ser, obrigatoriamente, registrados na CNB, Federação ou Liga e durante os espetáculos deverão dar plena cooperação às autoridades que o dirigem, de modo a não prejudicarem o seu desenrolar, assim como se apresentarem bem trajados com calça, camiseta com mangas ou abrigo esportivo e tênis.

Art. 58. Durante o desenrolar de um round, os Segundos ou Assistentes Técnicos não poderão permanecer no ringue. Parágrafo primeiro: Antes do início do round eles deverão remover do ringue os assentos, toalhas, baldes, etc.

Art. 59. Não serão permitidas instruções, assistência ou instigação a um Boxeador por seus Segundos ou Assistentes, quando do desenvolvimento dos rounds.

Art. 60. É proibido também, que os Segundos incitem os espectadores por meio de palavras ou sinais para que passem instruções ou estimulem um

Boxeador, quando do transcurso de um round.

Art. 61. Os Segundos deverão atuar de posse de uma toalha limpa, para usá-la em seu Boxeador, a qual poderá ser atirada ao ringue quando seu Boxeador estiver em sérias dificuldades - caracterizando o Nocaute Técnico - exceto se o árbitro estiver no curso de uma contagem protetora. Parágrafo primeiro: A toalha deve ser jogada de maneira que o árbitro possa visualizá-la, devendo o Segundo subir ao ringue para ser identificado.

Art. 62. Utilizarão também, água, gelo, esponja, balde, gaze, algodão, esparadrapos e tesoura. Parágrafo Único: permitido ao segundo fornecer ao seu Boxeador bebidas isotônicas nos intervalos de descanso.

Art. 63. A vaselina será permitida, ficando a quantidade a critério do árbitro.

Art. 64. Durante o combate não será permitido administrar sais aromáticos, amoníaco ou outra substância, seja para reanimar um Boxeador ou qualquer outro motivo.

Art. 65. - No caso de corte, será permitido apenas colóide, solução de adrenalina 1/1000 ou outra substância aprovada pelo Departamento médico do CNB.

Art. 66. - Sob nenhum pretexto os Segundos poderão entrar no ringue antes de finalizar o assalto, exceto se o árbitro ordenar. Parágrafo Único: A entrada do segundo dentro do ringue implicará em derrota automática do seu Boxeador.

Art. 67. Os Segundos não poderão dirigir-se ao árbitro durante o transcurso dos assaltos. Somente durante os intervalos poderão solicitar a presença do árbitro ao seu canto, para fazer-lhe considerações que julguem pertinentes.

Art.68. É proibido aos Segundos, triturar ou pentear as luvas em nenhuma de suas partes, antes ou depois de sua colocação e durante o combate.

## **CAPÍTULO XVII - PESAGEM**

Art. 69. A pesagem dos Boxeadores obrigatória. Parágrafo Único: ser feita a corpo nu ou com uma sunga, em balança aferida, em local e hora designados pelo CNB, Federação ou Liga.

Art. 70. Os Segundos terão o direito de acompanhar a pesagem de seu Boxeador e adversários. Parágrafo Único: Os segundos não podem tocar na balança e não terão o direito de exigir confirmação da pesagem efetuada oficialmente pelo Diretor Técnico.

Art. 71. O Diretor Técnico fixará um horário de pesagem no dia anterior ao

combate, onde se observar um período de duas horas entre o início e o término da pesagem.  
 Parágrafo Único: Dentro deste período o Boxeador terá direito a voltar a balança quantas vezes forem necessárias, para permitir a verificação de que se encontra absolutamente dentro dos limites de peso de sua categoria.

Art. 72. Não será permitida a realização de combates cuja diferença de peso exceda que ocorre entre os limites mínimo e máximo da categoria em que se encontra o boxeador de peso menor.

Art. 73. É proibido o handicap de luvas, usado para compensar diferenças de categoria ou peso dos boxeadores.

Art. 74. Em se tratando de Título:  
 a. Se o campeão se enquadrar na categoria e o desafiante não, caso realizem o combate e o desafiante vença, o título continuará de posse do campeão;  
 b. Se o campeão não se enquadrar e o desafiante sim, caso não realizem o combate ou se realizarem e o campeão vencer, o título ficará vago. Caso o desafiante vença, será o novo campeão;  
 c. Se os dois Boxeadores não se enquadrarem no peso, o título ficará vago.

## **CAPÍTULO XVIII - CATEGORIAS DE PESO**

Art. 75. A categoria de um Boxeador determinado por seu peso corporal.

CATEGORIA DE PESO	WEIGHT CATEGORY	QUILOS	LIBRAS
MÍNIMO	MINIMUM	47,627	105
MOSCA LIGEIRO	LIGHT FLY	48,988	108
MOSCA	FLY	50,802	112
SUPER MOSCA	SUPER FLY	52,163	115
GALO	BANTAM	53,524	118
SUPER GALO	SUPER BANTAM	55,338	122
PENA	FEATHER	57,153	126
SUPER PENA	SUPER FEATHER	58,967	130
LEVE	LIGHT	61,235	135>

SUPER LEVE	SUPER LIGHT	63,503	140
MEIO MÉDIO	WELTER	66,678	147
SUPER MEIO MÉDIO	SUPER WELTER	69,853	154
MÉDIO	MIDDLE	72,575	160
SUPER MÉDIO	SUPER MIDDLE	76,204	168
MEIO PESADO	LIGHT HEAVY	79,379	175
CRUZADOR	CRUISER	90,719	200
PESADO	HEAVY	+90,719	+200

## **CAPÍTULO - XIX MÉDICO**

Art. 76. O médico designado para atuar num evento de Boxe Profissional, deverá proceder a avaliação de todos os Boxeadores que participem desse evento, na pesagem, firmando o respectivo relatório, ou com autorização do Diretor Técnico, antes do início do espetáculo. Parágrafo Único:- O médico exigirá do boxeador o exame médico anual em dia ou um atestado médico, indicando que está apto a lutar.

Art. 77. O médico designado para atuar no evento, ficará localizado junto às autoridades controladoras, no recinto do ringue, do início ao término dos combates.

Art. 78. O médico sempre que solicitado pelo árbitro, examinar o Boxeador lesionado ou acidentado no ringue, e determinar a continuidade ou no da luta.

Art. 79. O Departamento médico da CNB, Federação ou Liga escalar os médicos que deverão estar presentes aos espetáculos.

Art.80. Em qualquer evento de boxe haverá, obrigatoriamente, uma ambulância à disposição da equipe médica. Parágrafo Único: A Ambulância deverá estar no local do espetáculo 30 minutos antes do início do espetáculo, permanecendo até uma hora após o término do último combate.

Art. 81. Não será permitida a realização de qualquer espetáculo de boxe sem que estejam presentes no local a equipe médica designada pelo C.N.B., Federação ou Liga, bem como a ambulância. Parágrafo Único: O descumprimento do disposto nesse artigo implicará,

além da responsabilidade civil ou criminal a ser apurada pela autoridade competente, a aplicação das penalidades previstas no Estatuto do C.N.B., Federação ou Liga, ao empresário, entidade promotora ou supervisora do espetáculo que descumprirem essas obrigações.

Art. 82. A intervenção do médico só se dará quando solicitada pelo árbitro.

Art. 83. Todo Boxeador para combater deve estar em dia com seu certificado anual apto para lutar, fornecido por um médico autorizado pelo CNB, Federação ou Liga.

Art. 84. Exames médicos anuais obrigatórios:

- a. Eletroencefalograma
- b. Eletrocardiograma
- c. Hemograma completo
- d. Glicemia em jejum
- e. Coagulação

## **CAPÍTULO XX - ÁRBITRO**

Art. 85. A preocupação básica e fundamental do árbitro é com a segurança e integridade física do Boxeador.

Art. 86. O árbitro não deve permitir que um Boxeador lute se o médico não conseguir estancar uma hemorragia.

Art. 87. O árbitro atuará no ringue, vestindo calça preta sem cinto, camisa azul clara com o distintivo do CNB fixado ao lado esquerdo do peito, gravata borboleta preta, sapatilhas ou sapatos leves, sem salto com sola de borracha antiderrapante, podendo usar luvas cirúrgicas. Parágrafo Único: vedado ao árbitro usar anéis, relógio, pulseira, óculos, etc.

Art. 88. O árbitro deve manter o controle absoluto do combate em todos os seus estágios e observar a aplicação desse regulamento.

Art. 89. Vozes básicas de comandos:

- a. BOXE o árbitro determina que os boxeadores lutem.
- b. STOP o árbitro determina que a luta pare imediatamente e aguardem o comando Boxe para continuar.
- c. BREAK o árbitro determina que os Boxeadores se separem do clinche, dem um passo atrás, antes de continuar o combate.

Art. 90. - O árbitro indicará através de sinais e gestos claros e visíveis à infração cometida pelo Boxeador. Parágrafo primeiro: Dependendo da gravidade ou persistência da falta

cometida, o árbitro interromperá o combate para fazer uma advertência ou descontar um ou dois pontos do Boxeador faltoso. Parágrafo segundo: Na terceira admoestação, o Boxeador será desclassificado automaticamente.

Art. 91. Constituem faltas passíveis de punição pelo árbitro:

- a. Golpear abaixo da linha da cintura;
- b. Uso dos cotovelos, ombros ou antebraços;
- c. Cabeçadas;
- d. Golpear na nuca, rins ou nas costas;
- e. Golpear com o punho, parte externa ou interna da mão;
- f. Golpear com os joelhos, pés ou alguma parte da perna;
- g. Segurar as cordas com uma mão e golpear com a outra;
- h. Golpear o adversário quando parte de seu corpo está fora das cordas ou quando está caído ou levantando da lona;
- i. Segurar o adversário ou manter o clinche;
- j. Bater após a voz de comando Stop ou Break, ou após soar o gongo, assim como no dar um passo atrás após a voz de comando Break;
- k. Pisar no adversário;
- l. Segurar o adversário na cabeça ou corpo com uma mão e bater com a outra;
- m. Colocar a luva aberta na face do adversário ou esfregando-a, assim como manter o braço esticado sem golpear;
- n. Colocar o dedo polegar no olho do adversário ou aplicar alguma tática física ou outras desleais que não sejam golpes e defesas claras;
- o. Abaixar o corpo inferior linha de cintura;
- p. Morder ou cuspir no adversário;
- q. Cuspir propositadamente o protetor bucal;
- r. Fazer uso das cordas para impulsionar;
- s. Agredir ou comportar-se agressivamente em relação ao árbitro em qualquer tempo;
- t. Golpear com as duas mãos simultaneamente nos ouvidos do adversário;
- u. Dar as costas ao adversário;
- v. Cair intencionalmente;
- x. Qualquer conduta antiesportiva;
- y. Sair do córner neutro antes de ser autorizado pelo árbitro;
- z. Xingar ou continuar falando durante cada ao desenvolvida ou gritos dos auxiliares durante a luta, bem como deixar de tocar as luvas do adversário no início do último assalto como gesto de esportividade.

Parágrafo Único: Se o árbitro estiver em dúvida quanto a uma falta que não tenha visto, poder consultar os Juízes.

Art. 92. Após o anúncio da luta, o árbitro examinar em cada córner os Boxeadores, conferindo: protetor bucal, coquilha, luvas, posição do calção na linha de cintura, excesso de vaselina, etc.

Art. 93. - Chamar os boxeadores ao centro do ringue para instruções finais e trocarem cumprimento com um toque de luvas.

Art. 94. - Com os Boxeadores de volta a seus córners, o árbitro verificar

se estão a postos, Juízes, cronometrista e médico. Ordenar Segundos Fora e depois de autorizado pelo Diretor Técnico, iniciar a luta.

Art. 95. Os Boxeadores se cumprimentarão antes do início da luta, no início do último assalto e depois de anunciado o resultado do combate.

Art. 96. O uso do Protetor Bucal obrigatório durante todo o assalto. Parágrafo Único: Se o protetor bucal cair por qualquer motivo, o árbitro aguardar o momento em que houver uma separação dos boxeadores interrompendo o combate e levar o boxeador para recolocar o protetor bucal em seu próprio córner.

Art. 97. O árbitro tem o poder de:

- a. Terminar um combate a qualquer momento quando considere demasiadamente desigual.
- b. Terminar um combate a qualquer momento se um dos Boxeadores receber golpes e não possa continuar lutando.
- c. Terminar o combate a qualquer momento se considerar que há desinteresse na luta. Neste caso poder desclassificar um ou os dois Boxeadores.
- d. Advertir o Boxeador ou interromper a luta para puni-lo em razão de faltas ou qualquer outra razão incluindo ausência de desportividade, para assegurar o cumprimento total das regras.
- e. Desclassificar o Boxeador que desobedecer as suas determinações ou dirigir-se a ele de forma agressiva.
- f. Desclassificar o Segundo que infringir as regras e seu Boxeador sempre que o Segundo não obedecer completamente suas determinações.

Art. 98. Ao final do combate o árbitro recolher as papeletas dos juizes, verificar se falta alguma anotação entregando-as, em seguida ao Diretor Técnico.

Parágrafo Único:- Em se tratando de luta válida por Título Brasileiro, as papeletas serão recolhidas ao final de cada round.

Art. 99. Os árbitros e Juízes não poderão atuar como Segundos de boxeadores.

Art. 100. Um boxeador é considerado caído Queda (KD -Knock-Down) quando:

- a) tocar o tablado com qualquer parte do corpo que não sejam seus pés, como resultado de golpe, ou ficar pendurado nas cordas ou se na avaliação do árbitro, o Boxeador estiver abalado devido aos golpes que recebeu, mesmo que esteja em pé;
- b) Um segundo após o golpe, o árbitro iniciar uma contagem protetora de 8 segundos.
- c) Se o Boxeador não estiver em condições de voltar a lutar, o árbitro encerrar o combate, determinando Nocaute Técnico (KOT);
- d) Caso o Boxeador esteja caído no tablado, a contagem prosseguir até 10, consumando o Nocaute (KO);
- e) Quando o árbitro iniciar a contagem, o adversário deverá dirigir-se ao

córner neutro mais distante. Se no chegar ao córner ou estando nele o abandonar, o árbitro interromper a contagem e só prosseguir de onde parou quando o boxeador estiver de volta ao córner neutro;

f). A contagem dos segundos se fará em voz alta e a cada segundo o árbitro mostrar com os dedos das mãos ao Boxeador caído, o número correspondente contagem;

g). Quando um boxeador estiver caído, como resultado de um golpe, a luta não deverá ser reiniciada até que o árbitro tenha atingido a contagem de 8, mesmo que o boxeador esteja pronto para continuar o combate;

h). Se um Boxeador voltar a cair depois da contagem de 8 segundos sem receber outro golpe, o árbitro continuar a contagem a partir de 9;

i). O árbitro poderá determinar KOT (nocaute Técnico), no final da contagem de 8 segundos, se julgar que o Boxeador não tenha condições de continuar o combate, mesmo que este esteja a postos;

j). O Boxeador que estiver recebendo uma contagem protetora deve se manter em pé, de frente para o árbitro, não se encostando nas cordas ou córner;

k). Se o árbitro perceber que o Boxeador caído requer cuidado especial, deve chamar imediatamente o médico, removendo o protetor bucal, no se preocupando com a contagem;

l). Se os dois boxeadores caírem ao mesmo tempo, a contagem será continuada enquanto um deles estiver caído. Se ambos continuarem caídos até dez, a decisão será por pontos, considerando a pontuação, até o momento da queda;

m). Não há limite de quedas durante o combate, ficando a critério do árbitro o término da luta dentro do exercício de sua função de manter a integridade física dos Boxeadores;

n). Se o boxeador ao sofrer uma queda cair para fora do ringue, por golpe legal, ele terá 20 segundos para retornar sem qualquer ajuda. Se o boxeador for ajudado por qualquer pessoa, será desclassificado.

Art. 101. Se ocorrer um golpe faltoso, inclusive abaixo da linha da cintura, o árbitro deve conceder até cinco minutos para a recuperação do Boxeador atingido.

Parágrafo primeiro: Caso não se recupere, perder a luta por abandono ou vencer por desclassificação.

Parágrafo segundo: Caso se recupere, o Boxeador infrator sofrer desconto de um ou dois pontos e reiniciar o combate.

Art. 102. Se o golpe faltoso for acidental e o Boxeador atingido não se recuperar, o árbitro descontará um ou dois pontos do Boxeador faltoso e a decisão será por pontos, a partir do quarto assalto, apurando as papeletas até o momento do golpe. Se ocorrer até o terceiro assalto será declarado Empate Técnico.

Art. 103. - Não serão considerados um golpe faltoso ou uma queda, se ocorrerem logo após o gongo soar e o árbitro ou o Boxeador não tiver ouvido. O árbitro conceder um tempo para recuperação do Boxeador atingido.



Art. 104. Perder a luta por Nocaute Técnico (KOT) o Boxeador que provoque a paralisação da luta, por sofrer uma lesão não provocada por golpe do adversário.

Art. 105. Se ocorrer uma lesão por um golpe ilegal ou cabeçada, acidental, involuntária, que provoque a paralisação imediata da luta, a partir do 4. assalto, depois de ser descontado 02(dois) pontos do Boxeador infrator, a decisão será por pontos, com a contagem nas papeletas até o momento da interrupção do combate. Parágrafo primeiro: Se não houver a paralisação imediata da luta, o árbitro deve informar aos Juízes e Segundos ao término do assalto que caso a lesão se agrave, o combate será decidido por pontos. Parágrafo segundo: Se a lesão por um golpe ilegal ou cabeçada acidental ocorrer até o 3. assalto, o resultado será Empate Técnico.

Art. 106. Quando a lesão produzida por um golpe legal que provoque a paralisação imediata da luta, o boxeador lesionado perderá o combate por Nocaute Técnico (KOT). Parágrafo Único: Ocorrerá também o nocaute Técnico se a luta prosseguir e for encerrada posteriormente por agravamento da lesão.

Art. 107. Se ocorrer a interrupção da luta por fatores externos, assim como falta de energia elétrica, quebra do ringue, tempestade, etc., até o terceiro assalto, o resultado será Empate Técnico e a partir do quarto assalto a decisão será por pontos, apurando as papeletas.

Art. 108. Quando o boxeador não retornar ao combate por decisão de seu Segundo, do médico ou do árbitro, durante o intervalo de descanso ou quando o Segundo arremessar a toalha no ringue, o boxeador será declarado perdedor por Nocaute Técnico (KOT).

Art. 109. Caracteriza Abandono o ato do Boxeador manifestar ao árbitro que não quer continuar lutando, apesar de ainda ter condições.

Art. 110. O árbitro deve advertir os Boxeadores quando ocorrer faltas leves. Caso o Boxeador persistir ou cometer faltas graves, deve admoestá-lo, tirando-lhe um ou dois pontos, dependendo da gravidade da falta. Na terceira admoestação o Boxeador estará automaticamente desclassificado.

Parágrafo Único: Dependendo da gravidade da infração, o árbitro poderá admoestar ou mesmo desclassificar o infrator, sem prévio aviso.

Art. 111. O árbitro detém o poder de resolver qualquer ocorrência dentro do combate que no esteja prevista neste regulamento.

Art.112. - As determinações do árbitro durante o combate são definitivas.

Art. 113. O árbitro, sob qualquer pretexto, poderá falar com o público ou dirigir-se a ele.

Art. 114. Os árbitros e Juízes realizarão exames médicos anuais.

## **CAPÍTULO XXI - JUÍZES**

Art. 115. Cada combate será julgado por três Juízes, que sentarão borda do ringue e um de cada lado.

Art. 116. Os Juízes vestirão terno de cor escura, preferencialmente azul marinho, com o distintivo do CNB, camisa azul clara, gravata e sapatos pretos.

Art. 117. Os Juízes não abandonarão suas cadeiras, até que seja anunciado o veredicto ao público.

Art. 118. As papeletas dos Juízes devem ser assinadas, preenchidas à tinta, de forma legível e sem rasuras. Os pontos devem ser anotados ao final de cada assalto.  
Parágrafo Único: Na disputa de Título Brasileiro o árbitro recolher as papeletas no final de cada assalto entregando-as ao Diretor Técnico ou Supervisor do Combate que fará a consolidação dos pontos para o resultado final.

Art. 119. O Julgamento do assalto para a marcação dos pontos se fará considerando os seguintes conceitos:

- a) Agressividade eficiente com um peso de 70% na avaliação;  
Parágrafo Único: Entende-se por agressividade eficiente a colocação de golpes legais com potência, quantidade e precisão na região do corpo tal como definido na alínea "d" deste artigo.
- b) Domínio de ringue com um peso de 20%;  
Entende-se por domínio de ringue a aplicação de técnicas válidas de combate na qual o adversário não imponha seu estilo de combate;
- c) Agressividade pura com um peso de 10%;  
Entende-se como agressividade pura o jogo do Boxeador indo constantemente para frente tentando impor-se contra o adversário.
- d) Golpes Corretos: com a parte frontal da luva fechada atingindo as faces anteriores ou laterais da cabeça ou corpo, acima da linha da cintura, aproveitando o peso do ombro ou do corpo, sem que o oponente desvie ou bloqueie parcialmente;
- e) O juiz deve levar em consideração a potência, a quantidade, a precisão e a qualidade dos golpes aplicados;
- f) Serão atribuídos um ou dois pontos ao Boxeador que provoque a queda de seu adversário, considerando a pontuação anterior queda;
- g) Os Juízes outorgarão ao final de cada assalto, dez pontos ao vencedor do mesmo, e ao seu adversário um número de pontos proporcional à sua atuação. Em caso de empate o juiz assinalará dez pontos a cada um dos Boxeadores;
- h) Resultados dos assaltos:

10 x 10 Assalto empatado  
 10 x 9 - Leve vantagem ou clara vantagem  
 10 x 8 - Leve vantagem ou clara vantagem e uma queda  
 10 x 8 - Superioridade marcante  
 10 x 8 - Assalto equilibrado e uma queda  
 10 x 7 - Superioridade marcante e uma queda  
 10 x 7 - Duas quedas

i). O resultado máximo por pontos em um assalto 10 x 7.

Art. 120. O desconto de pontos se dará depois de somar os pontos no final da luta.

Art. 121. O vencedor será quem tiver a maioria dos votos, independente dos pontos.

Art. 122. Quando houver uma disputa de título que esteja vago, o resultado da luta não poderá ser empate.

Art. 123. Em uma luta válida pelo título, se o resultado for empate, o campeão manter o título.

## CAPÍTULO XXII - DECISÕES

Art. 124. Vitória por Pontos (PP) será declarado vencedor por pontos:

- O Boxeador que obtiver a decisão da maioria dos Juízes;
- Quando houver um duplo KO;
- Quando houver lesões nos dois Boxeadores;
- A partir do 4. assalto, quando a interrupção da luta for por problemas alheios aos Boxeadores ou lesão por falta, agravada durante a luta;
- Quando o gongo soar, interrompendo uma contagem protetora, no último assalto.

Art. 125. Vitória por Abandono (AB) será declarado vencedor por abandono: Quando o adversário desistir voluntariamente durante o combate, mesmo em condições de luta.

Art. 126. Vitória por Nocaute Técnico (KOT) será declarado vencedor por nocaute Técnico:

- Quando o adversário estiver recebendo um castigo excessivo, não demonstrando reação;
- Quando o adversário sofrer uma lesão por golpe correto, que na opinião do árbitro ou do médico não possa continuar combatendo;
- Quando o adversário sofrer uma lesão, mesmo não provocada por golpe, impedindo-o de prosseguir lutando.
- Após uma contagem protetora de 8 segundos, o adversário não tenha condições de continuar combatendo;
- Quando o Segundo arremessar a toalha no ringue durante o assalto;

f) Quando no voltar para o assalto seguinte por falta de condições de lutar.

Art. 127. Vitória por Nocaute Técnico por Corte (KOT-C) ser declarado vencedor por nocaute Técnico por corte, quando o adversário sofrer um corte que o impea de lutar, provocado por golpe correto.

Art. 128. Vitória por Nocaute (KO)  
a) Quando a contagem chegar a 10 e o Boxeador no tenha condições de prosseguir no combate;  
b) Quando o árbitro dispensar a contagem em virtude do Boxeador necessitar de cuidados urgentes.

Art. 129. Vitória por Desclassificação (DESC.)  
a) No terceiro desconto de pontos;  
b) O árbitro poderá desclassificar um Boxeador a qualquer momento, dependendo da gravidade da falta.

Art. 130. Sem Decisão (SD)  
O combate será sem decisão se o árbitro desclassificar os dois Boxeadores.

Art. 131. Empate (EMP.)  
a) 2 Juízes optarem pelo empate  
b) 1 juiz optar por empate, 1 juiz optar para um Boxeador e o outro juiz para o outro Boxeador.

Art. 132. Empate Técnico (ET)  
Quando o combate for interrompido até o terceiro assalto por lesão por golpe faltoso acidental ou problemas alheios aos Boxeadores.

### **CAPÍTULO XXIII - PERÍODO DE AFASTAMENTO**

Art. 133. 1 NOCAUTE  
Quando um Boxeador perder uma luta por KO, ficará impedido de lutar e treinar com luvas, por um período mínimo de dois meses.

Art. 134. 2 NOCAUTES  
Quando um Boxeador perder duas lutas no período de seis meses por KO, ficará impedido de lutar e treinar com luvas, por um período mínimo de seis meses a contar do segundo KO.

Art. 135. 3 NOCAUTES  
Quando um Boxeador perder três lutas no período de doze meses por KO, ficará impedido de lutar e treinar com luvas, por um período mínimo de um ano a contar do terceiro KO.

Art. 136. Após quaisquer períodos de afastamento como descrito acima, o

Boxeador deve fazer um exame médico antes de voltar a lutar.

## **CAPÍTULO XXIV - ADMINISTRAÇÃO DE DROGAS (DOPING)**

Art. 137. É proibida a administração ou consumo de drogas, doping, ou substâncias químicas que não façam parte da dieta normal dos boxeadores.

Parágrafo Único:- O CNB pode determinar a seu critério a realização de exames de doping.

Art. 138. Constatado o doping, o infrator estará sujeito a suspensão automática por um período no inferior a 3 (três) meses, sendo concomitantemente submetido a julgamento perante o Superior Tribunal de Justiça Desportiva.

## **CAPÍTULO XXV - TÍTULO BRASILEIRO**

- a. Somente o Conselho Nacional de Boxe - CNB pode outorgar títulos de Campeão Brasileiro.
- b. Haver somente um campeão brasileiro por categoria de peso, salvo quando o campeão, por problemas de saúde, não puder defender o título. Neste caso, a critério do CNB, poderá ser disputado um título interino na categoria. Neste caso, o campeão terá 6 meses para enfrentar o Campeão interino. Caso o combate entre o Campeão e o Campeo interino não se realize, o campeão será destituído do título, efetivando-se o campeão interino como único detentor da classificação de campeão.
- c. O campeão deverá estar disponível em até 60 dias para defender seu título contra qualquer desafiante, cujos méritos tenham sido reconhecidos pelo CNB, salvo quando já tiver comprovada e oficialmente assumido outro combate.
- d. Depois de acertado o combate entre o campeão e o desafiante, nenhum dos dois boxeadores poderá fazer disputas antes da realização do dito combate pelo título.
- e. Somente brasileiros ou naturalizados brasileiros poderão disputar os títulos brasileiros.
- f. Nenhum boxeador poderá ostentar mais de um título de campeão brasileiro simultaneamente. Caso um campeão vença um combate por título brasileiro em uma categoria acima ou abaixo da sua, terá três dias para informar por escrito ao CNB por que categoria deseja manter-se campeão. Caso esta informação não seja enviada, o CNB considerará a nova categoria de peso como a escolhida pelo boxeador para permanecer como campeão, abdicando, portanto, do título anterior.
- g. O título de campeão não constitui patrimônio nem propriedade definitiva de quem o detém. Sua retenção ou perda é regida pelos dispositivos deste regulamento.
- h. Em nenhum caso se poderá contratar como condição prévia para a disputa do título uma revanche pelo mesmo título.
- i. Pugilistas profissionais devidamente colocados no Ranking Brasileiro

poderão desafiar o campeão pelo título, salvo o exposto no item "o".  
j. O desafiante deverá apresentar formalmente, por escrito, o desafio ao campeão com cópia para o CNB. Neste documento deverá constar a data prevista do combate com prazo máximo de 90 dias, a cidade prevista para a realização da disputa e a bolsa oferecida ao campeão. Além disso, o desafiante ou o promotor do evento será responsável pelas despesas de viagem, hotel, transporte, alimentação para o boxeador adversário, seu treinador e o empresário, quando houver. As taxas do CNB e de arbitragem serão pagas pelo desafiante ou promotor do evento, na ocasião da pesagem, assim como as despesas de viagem, hotel e alimentação da equipe do CNB. O campeão tem 15 dias para responder ao desafio e lhe é assegurado um prazo mínimo de 45 dias adicionais para realizar o combate.

k. O valor da bolsa oferecida a um campeão brasileiro não poderá ser inferior a 20 salários mínimos.

l. Caso não concorde com a bolsa oferecida, o campeão poderá fazer uma contra proposta para o desafiante, que não deverá ser inferior a 50% da proposta oferecida ao campeão. Neste caso, as despesas de viagem, hospedagem e alimentação da equipe do desafiante serão bancadas pelo campeão. Igualmente as taxas do CNB e de arbitragem serão pagas pelo campeão ou promotor do evento, assim como as despesas de viagem, hotel e alimentação da equipe do CNB. Caso o campeão não concorde com a bolsa e não faça contraproposta em 15 dias, o título será considerado vago.

m. Caso não haja acordo entre campeão e desafiante para a efetivação de combate, o CNB poderá promover leilão para objetivar a realização da disputa. Os interessados no leilão deverão apresentar proposta em envelope fechado ao CNB, em data e local estipulado pela mesmo. A proposta, cujo signatário estiver autorizado como promotor de eventos pelo CNB, que contiver a maior soma das bolsas oferecidas aos contendores ser a vencedora. Neste caso, o campeão ficará com 67% do total e o desafiante com 33%. A soma das bolsas não poderá ser inferior a 31 salários mínimos. A proposta deverá conter local e data do combate. As despesas abordadas nos itens k e m correrão por conta do vencedor do leilão.

n. O CNB tem autonomia para aceitar ou recusar um desafio baseado nas lutas imediatamente anteriores do desafiante. Poderá exigir que o desafiante faça um combate com um pugilista classificado no ranking para avaliar suas reais condições no momento.

o. Não declarando o campeão por escrito sua concordância ao desafio dentro dos 15 dias determinados, sem causa justificadamente comprovada a critério do CNB, ser-lhe-á cassado o título. Nenhuma escusa sem justificativa plausível, à critério do CNB, ser admitida para recusar um desafio.

p. Todo campeão deverá expor seu título pelo menos uma vez a cada 12 meses, salvo quando não houver atletas classificados ao mesmo no ranking brasileiro na sua categoria de peso, ou motivos de fora maior conforme juízo do CNB. A não colocação do título em jogo poder acarretar a cassação do mesmo.

q. Caso o campeão não compareça à pesagem oficial ou ao combate pelo

título, sem justificativa plausível, o título será considerado vago.  
r. Todas as vezes que um Campeão Brasileiro realizar combates dentro ou fora do país deverá comunicar ao CNB, com antecedência de 15 dias, visando obter a respectiva autorização.  
Parágrafo Único: A não observância deste item ou a obtenção dessa autorização por outra entidade acarretar automaticamente a cassação do Título Brasileiro.  
s. Títulos vagos deverão, preferencialmente, serem disputados entre o 1 e o 2 colocados no ranking brasileiro.  
t. Caso o campeão não possa, por motivos de força maior, participar de combates de boxe, por um período superior a seis meses, o CNB poderá instituir uma disputa interina pelo título. Quando o campeão retornar às atividades, deverá enfrentar obrigatoriamente o campeão interino para que seja mantido apenas um campeão naquela categoria.

## **CAPÍTULO XXVI - BOXE FEMININO**

Art. 139. Todas as regras definidas neste regulamento aplicam-se também ao Boxe Feminino, exceto as exceções contidas neste CAPÍTULO.

Art. 140. As Boxeadoras usarão obrigatoriamente top, shorts, protetor bucal, elástico para prender os cabelos e opcionalmente protetor de seios.  
Parágrafo Único: Nenhum outro tipo de presilha poderá ser utilizado para fixar os cabelos.

Art. 141. Cada Boxeadora fornecerá em cada competição todas as informações referentes a seu estado físico, e em especial dados referentes à gravidez, firmando os documentos de registros destas informações, sem as quais estará impedida de participar de qualquer competição.

Art. 142. É proibida a prática do Boxe Feminino para boxeadoras que possuam implantes ou prótese de seios.

Art. 143. Nos programas que contemplem Boxe Feminino e Masculino, os organizadores reservarão vestiários separados e exclusivos para o Boxe Feminino.

Art. 144. - proibido competição entre sexos diferentes.

Art. 145. Os combates de Boxeadoras profissionais terão duração de 4 (quatro) a 08 (oito) assaltos de 2 (dois) minutos, com um minuto de intervalo entre eles, de acordo com as seguintes características:

- |    |                                |   |          |
|----|--------------------------------|---|----------|
| a. | Preliminar:                    | 4 | assaltos |
| b. | Semifinal:                     | 6 | assaltos |
| c. | Final:                         | 8 | assaltos |
| d. | Título Estadual ou Brasileiro: | 8 | assaltos |

Art. 146. As duas primeiras lutas no poderão ter duração superior a 4

assaltos.

Art. 147. As luvas serão de:

a) 8 (oito) onças (227 gramas) até a categoria Pena, 57,153 kg ( 126 libras)

b) 10 (dez) onças (284 gramas) a partir da categoria Super Pena 58,967 kg (130 libras).

Art. 148- A categoria de uma Boxeadora determinada por seu peso corporal.

Parágrafo Único: Fazem parte do Boxe Feminino as categorias abaixo.

CATEGORIA DE PESO	WEIGHT CATEGORY	QUILOS	LIBRAS
MÍNIMO	MINIMUM	46,266	102
MINI MOSCA	STRAW	47,627	105
MOSCA LIGEIRO	LIGHT FLY	48,988	108
MOSCA	FLY	50,802	112
SUPER MOSCA	SUPER FLY	52,163	115
GALO	BANTAM	53,524	118
SUPER GALO	SUPER BANTAM	55,338	122
PENA	FEATHER	57,153	126
SUPER PENA	SUPER FEATHER	58,967	130
LEVE	LIGHT	61,235	135
SUPER LEVE	SUPER LIGHT	63,503	140
MEIO MÉDIO	WELTER	66,678	147
SUPER MEIO MÉDIO	SUPER WELTER	69,853	154
MÉDIO	MIDDLE	72,575	160
SUPER MÉDIO	SUPER MIDDLE	76,204	168
MEIO PESADO	LIGHT HEAVY	79,379	175



PESADO	HEAVY	+79,379	+175
--------	-------	---------	------

Art. 149. A Pesagem de uma Boxeadora será feita com Short, top ou biquini.

Art. 150. - Em disputas de títulos brasileiros, anunciará os resultados parciais após o 4 round, conforme lhe forem indicados pelo Diretor Técnico.

Parágrafo primeiro: O locutor deverá especificar a contagem e o nome de cada um dos Juízes separadamente.

Art. 151. Em caso de gravidez a Campeã Brasileira em uma categoria reter o título por dois anos a partir da comprovação de sua gravidez e haver disputa do título interino entre a primeira e segunda colocada do ranking.

Parágrafo primeiro: Após dois anos a Campeã com o título retido disputar com a Campeã Interina, ficando a vencedora com o único título de Campeã.

Parágrafo segundo: Caso a Campeã do título retido não venha a lutar com a Campeã interina, perderá o título para a Campeã Interina.

## **CAPÍTULO XXVII - DISPOSIÇÕES GERAIS**

Art. 152. Este Regulamento foi elaborado com a observância das regras contidas do Regulamento do Conselho Mundial de Boxe (CMB), complementada com regras dos demais organismos mundiais que regem o Boxe Profissional, adaptando-as para o Boxe Brasileiro.

Art. 153. Este Regulamento entrará em vigor a partir desta data, revogando-se as disposições em contrário.

São Paulo, 1. de janeiro de 2010

Fonte: <http://www.conselhonboxe.com.br/regulamento.htm>

Acessado em 13/03/2011.